

DAQUI PRA FRENTE

30 Contos Inéditos

Organização Henrique Schneider

DAQUI
PRA
FRENTE

Todos os direitos reservados à editora Simples Assim e autores.
Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por terceiros, seja por meios mecânicos, eletrônicos ou em cópia reprográfica, sem a autorização prévia da editora e autores.

D212 Daqui pra frente. / Henrique Schneider (Org.) / Novo Hamburgo: Simples Assim, 2022.
245 p.: il.

ISBN:978-65-991842-5-3/
Contém versão impressa.

1. Literatura 2. Contos. 3. Futuro. 4. Pandemia COVID-19. 5. Antologia. I. Título. II. Schneider, Henrique.

CDU: 821.134.3(816.5)-34

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Lauren Collovin CRB-10/2119.

Autoria: Altair Martins, Amilcar Bettega, Andréia Schefer, Atena Beauvoir Roveda, Caio Riter, Christian David, Cintia Moscovich, Dani Langer, Dilan Camargo, Emir Rossoni, Gustavo Melo Czekster, Helena Terra, Henrique Schneider, Jane Tutikian, Jari da Rocha, Jéferson Assunção, Julia Dantas, Laís Chaffe, Luís Dill, Luisa Geisler, Luiz Paulo Faccioli, Marlón Pires Ramos, Marô Barbieri, Milene Barazzetti, Rafa Rafuagi, Renata Wolff, Rodrigo Rosp, Simone Saueressig, Taiasmin Ohnmacht e Valesca de Assis.

Organização e Curadoria: Henrique Schneider
Planejamento Cultural e Edição: Simples Assim (Camila Borniger e Daniel Henz)
Assistência de Edição: Mônica Neis Fetzner e Tristan Jardim
Revisão de Textos: Ananda Feix e Mônica Neis Fetzner
Coordenação de Projeto Gráfico e Diagramação: Paula da Luz (CM3com)
Coordenação de Livro Digital e Audiobook: Felipe Cogo
Site: Rodrigo Valente Nunes (Index)

A produção desta obra foi viabilizada com financiamento do PRÓ-CULTURA, Governo do Estado do Rio Grande do Sul, Lei 13.490/2010.

PATRO
CÍNIO

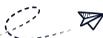

ArcelorMittal

Fundação ArcelorMittal

CO
PATRO
CÍNIO

4Cofercan
Soluções em Aço

REA
LIZA
ÇÃO

*Simples
Assim* 

FINAN
CIAMENTO

PRO
cultura

GOV
RS

NOVAS FAÇANHAS

NA CULTURA

DAQUI PRA FRENTE

*Simples
assim* 

Rio Grande do Sul
2022

Altair Martins Amílcar Bettega
Andréia Schefer Atena Beauvoir
Roveda Caio Riter Christian David
Cintia Moscovich Dani Langer Dilan
Camargo Emir Rossoni Gustavo Melo
Czekster Helena Terra Henrique
Schneider Jane Tutikian Jari da Rocha

30 escritoras e escritores gaúchos

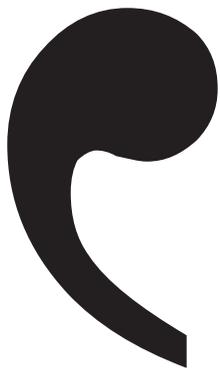
Jéferson Assunção Júlia Dantas
Lais Chaffe Luís Dill Luísa Geisler
Luiz Paulo Faccioli Marlon Pires
Ramos Maro Barbieri Milene Barazzetti
Rafa Rafuagi Renata Wolff
Rodrigo Rosp Simone Saueressig
Tiasmin Ohnmacht Valesca de Assis

Apresentação

No período mais crítico da pandemia da covid-19, a Ciência precisou lutar também contra o tempo e a desinformação — o que a bem da verdade, ainda segue acontecendo. E é graças a este tríplice combate — que nos emocionou com as imagens das primeiras vacinas e da dedicação carinhosa e incansável dos serviços de Saúde — que hoje atravessamos um momento no qual, mantendo os cuidados, podemos enxergar o futuro com olhares mais seguros, esperançosos.

E é um olhar de esperança com pés no chão que também atravessa os textos deste “Daqui pra Frente”. Mas não uma confiança sem limites: por conta dos tempos em que ainda vivemos, o que há no livro é uma esperança contida e consciente — mas, mais que tudo, necessária.

Graças à Lei de Incentivo à Cultura e à coragem de seus patrocinadores, este livro não será vendido: será distribuído gratuitamente em escolas da rede pública. O motivo é simples: o ambiente da escola pública, já depauperado pela histórica insuficiência de investimentos à área, foi um dos mais fragilizados pela força destruidora da pandemia. Professores e estudantes precisaram se adaptar e se reinventar com instrumentos que, por vezes, sequer possuíam. E os encontros, o olho no olho, as combinações, os trabalhos em grupo, as risadas, os abraços? Tudo isso precisou ficar para mais adiante, para um tempo que parece retornar aos poucos — a esperança, sempre.



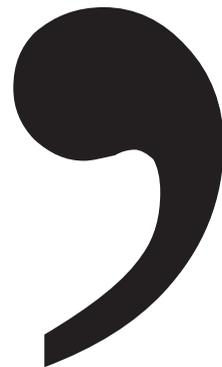
Apresentação

E como a esperança possui distintas matizes e nuances, também estas gradações estão cuidadosamente presentes no livro, tanto nos temas e nas abordagens como na própria heterogeneidade de vida, arte e pensares de quem integra o projeto.

Este livro foi pensado para ser múltiplo.

E efetivamente ele é múltiplo, porque além da potência da Literatura, alberga a diversidade das escolhas, a urgência do tema, a generosidade de seu destino e a precisa esperança que, de algum modo, precisa estar conosco Daqui pra Frente.

Henrique Schneider



SUMÁRIO

- 10** Altair Martins
- 19** Amilcar Bettega
- 28** Andréia Schefer
- 35** Atena Beauvoir Roveda
- 40** Caio Riter
- 49** Christian David
- 57** Cintia Moscovich
- 67** Dani Langer
- 77** Dilan Camargo
- 86** Emir Rossoni
- 95** Gustavo Melo Czekster
- 104** Helena Terra
- 111** Henrique Schneider
- 118** Jane Tutikian
- 127** Jari da Rocha
- 137** Jéferson Assunção
- 146** Julia Dantas
- 155** Laís Chaffe
- 163** Luís Dill
- 169** Luisa Geisler
- 176** Luiz Paulo Faccioli
- 184** Marlon Pires Ramos
- 190** Marô Barbieri
- 197** Milene Barazzetti
- 205** Rafa Rafuagi
- 211** Renata Wolff
- 218** Rodrigo Rosp
- 223** Simone Saueressig
- 231** Tiasmin Ohnmacht
- 238** Valesca de Assis

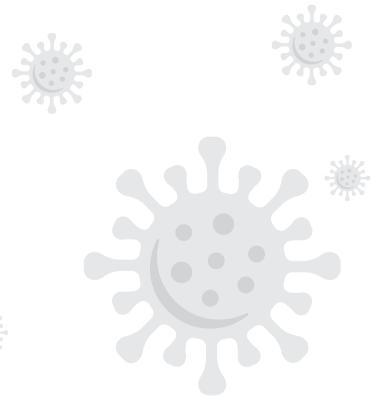
Altair Martins



Crédito foto: Davi Boaventura

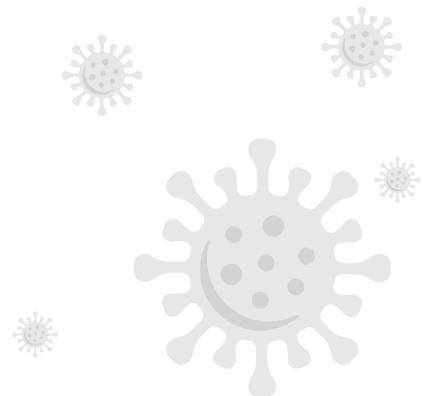
Altair Martins (Porto Alegre, 1975). Bacharel em Letras, mestre e doutor em Literatura Brasileira (UFRGS). É professor da Faculdade de Letras e de Escrita Criativa (PUCRS), atuando no Programa de Pós-graduação. Tem textos publicados em vários países. Ganhou, entre outros prêmios, o São Paulo de Literatura (2009, com o romance *A Parede no Escuro*) e o Moacyr Scliar (2012, com os contos de *Enquanto Água*). *Os Donos do Inverno* (romance, 2019) e *Labirinto com Linha de Pesca* (poesia, 2021) são suas mais recentes obras.

Altair
Martins
10



Asilo de comediantes

Altair
Martins
11



Asilo de comediantes

Desde que o vírus atingiu a trupe do Realejo Encena, a casa foi virando este asilo de comediantes. Imagino que todos tenham adoecido durante os ensaios da peça, que começaram em fevereiro, quando as mentiras sobre a pandemia ainda borravam o que a ciência ia descobrindo. Só nunca soubemos quem contaminou quem. A mim parecia que uma atmosfera de chuva invisível e venenosa — algo como a umidade e o mofo — caía sobre as pessoas.

Minha mãe e minha avó sempre atuaram. Meu pai odiava arte e, depois que o interesse por minha mãe acabou, imagino que tenha fugido da nossa casa, onde o teatro acordava, comia e ia dormir. Antes da pandemia, o elenco inteiro do Realejo sempre vinha ensaiar aqui: minha mãe, a atriz Laura Gouveia, de 51 anos, minha avó, a figurinista e atriz Gioconda Gouveia, 72, o ator Marcos Salazar, o Marcão, uns 55 anos, penso, diabético e gordo, Tobias Peixoto, o Totó, ator de uns cinquenta e poucos, e a atriz Maristela Ferreira, de no máximo quarenta anos, linda como nunca vi ninguém assim. Depois, os que em princípio não ficaram doentes acabaram escondidos, mandando mensagens de conforto e alguma reza. A minha mãe resolveu que os contaminados deveriam ficar juntos, ensaiar juntos, já que estavam ligados ao mesmo enredo. Assim, o teatro não pararia. Mas parou. Totó e Maristela adoeceram também e resolveram ficar reclusos em suas casas, enquanto os outros três se refugiaram nos quartos do nosso lar.

Constantemente um pavor me tomava: amigos fragilizados no corpo e na alma, as aulas suspensas, o noticiário numerando leitos. Todos ficariam doentes, disse o porteiro do condomínio, e uma semana depois ele mesmo foi substituído às pressas por um rapaz muito magro. De máscara, eu caminhava pelas áreas comuns, observando as janelas dos vizinhos absolutamente fechadas, como se o vírus fosse incapaz de entrar sem que alguém abrisse a porta. E esse talvez tenha sido o motivo da minha descoberta do bosque.

Não se tratava propriamente de um bosque, mas uma parte preservada do mato nativo antes que o concreto derrubasse tudo e vendesse os lotes. Havia então vegetação rasteira e um número pequeno de árvores, tudo próximo ao parquinho e às churrasqueiras. Deu-se aí a descoberta de um formigueiro logo depois que os de casa adoeceram: observei, durante dias, que para as formigas o mundo não parava nunca. Elas eram como uma firma. Uma trilha formava um esquema de cooperação invejável, quando rastros se faziam corredores de cheiros por onde um vai e vem carregava folhas, restos de comida ou fragmentos de outros seres. Um formigueiro pode ser infinito (há uma colônia de formigas-argentinas que atravessa o Atlântico, a Europa e chega à Ásia). Não se pode ver o que há dentro, a não ser que se arrebentem suas portas de terra. Fiz um estrago investigativo e, conforme as paredes iam sendo

Asilo de comediantes

destruídas numa das laterais, lá vinham as trabalhadoras reconstruir tudo. Nada abalava o que vi como uma unidade.

Nos primeiros ensaios, a mãe, a avó e o Marcão passavam as cenas de que participavam, enquanto os outros dois elementos do grupo faziam paralelamente seus ensaios também e enviavam, de vez em quando, uma gravação de áudio, comentando o processo. Uma vez por semana, eu abria uma videochamada, e tentávamos alinhar a peça. Tudo muito difícil quanto ao som e às limitações das câmeras de celular. Nesses momentos, eu era algo como auxiliar de direção, às vezes diretor de texto, às vezes alguém do apoio tecnológico. E falhava em tudo, e esses eram instantes raros em que ríamos.

Em abril, a Maristela e o Totó mandaram mensagens anunciando a recuperação quase plena. (Maristela ainda sentia certa desorientação mental, dizia, o que dificultava a leitura do texto.) Ainda em abril também, quase maio, o Marcão piorou: uma febre pesada caiu sobre ele, que teve dificuldades para respirar. E, apesar da recomendação de repouso, ele fazia questão de sair do quarto, caminhando com passos curtos. Sentava a uma certa distância, se enrolava num cobertor e assistia ao ensaio. Passei a substituí-lo na leitura das cenas, constrangido pelo seu olhar bovino e aquele silêncio palerma. Eu dizia suas falas e o olhava. Ele me olhava de volta, e eu me permitia dizer a fala seguinte, tudo aos remendos, tropeçando. Marcão: quando erguia uma das mãos, era um ok; quando as agitava confusamente, era sua tentativa de falar alguma coisa que, com enorme esforço, ele queria me sugerir.

Houve um temporal violento. Fui aos quartos e confirmei que o sono de todos estava bem, monitorando a temperatura. E pensei, durante a noite, que o formigueiro seria dissolvido como açúcar. Saí de casa de manhã cedo, com aquele sol que aparece para secar o mundo, e fui até o bosque. O formigueiro havia resistido e pude observar as formigas que, mesmo com o mundo enlameado ao redor, seguiam carregando suas coisas, me parecendo desabrigados de uma enchente. A alvenaria de um formigueiro, pesquisei depois, não era apenas feita de terra. Havia a saliva de cada operária, como uma argamassa que segurava tudo. Elas davam o cuspe pela casa coletiva. E anotei que as formigas se mantinham em ordem, parecendo aproveitar as oportunidades que a tempestade justamente havia derrubado das árvores: frutinhas, insetos, coisas indecifráveis. Me aliviava o peso dos dias vê-las navegando, as folhas como se fossem velas. Eu visitava as formigas como se pudesse estar entre amigos.

O oxigênio ficou saturado, Marcão foi internado às pressas e logo o entubaram. Eram meados de maio, e chegavam até nós poucas notícias de mudança do seu quadro. As mulheres da casa tiveram também pioras. Entramos num táxi rumo ao hospital. As filas estavam enormes e as pessoas ficavam isoladas em barracões de lona à espera do tratamento. Os médicos não me deixaram entrar com as duas.

Asilo de comediantes

Me aconselharam a esperar no lado de fora, onde o ar era menos perigoso, e a ausência de gente se confundia com paz. Foram quase três horas, nas quais caminhei pelas alamedas do hospital, tomei um café numa lancheria e, depois, sentado num banco de pedra, preenchi a cabeça, estranhamente talvez, com imaginar a peça que o Realejo estava produzindo. Até que outro médico me chamou. Explicou como devia ser o tratamento em casa: repouso, hidratação, medicações para dor e febre, lavagem das secreções do nariz, manteiga de cacau se os lábios sofressem. Queria voltar em silêncio, mas a vó entrou no táxi reclamando de tudo, do médico cavalo aos pacientes que não respeitavam a distância. Não aguentava mais estar de máscara. No caminho, o taxista nos olhava constantemente pelo espelho, com os olhos assustados demais.

As formigas do condomínio foram ficando ainda mais interessantes. Notei que havia entre elas algumas que trabalhavam na segurança de toda a estrutura, que havia as escavadoras capazes de abrir túneis, e as da alvenaria, que reparavam estragos como os que fiz nos primeiros dias, que havia as coletoras, aquelas que pareciam estivadores indo buscar os alimentos e retornando carregadas de mantimentos muito mais pesados que o corpo, e julguei que havia também formigas faxineiras, algumas que saíam do formigueiro carregando caliça, restos de folhas e esqueletos de presas. E havia ainda as larvas, incapazes de cuidarem-se, e por isso algumas formigas eram as responsáveis por elas, como se trabalhassem num berçário. Apesar das funções distintas, todas me pareciam iguais, à exceção provavelmente da rainha, que desenvolvia asas para o voo nupcial e depois se recolhia no seu trono a parir ovos e ovos.

A mãe e a vó continuavam doentes, às vezes piores. As chapas de raios X mostravam tocas por onde o mal havia caminhado, indicando que o pior tinha passado. Mas eu notava o mal-estar da mãe e a fraqueza nas pernas da avó. Ambas respiravam ainda com dificuldade. Depois de outra emergência no hospital, quando não havia leitos, conseguimos que dois balões de oxigênio domiciliar chegassem a um preço de aluguel altíssimo, e assim elas buscaram otimizar o que respiravam. Como recebi o treinamento, eu dispunha os tubos e ajustava no nariz de cada uma os óculos nasais, monitorando o fluxo. Claro que também era eu quem ia ao supermercado e à farmácia e fazia as compras, cada vez com menos dinheiro e com mais sustos. Encontrava, de vez em quando, algum conhecido. Nos olhávamos, tocávamos os cotovelos e dizíamos algo inútil. Às vezes, eu indicava um produto, sugeria as máscaras mais eficazes que acabava de comprar. Porque havia filas para ingressar nos estabelecimentos, e os olhos das pessoas, por trás de tudo, sempre me pareciam perguntas ou pedidos de socorro. Por uma questão que não sei explicar, fiquei imune ao vírus, apesar dos meus ataques de asma aguda. Eu chegava em casa e ensacava

Asilo de comediantes

os sapatos. Depois, trocava as roupas, passando álcool gel pelas mãos e pelo rosto. Preparava as refeições, entregava os pratos nas portas dos quartos e limpava o chão, à espera de que comessem. Lavava as louças e, só então, as ajudava para que a arte não parasse na vida delas. Escolhia filmes, abria *lives* de amigos artistas e algumas experiências de peças on-line que as irritavam. Porque a vó sempre repetia aquilo de que o teatro estava doente, cada vez mais condenado a ser comido pelo cinema e pelas séries americanas. O vírus queria que ela ficasse em casa, condenada a ver o que ela chamava de cárie do mundo. Então elas pediam pra ensaiar, contra o repouso recomendado. E eu as ajudava.

Foi numa tarde que descobri: as formigas sentiam o cheiro umas das outras com as antenas. As antenas pareciam nossos cotovelos, ligados a um tipo de antebraço mais longo. Quando se encontravam, ficava claro que tocavam as antenas como se apertassem as mãos e, cumprimento feito, pelo cheiro e pelo som (pesquisei depois que não eram surdas), cada uma dizia para a outra de onde vinha, para onde ia, o que tinha comido, se tivesse comido. Porque se a companheira estivesse faminta, era possível que a outra formiga vomitasse um lanche rápido ou indicasse um caminho de odores até a fonte de alimentação mais certa. Só então, depois dessa troca social precisa, retomavam seus rumos ao trabalho, como se tudo fosse uma questão de fé e não de química.

Para os ensaios, eu dispunha na sala maior três cadeiras e os textos, sempre usando luvas, sempre coberto com duas máscaras e sempre empapado de álcool gel. Elas arrastavam os corpos, se sentavam, e o ensaio começava. Eu substituía o Marcão e então, sem a sua presença, ia entendendo aos poucos não só como o papel dele funcionava, mas como o Marcão existia. E assim a peça ia fazendo mais sentido. Às vezes a mãe, às vezes a vó — as vias respiratórias ainda fracas não sabiam atuar e respirar ao mesmo tempo — pedia uma pausa. Então havia tosse e havia rouquidão. À noite, eu aguardava que elas dormissem. Depois, me deitava sem sono, esperando que os sons do mundo fizessem um barulho de água mansa. Tinha medo pelo Marcão, pela vó e pela mãe. Tinha medo por mim. Já não acreditava também que a peça um dia acontecesse. Tinha medo de que o teatro, como a avó preconizava, tivesse chegado ao fim. Trabalharia pelo Realejo, mas talvez a vida de cada um tivesse que mudar depois. Marcão trabalharia em outra cidade. Iria aprender serviços de marcenaria e consertaria móveis, fabricaria armários e cadeiras. A vó trabalharia num bufê livre, cozinhando as coisas boas que sabia. Seria vista de vez em quando com os cabelos presos atrás de uma touca, usando um avental e trazendo mais arroz ou mais salada para que as pessoas se servissem, e sempre feliz, e sempre ativa. A mãe se tornaria professora de teatro e explicaria que, antes daquilo tudo de pandemia, as peças não aconteciam como no cinema: não eram gravadas em vídeo, não eram produto de repetição técnica. Eram representadas ao

Asilo de comediantes

vivo, sem cortes, e cada vez era uma estreia. O teatro era uma arte impossível de repetir além de sua única vez. Os alunos de minha mãe estariam olhando alguma coisa no celular e, de volta ao meu quarto, o coração começava a bater muito rápido, minhas vias aéreas se fechavam. Então me levantava e tomava meus comprimidos, bebendo muita água. Às vezes, tinha que recorrer ao inalador, que me acalmava, me punha leve e no colo do sono.

Um formigueiro é de uma cooperação que pouco se mostra. Sabemos das formigas que saem pelo mundo, arriscando as vidas contra pássaros, lagartos, outros insetos maiores, os sapatos das pessoas, os venenos de jardim. Mas as formigas eram muito mais que aquilo que os olhos podiam ver. Li que o peso de todas as formigas da Terra superaria o das pessoas. Que se elas, as formigas, resolvessem por uma rebelião, haveria um milhão para lutar contra cada um de nós. Que o planeta era enfim um chão riscado por elas, uma terra de projeto e trabalho constante. Era assim na fábula junto à cigarra: as formigas apenas trabalhavam. O riso do mundo era uma missão de outros seres.

O texto da peça *Amém*, de Isaque Santos, e seus cinco personagens: Robinson Crusoe, perdido sem sua ilha, casualmente encontrava um Banqueiro, que lhe queria vender um curso de italiano; a Mulher-Maravilha também os achava perdidos, e falava das vantagens de seu avião invisível. Surgia, depois, Um Par de Pés com Meias Amarelas, para ironizar todos em cena, e só aí entrava o papel do Marcão, o Olho que Tudo Espia, uma alegoria de alguém que cuidava a vida dos outros e vivia obcecado pelos padrões. O par de meias era só um par de meias e o olho só um olho, personagens autônomos. Era teatro do absurdo, quando as falas perdiam sentido, e as ideias iam sendo passadas através de imagens simbólicas, isso eu já sabia. Nos primeiros ensaios, eu não entendia qual era a função do tal Olho que Tudo Espia, mas me punha a ler e reler o texto do modo mais dramático que conseguia. Imaginava uma voz de Marcão, um corpo imenso de Marcão, um rosto. Mas Marcão me escapava: talvez o verdadeiro ator dormisse sob o homem que se agarrava à vida num quarto de hospital, e isso de fazer o seu papel por vezes me parecia tão insano quanto um assassinato. Mas minha mãe me cobrava empenho, e minha vó, com apenas dizendo seu texto, ensinava o que de melhor pude aprender: que vai ver não tivéssemos vida, senão aquilo que conduzimos através do corpo, quando falamos, quando caminhamos. A vida era aquele personagem que nunca ficaria pronto. Respirar era apenas um ensaio.

Alguém, um bicho, uma criança ou um curioso como eu, só que mais agressivo, havia aberto novamente o formigueiro. As larvas estavam tão expostas que um movimento volumoso e frenético de obreiras mostrava a emergência. Já tinha lido que as pupas se desenvolviam sob uma adequada temperatura, e por isso estavam sendo transferidas entre os túneis abertos para outras câmaras,

Asilo de comediantes

protegidas do sol e dos pássaros atentos nas árvores. Alguns bebês feridos tinham espalhado seu material branco, agitando grupos, me entristecendo. Até a eternidade de uma visão podia morrer de vez em quando, mas a morte nunca deveria acontecer tão cedo.

A vó melhorou antes da mãe. Sua voz mostrou isso: a cada ensaio, a velha Gioconda, que tantos papéis havia construído na vida, se erguia, cada vez mais forte. Em dois dias, se mostrou plenamente recuperada, assumindo a cozinha. A mãe já não tinha febre, já não precisava de oxigênio, mas ainda sofria de uma diarreia que a deixava fraca. Com o reforço da avó, conseguimos melhorar a alimentação, os banhos. Um tratamento com isotônico deu o impulso para que os intestinos se aprumassem. A mãe gigante ressurgiu. A casa ganhou uma tímida felicidade, e os ensaios passaram a contar com marcações de corpo, com gabaritos de gesto e rosto. Me sentia convincente no papel do Olho que Tudo Espia, como se pudesse ter recebido um sopro de alma do próprio Marcão. Maristela e Totó também vieram ensaiar. Uma alegria antiga me dava esperança.

Mas então o formigueiro apareceu agonizante. Formigas se recolhiam numa dor de patas, num aspecto de fogo que passa e devasta tudo. Pelo cheiro, entendi que alguém, certamente o jardineiro, havia aplicado veneno. A agonia daquela população, repelindo sem êxito a morte... e então reagia a vida: obreiras, talvez agentes funerárias, tentavam carregar os corpos que se mexiam aqui e ali e, apesar do veneno, sacrificavam-se talvez, para que sobrevivessem algumas. E o esforço que parecia uma corda de salvamento começava a dar vazão ao espaço, à reconstrução da grande casa. A vida, insistente, brotava dos buracos do mundo. A vida brilhava no corpo luminoso de formigas talvez crianças.

E então, ao chegar em casa, era junho de frio intenso, eu ainda fustigado pela visão das formigas, e aquela mensagem no grupo do WhatsApp: Marcão nos deixou, Maristela dizia assim. Como alguém nos deixava? Tínhamos uma peça, tínhamos os figurinos, um plano de cenário, uma agenda a ser cumprida num futuro incerto, mas futuro. Tínhamos, eu e o Marcão, um acordo de vida, um personagem que era aquele olho enorme, dedicado a um patrão que nunca aparecia. Minha mãe gritou fundo, com uma voz totalmente recuperada da doença mas não da dor. Correu ao quarto e chorou por horas. Minha vó chorou quieta, buscando numa caixa de sapatos as fotografias em que aparecia com o Marcão — um Marcão urso, um Marcão de paletó, um Marcão ainda magro, um maquinista, outro com ares de bobo e tantos Marcões distintos uns dos outros. Gioconda mostrou um por um, buscando o nome do espetáculo, as datas, as circunstâncias. Depois, tentando cozinhar algo que não teria sabor, lembrava as histórias mais divertidas nas quais a pessoa, não o ator, a fizera tão feliz. Eu lembrava Marcão e o rosto enorme, talvez então já murcho como um fruto esquecido numa cama de hospital. Como assim, Marcão nos tinha deixado? O

Asilo de comediantes

restante do grupo chegou no começo da tarde. Estavam todos arrasados. Soubemos pelo Totó que não haveria como se despedir do Marcão: não haveria velório, e somente familiares próximos poderiam acompanhar o enterro. Sabíamos que apenas um irmão iria vê-lo, que ele já não tinha mãe nem pai. Apesar de não viver sozinho, Marcão não morava com ninguém. Talvez ele habitasse os corpos que ia criando e dispondo no palco, porque era múltiplo para o riso e o choro de quem o assistia. Por ele continuaríamos a ensaiar a peça até que recebêssemos todos os aplausos. Seria esse o nosso velório.

Perto da noite, fui até o formigueiro. Me abaixei para perceber o trabalho avançado, a limpeza da morte dando lugar à cicatriz dos dias que viriam com os calores, as chuvas e os ventos. Não havia nenhuma formiga fora da toca, como se o formigueiro todo estivesse ferido. No íntimo, eu dizia a elas que também havia perdido o Marcão. Que os dias mentiam pra nós, os humanos, que não tínhamos a química da ilusão, dizendo que o amanhã traria algo novo. Quando me levantei para voltar pra casa, o jardineiro estava ali, olhando os restos de seu bombardeio. Ele falou algo de que não acreditava que elas já tivessem reconstruindo tudo. E então eu pedi, a máscara atrapalhando a minha fala, que deixasse que as formigas se recuperassem por um tempo. Expliquei que logo estariam com outra população imensa, e que então ele poderia matar adultos e não as crianças que nasceriam nos dias seguintes. Perdi um amigo, sabe? Ele não disse nada. Continuou a aplicar o veneno sistematicamente nos dias seguintes, sem vencer a colônia, que se multiplicou em focos distintos, talvez com novas rainhas, contra o veneno dos homens.

Demorou um ano para que estreássemos no teatro da Santa Casa, ainda sob pandemia, com ensaios que seguiram ora no presencial, ora por videoconferência, com todos vacinados mas ainda frágeis. Aceitamos o público reduzido e de máscara, as três primeiras fileiras vazias por segurança e a cobrança do documento nacional de vacinação. Aceitamos o peso de tudo para desinflar o mundo, como quem planta uma flor pisoteada mas promete salvá-la.

Me escondo atrás deste Olho que Tudo Espia — meu personagem não se locomove, apenas olha, fala. Tudo o que tenho é o meu olho verdadeiro, que o público irá entrever através de um orifício escondido em meio à imagem de um outro olho, teatral, colorido e imenso. Uma câmera, a tecnologia que tanto minha avó odeia, ampliará meu olho numa tela, a fim de que os últimos lugares da plateia também o vejam e o comparem ao olho cênico que o envolve. A peça já começou e, em seguida, preciso ser alguém além de mim. Penso no Marcão. Sinto o gosto da minha própria boca, como o gosto da minha fala, e me penso uma formiga: que eu também possa usar a saliva pra reconstruir o que foi perdido. E é assim que, pela primeira vez, entro em cena na minha vida.



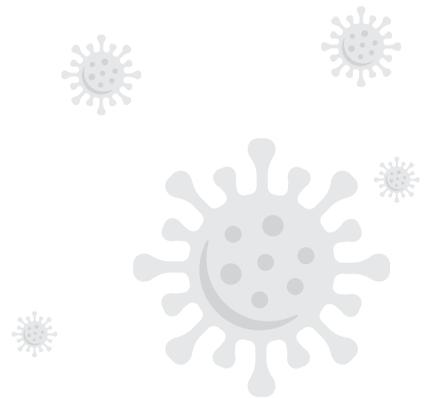
Crédito foto: Tadeu Vilani

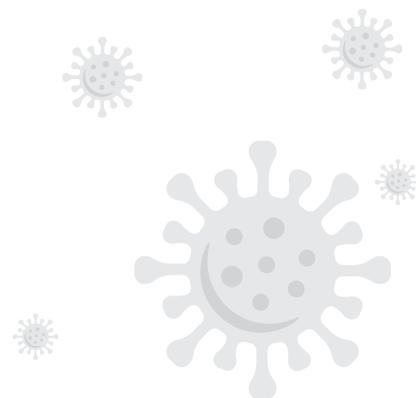
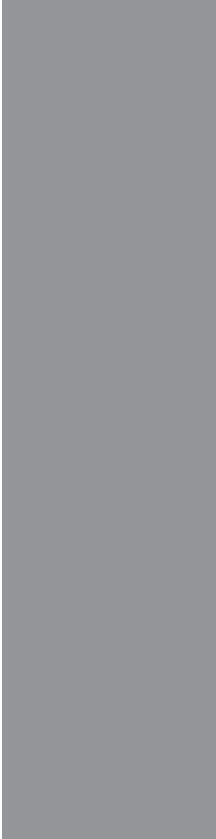
Amilcar Bettega nasceu em São Gabriel-RS. Autor de *O voo da Trapezista*, *Deixe o Quarto como Está* (Prêmio Açorianos), *Os Lados do Círculo* (Prêmio Portugal Telecom), *Barreira* (finalista do Prêmio São Paulo) e *Prosa pequena*. Foi escritor residente do International Writing Program da Universidade de Iowa, nos EUA, em 2010. Seus livros e contos estão publicados em Portugal, Espanha, Itália, França, EUA, Luxemburgo, Suécia e Bulgária. Doutor em Letras pela Université Sorbonne Nouvelle, é também tradutor e professor de Escrita Criativa.

Amilcar Bettega

Amilcar Bettega

19





Cruzando a porta

Amilcar
Bettega
20

Cruzando a porta

Foi a primeira vez que ele percebeu que sua mãe podia mentir. Não exatamente porque ela quisesse, mas porque os filhos têm sempre muitas questões e às vezes não há tempo para pensar nas respostas. Assim, ela afirmou algo de que talvez não tivesse certeza. Era isso. Naquele momento ninguém podia ter muita certeza de nada.

“Até que chegue por aqui ainda vai demorar muito, daqui a um pouco nem se fala mais nisto”, foi o que ela dissera, quando na tevê começaram a se multiplicar as notícias de que um vírus estranho estava contaminando muitas pessoas na China e que aquilo poderia ser um problema para além da Ásia.

Eles saíam da casa da vó, no dia seguinte recomeçavam as aulas, uma sala nova, professora nova e talvez, sempre tinha aquilo, algum colega novo.

“Será que a minha escola vai fechar também?”, ele perguntou, algumas semanas mais tarde, após ter encerrado a conversa por Skype com a sua prima Sara e ouvido dela o relato de como vinha fazendo já havia uma semana. Ela estava achando o máximo, podia acordar mais tarde, não precisava ficar sentada por horas, às vezes até comia alguma coisa enquanto ouvia as explicações do professor. Embora o que chegasse pela televisão assustava bastante, ela não parecia muito preocupada. E ele também nem quis perguntar sobre as imagens que via nos noticiários, as ruas desertas, como se fossem cidades-fantasma.

“Espero que até julho isso já tenha passado, senão como vou fazer para ver a Sara?”

Porque aquele ano era especial. Ela não viria nas férias, como todos os anos, mas ele é que iria visitá-la na Itália. Pela primeira vez, iria ao país em que vivia a prima. Na verdade, Sara tinha até nascido lá, mas eles se encontravam uma vez por ano, quando ela vinha ao Brasil com o pai para ver a família.

“Sim, até as férias isso deve ter passado”, disse a mãe.

Depois tudo ficou mais estranho. Até com a vó ele começou a falar pelo Skype. Felizmente, ela já estava acostumada por causa da Sara, há muito tempo era o meio pelo qual elas se comunicavam. Porque teria sido difícil ensinar a vovó a usar o Skype, assim de uma hora para outra e a distância. Porque de uma hora para outra tudo ficou a distância, não só as aulas, mas os amigos, os vizinhos do prédio que já não desciam para jogar bola, e mesmo a Sara, que sempre esteve distante mas que tinha no jeito de falar uma coisa que a deixava bem pertinho, agora até ela parecia mais longe, talvez mais triste, apenas.

Talvez já não fosse tão mais legal assim aquela história de ficar fazendo as aulas meio que de

pijama, quase sem precisar sair da cama.

Já não sabe quantos meses ficou sem ver a vó, ver mesmo, assim ao vivo, sem ser na tela do computador ou do celular. Mas um dia ele pediu para ir com a mãe levar as compras do supermercado. Eles foram, mas nem entraram. Se falaram ali mesmo na porta, a mãe tinha prevenido que não dava para dar abraço, beijo, essas coisas, nem chegar muito perto. E ver a vovó assim de máscara era muito estranho. Deixava ela menor? Teve a impressão de que ela havia diminuído. E os olhos pareciam diferentes também, talvez porque eram só os olhos que apareciam de verdade. Como se toda a presença da vovó se concentrasse ali, nos olhos dela. Como se até o que ela dizia estivesse ali, nos seus olhos.

Quando se despediram e ela fechou a porta, ele perguntou à mãe se a vovó estava bem.

Sara chamou numa hora em que não costumava chamar. Já era quase a hora da janta para ele, o que significava que para a Sara devia ser muito tarde, madrugada talvez. Ela já estava na cama e disse que ligava porque não conseguia dormir. Tinha falado com a vovó naquele dia e contou que ela havia chorado. Ok, noutras vezes, a vovó já tinha choramingado, sobretudo ao se despedir no aeroporto, quando ela, a Sara, ia embora. Da última vez, a vovó havia trazido um bonequinho que ela mesma tinha feito em casa, com retalhos de pano e cheio de grãos de arroz dentro. Na hora de entregar o bonequinho à Sara, ela disse “guarda ele contigo que ele vai te proteger”, e começou a fungar e a enxugar os olhos. Ele estava junto no aeroporto, ele sempre ia junto no aeroporto levar a Sara, e eles se olharam sem saber muito bem o que fazer. Mas agora, tinha dito a prima, ela chorou mesmo, de um jeito diferente.

Os noticiários na televisão só falavam daquilo e, como era um momento em que a TV estava sempre ligada, não tinha como escapar. Para dizer a verdade, nem se a TV estivesse desligada não havia como escapar daquilo de que todo mundo falava e vivia. O vírus, a pandemia, aquela terrível palavra “covid” tinha invadido tudo. E até quando ele ia dormir, ainda ouvia da sala o som das últimas notícias que a mãe ficava acompanhando, sentada no sofá, em silêncio, com uma xícara de chá na mão. Depois aquilo se misturava aos sonhos, e às vezes os sonhos eram daquele tipo em que, dentro do sonho mesmo, a gente percebe que está sonhando e se diz, já sentindo um alívio, que na hora em que a gente acordar a gente vai ver que tudo aquilo é apenas um sonho ruim.

Tia Carminha tinha quase a mesma idade da vovó, elas costumavam caminhar juntas no parque, saíam para tomar sorvete e às vezes até iam ao cinema. Mas ao contrário da vovó, tia Carminha não

morava sozinha, nunca gostou. Não era como a vovó, que no fundo, no fundo, adorava ter a sua casa só para ela. A tia Carminha morava com a filha e a família da filha, ou melhor, ela fazia parte daquela família: eram a filha, o marido da filha, os três filhos da filha, e ela, a mãe da filha. E até um cachorro tinha.

Mesmo quando quase todo mundo ficava em casa e só botava o pé na rua por necessidade, tia Carminha continuou a sair de vez em quando. “De qualquer maneira, é um entra-e-sai nessa casa que não adianta eu ficar trancada no meu quarto”, ela disse uma vez à vovó, que falou disso à Sara algum tempo depois, quando a Sara lhe perguntou se ela não se sentia muito sozinha. E isso deve ter sido um pouco depois da morte da tia Carminha. A vovó andava bem triste mesmo, ela não tinha conseguido se despedir da irmã. Aliás, ninguém tinha conseguido.

Às vezes, é muito difícil encaixar os fatos no tempo, foi um período em que ele experimentou muitas coisas novas, mas com a sensação de que nada avançava. Lembrava de coisas que tinham acontecido, mas não sabia dizer quando de fato aquilo tinha acontecido. E quanto mais a gente se afasta temporalmente, ele pensava, mais parece que tudo aquilo ainda está lá, meio embolado em uma espécie de tempo suspenso. Ele já não lembrava de quando passaram a entrar na casa da vovó e não só deixar as sacolas de supermercado ali na porta. De quando a mãe parou de saber de cabeça o número de pessoas internadas ou das vítimas fatais daquela doença. De quando na televisão os telejornais começaram a falar de outras coisas, ou pelo menos a não só falar da covid. Ele não se lembrava, por exemplo, de quando exatamente ele teve aquele ataque no consultório do dentista.

Como ele usava um aparelho ortodôntico, as visitas ao dentista, em tempos normais, eram regulares. Mas primeiro o dentista parou de atender. Depois, bem depois, ele voltou a atender os pacientes, mas a mãe foi adiando a visita. Eles não saíam mesmo para nada e mantinham o máximo cuidado com tudo o que entrava em casa, tudo era desinfetado, desde as roupas até os alimentos. Sim, era preciso todos os cuidados, tudo era tão ameaçador. Mas aí aquele dente começou a incomodar, a doer mesmo, e então a mãe foi obrigada a marcar uma hora para ele.

Não pensava que ia sentir aquilo — aliás, nunca tinha sentido aquilo. Ao chegar, ele já tremia um pouco, mas quando se sentou na cadeira e o dentista pediu para ele tirar a máscara, começou a sentir um medo terrível. Não era medo da dor, da broca e daquele barulho que ela fazia, há muito que ele não tinha medo de ir ao dentista. Era um medo muito maior, incontrolável, a ponto de ele não conseguir se segurar. Começou a chorar, e depois a gritar e a tremer todo. Foi preciso tomar um remédio para se acalmar e naquele dia ele não pôde tratar o dente.

Pois a verdade é que ele não sabia exatamente quando acontecera aquilo, mas lembrava muito bem que foi no dia seguinte que ele recebeu uma bonequinha de pano que era a cara da Sara. A vovó tinha feito e mandado entregar na casa dele. Era muito parecido com o bonequinho que a vovó tinha dado à Sara no aeroporto, e foi só ali que ele entendeu que o bonequinho representava ele. Que ele também estava com a Sara na Itália, que ele sempre esteve com ela.

Na televisão, às vezes dava alguma matéria, quase sempre ao final do telejornal, contando uma notícia boa. E aquilo era mesmo bom, porque fazia a gente ver que também podiam acontecer coisas boas, que tem momentos que até parecem uma coisa sem saída, que já não tem mais jeito, mas no fundo sempre tem um jeito e às vezes uma coisa ruim obriga a gente a fazer uma coisa boa em resposta. Uma vez, ele viu uma matéria sobre um vendedor ambulante que instalou uma banquinha ao lado do hospital onde seu pai estava internado com a covid. Ele distribuía de graça café com leite e uns bolinhos que fazia em casa às pessoas que trabalhavam no hospital ou àqueles que, assim como ele, estavam por ali porque tinham familiares lá dentro. O seu pai acabou morrendo, mas ele continuou indo lá todos os dias para distribuir o seu café e os bolinhos e para contar àquelas pessoas que apesar do seu pai ter morrido, ele tinha visto muita gente sair dali curada.

Ele e a mãe assistiam à televisão no sofá. Quando se virou para fazer uma pergunta à mãe, viu que ela estava com os olhos cheios d'água. E ela virou-se para ele, abraçou-o e desatou a chorar como ele nunca tinha visto.

E isso, por exemplo, era outra daquelas coisas que ele já não sabia dizer quando foi. Mas é possível que tenha sido antes de aparecerem as vacinas. Porque a partir de então as matérias que fechavam os telejornais na televisão passaram a ser em torno do tema das vacinas.

E foi mesmo um alívio quando a vovó pôde fazer a dela. Naquela noite, eles realizaram uma videoconferência, os três: ele, Sara e a vovó. E riram bastante, Sara contou que já estava indo de novo na escola e ele pensou que em breve seria a sua vez de rever os colegas. Ele já se encontrava mais seguido com a vovó, que às vezes até vinha passar uns dias na casa deles. Aos poucos, tudo foi ficando mais leve, menos tenso, e parecia mesmo que aquele tempo difícil ia ficando no passado, quase como lembranças de um sonho ruim, daqueles que quando a gente acorda fica aliviado ao se dar conta de que tinha sido um sonho.

É claro que nada daquilo tinha sido um sonho, ele sabia, todos sabiam. Mas ficou muito mais real

quando a vovó pediu que a mãe fosse vê-la, porque ela estava se sentindo um pouco diferente. E quando a mãe chegou lá, a vovó estava deitada, se dizia muito cansada e com dor de cabeça. E aí o tempo de novo parece ter corrido de outro jeito, muito acelerado, e de um dia para o outro, da manhã para a tarde, de um minuto a outro, assim, de repente, a vovó passou a ser aquele corpo muito frágil vestido com uma bata azul turquesa e com tubos que lhe entravam pelo nariz e pela boca.

De olhos fechados, foi isso o que mais lhe chamou a atenção quando viu a foto que a enfermeira havia mandado no celular da mãe. Chegaram a discutir, porque a mãe não gostou que ele tivesse olhado no celular dela, mas a única coisa que ele queria saber era se a vovó ia ficar boa.

“Claro que ela vai ficar boa”, ela disse, e saiu meio em disparada para o quarto.

E foi aí que ele percebeu que às vezes a gente mente porque precisa, porque tem momentos em que a gente mesmo precisa ouvir que aquilo que a gente está dizendo é verdade, mesmo que não seja. A mãe mentia, não porque soubesse ou achasse que a vovó não ia ficar boa, mas porque não sabia. Mas, assim como ele, precisava acreditar que ela ia ficar boa.

Ele não conseguia deixar de pensar naquilo. Primeiro falou com a Sara, que lhe disse que ele não podia afirmar, ninguém podia. Mas ele sabia, parecia tão claro agora, porque foi logo depois daquela semana em que ele aproveitou que a mãe tinha saído para então descer e ir jogar bola com o João na quadra do condomínio, afinal, eles já estavam com aulas presenciais havia algumas semanas, e fazia tanto tempo que eles não jogavam bola lá embaixo, tanto tempo!

Uns dias depois, o João mandou uma mensagem dizendo que o seu pai estava com covid e que ele ia parar de ir à escola. Depois, a mãe dele pegou também e ele continuou sem ir. Mas acontece que eles já tinham estado juntos! E foi bem ali, naquela mesma semana que a vovó tinha ficado doente. Ele sabia, e não conseguia mais suportar aquilo. Ele tinha passado o vírus para a vovó. Ele devia ter pego o vírus, não teve sintomas e foi passando para os outros, para a vovó. Só podia ter sido isso, ela não tinha contato com mais ninguém além deles.

Uma noite, não saberia dizer que horas eram, mas era de madrugada, ele acordou e foi até a cama da mãe. Fazia muito tempo que tinha deixado de ir para a cama da mãe no meio da noite. Mas daquela vez ele foi, porque já não aguentava mais ficar com aquilo só para ele. E falou para a mãe que tinha sido ele que tinha passado o vírus para a vovó.

Ela o abraçou, apertou seu corpo contra o dela. E lhe disse para tirar aquilo da sua cabeça, que ele não podia ficar pensando assim, que um dia tudo aquilo ia passar, ele ia crescer e talvez ter filhos e netos e, mesmo que não tivesse, um dia ele ia também envelhecer e, aí então, ia se dar conta do quanto de bem ele

tinha feito para a sua avó.

E nesse momento ele teve certeza de que a mãe acreditava inteiramente em cada palavra que estava dizendo.

Aquele período foi uma espécie de período dentro daquele outro, mais amplo e embolado, suspenso, tornando difícil dizer qual deles vinha primeiro e qual vinha depois. Foi um período de tempo lento, por vezes impossível de ser medido, e mesmo agora, quando ele pensa, por mais que se esforce, não consegue precisar quando a Sara teve a ideia de enviar o bonequinho dela. “Já falei com o meu pai”, ela disse, “se eu mandar como encomenda expressa, chega em poucos dias. Depois você se encarrega de fazer o resto aí. O que é certo é que ela não pode mais continuar sozinha lá.”

De vez em quando, a mãe lhe mostrava algumas fotos da vovó dormindo, sempre com aqueles tubos e fios. Era terrível olhar para ela assim. Mas o mais importante era que em cada uma das fotos ele via que eles também estavam lá com ela, ao lado do travesseiro ou então sobre o criado mudo, junto a copos de plástico ou pequenas bacias metálicas, mas sempre dava para ver os dois bonequinhos por ali. Então ele enviava as fotos para a Sara e ela sempre notava eles, os bonequinhos, por ali. E, em seguida, a Sara passava a falar da próxima visita, continuava a falar sempre da próxima vez que iriam se ver. Eles faziam planos de passeios, de jogos, de brincadeiras. Nos seus planos, sempre estavam os três, e ele sentia como era importante fazer aqueles planos, como era importante ouvir a Sara falar daqueles planos, pensar lá na frente, ele, a Sara e a vovó, do mesmo jeito que estavam lá atrás, quando ninguém imaginava que passariam por aquilo. Era importante imaginar-se lá na frente. Estariam outros, maiores (quanto tempo durou?), mas seriam sempre os mesmos naquilo que os unia, ele, a Sara e a vovó.

Foi um tempo muito grande na UTI, uma luta incrível contra a doença, momentos de total desalento, a ponto de nem os médicos saberem explicar muito bem. Por isso a coisa chamou a atenção de todos. Até a televisão foi lá. E aí virou uma daquelas matérias do fim do telejornal.

Naquele dia, ele assistiu ao noticiário desde o início, porque a mãe já tinha avisado que ia passar. E como a Sara não podia ver na TV lá da Itália, quando o último intervalo comercial ia pelo meio, ele ligou para ela no Skype e apontou a câmera do celular para a tela da TV. E foi então que o apresentador, com um sorriso bonito no rosto, começou a falar daquele caso de superação. Em seguida, veio a imagem. Havia uma porta de vidro que de repente se abriu, e por ela surgiu aquela velhinha numa cadeira de rodas, empurrada por uma enfermeira. Ela avançava devagar por um corredor formado por outros tantos

enfermeiros e médicos dispostos lado a lado e aplaudindo a sua passagem. A velhinha trazia em cada mão, junto ao peito como se os abraçasse, dois bonequinhos de pano. E ela sorria por trás da máscara. Não dava para ver muito, mas ele sabia que ela sorria, porque ele conhecia aquele sorriso, só pelos olhos ele conhecia o sorriso da vovó, os olhos marejados da vovó que mesmo lá da tela da TV olhavam direto para ele e lhe diziam o que ele já sabia, para ele e para Sara, como se eles nunca tivessem estado separados, como se o tempo todo eles estivessem lá, bem juntos, apertados contra o peito dela.

Muito tempo depois, no aeroporto, ele voltou a rever aquela cena dentro da sua cabeça, quando a porta de vidro que separava o saguão do aeroporto da zona de desembarque abriu-se e ele pôde ver, por trás da máscara, aquele sorriso que ele conhecia tão bem. Agora não havia cadeira de rodas nem enfermeiras, apenas a porta de vidro que se abria e por onde passava, desta vez, a Sara com um sorriso transbordando pelos olhos.

Mas ele já sabia. Aquela cena da porta de vidro se abrindo no hospital estava gravada em sua cabeça e o acompanharia para sempre, voltaria sempre que ele estivesse diante de uma porta, ela se replicaria para o resto dos seus dias em cada porta de vidro que de repente se abrisse à sua frente. E depois, sempre aquela alegria indescritível o invadindo.

Uma porta se abrindo. E nunca mais a vovó deixou de passar por aquela porta, com seus olhos dizendo-lhe que tinha sido salva por dois anjos.

Então ele soltou a mão da mãe e foi correndo abraçá-la.

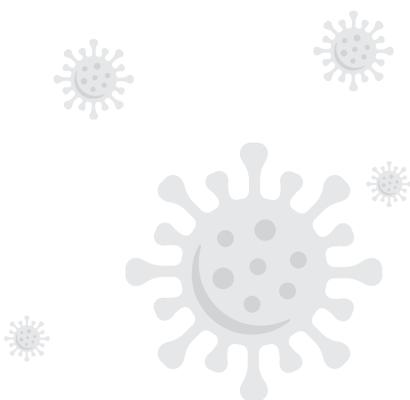


Crédito foto: Divulga o

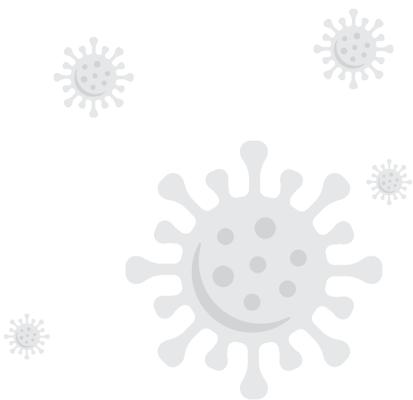
Andréia Schefer nasceu e reside em Novo Hamburgo-RS. Autora independente, publicou o romance *Para Onde Vão as Borboletas   Noite*, em 2020. Participou de antologias de contos, microcontos e poemas. Publica, periodicamente, os seus textos na *Revista Paranhana Literário* e no perfil Literatura Mínima no Instagram.

Andréia Schefer

Andréia
Schefer
28



Recomeço



Andréia
Schefer
29

Recomeço

Antes de sair de casa, Victor se olhou mais uma vez no espelho. Revisou a mochila: tudo em ordem, mas parecia estar esquecendo de alguma coisa. Claro! A máscara! Voltou ao quarto, analisou sua coleção. Entre muitas de diversas estampas e cores, escolheu a preta. No carro, o pai o chamava mais uma vez. Então ele se apressou para não chegar atrasado em seu primeiro dia de aula.

Durante o trajeto, mantinha os olhos fixos no retrovisor. Jogava para trás da orelha a mecha de cabelo descolorido que insistia em cair sobre os seus olhos. Ajustava a máscara. Tirava a mecha de cabelo de trás da orelha. Repetia os movimentos.

- Está bonito, filho! - O pai percebeu a sua preocupação.
- Será que o meu cabelo está bom assim? – Prendeu-o atrás da orelha. – Preciso causar uma boa impressão.
- Não, filho. Você não precisa. Seja apenas você mesmo.
- Estou nervoso. - Virou-se para o pai. – Faz tanto tempo que não vejo os meus colegas pessoalmente.
- Tenha a certeza de uma coisa: nada será como antes. As pessoas mudaram muito nos últimos meses.
- Eu sei, pai. O problema é que nem todas mudaram para melhor.
- Sim. Mas essa é a realidade que teremos que enfrentar daqui para a frente.

Com um longo suspiro, Victor virou-se para o vidro do carro. Há tempos não passava por aquela rua. Há mais de um ano saíra da escola sem a perspectiva de um retorno. Desde então, nada fizera a não ser esperar.

– As aulas estão suspensas. A partir de amanhã, vocês não virão mais para a escola. Logo daremos novas instruções. – A voz do diretor ainda ressoava em sua cabeça quando chegou em casa naquele dia. Era o seu primeiro mês de aula no ensino médio. Sentia-se diferente, entusiasmado com o novo ciclo que iniciava. Nunca poderia imaginar uma etapa da sua vida sendo interrompida por um vírus. Via as notícias na televisão, sem



acreditar que aquilo tudo pudesse acontecer tão perto.

– Isso vai durar quanto tempo? – Um menino da sua turma se atreveu a perguntar.

– Não temos como informar. A julgar pela realidade dos outros países, o problema está só começando. – Respondeu o diretor. – Fiquem em casa. Protejam-se! É a única coisa que podemos fazer agora.

Com a impressão de que nunca mais veria ninguém, correu para casa. Seus pais ainda não haviam chegado. O mundo parecia estar acabando e ele estava sozinho – perdido no espaço em busca de uma solução. Sentiu-se aliviado ao vê-los entrar, com os braços carregados de mantimentos, anunciando uma parada obrigatória de quinze dias. O tempo para a família se organizar e se preparar para seguir os protocolos.

Assim que os pais retornaram ao trabalho, iniciaram os dias de agonia. Trancado em casa, ele não via ninguém. Visitas foram proibidas. Qualquer contato com o mundo externo era feito por mensagem de texto ou videochamada. Sair de casa: somente em caso de extrema necessidade. Victor não encontrou mais os seus amigos, os seus avós ou qualquer outra pessoa que não morasse com ele. Não encontrou mais ninguém.

As aulas remotas iniciaram, tão logo as presenciais foram suspensas. Adaptar-se à nova rotina – acordar cedo, preparar o ambiente, testar os equipamentos –, no início, não foi fácil. Às vezes, caía o sinal da Internet no meio da aula e ele ficava sem a explicação do conteúdo. Nem sempre estava disposto a aparecer e usava a desculpa da câmera estragada para não ser visto pelos colegas. Assim, eles não viam os seus olhos vermelhos. Não viam a bagunça do seu quarto. Não viam o quanto ele estava mudando e o quanto ainda desejava mudar.

Cada aluno de sua turma tinha uma história triste para contar. Alguns reclamavam da solidão; outros, da falta de privacidade. Muitos perderam um familiar ou conhecido e quase todos tiveram as casas invadidas pelo vírus, menos ele. A casa de Victor fora dominada pelo medo e pela insegurança.

Não era só o vírus — ele sabia. Havia algo muito maior. As incertezas surgiram muito antes da pandemia. A primeira dúvida veio como um furacão quando deu o seu primeiro beijo. Ele gostava da menina, mas alguma coisa parecia estar fora do lugar. Tamanho foi o seu alívio ao ouvir aquelas palavras:

— Prefiro ser apenas tua amiga.

Deparou-se com a segunda dúvida meses antes do término das aulas. Ao arrumar o seu roupeiro percebeu: aquelas roupas não tinham nada a ver com ele. Estranhou o fato de um dia ter achado que se vestir assim o faria se sentir melhor. Espelhar-se nos outros nunca foi uma boa opção, ele concluiu.

Desde então, outros questionamentos invadiram a sua mente. Descobriu-se nada parecido com outros meninos da sua idade e afligiu-se por não encontrar respostas. Precisava conversar com alguém, mas não tinha com quem falar sobre os seus problemas. Pensou nos pais — nem pensar! Em um dos professores: seria difícil. Nos colegas: jamais! Enfim, decidiu: tinha um melhor amigo. Ele poderia ouvi-lo. Deixou para procurá-lo depois da aula daquele dia. Faria uma videochamada. Tudo teria sido perfeito se uma notícia inesperada não tivesse abalado os seus planos.

— Entubado! — Repetia o professor naquela aula. — Ele precisa de nossas orações.

Nas aulas seguintes: nenhuma novidade. A situação só piorava. Foram dias de angústia, sem nenhuma esperança. Nem os pais acreditavam na recuperação do menino. Victor, então, escondeu-se em suas dores e decidiu não mais falar sobre elas com ninguém.

Quatro meses se passariam até a chegada de uma boa notícia. Nem os médicos entenderam como aquilo aconteceu.

— Foi a vontade de viver. — A mãe do Victor dizia. — Só pode ter sido isso.

Vontade de viver era o que faltava a ele. Ao perceber-se diferente dos outros, preferiu se fingir de morto. Fugir da realidade era mais fácil:

enfrentá-la poderia ser doloroso. E seus pais? Como reagiriam?

Sua incerteza acabou ao ver o amigo voltando a participar das aulas. Aquele adolescente não se importou com a dificuldade de falar. Não ligou para a própria aparência. Ligou a câmera e mostrou como estava melhorando.

Depois daquela aula, Victor tomou coragem. Esperou os pais chegarem do trabalho e os chamou para uma conversa. Não se esconderia mais.

– Então você pensou que te amaríamos menos por causa disso? – O pai o abraçava. – Nós te apoiaremos em tudo o que você precisar, meu filho.

A mãe não disse nada, mas também o abraçou. Victor se arrependeu de não ter falado antes. Ouvia falar de meninos que apanhavam e eram expulsos de casa. Conhecia os seus pais e, mesmo assim, teve medo. Não era uma coisa fácil de contar para alguém.

Nos dias seguintes, Victor se sentiu mais confiante. Ouvia as suas músicas, usava as suas roupas novas, mas nas aulas ainda era o mesmo. Mantinha a câmera desligada e falava muito pouco. A insegurança voltou quando o retorno das aulas foi anunciado.

– Eu não quero voltar. A pandemia ainda não acabou. - Pedia para a mãe.

– Você precisa voltar. Já tem a primeira dose da vacina. Logo fará a segunda. Não pode ficar o resto da vida preso dentro de casa.

Foi difícil reconhecer, mas a mãe tinha razão. Ele teria que encarar a nova realidade, não poderia se esconder para sempre. Foi, então, buscar os seus materiais escolares e os jogou sobre a cama: cadernos pouco usados, canetas sem tampa, lápis desapontados. Fez uma lista de tudo o que precisava e saiu com o pai para comprar.

Quando o despertador tocou naquela manhã, ele sentiu um frio na barriga. Chegara o grande dia e nada mais seria como antes. Escolheu a melhor roupa e seguiu. Algumas pessoas se perderam, foram embora.

Outras mudaram, assim como ele. O mundo parou e, quando voltou a andar, nem tudo voltou a ser como era. Restava a todos aceitar as transformações.

Pensava nisso enquanto estava no carro com o pai. Sentiu de novo o frio na barriga quando chegou em frente ao portão da escola.

– Chegamos, filho. Agora é com você.

– Sim, pai. Eu sei.

Victor se despediu e desceu do automóvel. O pai o acompanhou com o olhar até vê-lo entrar no pátio da escola.

Percebeu que ninguém vinha falar com ele e ficou preocupado. Isso acontece muito: as pessoas evitam quem age e pensa diferente. Baixou a cabeça e seguiu para a sala de aula. Continuou sem falar com ninguém. Sentiu vergonha e teve vontade de fugir. Seus colegas o desprezavam.

Manteve a cabeça sobre a mesa até o professor iniciar a chamada. Levantou quando ouviu o seu nome e sentiu todos os olhares sobre ele.

– Victor, você voltou!

– Como está diferente.

– Eu não te reconheci.

Muitas vozes falavam ao mesmo tempo. Victor olhou para cada um e sorriu: não pensou que tivesse mudado tanto.

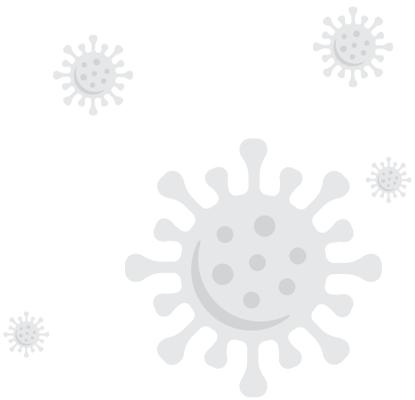
No intervalo, todos queriam falar com ele. Elogiaram as suas roupas e sua coragem. Não sabiam eles que o seu próximo passo seria mudar o próprio nome.

Atena Beauvoir Roveda



Crédito foto: Divulgação

Atena Beauvoir Roveda é escritora, professora e editora. Licenciada em Filosofia pela UFPEL e mestranda em Antropologia pela UFRGS, é autora de seis obras, entre contos e poesias. É organizadora de batalhas de poesia de rua — Slam do Espinho e Slam do Gozo na cidade de Porto Alegre.



Olhos do infinito

Atena
Beauvoir
Roveda
36

Olhos do infinito

Lauro fita o céu entre lágrimas que descem de seus olhos jovens e sua boca tremendo no gemido de uma dor que jamais conhecera, agora saberia afirmar para sua própria consciência que sofria uma inenarrável sensação: a morte de seus entes queridos. Encontrava-se com dezoito anos completos em meio ao fim de uma extensa e insana realidade de um vírus mortal.

Volve-se para o interior de seu quarto e observa os quadros pendurados na parede onde situava a memória recente de sua infância e adolescência com sua mãe, pai e irmãos mais velhos. Aproxima-se com o corpo cansado, como se a gravidade puxasse não somente sua matéria física, mas sua alma. Sentia-se num fluxo de sensações que não saberia descrever se sonhava ou se acordado estava.

Pega pequena fotografia e novamente intensas emoções lavam seu rosto e em seu pensamento, cenas de solidão, corroídas pelas amarguras e incertezas de suas vivências finais ao lado de sua família. Ajoelhado, agora sustenta o choro apoiando-se nos dois braços e encara a fotografia no chão do quarto aos pingos de outras tantas lágrimas que pareciam não secar a cada fôlego novo de ar.

Ao seu redor vibravam sons de lamentos e depressões, como se fantasmas se reunissem ao coro de solidão do rapaz que escuta ao longe sirenes de ambulâncias e gritos de desespero nos prédios vizinhos.

Um sutil toc toc na porta.

Sem forças para levantar-se, Lauro expressa entre saliva e choro uma espécie de afirmativa com a voz gutural – sem entretanto formar palavra alguma. Seus fonemas eram de intensa sofreguidão.

A porta range e abre-se como que por deslizamento de um movimento delicado e cuidadoso. Por entre a fresta, um par de olhos guiados por pequenos óculos surge por encanto, e com brancos cabelos finos e curtos, senhora pequena avança pelo quarto bagunçado e obscuro.

O jovem levanta o olhar confuso em busca dos olhos da senhora. Lauro balança a cabeça em negativa e observa sua avó, Laura, sorrir-lhe com singeleza, como se enxergasse por entre os músculos, corrente sanguínea e átomos, o coração do neto ardendo em ira, tristeza e ansiedade.

As mãos de Laura seguram as mãos do neto e, envolvendo-o num abraço afetuoso, acolhe-o como um ninho recebe um frágil ovo a ser chocado pelas labutas da vida selvagem na Terra. Em seu rosto de rugas que indicam o tempo que tem trilhado nos desafios terrenos, o sutil sorriso não lhe deixa a face. Laura ali estava como vó, mas também como sobrevivente de uma nova tragédia humana: a pandemia.

Entretanto, nem sua filha, genro e os outros dois netos haveriam de ter o mesmo destino que ela e Lauro. Olhou para o alto e sentiu uma pequena brisa a coroar-lhe a fronte. Volveu para a nuca do neto e soprou-lhe um ar de seus pulmões fracos, liberando a mesma brisa suave e acalentadora.

Lauro parecia acalmar-se, como se estivesse envolvido por segurança mística que surgia ao seu redor. Confiava e amava sua avó desde muito cedo. Sentir que ela não havia partido, como o resto de sua

família, lhe permitia crer que ali havia restado algo em que se apoiar. Mas tudo aquilo ainda era tão confuso e sem sentido. Uma família jovem e feliz como a dela não deveria passar ainda tantos natais, aniversários e feriados em comunhão de convivência e alegria, festas e comemorações? Pois que tudo desabava, no tal sonho humano, quando tocado pela realidade que, naquele momento, se apresentava cruel e fria, desumana e injusta.

O silêncio muitas vezes nos torna reféns do destino e presas e presos em contextos que nos limitam aos desejos mais tristes e obscuros, nos impulsiona a esquecer de nós mesmos. A busca por uma resposta nos faz quebrar tal silêncio. Às vezes em um grito, um lamento, um choro ou um ranger de dentes que nos convida a ir além do silêncio. Nos apropriamos de uma vontade que nos faz questionar: existe realmente algo além dessa vida?

As lágrimas de Lauro se tornam calmas ao contato do abraço de sua avó. Sentia que, a cada respiração sua, um calor envolvia sua nuca e o aperto de seu peito diminuía. Espécie de consolação que vinha de um simples abraço, como se toda sua família estivesse reunida ali em seu quarto.

“Vó, por que dói muito?”, pergunta entre fungação no nariz e olhar aflito.

“Oh, meu denço, a vó sabe que dói. E dói bem fundo no coração, não é mesmo?” Laura faz cafuné nos cabelos de seu neto e observa-o se acalmar. Lauro movimenta afirmativamente a cabeça, como uma criança tentando entender o inexplicável.

Laura levanta-se e abre a janela. Raios solares adentram o ambiente do quarto e a escuridão afasta-se com rapidez.

“Vó, eu sinto dentro de mim, eles ainda vivem. Eu sinto, vó, no fundo de mim mesmo, eles existem. Se eles tivessem mesmo morrido, eu não sentiria mais nada. Mais nada. Mas eu sinto, vó, eu sinto!” e das lágrimas profundas, como se uma cascata deslizesse de sua alma, Lauro murmura palavras para si como quem afirma uma certeza íntima.

“Venha cá, deixe lhe dizer duas coisas, meu amado.” e Laura, com olhar magnetizador, faz com que seu neto se concentre em sua fala, como um aluno dedicado aos estudos de si mesmo, prestes a receber importante lição.

“Primeiro, tu não estás sozinho. Eu estou aqui contigo, não é mesmo? Eu, tua avozinha, estou aqui para lhe fazer companhia e lhe cuidar, assim como sua mãe e pai lhe cuidavam. Não está sozinho, certo? Segunda coisa, meu amado: sabe qual o nome desse sentimento que tu está carregando no peito que te faz crer que eles ainda estão vivos, mesmo a gente tendo ido no enterro?” O olhar do jovem rapaz se torna ébrio de uma esperança que lhe fez assumir posição de intenso investigador de si mesmo.

“Co-co-mo é, vó?” Entre fala nervosa e ansiosa, Lauro senta-se de frente para Laura e os raios

que passam pela janela lhe tocam o rosto de forma suave, aquecendo-o como se recebesse amparo da própria Natureza.

“É a fé, Lauro. Não é religião, não é ritual, não é nada do que a avó tem quando vai na missa, nada disso. O que tu sente é fé. Sentimento tão verdadeiro que faz com que a gente acredite no mais íntimo de nós.” Em pausa, com silêncio que entoava um prenúncio de paz, como se as dúvidas interiores de Lauro fossem diluídas, tal como as sombras do quarto que eram afugentadas pelas luzes do astro rei.

“Mas vó, eu não tenho religião. Eu nunca li nada sobre fé.” Olhando firme para os olhos de Laura, o rapaz parece encarar uma avó que nunca conhecera, com voz acolhedora como sempre, mas em um tom que lhe fazia arrepiar os pelos dos braços.

“Nada nesse mundo é por acaso, Lauro. Nem o que acontece ao nosso redor e nem o que acontece dentro dos nossos corações. O que tu sentes e a avó chama de fé é só um sentimento que tem que ter uma fonte, uma origem, uma causa. E que causa seria essa?” Nesse momento, o telefone de longe é escutado tocar. Laura beija a fronte de Lauro e se dirige ao primeiro andar da casa.

No centro do quarto, o garoto olha para o chão e observa pequenas formigas caminharem, transportando seus farelos de pão. Respira fundo e mais algumas lágrimas escorrem pelo seu rosto. Antes que mais lágrimas descessem pelos seus olhos, ele os fecha e, por sua mente, imagens de sua família correm em velocidade intensa na memória. Infância, aniversários, férias, brigas, tudo passa pelo olhar interior de Lauro. E, como se fosse envolvido por terno calor, lembra do sol entrando pela janela de seu quarto, abraça-se como se sentisse uma saudade calorosa o envolver.

Laura se aproxima da porta e fita o jovem sorrindo de olhos fechados. Se aproxima dele e novamente o abraça. Lauro, em um impulso, mira o rosto de sua avó e lhe devolve um aconchego, como se estivesse abraçando seus falecidos pais e irmãos.

“Eles estão vivos, vó, eu sinto! Eles não morreram, não! Minha fé, vó, minha fé! Mesmo que seja imaginação minha, vó, é uma imaginação que me acalma, me faz sentir seguro, me afasta a ideia de querer me matar!” Como filhote, acolhe-se no colo de Laura e sutilmente é envolvido por sono suave, como quem descarrega pesado fardo das costas.

“É, meu netinho, é isso, continuam vivos” e como quem observa mais longe, Laura encara sem surpresa, próximos da janela do quarto, abraçados e entre lágrimas e sorrisos, sua filha e genro, os outros dois netos e ao lado seu esposo, falecido muito antes da pandemia, mas que dentro dela sabia que ainda vivia em seu coração.

“É a fé, meu neto, a fé na imortalidade das almas!”

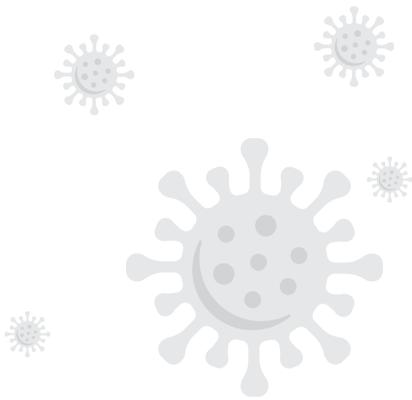


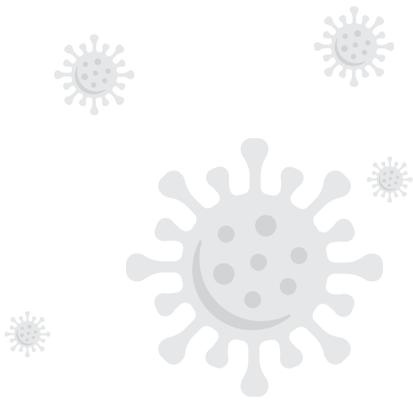
Crédito foto: Luis Ventura

Caio Riter

Caio Riter é professor, mestre, doutor em Literatura Brasileira e tem pós-doutorado em Escrita Criativa. Autor de vários livros, com os quais recebeu distinções literárias, como o prêmio Açorianos, o Barco a Vapor, o Orígenes Lessa, o Ofélia Fontes, o AGES: Livro do Ano e Selo Altamente Recomendável, entre outros. Formado em Jornalismo e em Letras, ministra aulas no ensino médio, além de coordenar oficinas literárias. É fundador da Reinações: Confraria da leitura de textos para a infância e para a adolescência.

Caio
Riter
40





Inácio, somente Inácio

Caio
Riter
41

Inácio, somente Inácio

I

“Uma semente, se plantada em terra fértil, se cuidada, se regada com paciência, brotará e crescerá e dará as flores e os frutos a que foi destinada. É assim, Inácio. É assim.” As palavras do avô ainda reverberam no coração do neto, ainda. E entre elas a conjunção condicional é a que mais martiriza: se, se, se. Tantos se o envolvem no momento em que olha pela janela e vê as pessoas que passam, rostos escondidos por detrás de máscaras. Se não forem usadas, se as mãos não forem lavadas, se o álcool não for de uso corriqueiro, se. Pensa no avô, no tanto de meses já sem vê-lo: o avô isolado no sítio e ele, os dias sempre iguais de passeios por dentro do apartamento, buscando ver o que até então nem sabia que existia em sua própria casa. Por vezes, uma ou outra conversa por vídeo com o pai, com algum colega da escola; com o avô não, que ele é avesso às modernidades e vive entre plantas e árvores.

No mais, a solidão do próprio quarto.

E aquilo que antes era necessidade (o isolamento em cima da cama, por vezes algum livro como companhia, na maioria das vezes séries e conversas por WhatsApp com os amigos) agora é obrigatoriedade.

“Inácio é somente Inácio”, ele pensa. E escreve a frase num pedaço qualquer de papel que se encontra, ele nem sabe bem o porquê, na mesa, ao lado do computador. Um pedaço de alguma receita médica, o verso de uma nota fiscal, um tanto de algum trabalho de geografia sobre o desmatamento na Amazônia, uma folha desgarrada de algum caderno. A primeira função desinteressa a Inácio: agora o papel registra sua frase, a frase que o isola dos outros e o obriga a aproximar-se de si mesmo.

“Difícil ser só e apenas a gente”, murmura. E começa a circular a frase com alguns nomes: o da mãe, o do pai, para o avô não escreve o nome, redige apenas vô, e em caixa alta. Depois, Cássio, Lulo, Xande, Maria Jade. Letícia. Em torno do nome de Letícia, um círculo em caneta vermelha. E busca recordar o rosto da garota que, um mês antes de o vírus impor o isolamento e

cancelar as aulas presenciais, havia chegado à escola. Vinha de Curitiba, tinha olhos muito pretos e o cabelo picotado, como se por ela mesma. E, naquele final de semana, antes do tudo, a Olívia comemoraria seus dezessete anos, com festa no clube, com convite a todos os colegas de aula. E a mais um ou outro das outras turmas.

— Só os mais populares — Olívia disse na rodinha de amigos no meio do pátio.

E foi aí que Inácio não conteve a pergunta que exigia ser feita, desde que soube da festa e dos convites.

— Você convidou a colega nova?

— A de Curitiba?

— Aham. Letícia é o nome dela.

Olívia sorriu, passou os olhos pelos rostos de todos os colegas, pousou-os no olhar de Inácio.

— Convidei. E ela disse que vai.

Tudo só expectativa: o clube, a festa, Letícia.

Tudo apenas decepção: o vírus, a pandemia, o isolamento.

No Instagram de Letícia, um quase nada de fotos dela. A maioria de flores ou de plantas, pequenos vasos com suculentas, vasos que pareciam ser feitos por ela mesma. E se queria fotos de seu rosto, de seus olhos escuros, o que encontrava era apenas um ou outro pedaço dela: as mãos, o joelho, a orelha com brinco de folha, a metade do rosto com olho e risco preto. Dela inteira, no entanto, nada. Nem no Instagram e nem nas aulas virtuais, que a maioria dos colegas, ele mesmo, apesar dos insistentes pedidos dos professores, não abria as câmeras. Para quê, se podia ficar sem camisa ou de pijama ou deitado na cama ou...? Aulas com maior liberdade de uniformes e tudo aquilo que é sempre exigência: postura, silêncio, disciplina. Alguma vantagem tinha de ser usufruída naquelas aulas pouco pessoais, pouco interativas.

“Aulas com a música do Nando Reis ao fundo se tornam bem melhores”, é o que Inácio diz à mãe, quando ela interrompe o trabalho on-line para espia-lo em seu quarto.

Inácio, somente Inácio

Aula sem interagir com os colegas, sem ver a Letícia, muito pior ainda se for sem trilha sonora. Isso não fala, apenas pensa.

Pensa.

Olha para a frase sobre si, reflete sobre o que mais poderia escrever. Pensa se aquilo poderia virar um poema, quem sabe um conto, um daqueles bem pequenos, que ele pouco amigo é das palavras escritas. Prefere as cantadas, as faladas.

“Inácio é somente Inácio”, lê e relê. Observa os nomes em torno da frase: o pai, a mãe, o avô.

Inácio é somente Inácio.

Somente Inácio é Inácio, escreve logo abaixo.

Oicáni é etnemos Oicáni, espelha.

Inácio, somente Inácio, acresce.

E ainda: Inácio não é somente Inácio.

E o celular soa.



Termina de comer a maçã que a mãe lhe trouxe. Não quer sair do quarto, não quer. Separa as sementes, três apenas. Põe sobre o parapeito da janela para que sequem. E teme que algum pássaro possa vir apanhá-las, mas nada faz para protegê-las.

“Se for, é porque era pra ser”, diz. E se dá conta da conjunção parada ali no início da frase a dar a condição para o ato. Se, se, se.

— Você tá bem, Inácio? — A mãe pergunta por Whats.

— Tem algodão em casa? — É o que ele responde.

— Algodão?

“Diálogo de perguntas”, pensa o garoto e sorri. Sorriso destes quase que involuntários, não riso de riso, mas leve movimento de lábios diante de uma

Inácio, somente Inácio

percepção óbvia.

— Sim. Algodão.

— Se machucou?

Uma mãe só perguntas.

— Não. Estou bem. Só preciso de um pedaço de algodão. Tem?

— No armarinho do banheiro.

— Valeu.

Inácio ergue o corpo com dificuldade, a rotina de aulas on-line cansa, o afastamento dos colegas e do intervalo cansa, as paredes do quarto cansam, a expectativa machuca.

Desloca-se até o banheiro, pega o pequeno pacote de algodão. Na cozinha, serve-se de um copo com água, ouve a mãe perguntando de seu quarto se ele encontrou o algodão. Ele responde que sim.

— Sim — e retorna para o quarto.

Na janela, as três sementes de maçã já estão secas. Inácio separa três pedaços de algodão, molha-os (“mas não muito”, lembra as palavras do avô) e deposita sobre cada um deles uma das sementes. “Foi assim que ele me ensinou”, pensa.

— Agora é aguardar — diz para si mesmo num tom em que só ele possa ouvir. Poderia falar alto, sabe, que ninguém mais ouviria: a porta do quarto fechada, Inácio é somente Inácio. Na memória, aquela tarde em que seu celular soou e ele recebeu a notícia: o avô estava hospitalizado, o avô seria intubado. Lembra o desespero, o medo, o desejo de ver o avô, de falar com o avô, de dizer o tanto que o amava, embora soubesse que o avô tinha tal certeza. Mas precisava dizer, precisava.

— Eu preciso.

— Não tem como, Inácio — o pai falou do outro lado da linha.

E diante do silêncio, seu pai concluiu:

— Te mando notícias, filho.

Inácio, somente Inácio

III

“Notícias ruins vêm logo, Inácio”. As palavras da mãe eram incômodo. Demasiado. O pai ligava ou enviava Whats dando relatórios sobre a situação do avô. Nada, no entanto, que desse conta de alguma melhora. E as notícias falavam sobre o número crescente de mortos, sobre a ignorância de alguns governantes, sobre a descoberta da vacina.

E Inácio seguia decifrando fórmulas matemáticas, estudando aspectos dos diferentes biomas, aprendendo as regras da crase: obrigatórias, proibidas, facultativas. Se tudo fosse facultativo, como o uso do acento grave antes de um nome próprio feminino, a vida seria bem mais leve.

— Bem mais — diz para si, o rosto refletido no vidro da janela, lá fora vento e chuva. Ao lado do notebook, os pequenos canteiros de algodão, com as sementes escuras no centro, lembravam-lhe olhos de ciclope a tecer a trama dos acontecimentos futuros.

O futuro do presente é certo; o do pretérito, depende. Depende de uma condição: se houvesse uma vacina, se. A gramática poderia servir para interpretar a vida, para se saber que rumo tomar quando tudo parece tão, mas tão ausente de saídas de portas de janelas de asas de qualquer coisa que permita que eu saia deste quarto que eu vá às aulas que reveja meus colegas e a Letícia a gente no clube curtindo a festa da Olívia e eu dizendo pra Letícia tudo o que eu iria dizer antes antes antes do vírus e eu olhando bem no dentro dos olhos da Letícia olhos escuros com riscos escuros os olhos da Letícia e que eu pudesse ver meu avô e que ele saísse do hospital e visse que eu também sei fazer germinação de sementes destas sementes que não se tornam broto não se tornam não se tornam e meu avô morava num sítio e ele planta ele mesmo faz seus brotos e agora tem um tubo dentro dele e um vírusvírusvírusvírusvírusvírus.

— Meu avô tem um sítio — Inácio escreve na tela branca do notebook. — E ele conhece a arte de fazer sementes germinarem em algodões úmidos. Meu avô não está no sítio. Faz muito tempo. E não há quem regue as plantas.

A mãe bate na porta. Inácio diz que ela entre. Ela pergunta se ele quer um lanche.

Inácio, somente Inácio

— Quero é ver o meu avô.

A mãe sorri, aproxima-se, abraça o filho. Os olhos pousam sobre o computador, leem a primeira frase, somente a primeira, pois Inácio baixa a tela do notebook.

— Coisas minhas — diz.

IV

Ele recebeu a notícia e já não sabia direito o que pensar. Havia algo de bom, mas havia a desgraçada da conjunção condicional: se o avô, agora desintubado, reagisse bem; se as sequelas não forem graves, se ele conseguir respirar normalmente, poderá retornar para casa.

Se.

— Os próximos dias, — disse-lhe o pai — serão decisivos. Mas o velho é forte. Vai resistir.

Queria Inácio ter a mesma certeza que percebia na voz do pai, queria ele mesmo poder intervir e tirar o avô daquela cama, daquele hospital. Queria poder lhe mostrar que havia posto três sementes para germinar; queria, ainda, falar para ele sobre uma jovem recém-chegada de Curitiba, uma jovem que tem olhos escuros como noite de pouca lua, mas cheia de estrelas: Letícia.

— Ele vai resistir — o pai repetiu.

— Eu sei que vai — Inácio falou, embora soubesse que as palavras queriam ser convencimento, mas não o eram no todo.

V

Acordou cedo, espreguiçou-se. Abriu a janela e havia sol lá fora. Os pais já estavam vacinados, o avô ainda seguia no hospital, os pulmões um pouco comprometidos, mas melhorando dia a dia. Um ou outro colega suspirava o boato de que na semana seguinte as aulas presenciais retornariam.

No Whats, uma mensagem do avô em forma de card com versos do Quintana, que ele respondeu com milhares de emoticons.

— E tudo volta a ser tudo — Inácio disse a si mesmo.

Ouviu os barulhos da mãe preparando o café, abriu o notebook, a primeira aula era de Literatura, seminário de leitura, e a professora não gostava de atrasos. Conectou-se, acessou a sala. Somente a professora e mais uma aluna estavam presentes: Letícia. Ele leu o nome e não pôde evitar que o coração acelerasse, sobretudo quando ela abriu a câmera e sorriu assim, inteira, não mais pedaços dela a se ofertar em fotos. Deu bom dia para a professora.

Depois...

— Bom dia, Inácio.

O susto.

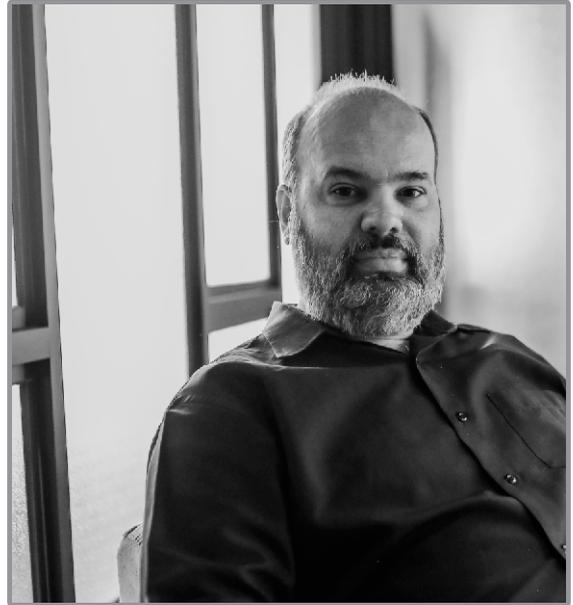
Aí, as palavras um tanto arrancadas.

— De boa — ele respondeu. E olhou para o lado: sobre os algodões, três sementes de maçã expunham, despudoradamente, confiantemente, esperançosamente, pequeninos brotos verdes.

Inácio abriu a câmera. E ofereceu a Letícia o sorriso mais lindo que sabia ter.

Inácio, somente Inácio

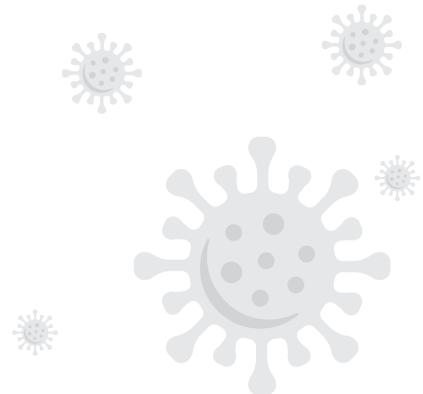
Christian David

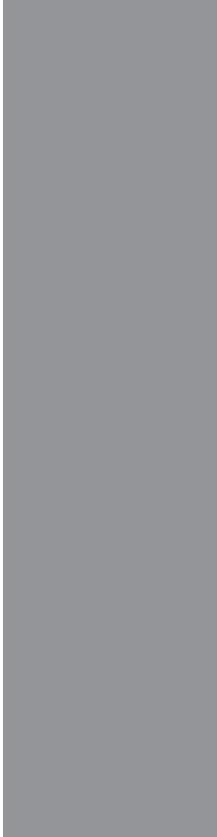


Crédito foto: Diego Lopes

Christian David é graduado em Biologia e pós-graduado em Literatura Brasileira pela UFRGS. Tem mais de 20 títulos publicados e recebeu os prêmios: Saraiva 100 anos, Cidade de Passo Fundo, Academia Rio-grandense de Letras, LeBlanc, inclusão no Catálogo de Bolonha e Selo Altamente Recomendável da FNLIJ, além de finalista no prêmio Açorianos. Nascido em Porto Alegre, vive cercado de livros, filmes de ficção científica e HQs. Utiliza cenários cotidianos ou fantásticos para contar histórias e discutir suas inquietações.

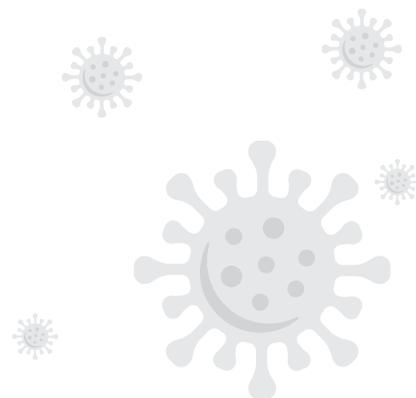
Christian
David
49





Carlinhos

Christian
David
50



Carlinhos

Passar a infância em uma pacata rua sem saída em plena capital é um presente para qualquer criança. É como viver no interior. Jogar três-dentro-três-fora entre os postes da calçada utilizando a rua como campo de futebol não é pra qualquer um. Isso sem falar do jogo de bolitas, amarelinha (ou sapata, como nós chamávamos), polícia e ladrão, campeonato de taco e tantas outras coisas em toda aquela vastidão de rua (parecia um mundo pra mim, já que sempre fui uma criança mirrada). Além da rua ser sem saída, ou “sem fim”, como expliquei para um parente certa vez quando me atrapalhei com as palavras e os significados, a rua tinha ainda um prédio em ruínas no fundo, após um alto muro coberto de cacos de vidro, e um terreno baldio quase em frente ao meu prédio. O terreno tinha quase o tamanho da rua toda em extensão e era o melhor, ou mais interessante, caminho até a outra quadra. O melhor de dois mundos nesses poucos anos que marcam tanto a vida de um ser humano.

Passava o dia inteiro na rua durante as férias, que duravam quase três meses cheios e que pareciam uma eternidade. Voltava em torno da meia-noite depois de brincar e jogar bola o dia inteiro. Os pais não se preocupavam e nem tínhamos o celular para a marcação cerrada. Amigos bons eram dois ou três, mas não faltavam crianças e adolescentes convivendo juntos e partilhando dos dias sem fim.

A experiência toda de viver nessa época a que me refiro, anos setenta e oitenta, foi definidora de caracteres, profissões e felicidade ou tristeza pra todos nós, acho eu. Falando dessa maneira, parece que tudo era uma maravilha, mas tínhamos nossos desafios também e eles não eram pequenos — era o período da ditadura, afinal de contas. Ainda assim, relembro agora com nostalgia e um sentimento gostoso no peito, apesar de tudo, mas não lembro de me sentir feliz de verdade, ou mesmo de uma alegria contínua ao passar por aqueles anos. Não estava preparado para ser feliz. Das tantas coisas que passei, e que sofri, sempre me vem à mente o que deixei acontecer com o Carlinhos.

Carlinhos era o filho temporão de um casal que já possuía outros três filhos. A casa em que morava era uma das três que ficavam no lado oposto da rua em relação ao prédio em que eu morava. Era a casa da esquerda. Na do meio, morava uma senhora viúva e sem filhos, um tanto resmungona e implicante com a garotada. Na da direita, uma família com dois filhos adolescentes, nossos companheiros.

Éramos todos amigos na rua, mas Carlinhos, por regular de idade comigo, era o parceiro para todas as horas. Ou, pelo menos, as horas que os pais permitiam, pois eles eram bem rígidos com o filho caçula, pareciam tentar proporcionar a mesma educação que tiveram cinquenta anos atrás, mas só na parte ruim. Na parte boa, haviam sido vencidos pela idade, pelo desemprego, pelo desânimo e pelas dívidas.

Carlinhos

Carlinhos

Raramente demonstravam o que se poderia chamar de amor familiar, mas, ainda assim, Carlinhos não era de reclamar e parecia feliz.

Em um daqueles sábados intermináveis, nos quais brincávamos desde a manhã até a noite, haveria um campeonato de taco começando lá pelas três da tarde. Antes de mais nada, é necessário um parêntese sobre o que consistia esse tal jogo de taco. Nós levávamos muito a sério essas partidas, adorávamos o jogo, que na verdade considerávamos um esporte (digno de Olimpíadas). Todos se esforçavam por obter a bola ideal (de borracha, da marca Mercur, mas havia os que preferiam uma bolinha de tênis — amadores, coitados) e os tacos eram conseguidos depois de muita procura e ajudas diversas de quem possuía a madeira ideal e alguma destreza com uma serra. Os tacos comprados prontos nunca duravam e eram de uma madeira muito leve. Era necessário um certo peso na madeira para que o taco tivesse a possibilidade de rebatidas poderosas, e também tinha a questão do tamanho do taco, que variava com a altura do usuário e o tipo de postura com a qual ele se sentiria mais confortável, bem ereto ou mais encurvado. As duas latas a serem utilizadas íamos buscar no posto de gasolina, cujo responsável não se incomodava que pegássemos as latas de óleo usadas (prática que foi ficando cada vez mais difícil à medida que a modernidade substituiu as latas por embalagens desengonçadas de plástico). A nossa rua já era famosa pelos campeonatos que organizava e eu estava entre os melhores. Me dedicava de verdade para ganhar aqueles jogos (tanto que o único osso que quebrei na vida foi o de um braço ao pular uma cerca a fim de resgatar uma bola rebatida pelo adversário). Enfim, em nosso universo infantil e juvenil, os campeonatos de taco eram coisa séria. As partidas iam até os vinte pontos, que eram conquistados de dois em dois.

Mesmo pequeno, eu sempre tive uma grande habilidade esportiva e ótima coordenação motora. Geralmente eu ganhava as partidas que disputava, mas naquele sábado meu favoritismo estava sob risco. Uma dupla da rua de cima, formada por dois adolescentes bem mais robustos que eu e meu par, anunciaram que viriam participar do campeonato. Meu parceiro de time era o Evandro, que morava no apartamento acima do meu. Era um rapaz mais novo e que tinha o riso frouxo. A risada engraçada fazia com que quem não o conhecesse não colocasse muita fé nele, mas o menino era rápido como o vento e tinha um bom pensamento tático, ou seja, era um ótimo parceiro de taco.

O aguardado sábado começou lá pelas nove da manhã. Como o campeonato de taco começaria só pelas três da tarde, tínhamos tempo para fazer muitas coisas antes. O Carlinhos chegou cedo lá em casa

Carlinhos

para me chamar para jogar bola. A meninada improvisou goleirinhas no meio da rua e montamos dois times escolhidos no par ou ímpar.

O grande problema de jogar bola no meio da rua não eram os carros que de vez em quando entravam, esses já conhecíamos e driblávamos facilmente, interrompendo o jogo. Também não eram os paralelepípedos irregulares do calçamento, mas sim a bendita casa do meio, que era a única das três que, apesar do jardim com flores e folhagens bem cuidados pela dona Amália, não possuía nem cerca nem muro de proteção. Resultado: a bola vivia invadindo o jardim e danificando plantas, fazendo a Dona Amália virar bicho e ficar ameaçando contar nossas estripulias para os nossos pais. Apesar dos nossos máximos esforços para não invadirmos o seu jardim e de sempre sermos respeitosos com a Dona Amália, ela não nos dava folga. Carlinhos, que era vizinho dela, já tinha sofrido nas mãos da mulher mais de uma vez e fazia de tudo para que seus pais não recebessem queixa dele. Surras duras e castigos severos eram a política da família e ele ainda trazia na pele, e na alma, as marcas da última punição paterna.

O jogo começou animado, lá pelas dez já estávamos todos suados. Numa jogada individual, deixei a bola correr para cima da calçada e, para meu pavor, em direção ao jardim da Dona Amália. Tentando impedir a catástrofe iminente, resolvi tentar o chute esticando o pé para afastar a bola dali. O chute saiu forte, mas para o lado errado, e acabou batendo com força no tronco do pequeno arbusto que reinava imponente onde começava o jardim. Com um ruído seco o tronco partiu-se, separando toda a copa do arbusto da base presa à terra. A gritaria do jogo cessou repentinamente e ficamos todos com cara de funeral. A Dona Amália não estava em casa, o que nos dava um tempo para pensar no que fazer. Fui até o jardim e peguei a parte decepada do arbusto. Tentei encaixar as duas partes do tronco, sabendo que era uma tentativa meio ridícula, mas naquela hora tudo parecia válido. Alguém veio com a informação de que Dona Amália chegaria logo depois do almoço. Eu sabia que ouviria uma dura reprimenda dela e que meus pais receberiam uma visita sua, na qual eu deveria estar presente e pedir desculpas. Provavelmente ela perguntaria qual castigo eu receberia e meus pais diriam algo bem cruel para deixá-la feliz, mas depois me dariam algo mais leve após uma boa conversa para saber o que aconteceu e se eu estava arrependido. Tudo isso não seria um problema se não acontecesse no mesmo horário do campeonato de taco.

Seguimos jogando toda a manhã, mas já com aquele aperto na garganta por saber que a dupla favorita para os jogos da tarde poderia ser desfeita se eu ficasse retido na "reunião" com a Dona Amália ou em alguma punição. Na hora do almoço todos foram para as suas casas prometendo retornar assim que possível para começar os preparativos para o campeonato.

Nosso algoz em forma de mulher chegou em torno das quatorze horas. Caminhando apressada,

Carlinhos

entrou em casa sem perceber o arbusto partido. Pelo menos foi o que observamos enquanto estávamos reunidos fazendo os acertos para os jogos. Eram seis as duplas que participariam do campeonato. Decidimos que começaríamos com eliminatórias e, depois, os três que vencessem fariam um triangular para decidir o campeão.

As partidas eliminatórias foram rápidas. Evandro e eu ganhamos com facilidade de uma dupla que mal conseguia segurar o taco. O jogo da dupla da rua de cima, Márcio e Régis, foi um pouco mais duro, mas tranquilo para eles também. O outro jogo foi ainda mais difícil, mas também não demorou muito. Carlinhos estava só na organização do campeonato e não formou dupla. Ele parecia se divertir mais que todo mundo com aquela função toda de programar os jogos, fazer tabelas e estabelecer as regras.

Quando estávamos para começar o triangular final, ou seja, todos contra todos, vimos Dona Amália sair de casa pisando firme. Sem se importar em fazer fiasco ou escândalo, parou no meio do nosso campo de taco e perguntou alto com a voz esganiçada:

— Vocês são mesmo uns diabos, quem foi que quebrou minha arvorezinha? Quero o culpado agora!

Ficamos nos olhando e eu tremia. Na hora agá, mesmo sabendo que as consequências não seriam tão terríveis para mim, sendo estar fora do campeonato a pior delas, bateu um medo irracional e eu hesitei em me acusar. Mas tomei coragem e quando ia levantar a mão, Carlinhos tomou a palavra antes que eu conseguisse impedir.

— Fui eu, Dona Amália. Sinto muito, mas fui eu que, sem querer, acabei quebrando sua árvore. Peço desculpas.

— Não é surpresa nenhuma que tenha sido você, Carlinhos. Não é de hoje que eu reclamo com seus pais a criança impossível que você é. Venha comigo agora mesmo que nós vamos ter uma boa conversa com eles para ver se você toma jeito.

As palavras da Dona Amália pareceriam até bem sensatas para alguém desavisado, mas quem conhecia a mulher como nós conhecíamos, seus vizinhos e convivas diários, perceberia o sorriso de prazer nos olhos da maldita. Qualquer um de nós apostaria que ela, de bom grado, sacrificaria até mesmo uma árvore centenária para ter aquela oportunidade.

Eu sei que deveria ter me adiantado e me declarado culpado, mas não consegui nem me mexer nem falar. São aquelas reações que achamos que só acontecem em filmes, mas me senti congelar dos pés à cabeça. Carlinhos percebeu meu desconforto e ainda assim olhava para mim com um sorriso nos olhos, como que dizendo “fica tranquilo, ganha o campeonato para a nossa rua”.

Carlinhos

O campeonato seguiu e Carlinhos dirigiu-se para casa, seguido por Dona Amália.

Apesar da calçada que usávamos como campo de taco ser a oposta à da casa de Carlinhos, conseguíamos observar a janela principal. Assim que comecei a jogar, passei a ouvir os gritos alterados do pai de Carlinhos e da denunciante. Quando acertei a primeira tacada (foi em cheio e nos rendeu oito pontos), ouvi a primeira bofetada. Outras mais se seguiram. Tacadas e bofetadas. Escolhi não me importar naquele momento. Se eu largasse o campeonato para avisar, denunciar ou reclamar para alguém (como se isso fosse adiantar alguma coisa), o sacrifício de Carlinhos teria sido em vão. Eu precisava ganhar o campeonato não só pela rua, mas por ele. Pelo Carlinhos.

A honra da rua foi defendida, ganhamos o campeonato com uma certa facilidade.

Não vi o Carlinhos por alguns dias. Lá pelo meio da semana seguinte, ele apareceu no final de uma tarde chuvosa. Lábios partidos e outros hematomas. Mancando levemente. Caiu do skate, foi o que contou na escola. Retomamos a camaradagem de sempre sem sequer tocar no assunto. Ele só queria saber das partidas finais, dos placares, da cara de tacho da dupla da rua de cima quando perdeu para nós. Satisfiz todas as vontades dele contando diversas vezes como tudo tinha acontecido. Fomos amigos ainda por alguns anos, até que acabamos perdendo contato quando os interesses e os endereços divergiram.

Recentemente, em virtude do isolamento proporcionado pela pandemia, acabei fuçando mais do que o normal nas redes sociais e encontrei o Carlinhos. Fiz contato com ele e decidimos por um encontro em um bar em um horário em que poderíamos ficar isolados.

Chegamos. Acenamos com a cabeça. Mantivemos as máscaras.

Era o velho Carlinhos de sempre.

Sr. Carlos Alexandre, na verdade. Depois de alguns momentos, nos quais parecia não haver o que falar, começamos a bater papo. Ele estava bem, tinha um bom emprego e uma boa família. Tentei tocar no assunto do campeonato de taco. Senti as suas veias do pescoço se crisparem e uma tristeza no fundo dos olhos.

Vi o Carlinhos menino de novo.

Mudou de assunto e retomou o ar de felicidade.

— Os últimos anos não foram fáceis — disse ele. — Mas depois de todo o treinamento que eu tive na nossa velha rua, era de se esperar que eu sobrevivesse, não?

Acho que eu nunca havia visto o Carlinhos gargalhar como via agora. Sobreviver fez bem a ele, o que é óbvio, mas o que quero dizer é que o sujeito parecia ter finalmente compreendido o quão bem-

Carlinhos

Carlinhos

sucedido ele era por ter deixado para trás todo aquele sofrimento da infância (e da adolescência, provavelmente) sem ter se tornado uma pessoa amarga e ranzinza ou alguém que repetisse com os filhos tudo o que passou. Só de estar com ele ali, naquele clima de camaradagem, também eu me senti um vencedor.

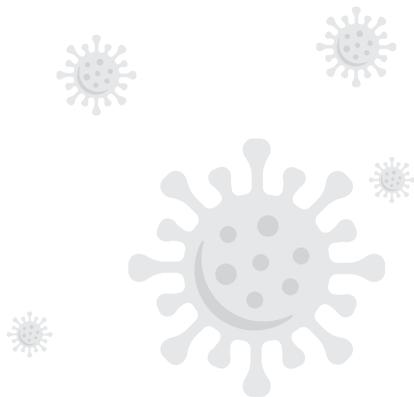
Sobrevivemos à infância, à adolescência e agora à pandemia. Não precisávamos dizer, mas sabíamos que éramos dois vitoriosos conversando.

Nos despedimos com promessas de um reencontro em breve, dessa vez acompanhado das famílias.

Assim que o vírus permitisse.

Mas era questão de tempo, sabíamos disso.

Carlinhos



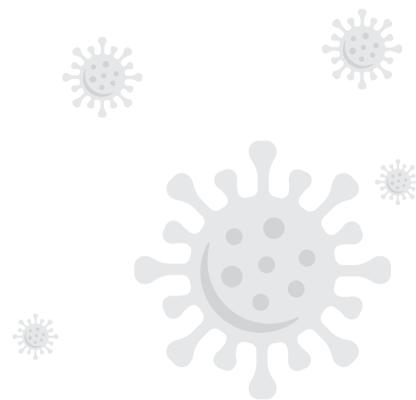
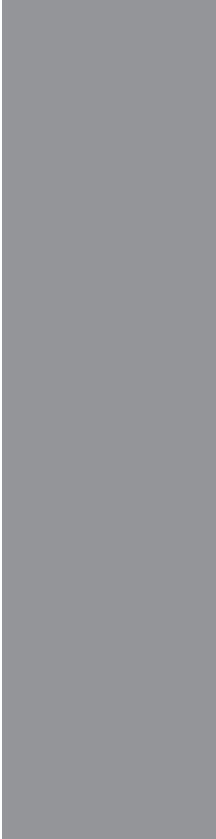
Cintia Moscovich é escritora, jornalista e professora de oficinas de criação literária. Autora de oito livros individuais, entre os quais *Por que Sou Gorda, Mamãe?* e *Essa Coisa Brilhante que é a Chuva*. É publicada nos Estados Unidos, Alemanha, Suécia, Espanha, Portugal, Itália, França, Argentina e Uruguai. Mereceu os prêmios Açorianos, Jabuti e Portugal Telecom. Foi patrona da 62ª Feira do Livro de Porto Alegre. Cintia ama escrever e diz que é só o que sabe fazer direito na vida.



Crédito foto: Maria Elisa Faccioli

Cintia Moscovich

Cintia
Moscovich
57



Terra de gigantes

Terra de gigantes

Ana sempre contava que seu caçula havia nascido com três quilos e duzentos gramas depois de um trabalho de parto que levava quase um dia inteiro. Ela também contava que a gravidez tinha sido tranquilíssima, exames sempre dentro dos parâmetros certinhos, tudo na paz como se esperava para uma pessoa ativa como ela, professora de pilates e de dança. A única coisa que inquietava Rui, o pai, eram os desejos de comer coisas esquisitas que Ana começara a sentir assim que a barriga começou a ficar maiorzinha e que obrigavam o coitado a sair das aulas que ele dava no clube ou escola e ir ao mercado várias vezes ao dia — desejos que ela não havia tido na gravidez anterior, quando nasceram os gêmeos.

O cardápio da gravidez de Ana incluía:

sorvete de creme com linguiça e ovo frito;

bolo de milho com pipoca e feijão mexido;

goiabada com cebola e salada de tomate com banana;

isso tudo sem falar naquele polvo grelhado com chuchu e amêndoas torradas, ingredientes caríssimos e que tinham que ser buscados no mercado central.

Fora isso, a mãe comentava, fora a meleca a que ela sujeitava o pai e os gêmeos em todas as refeições — ela não sentiu enjoo um único dia e nunca deixou de cozinhar, porque era uma cozinheira que fazia coisas maravilhosas usando poucos ingredientes —, nada indicava que seu terceiro filho homem, que se chamaria Léo em homenagem a um trisavô falecido, seria como seria.

De parto normal, Léo veio ao mundo já chorando e exigindo o peito da mãe. Desde as primeiras horas de vida, mostrou-se simpático, feliz e esfomeado. Ao longo do tempo, uma coisa, no entanto, passou a preocupar os pais: Léo não crescia. Ao menos não crescia como haviam crescido seus dois outros irmãos, os gêmeos Luciano e Leonardo, que, aos três anos, quando Léo nasceu, já anunciavam que seriam tão altos quanto o pai, que havia se notabilizado como cestinha na seleção brasileira de basquete.

Cada vez mais atarracado, Léo custou a caminhar e preferia se locomover arrastando a bunda pelo chão. Quando finalmente caminhou, as perninhas pareciam muito curvas e grossas demais para poucos músculos. Os bracinhos também eram curtos e roliços, os dedos das mãos e dos pés pareciam encurtar a cada dia, os pezinhos se tornaram como dois bolinhos. A cabeça, essa crescia de maneira desproporcional ao corpo. Contra a vontade da mãe, que achava tudo

Terra de gigantes

lindo e normal, e apesar do pai concordar com o médico mas ficar de boca fechada todo o tempo, o pediatra ficou insistindo e insistindo em fazer exames. Que afinal foram feitos e que levaram ao diagnóstico.

Nanismo.

Mesmo sem ter ninguém na família do pai ou da mãe com o transtorno, Léo era anão.

Anão.

Palavra que, logo descobriram, não deveriam usar, porque tinha uma carga pejorativa enorme, carregada de preconceito.

O filho baixinho de Ana e Rui não deveria ser chamado de anão em hipótese alguma: seria só o filho pequenininho, verticalmente prejudicado, de baixa estatura, no máximo “baixinho” — ao contrário dos gêmeos, que mais pareciam dois jerivás.

Aos dois anos e meio, quando todos se preocupavam porque ele também já custava a falar, a primeira palavra que Léo conseguiu pronunciar não foi nenhuma das que as crianças normalmente pronunciam. A primeira palavra foi:

— Anão.

Os pais se apavoraram mas não o corrigiram, com medo de que, com a censura, ele ficasse sem falar para sempre. Logo, para felicidade geral, ele falou “mamá” e “papá”. Várias vezes ele apontava o dedo para a própria barriguinha e falava:

— Anão.

Fora esses rompantes que deixavam todos muito nervosos, os pais foram adaptando toda a casa para as necessidades do pequeno. A cama tinha degraus para subir e descer, os armários passaram a ser mais baixos que de costume, a pia do banheiro ganhou escadinhas para facilitar o acesso, sofás e poltronas tiveram os pezinhos arrancados ou serrados. As roupas e sapatos de Léo eram sempre comprados na seção infantil, com bainhas feitas com cuidado e esmero. Suas leituras de infância incluíam *O pequeno polegar*, *João e o pé de feijão* e *As viagens de Gulliver* — livro pelo qual Léo tinha verdadeira paixão. *Branca de Neve e os Sete Anões* foi banido de casa.

Apesar de todo o esforço dos pais e dos irmãos em tratá-lo de forma digna, Léo se ressentia de ser baixinho numa família de pessoas muito altas. Detestava ir ao colégio e sentar na primeira fila para ter uma visão adequada do professor e do quadro, quase não tinha amigos na aula ou no bairro e preferia ficar entocado em casa a ter que sair com seus pais e irmãos — todos ficavam olhando a cena dos grandões com o polegarzinho. Uma coisa o consolava: ele

Terra de gigantes

sabia que o pai, a mãe e os gêmeos o amavam com um sincero amor gigante.

Naquela tarde, quando, tomando seu nescauzinho e comendo uma fatia de bolo de cenoura, Léo escutou da mãe, que chegou em casa toda esbaforida, que não haveria mais aula por um tempo que não se sabia qual era e que iam dar um jeito de frequentar o colégio através da internet, ele não acreditou na sorte. Não sair de casa, não se expor em público, não carregar uma mochila maior do que ele mesmo, não se sentir um pintor de rodapé: aquilo parecia o melhor dos mundos.

O grande problema, e ele logo se deu conta, era que seus irmãos também não iam sair de casa. E o pai e a mãe iam ficar o dia todo trancados com os filhos. Todos almoçariam e jantariam juntos e todos dependiam de um computador e de uma impressora bem antigos que ficavam na sala e que eram usados mais ou menos por ordem de chegada — os gêmeos sempre davam um jeito de chegar na frente e, como sempre alegavam que não tinham tido tempo de fazer as tarefas no computador do colégio e sempre tinham trabalhos para entregar e, ainda mais, estavam por entrar na faculdade, ganhavam o direito de usar o tempo que precisassem. Léo, que era menor, sempre podia esperar.

Os primeiros dias de aula por internet não deram muito certo. O pai, que dava aula de Educação Física na mesma escola em que os meninos estudavam, bem que tentou ajudar, mas não entendia muito bem como colocar os dois gêmeos na mesma aula ao mesmo tempo e, muito menos, como fazer o caçula entrar naquele negócio só com um celular com memória muito pequena. Os gêmeos acabaram pedindo emprestados dois tablets do vizinho do 701 e Léo tentava assistir as aulas no celular da mãe, que era melhorzinho.

Embora caótica, como andava a vida de toda a humanidade, a pandemia seguia na casa dos meninos. O salário do pai foi cortado pela metade, assim como o salário de todos os funcionários do clube e da escola em que ele dava aula. A mãe se virava como podia, dando aula de dança e de ginástica localizada por Zoom na academia perto de casa. As aulas de pilates haviam se tornado impraticáveis.

Até que veio a notícia bombástica: a academia da mãe ia fechar. Adeus, aulas por

Terra de gigantes

Zoom. Adeus, emprego.

O pai teve um piti:

— Eu já estava desesperado porque tinham cortado todos os salários dos funcionários do clube e da escola. Como vamos fazer sem o seu salário, Ana?

A mãe sentou-se ao lado do pai. Não se preocupou em disfarçar as lágrimas:

— Dois desempregados para sustentar três filhos. Até quando vai essa pandemia?

Todos sentaram em torno da mesa, desolados. Léo encostou sua cadeirinha, que era mais alta do que as outras, do lado da mãe, para fazer carinho na cabeça dela. Tinha ouvido falar que carinho na cabeça desperta boas ideias. Deu resultado, porque, do nada, a mãe falou:

— Vou cozinhar e vender quentinhas para fora.

Léo não acreditou no que ele mesmo falou:

— E eu vou ajudar.

Todos olharam imediatamente para Léo. Pareciam surpresos:

— Você vai cozinhar?

Léo fez uma careta de que não estava entendendo a surpresa da família:

— Vou ajudar a mamãe. Nas aulas de economia doméstica da escola, aprendemos a fazer pão, bolo e até uma rosca de canela.

O pai não acreditou:

— Rosca de canela? Você vai é se queimar no forno!

Léo desafiou:

— Deixem eu experimentar. Além do mais, não é porque sou anão que tenho que me queimar no fogão.

A mãe, que já estava suficientemente apavorada, falou:

— Meu filho, meninos de 14 anos não cozinham. Depois, minha ideia é fazer comida trivial, montar as quentinhas e vender para os vizinhos. No futuro, quem sabe você faz seus pães e bolos?

Léo consentiu. Sem muita convicção, mas consentiu. Tinha uma coisa:

— Já tenho planos para fazer o negócio de quentinhas da mãe bombar.

Todos se olharam sem entender nada. Léo explicou:

— Hoje em dia tudo é marketing. Vocês nunca ouviram falar que a propaganda é a alma do negócio?

Terra de gigantes

A mãe dos meninos teve uma crise de choro. Soluçou até ficar sem ar.

Passado o susto, tinha chegado a hora da vida prática. Dona Ana providenciou panelas daquelas enormes, de quartel, e, já na segunda de madrugada, estava cozinhando uma grande quantidade de arroz, feijão, frango frito, farofa e quiabo. Montou umas cinquenta quentinhas muito bem fornidas, que até as 11 da manhã foram distribuídas de graça, como chamariz, no prédio e também na vizinhança, acompanhadas de um folheto. O folheto tinha sido um capítulo à parte: Léo passou dias elaborando textos e desenhos, diagramando isso e aquilo, testando fontes de letras e ilustrações, gastando centos de papel e cartuchos de tinta na impressora de casa. Mas isso, a ganstança, não era nada: o problema foi a discussão em torno de termos politicamente incorretos, que a mãe e o pai rejeitaram mas que ele insistiu e insistiu em manter, alegando “razões mercadológicas”. O tal folheto anunciava as

QUENTINHAS DE GULLIVER, DELÍCIAS GIGANTES COM PRECINHOS DE ANÃO

O folheto explicava que a comida era caseira, com ingredientes naturais, que era feita por uma mãe de dois gêmeos e de um anão, que ela estava sem emprego e que o cardápio do dia estaria disponível no Facebook, no Instagram ou, para quem quisesse, seria enviada uma mensagem de WhatsApp, era só se cadastrar. Ah, o folheto jurava que os preços eram mesmo de Lilliput.

Claro que a discussão na casa girou em torno daquilo de ela ser mãe “de gêmeos e de um anão” — Ana não gostou nem um pouquinho. Léo explicou:

— Mamãe, qualquer mulher pode ser mãe de três filhos. Agora, ser mãe de dois gêmeos e de um anão bem poucas mulheres conseguem.

O assunto foi encerrado por ali mesmo.

Na terça-feira, o relógio não tinha dado nem oito horas e o WhatsApp já registrava nove pedidos de informações do cardápio do dia, seis pedidos de quentinhas, nove sugestões

Terra de gigantes

para pratos novos e 36 pessoas com nanismo protestando contra o uso da palavra “anão” no folheto. No Facebook do Quentinhas de Gulliver, já havia vinte pedidos até as nove da manhã, mesma quantidade no Instagram. Quarenta e quatro mães de crianças com nanismo protestavam contra o uso da palavra “anão”. Setecentos e setenta e duas mães de pessoas com baixa estatura se solidarizavam com a mãe desempregada.

Os vizinhos do edifício comentavam que era mais em conta comprar as Quentinhas de Gulliver do que cozinhar em casa, com o adicional de que o feijão era dos deuses. A livraria do bairro, que ficava fechada e só recebia pedidos por WhatsApp, começou, de uma hora para outra, a receber várias encomendas de *As viagens de Gulliver*, o livro de Jonathan Swift e que era um dos queridinhos de Léo. Alguns vizinhos até lembravam que tinha virado série de televisão.

Léo fez um vídeo em que aparecia de corpo inteiro e que publicou em todas as redes sociais. Nele, se desculpava pelo uso da palavra “anão”, que ele havia usado no folheto de divulgação da empresa de quentinhas da mãe. Mas, como todo mundo podia ver, ele mesmo não era um gigante, aquilo era uma estratégia de marketing e que a palavra “anão” não tinha nada demais: ruim mesmo era agir com preconceito. Explicava que a palavra cão não mordida e que chamar alguém de anão não transformava ninguém em desgraçado. E prometeu que quem comprasse 15 refeições do Quentinhas de Gulliver ia ganhar uma sobremesa de brinde.

A mãe e o pai não entenderam de onde o filho tinha tirado tudo aquilo, mas gostaram da coisa da palavra cão não morder. O vídeo teve milhares de curtidas e de compartilhamentos. Em pouco tempo, Léo tinha virado o “Anão das Quentinhas”. E os pedidos começaram a bombar.

O inesperado do “cliente frequente” deu um pouco de trabalho, mas o fato é que os pedidos aumentaram, e muito.

Com o aumento dos pedidos, surgiu o primeiro problema: como entregar as quentinhas para que chegassem realmente quentinhas e a tempo do almoço na casa dos clientes? Os gêmeos e Rui colocavam duas máscaras cada, se tapavam de álcool em gel e saíam pela redondeza com cestas cheias de quentinhas, que eram embaladas num equipamento recém-comprado. Mesmo assim, não davam conta. Foi Léo quem teve a ideia: foi até o mercado, pediu emprestado um daqueles carrinhos de compra e, entregando o carrinho para os irmãos, sugeriu que entregassem as encomendas usando o novo meio de transporte — ele não poderia

Terra de gigantes

dirigir, porque nem alcançava as alças. O trabalho começou a andar mais rápido, embora ainda não o suficiente.

Os vizinhos também passaram a comentar que receber a refeição das mãos do filho menor da dona Ana era uma graça, porque o menino era gentil, educado e sempre comentava alguma coisa sobre o tempo, a pandemia, as vacinas. E todos queriam receber a sobremesa depois de completar os 15 pedidos.

Foi por essa época que Léo descobriu na internet o Somos Todos Gigantes, site dedicado ao nanismo e, melhor, com propostas para que pessoas baixinhas pudessem ter oportunidade de emprego. Léo teve a ideia: chamaria vários meninos e meninas com nanismo para fazer entregas, e o que era um problema e um constrangimento poderia ser um impulso para o negócio. Com a ajuda do pai, ele criou as condições para a seleção: os candidatos deveriam ser maiores de 18 anos, ter seu próprio skate ou bicicleta ou patinete adaptados, boa mobilidade, grande poder de comunicação e interesse por gastronomia, além de apresentar um currículo compatível.

Dos 35 candidatos que se apresentaram, Rui e Ana escolheram oito, que lhes pareceram despachados e simpáticos. Na primeira manhã de trabalho, os meninos saíram juntos para as entregas, que foram limitadas a um raio de sete quarteirões do edifício da família: todos vestiam camisas e máscaras verdes, que passou a ser a cor do povo de baixa estatura. Nas costas, tinham o monograma QG — de Quentinhas de Gulliver — aplicado. Acostumados a se movimentar com todo o tipo de obstáculos nas ruas, e com as ruas quase vazias por causa da pandemia, entregavam as encomendas em tempo recorde.

Nem bem dois meses de negócio se completavam e Léo já fazia seus bolos e rosquinhas de canela, sob supervisão cerrada da mãe, que tinha pânico que o filho se queimasse. Mas Léo, que havia colocado uns banquinhos diante da pia e do balcão da cozinha para ter acesso mais cômodo aos apetrechos de trabalho, demonstrou tanta habilidade com farinha, açúcar e ovos, abria massas com tanta facilidade, tudo saía tão delicioso do forno, o apartamento ficava tão perfumado de canela e outras iguarias das formas que assavam, que logo todos se acostumaram à ideia — e Léo ganhou um forno elétrico que foi instalado na área de serviço, para que fizesse seus doces, oferecidos de brinde aos clientes que completavam as tais 15 refeições. Suas rosquinhas de canela, que apelidou de “Canelinhas de Lilliput”, começaram a ter grande procura.

Terra de gigantes

Como a cozinha de casa ficou pequena para o empreendimento, Ana alugou uma loja ali perto e instalou uma cozinha industrial. Contratou três ajudantes de baixa estatura e mais entregadores. Começou a variar o cardápio, oferecendo produtos sem glúten. Com a ajuda de toda a família, elaborou um pequeno cardápio com alimentos sem lactose e sem açúcar.

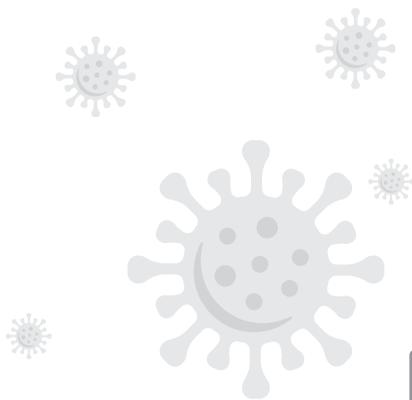
Quando a pandemia deu sinais de arrefecimento, por sugestão de Léo, a loja se transformou num restaurante de comida caseira, o “A Taverna de Gulliver”, notabilizado por seguir todos os protocolos de higiene e, mais importante, acessível a cadeirantes, pessoas com deficiência visual, auditiva, com necessidades especiais, obesos mórbidos, nem tão mórbidos assim, com banheiros sem gênero, *pet friendly*, com uma ala da cozinha dedicada a veganos — só não era permitido fumar ou consumir qualquer tipo de bebida alcoólica. Um setor do restaurante foi construído com mesas e cadeiras para pessoas com baixa estatura e, no bufê, que era servido por funcionários paramentados, um estrado fazia com que os clientes mais baixos pudessem ver tudo o que estava à disposição para ser servido. À tarde, funcionando como cafeteria, A Taverna de Gulliver passou a fazer sucesso com as mini e micro porções de doces variados e com os biscoitos de canela. Léo inventou o “Sonho do Pequeno Polegar”, uma espécie de doce de ovos com coco queimado e calda de bergamota e também uma sobremesa chamada “Branca de Neve e os Sete Anões”, que era um pudim de claras servido com sete colheradinhos de doce de leite.

Os gêmeos foram admitidos na faculdade de Educação Física e Léo retomou as aulas com muita vontade de estudar, decidido a cursar duas faculdades no futuro: Marketing e Gastronomia, se possível as duas ao mesmo tempo. Na escola, foi recebido com muito amor e camaradagem por todos os alunos e professores, todos muito fãs d'A Taverna de Gulliver, que hoje em dia já é conhecida, com carinho, como o “restaurante dos anõezinhos”.

Na semana passada, uma nova aluna foi admitida na escola, na mesma classe de Léo. Ela vem de uma família de deficientes auditivos, domina como ninguém a linguagem de sinais e Ana já pensa em convidá-la a ajudar no restaurante, traduzindo os pedidos dos clientes que não escutam ou falam.

O nome da menina é Lia, tem exatos oitenta centímetros de altura e fica ainda mais linda quando sorri.

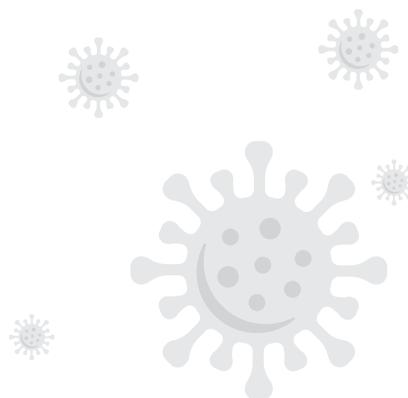
Dani Langer



Crédito foto: Divulgação

Dani Langer nasceu em 1978, na cidade de Porto Alegre, e se dedica à literatura. É mestre em Escrita Criativa pela PUCRS e tem contos e resenhas publicados no Brasil e na Alemanha. Coorganizou *Por que Ler os Contemporâneos? Autores que escrevem o século 21* (finalista do Prêmio Açorianos de Literatura 2015, na categoria Ensaio de Literatura e Humanidade) e é autora do livro de contos *No Inferno é Sempre Assim e Outras Histórias Longe do Céu*.

Dani
Langer
67



Mais velho
e mais
vivo que
nunca

Dani
Langer
68

Mais velho e mais vivo que nunca

Enquanto o sobrinho sobe os dois lances de escada, Heitor abre as persianas da sala para a claridade do meio da manhã renovar o ar do apartamento. O rapaz deixa os sapatos do lado de fora da porta e entra de pés descalços levando, além da mochila, duas sacolas de tecido. “Tua mãe acha que passo fome”, Heitor aponta para os volumes. Desde que ficara viúvo, e isso foi uns seis meses antes do mundo fechar as portas por causa do novo coronavírus, a irmã o enchia de comida. “Sou só o emissário, guarde as armas, ok?”, o rapaz se desculpa ao tirar de uma das sacolas uma vira-lata. Deposita o corpinho caramelo e com pelo de arame no chão. As patas curtas tremem. Os olhos de bolitas circulam pela cozinha e param em Heitor, que dá um passo para trás antes de perguntar o que estava acontecendo. “Tu conhece a mãe, né”, apesar de sério, percebia-se pelo olhar que ele achava graça, “só descansou quando concordei em te trazer essa companhia”.

“Tua mãe pensa que vou ficar com ela? Não quero cachorro nenhum em casa.” O jovem franze a testa e dá de ombros. Heitor conhecia a irmã há mais tempo, portanto. “Essa é uma pergunta retórica, né, tio?”

Mais velho e mais vivo que nunca

Além disso, faz bem ter, sei lá, tipo alguma coisa viva para tomar conta.” Heitor retruca que cuidava das plantas e arranca uma gargalhada do sobrinho. “Uma coisa viva que responda.” diz o jovem. “E desde quando um saco de pulgas responde?” São interrompidos por um latido estridente. O filhote dá um passo na direção do dono da casa e deita, oferecendo a barriga. “Ó aí. E é despulgada, desverminada e provavelmente tem mais saúde do que nós.” Ignorada, a cachorrinha volta para as quatro patas, levanta as orelhas, ajeitando a cabeça de lado como uma pelúcia.

“Um bicho é o maior presente de grego.” O jovem pergunta se ele lera aquilo na internet, “no reino das verdades absolutas da internet”. O sobrinho era tão debochado quanto a mãe. Heitor crescera ouvindo aquele tom irritante. Contudo, uma verdade: havia muita besteira nas redes e, depois que a covid-19 espalhara-se no planeta, a porteira das aberrações parecia escancarada — informações falsas sobre o vírus, mentiras fomentadas pelo próprio governo, promessas de tratamentos mágicos e sem comprovação científica, fora uma verdadeira cruzada antivacina. Heitor observa o sobrinho. Além do deboche, os olhos do rapaz eram cópias dos olhos da irmã — que, por sua vez, eram cópias dos seus. Pálpebras levemente caídas, sobrancelhas grossas, fios rebeldes nas pontas. Se tivesse tido um filho, a criança herdaria suas características ou teria os olhos arredondados e as sobrancelhas definidas da mulher?

A visitante puxa Heitor do devaneio com outro latido, esse mais baixo, interrogativo. Enquanto isso, o sobrinho seguia o discurso: vira-lata bem educada, já aprendera a usar o tapetinho higiênico, “mas é bom passear com ela uma ou duas vezes por dia, pode ser melhor do que caminhar na esteira, né?”. Além de uma coisa viva saída sabe-se lá de onde, o guri ainda o presenteava com ironia. Realmente, abdicara dos passeios no parque e comprara uma esteira elétrica, mais ou menos na época em que imagens das cidades fantasmas e de golfinhos nadando nos canais de Veneza viralizaram. Passados mais de dois anos, quando a vacinação avançou e as pessoas voltaram a circular nas ruas, já se habituara às

caminhadas em frente à TV. O hábito, essa coisa que nos agarra pelo comodismo, pensou Heitor. “O senhor precisa voltar a uma rotina mais social, tio. Aprender a conviver com o vírus” disse o sobrinho. “Leu na internet?” Aproveitou para devolver o tom jocoso.

“Não vou ficar com ela.”

O jovem, de mochila nas costas, calça os sapatos no corredor. “Até eu voltar, vai”.

A manhã congelara no pequeno apartamento. Feito uma fotografia, o homem, recostado no batente da porta da cozinha, espiava a cachorrinha que não tinha medo. Alheia ao pequeno drama que se instalara com a sua chegada, observava os azulejos como se esperasse por comida. De repente, levanta e saltita no piso desconhecido, como se as patas molhassem ao tocar na textura fria da cerâmica. Senta-se junto aos pés de Heitor que, hesitante, baixa a mão, sobreviveu a muita coisa até ali para ser mordido por uma cusca. Ganhou uma lambidinha. “Tudo bem, fica aqui, ok? Vou fazer as minhas coisas e tu fica por aqui enquanto o guri destrambelhado não volta.”

Decidido, Heitor volta ao posto de viúvo aposentado e tenta recuperar a normalidade da manhã, quando uma lufada de vento faz tilintar o sino da sorte pendurado na janela. Ele achava sino da sorte uma

coisa das mais bregas, mas aquela era uma das peças preferidas da mulher, um souvenir de viagem. A maioria das coisas dela ainda estavam lá. Apesar das sugestões da irmã de que ele precisava repaginar, dar uma cara pessoal ao apartamento, Heitor não mexera em praticamente nada desde que Glória morrera. “Glorinha não iria se importar”, insistia a irmã. Heitor e a esposa sempre riram porque somente a cunhada chamava Glória no diminutivo. Ela era mais baixa do que ele, mas apesar do tipo físico, para Heitor, a esposa sempre fora enorme. Glória teria aprovado a hóspede improvável. Pensou não em forma de pergunta, mas de afirmação. “Que loucura”, murmura enquanto enche a chaleira de água para um mate. Baixa o apito da chaleira e, com regador nas mãos, volta para a sala a fim de molhar as plantas.

No fundo, sabia que o sobrinho não voltaria tão cedo. O saco gigante de ração era um presságio, bem como os três brinquedos de morder. Para completar, havia uma lista junto às compras: “TUDO O QUE VOCÊ PRECISA SABER PARA CUIDAR DA BEBÊ”. Definitivamente, aquela bobagem só podia ser coisa da irmã. E se fosse uma prova, um teste para saber se Heitor mantivera a sanidade durante os últimos anos? Ela era capaz de qualquer coisa. Pois não tinha, durante a pandemia, sugerido que ele fosse morar em sua casa? “Podemos ajeitar quarto e banheiro na garagem, tu teria privacidade.” Cada ideia! Bom, se tudo fosse um teste, não seria reprovado. Não aceitava o presente, por óbvio. Agora, perder uma disputa entre irmãos, ah, nunca! Além do mais, não poderia ser tão difícil, a cusquinha parecia ser boazinha, pois enquanto zanzava para lá e para cá, o pacotinho peludo dormia no tapete ao pé do fogão. “Pelo menos é uma novidade, Heitor”, diz para si mesmo, mas, no fundo, ouviu a voz de Glória lhe soprando no ouvido.

Quando a chaleira apita, volta rápido à cozinha. Não quer correr o risco de acordar o filhote. Na cuia, a erva cevada recebe a bomba e se acomoda com o contato da água quente. Sorve o primeiro gole estalando os lábios, senta-se e abre um livro. Acostumara-se a matear sozinho e agora estranhava outra respiração no cômodo. Esforça-se para ignorar a

visitante que ressona, mas volta e meia busca o corpinho caramelo com o canto dos olhos. Aos poucos, o líquido amargo lhe aquece o corpo e as ideias. Quando a térmica ganha a leveza das coisas vazias, Heitor se espreguiça. Por fim, conseguira se concentrar na leitura, pois não percebeu que a cachorrinha despertara. Encontrou-a na porta do quarto, a um metro e meio de uma poça de xixi, e a levou até o tapete higiênico estendido na área de serviço. No caminho, a barbicha do focinho lhe fez cócegas no braço. “Aqui, o xixi é aqui.” Deixa o animalzinho sobre a superfície limpa. Ela o olha, dá uma volta em si mesma e deita, oferecendo outra vez a barriga. Suspirando, ele faz um agrado na pancinha redonda.

Depois de limpar o xixi, não era uma poça tão grande, Heitor prende a guia na coleira e desce as escadas com a visitante no colo. Na calçada, ela saltita até o canteiro mais próximo, abaixa o traseiro e faz cocô. Recolhe os dejetos com um saco plástico “biodegradável”, segundo o sobrinho, e sente o celular tremer no bolso. Mensagem da irmã perguntando como estavam as coisas. Envia um áudio, “não vou ficar com animal nenhum”. Como resposta, recebe um emoji de positivo e um emoji de carinha mandando um beijo de coração. “Essa tua tia me deixa doido”, diz puxando um pouco a guia e estancando. Estava conversando com uma cachorra e dizendo...? Realmente, a irmã o enlouquecia.

Há quanto não caminhava sem um destino específico? Automóveis parados na sinaleira, pedestres cruzando a faixa de segurança, os transeuntes distraídos em seus papéis. Percebe que boa parte das lojas fecharam, mas, diferente do início do confinamento, parecia definitivo. Depois de mais de dois anos isolado, nem sempre é fácil lembrar como se comportar em público. Heitor deixa-se guiar pelo filhote, que cheira com detalhes os postes do caminho. A barbearia da esquina, onde cortou os cabelos uma única vez depois que a mulher morreu — antes, era ela quem cortava —, fechou. Com o *lockdown*, Heitor aprendera em um tutorial como manter os cabelos em um formato adequado — e a cada dia havia menos fios com que se preocupar. Devem existir milhares de tutoriais ensinando a aparar pelos de cachorro, pensa

Mais velho e mais vivo que nunca

Heitor, afastando o filhote do contêiner de lixo. A loja de doces, um dos comércios mais antigos da rua, também está fechada e, na porta de ferro, se vê uma placa de “vende-se imóvel”. A pizzaria da quadra seguinte permanece aberta, Heitor sabe. Todas as sextas-feiras pede uma pizza média, meia calabresa, meia *margherita*.

Ao voltar para casa, encontra o zelador varrendo o saguão. Cumprimentam-se e, de alguma forma, Heitor sente-se aliviado quando o homem não faz perguntas. “E se ele quisesse saber teu nome, hein?” Heitor solta a visitante e vai lavar as mãos. “Se tu der um nome, ela será tua, Heitor.” Fala para si mesmo, mas, de novo, bem no fundo, é a voz da esposa que ouve.

Conforme especificado na lista “TUDO O QUE VOCÊ PRECISA SABER PARA CUIDAR DA BEBÊ”, mistura um sachê de ração úmida com uma porção de ração seca no pote de inox — mais saudável e ecológico do que o plástico, conforme propagandeou o sobrinho. A cachorra corre em volta dos seus pés, perseguindo o próprio rabo. Enquanto ela come, descongela uma embalagem de feijão e outra de frango. Almoçam juntos.

Talvez fosse a novidade, talvez fosse o choque de enfrentar as ruas depois de centenas de dias vendo o movimento do mundo apenas por telas. Depois do almoço, uma onda de cansaço se enlaça nos tornozelos de Heitor. Um chá de erva-doce e uma sesteadinha caíam bem, admite ao botar uma xícara de água para aquecer — aprendera ainda criança a medir a quantidade de água e não desperdiçar gás. Fecha as cortinas até a penumbra e ajeita as almofadas na poltrona reclinável. Liga a televisão procurando um canal aleatório, alguma voz para embalar o sono vespertino. Escolhe um programa em que a apresentadora entrevista um treinador de cachorros. Poodles, bassês e lhasas faziam truques em troca de petiscos. “Não se preocupe, nenhum é mais bonito que tu”, murmura para a cachorrinha, que se acomodara deitada aos seus pés.

“Nenhuma é mais bonita ~~kkkk~~”, Heitor sussurra com os lábios grudados na orelha de Glória. Abraçados, giram em um salão, rodeados de outros casais. As luzes estroboscópicas imprimem uma textura lisérgica ao ambiente. A mulher ri enquanto o abraça pelo pescoço, os dedos longos lhe acarinhando a nuca. Azul, vermelho, azul, vermelho, amarelo aqui e ali. Fecha os olhos e aspira o perfume da mulher. O corpo de Glória não lhe pesa nos braços, ao contrário, o corpo de Glória é ausência de peso, percebe Heitor. A música de orquestra, a mulher em seus braços vestida de branco, o tecido esvoaçando no giro. Uma, duas voltas, e os versos de *Moon River* repetidos pelos lábios da mulher grudados em sua orelha. Era a música deles, a música do casamento, a música pensada para as bodas de ouro que nunca aconteceram.

Abre os olhos, a pista de dança está vazia e no fundo, onde deveria ser o palco, onde deveria estar a orquestra, apenas um espelho. No reflexo, ele dança com uma sombra de mulher vestida com uma camisola de hospital, dessas abertas nas costas. Azul, vermelho, azul, vermelho, amarelo aqui e ali. Sob as luzes, os dois giram e ele pergunta, os lábios mal se movendo: “Glória, tu está morta, não está”. Sabe que sim, a mulher está morta, ao mesmo tempo que gira em seus braços. Como se trocasse uma estação de rádio, *Moon River* é substituída pelo tilintar dos sinos da sorte. O som cresce mais e mais agudo, o que resta de perfume se esconde no odor de queimado.

Heitor salta da poltrona quando a consciência lhe volta em forma de mordidas, não muito fortes, mas insistentes em suas canelas. A cachorra gane, salta nas patas traseiras como um cão amestrado em

Mais velho e mais vivo que nunca

desespero. Primeiro, pensa estar morto, mas logo em seguida se dá conta de que pegara no sono. A televisão agora transmite um *reality* musical e um participante com voz de crooner canta uma canção antiga. Levanta em meio à fumaça que vem da cozinha, assim como o fedor e o chiado de metal queimando.

Heitor tropeça no filhote e quase cai, correndo em direção ao fogão. Desliga o gás e, com a ajuda de panos de prato, empurra a chaleira incandescente até a pia. Abre a torneira e se afasta com o choque do vapor. O jorro de água resfria o metal, Heitor enxuga o suor e o pavor do rosto. A cachorrinha não se anima a passar do batente da porta, os olhos de bolitas grudados em Heitor, que vê a si mesmo refletido na chaleira. No reflexo deformado e meio chamuscado, as bolsas flácidas de carne debaixo dos olhos escorrem pelas bochechas caídas. Suspira de alívio. Está mais velho e mais vivo que nunca.

Na sala, escancara as cortinas e, com as mãos ainda trêmulas, deixa-se cair no sofá. Fica sentado por um tempo, até perceber que a visitante está ao seu lado e ele passava a mão sobre o pelo caramelo. Permite que o corpinho morno suba para o colo. “Coragem?” Ela responde esfregando o focinho no peito de Heitor. “Acho que sim, Coragem é um bom nome”, sorri. A voz é forte e muito sua.

Mais velho e mais vivo que nunca

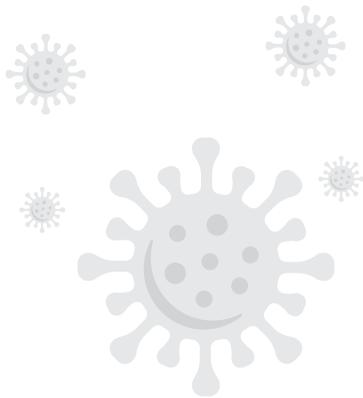
Dilan Camargo

Dilan Camargo publicou vários livros para o público infantil, juvenil e adulto. Recebeu os prêmios Açorianos de Literatura Infantil da Prefeitura Municipal de Porto Alegre e Livro do Ano, nas categorias Infantil, Narrativa Curta e Poesia da Associação Gaúcha de Escritores. Tem livros selecionados para o Catálogo de Bolonha, Itália, e indicados para o Prêmio Jabuti. Patrono da 61ª Feira do Livro de Porto Alegre em 2015.



Crédito foto: Luis Ventura

Dilan
Camargo
77



O grande baile de máscaras

O grande baile de máscaras

Eu estava ansioso para rever os colegas, voltar ao convívio no pátio da escola, nutrir-me de um bocadinho de alegria, de um abraço amigo e de uma nova esperança. Sabia que teríamos que contar e ouvir as histórias marcadas por meses e meses de incertezas, medo, lágrimas, solidão, perdas familiares. Eu caminhava apressado com a expectativa de entrar pelo portão do colégio e me juntar a um grupo de colegas para extravasar a saudade por tanto tempo separados. Tinha consciência de que não voltávamos de férias. Carregava nas costas um peso maior do que o da minha mochila. Voltávamos de um tempo de peste, de uma pandemia agressiva e letal causada por um patógeno, que nem é um ser vivo. Nas aulas presenciais, mantivemos um difícil, mas necessário distanciamento, e o uso de máscaras e de álcool gel.

No pátio da escola, em nossas conversas, predominava o assunto da pandemia. Havíamos visto, diariamente, pelos noticiários de TV e nas redes sociais, as tristes e sofridas imagens dos contagiados, dos que eram hospitalizados nas UTIs e intubados. Víamos a luta intensa e corajosa de médicos, enfermeiras e de outros profissionais da saúde. O número de mortos informado dia a dia era assustador e só pensávamos em nossos avós e parentes dos grupos de risco. Alguns faziam relatos comoventes sobre o que tinham vivido em suas famílias quando alguém precisara ser hospitalizado ou dos que tiveram que ficar isolados num quarto de casa. Pareciam perigosos prisioneiros em solitárias, que recebiam alimentação por uma porta entreaberta.

Essa situação paralisante, somada ao tempo sem aulas, impedia que conseguíssemos retomar o ritmo normal das atividades e do aprendizado. Tínhamos que recuperar o tempo perdido e também complementar os conteúdos das aulas virtuais. Mais do que tudo, precisávamos revigorar a vontade de estudar. Em nossa turma de ensino médio, mais da metade dos colegas ainda não havia retornado às aulas presenciais. Combinamos procurá-los e motivá-los a voltarem, para reacender os sonhos e prosseguir nos estudos. Devíamos completar nosso nível de escolaridade e, quem sabe, conquistarmos uma vaga na universidade. Muitos desistiram e foram em busca de pequenos empregos. Ao menos ganhariam um dinheirinho e poderiam ajudar na renda da família, já drasticamente reduzida pelos efeitos da pandemia e pelo desemprego. Outros desistiram de quase tudo e andavam a vagar pelas travessas dos bairros.

Os professores e professoras perceberam esse estado de desânimo entre nós. Sentiram que precisavam mobilizar as nossas energias e nos proporcionar uma melhor compreensão dessa realidade.

Entenderam que o conhecimento baseado na ciência era o caminho. Foi então que o nosso professor de Biologia elaborou um programa especial de estudos sobre os microrganismos. Ele nos explicou a importância de entendermos as causas da maior crise sanitária de nosso país, para então buscarmos soluções como a única forma de mantermos a confiança no futuro. Começou com o estudo das bactérias que se hospedam em nossos corpos. Depois passou para os vírus. Concentrou-se no coronavírus por sua presença ameaçadora. Esse vírus penetra de modo silencioso e invisível em nosso corpo através da garganta e do nariz e vai abrindo caminho, célula a célula, para se replicar e chegar até o pulmão, o que pode ser fatal para uma pessoa. A peste atacava todos os países e mais agressivamente o nosso. As pessoas deitavam e acordavam com medo, a maioria delas fechadas em suas casas e apartamentos.

Fomos surpreendidos pelas primeiras informações do professor. Se algum colega não estava atento ao que ele iria nos ensinar, após as suas primeiras palavras imediatamente se interessou. Disse que somos portadores de trilhões de bactérias que se hospedam em nossos corpos e que muitas delas são até benéficas ao equilíbrio da nossa saúde. A maior parte do nosso corpo não é humano. Sim. Foi o que ouvimos. Fiquei perplexo, não queria acreditar quando o professor nos deu a primeira aula sobre microbioma, essa imensa quantidade e variedade de microrganismos que carregamos em nossos corpos. Disse que apenas 43% do total das nossas células são realmente nossas. A maior parte é formada por outros microrganismos. Isso quer dizer que a maior parte do nosso corpo não nos pertence. Olhamos uns para os outros, boquiabertos. Essas palavras ressoaram sobre as nossas cabeças, gerando uma assustadora estranheza. Será que biologicamente somos menos do que pensávamos? Além da comoção, essa descoberta despertou fascínio em mim. Mudei completamente a minha percepção sobre o que somos e fiquei curioso em aprofundar esses conhecimentos. O tipo de seres vivos que somos é um assunto mais complexo do que nos parecia. Segundo o professor, já existem pesquisas sobre a medicina microbiana, embora em estágio inicial, que poderão descobrir meios de curar doenças com a ajuda desses microrganismos. Ele reforçou as informações dos cientistas de que, por enquanto, nossas melhores defesas são as ações preventivas, como as vacinas, os cuidados sanitários e o uso de máscaras. Num futuro ainda imprevisível, esses hóspedes indesejáveis deixarão de ser nossos inimigos. "A ciência é um vasto conhecimento acumulado no tempo, que se adquire seguindo métodos e pesquisas que estudam a real natureza das coisas e dos fenômenos", disse o professor. Ele continuou: "Às vezes, é difícil aceitar o que a ciência nos revela, pois ela descreve o que é, e não o que imaginamos ou desejaríamos que fosse. A Terra não é plana, por exemplo. É redonda, é uma bola girando em torno do Sol. Há dois mil anos o grego Eratóstenes já havia provado essa verdade científica com cálculos até hoje impressionantes pela sua exatidão". E completou: "Ainda querem duvidar? Ora, bolas! Estão redondamente enganados", exclamou.

Com certeza, o professor de Biologia e a nossa professora de Língua Portuguesa combinaram entre si uma tarefa de pesquisa para a nossa classe. Não foi coincidência. Logo na próxima aula ela solicitou que fizéssemos um texto sobre as nossas percepções da pandemia. Houve um falatório na turma diante desse desafio. As palavras saíam abafadas pelas máscaras. Soavam como questionamentos nada convincentes, cada um de nós reconhecia. Ela apenas sorria e balançava a cabeça. Sabia despertar nosso interesse e nos motivar sobre esse tipo de assunto da atualidade. A professora anunciou o tema geral: "Memória da pandemia". Ouviu-se um zum-zum na sala. Uns falavam baixo com o colega ou a colega do lado, outros olhavam pensativos para o teto e um distraído perguntou: "Qual é o tema mesmo?". Todos viraram para ele e a professora calmamente repetiu o título. No restante da aula, ela se dedicou a contextualizar os dados, os fatos, as polêmicas que surgiram sobre como enfrentar a doença, os desafios das pesquisas por uma vacina, o sofrimento dos contaminados e dos seus familiares, a postura das autoridades. Indicou fontes de pesquisa e nos deu ampla liberdade para escrever. Poderia ser um texto literário, jornalístico, testemunhal, biográfico, um ensaio. Deu-nos, inicialmente, o prazo de duas semanas. Comecei a escrever.

"Acordei depois de um terrível pesadelo. O que lembro são tristes imagens de sofrimento. Milhares de covas abertas por escavadeiras em espaços do tamanho de lavouras. Mas não se plantavam sementes. Eram corpos sepultados sob a terra seca, em caixões de madeira ordinária. Outros, apenas enroupados em panos brancos, precárias mortalhas com lençóis encardidos. Praticava-se, sem parar, quase o trabalho de uma linha de montagem industrial que produzia mortos e mais mortos. Lembro vozes, exclamações, súplicas para ninguém. Lembro notícias alarmantes, declarações de autoridades afrontando orientações de cientistas especializados, de palavras insensíveis diante das milhares de mortes dia após dia. Uma dessas vozes era a mais perniciosa."

Parei de escrever, indignado com o desdém de algumas autoridades sobre milhares de sepultados. Não conseguia diluir as imagens desse teatro do absurdo. Quantos infelizes sofrem de pesadelos diante da insistência impertinente das mentiras oficiais. Parece que não só a maior parte do nosso corpo não é humana, mas também a nossa consciência.

Acompanhei com atenção o calendário da vacinação esperando pelo dia em que o grupo dos jovens da minha faixa etária seria vacinado. Enquanto isso, pesquisava e escrevia o meu trabalho escolar mais com sentimento do que com informações. Vivia sob o impacto das notícias e sempre com o receio de que sobreviesse uma nova variante. Quanto mais me informava, mais descobria a importância dos pesquisadores que, em silêncio nos seus laboratórios, buscam novas vacinas e remédios para prevenir e combater o vírus.

No dia marcado para a minha vacina, saltei do ônibus na parada mais próxima do local onde iria receber a minha imunização. Logo avistei a fila de jovens. Firmei meus pés na calçada e senti um toque de emoção. Eu iria receber no meu braço uma pequena dose de uma substância capaz de defender o meu corpo contra inimigos invasores. Não era um jogo de computador. Era um jogo de vida. Senti uma vontade feliz de abraçar a todos que estavam na fila.

Na minha vez, fui recebido por uma menina que anotava dados e preenchia os nomes na carteira de vacinação. Quando me aproximei, somente consegui ver os seus olhos negros, que brilhavam. Tive dificuldades em manusear meus documentos porque estava fascinado pelos olhos dela. Notei que ela era mais jovem do que as demais. Sua voz era doce mesmo abafada pela máscara. Sorria diante do meu atrapalho. Via nos seus olhos. Eu só via os seus olhos. Consegui perguntar a obviedade: se ela era enfermeira. Respondeu que era estudante do ensino médio e que estava ali como voluntária. Disse que pretendia cursar Enfermagem. Eu falei que iria cursar Infectologia. Descobri nas aulas sobre microrganismos.

Percebi que eu atrasava a fila, mas perguntei ainda se ela podia tirar a máscara. Ela disse “não, não”, meneando a cabeça. Eu não queria sair de perto dela. Entraria novamente na fila e tomaria dez vezes a vacina para tornar a ver os seus olhos. A enfermeira que aplicava as doses já havia me chamado mais de uma vez. A menina me alcançou a carteira e senti que os olhos dela continuavam a sorrir. Meu coração acelerou. Só consegui dizer “seus olhos são lindos”. Ela jogou a cabeça para trás, movendo os seus bastos cabelos negros. A enfermeira que me aplicou a vacina percebeu o meu estado e perguntou: “Você está bem?”. Respondi que agora eu me sentia “vacinado e fascinado”. Ela riu. Foi uma maneira de me desembaraçar apelando para o meu discutível gosto por trocadilhos. Fui saindo e mantendo o meu olhar naqueles olhos, convicto de que eles também me olhavam.

Voltei para casa e me reprovei por não ter sequer guardado o nome dela. No outro dia, decidi voltar àquele local de vacinação. Circulei, procurei uma posição de onde pudesse vê-la e não a encontrei. Pedindo desculpas e abrindo espaço entre as pessoas, me aproximei de uma enfermeira e perguntei pela “voluntária que ontem estava trabalhando”. Respondeu-me que havia sido deslocada para outro posto e que não sabia me informar qual era. Compreendi que seria muito difícil encontrá-la, só mesmo por um lance de sorte. Passei dias e dias remoendo o meu fracasso e me censurando pela falta de habilidade em assuntos tão delicados como a descoberta do amor. Naveguei nas redes, enviei recados indiretos pelo Facebook, acendi alertas e ninguém me socorreu. Ninguém se comoveu com o meu drama, não recebi nenhum sinal de esperança. O final do ano escolar se aproximava e precisei de

grande esforço para me concentrar nos estudos. Não me esquecia daqueles olhos. Precisava descobrir um meio de revê-la. É claro que não podia me queixar da vida. Afinal, ganhara a proteção de uma vacina contra uma das piores pandemias da história. Mas havia perdido a pista do amor já nos seus primeiros movimentos. O movimento dos seus olhos...

No dia da segunda dose da vacina, fui com a expectativa de que a veria no mesmo local da imunização anterior. Decepção. Era uma nova equipe e ela não estava lá.

Até parece que a professora de Literatura Brasileira adivinhou o meu estado deplorável de apaixonado e desiludido. Passou-nos para ler e interpretar o poema *Memória*, de Carlos Drummond de Andrade.

"Amar o perdido / deixa confundido / este coração. / Nada pode o olvido / contra o sem sentido / apelo do não. / As coisas tangíveis / tornam-se insensíveis / à palma da mão. / Mas as coisas findas / muito mais que lindas, / essas ficarão."

Ah! Drummond!

Estou aprendendo que o amor tem o seu tempo, com longas esperas e nenhuma promessa. Serei capaz de persistir nessa elegância de alma que o amor exige?

Passado um tempo, a imprensa informava que cerca de 80% da população já estava com a cobertura de vacinas completa. Os especialistas advertiam que mesmo assim os cuidados sanitários adquiridos deveriam ser mantidos, diante da possibilidade de novas cepas. Um ambiente de esperança se iniciava, mas nos meus dias havia uma ausência. Fiz imensos esforços para concluir os trabalhos escolares e manter os estudos em dia. Ainda precisaria enfrentar as provas finais e garantir a aprovação. Não queria esquecer aqueles olhos negros e a graça daquela silhueta de menina desenhada na minha lembrança. Esperava que a qualquer momento a sua presença se iluminasse na minha frente. Convenci-me de que não era um bom detetive. Procurei tanto por ela e não encontrei nem o rastro do seu perfume.

Fui aprovado nos exames finais da escola. No ano seguinte, já me prepararia para buscar vaga na universidade. Eu deveria estar feliz, mas a tristeza não me largava. Eu me culpava pela falta de impulso diante da descoberta do amor, pela minha timidez de não ter perguntado o nome dela e um contato naquele dia. Eu era um idiota. Eu também me perguntava por que ela não havia me procurado se tinha anotado o meu nome e os meus dados pessoais na prancheta. Essa pergunta despertava em mim uma doída sensação de rejeição. Quantos nomes ela deveria anotar por dia? Por que lembraria logo do meu? O que eu achava que era? Por que ela iria se interessar por um cara feio que só tinha dois olhos à vista? Mas eu lembrava dos olhos dela, do seu jeito. Eu me mostrei atrapalhado naquele momento, reconheço.

Essa foi a imagem que passei a ela. Precisava vê-la novamente para apagar essa péssima impressão.

Um dos meus melhores amigos enviava mensagens para tentar me consolar. Mandava até frases motivacionais babacas copiadas da internet. Não podia reprovar as suas melhores intenções. Ele sabia tão pouco, assim como eu, sobre assuntos sentimentais. Preocupava-se e me fazia convites para sair e tomar um café, dar um passeio de bicicleta, bater uma bola na quadra de esportes. Nada me motivava a sair de casa. Minha mãe me estimulava a me encontrar com os amigos, mas eu continuava fechado em mim. Assistia a algum filme e só via, no rosto de cada atriz, os olhos dela. Ouvia uma música e me transportava para o momento da minha vacina, que eu nunca esqueceria. Queria voltar àquele dia e fazer tudo diferente. Tomaria a vacina, é claro, mas seria menos vacilante e mais decidido. E, agora, não sabia mais o que fazer. Meu amigo continuava na sua missão de me reanimar. Um dia, me enviou um flyer. Nem dei atenção. Desliguei o computador e procurei um livro. A leitura não fluía. Lia e as palavras não me diziam nada. Voltava atrás. Larguei o livro. Alguma coisa havia me chamado a atenção naquele flyer, mas não consegui entrever o que era. Liguei novamente o computador e voltei a visualizá-lo: o anúncio de um “Baile de Máscaras”. Logo pensei que era mais uma bobagem do meu amigo. Até isso? Não se fazem “bailes” para jovens — e não bastava ainda usarmos máscaras diariamente? Passada a minha breve irritação, li o folheto com mais atenção. E, pela primeira vez, algo despertou o meu interesse. Era um baile beneficente. Senti-me mais à vontade porque não era necessário exibir máscaras tipo as dos bailes antigos de Veneza, na Itália. Bastava a máscara comum. E o baile seria animado por uma banda, música ao vivo, e não por um DJ. Combinei com o meu amigo e compramos os ingressos. Resolvi ir por curiosidade e também porque o dinheiro seria destinado a entidades de apoio social.

O local do baile era um casarão no estilo colonial português. Estava esplendidamente iluminado. O brilho das lâmpadas se misturava com os últimos raios do sol ao entardecer. O baile começava cedo, pois não poderia passar das 22h e o número de pessoas era limitado. Na entrada, mostramos nossos certificados de vacinas. Passamos pelo saguão e subimos por uma das escadarias que levava ao salão. A banda tocava músicas tradicionais de bailes antigos. Quase ninguém dançava. A maioria formava pequenos grupos de conversas. Somente alguns pares exibiam as suas habilidades com rápidos e harmoniosos movimentos. Algumas das meninas usavam vestidos longos que farfalhavam ao rodopiarem no salão. Os menos tímidos tentavam imitá-los, tropeçavam, se desconstruíam, dando passos um pra cá, outro pra lá. Os amigos, em volta, aplaudiam e incentivavam essas duplas brincalhonas.

Depois de um tempo, a música parou. Todos se voltaram para o palco. Um homem com trajes elegantes de um mestre de cerimônias aproximou-se do microfone. Saudou e agradeceu a “seleta presença”. Informou que a renda arrecadada no baile seria doada a comunidades atingidas pela pandemia e pelo desemprego.

Aplaudimos.

Pedi atenção para o que iria anunciar. Falou que a banda tocaria, até às 21h, músicas contemporâneas para que todos dançassem, cada um do seu jeito. Foi aplaudido. Pedi especial atenção com um braço levantado. Informou, com ênfase, que nesse horário a música pararia para que todos tirassem as máscaras e revelassem os seus rostos. Houve uma exclamação geral no salão. Eu me encolhi na minha timidez. Não esperava por isso. A música recomeçou e o salão foi contagiado por ritmos pulsantes. Não entrei na pista. Olhei para os lados e vi que alguns também não dançavam. Isso me tranquilizou. Minha distração foi caminhar pelo salão, contornar a pista e me perguntar por que não me deixava levar por aquela energia. Eu já me tornava ansioso por ter que tirar a máscara e não tinha dançado nem uma só vez. A música parou exatamente às 21h. O mestre de cerimônias voltou ao microfone e anunciou que chegara o grande momento do baile. Explicou que aquela brincadeira havia sido pensada para reaproximar as pessoas, distanciadas por tanto tempo pela pandemia. Ele falou alto: "Agora, tirem as máscaras". Permaneci no mesmo lugar. Houve uma algazarra quando todos começaram a fazer o que ele sugeriu. Observava aquela alegre confraternização. Repentinamente, surgida não sei de onde, uma menina postou-se na minha frente. Fiquei desorientado ao vê-la. Com uma voz doce, ela me perguntou: "É você quem um dia me pediu para tirar a máscara?" Surpreso, respondi: "Sim, sim. E também fui eu quem disse que os seus olhos eram lindos". Rimos. Ela perguntou: "Quem tira primeiro?". "Eu", respondi. "Assim você ainda pode desistir".

Olhamos um para o outro com nossos rostos descobertos. Uma linda revelação diante dos meus olhos hipnotizados pelos olhos dela. Percebi que, em seu semblante, não havia nenhum sinal de estranheza ou decepção. Ao nosso redor, alguns riam, balançavam os braços, se abraçavam e confraternizavam. Por um instante, não sabia o que fazer. Então, ela se aproximou e perguntou: "você me abraça?" Estremeci. Suavemente nos abraçamos. Senti a sua leveza e o roçar dos seus cabelos. Respirei o seu perfume. O mestre de cerimônias interrompeu nosso momento ao falar: "o deslumbrante e maravilhoso Baile de Máscaras vai ser encerrado ao som de uma valsa vienense". Ouviu-se um burburinho no salão. Ninguém sabia dançar uma valsa. Mas o que importava para nós? O que valia e nos encantava era o nosso reencontro e o futuro que ele nos mostrava. Daríamos os primeiros passos da nossa história. "Surpresa, galera", falou novamente o animador. "O grande Baile de Máscaras vai se encerrar mesmo é com carnaval." Soaram os tambores, seguidos dos metais. A balbúrdia retumbou no salão e nos contagiou perdidamente. Recolocamos as máscaras. Pulamos e brincamos numa alegria que recriava o mundo.

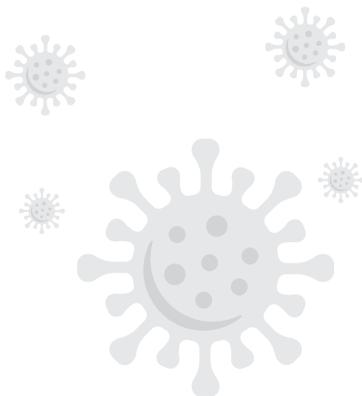
Emir Rossoni é mestre em Escrita Criativa. É autor de *Caixa de Guardar Vontades* — vencedor do Prêmio Açorianos de Literatura e do Prêmio Guarulhos de Literatura como Livro do Ano em 2019 —, *Domanda Nísio* — vencedor do Prêmio Governo de Minas Gerais de Literatura em 2018 e do Prêmio Bunkyo em 2020 —, e *Erros, Errantes e Afins* — vencedor do Prêmio CEPE de Literatura 2020. Ministra, desde 2016, a oficina literária As Duas Histórias do Conto e o curso Escrevendo Sem Inspiração.

Emir Rossoni



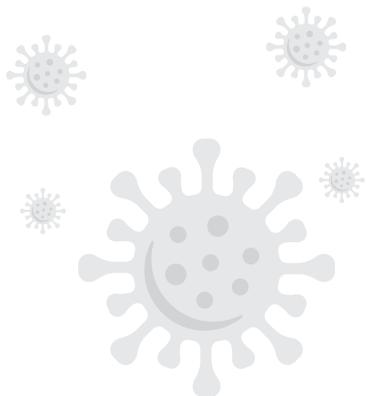
Crédito foto: Divulgação

Emir
Rossoni
86





A última caixa de morangos
nem tão bons assim



Emir
Rossoni
87

A última caixa de morangos nem tão bons assim

Duas caixas, constatei ao fixar os olhos na direção do estoque que tinha para o dia, “só mais duas caixas”, pensei, sem saber bem o significado, por certo eram as últimas e, como todos os últimos itens de um estoque, principalmente quando são itens de um estoque de coisas para comer, nunca são os mais apetitosos, a verdade é que a gente come com os olhos e, se uma caixa de morangos passou mais de dez horas sob um sol de dezembro, pouca gente vai ter apetite por ela, mas eu havia prometido para minha filha que só sairia da esquina depois de dar adeus ao último morango dentro da última caixa.

“Calma, pai”, sempre disse a Helinha, minha filha sempre dizia que as coisas dariam certo, Dariam uma ova, pensei em responder, quando não se tem um emprego, apenas um trabalho que pode render ou não e uma filha estudando e uma mãe velhinha e uma esposa com problema no joelho, o que menos a gente tem é calma, mesmo assim, eu quase acreditava que era possível sossegar quando via os olhinhos puxados dela, eram iguais aos da avó, iguais aos da minha mãe, por isso demos esse nome, porque os olhos das duas eram idênticos, deu pra saber que seriam iguais antes mesmo de abrirem, a gente sabe dessas coisas quando enxerga um bebê, então demos esse nome, igual ao da avó, minha menina sempre foi a Helinha, porque Hélia é o nome da avó e fiquei sabendo depois que todo homem quando tem filha mulher quer dar o nome da mãe, independente da semelhança dos olhos, mas quando a mãe mora com a gente, então duas pessoas com o mesmo nome na casa só dá confusão, por isso existem os apelidos, não chamamos Helinha no diminutivo porque ela é pequena, porque pequena nem é, tem o tamanho da avó que tá cada vez menor, a gente chama assim é pra evitar confusão mesmo.

Sempre achei que fui parar na esquina da Carlos Gomes com a Plínio por pura falta de opção, porém, conforme as coisas foram andando, percebi que não era somente por isso, tive uma vida bem honesta antes do vírus mandar todo mundo se trancar em casa, dizem que quando essas doenças se espalham é melhor não dar brecha, então tranquei tudo, até porque o restaurante em que eu passava quase todo tempo atendendo mesa mandou o pessoal ficar em casa, ganhei ainda uns trocados nos primeiros tempos, diziam que se as pessoas ficassem trancadas em casa o vírus iria embora e logo já daria pra voltar a respirar do jeito normal, mas parece que nossa gente nunca falou a mesma língua do vírus e o tempo passou e a condição de vida foi ladeira abaixo, “calma, pai”, dizia a Helinha, ela ficava lá no quarto em que dormia com a avó estudando pelo celular, a Helinha se virava, a gente que não, então surgiu essa oportunidade na esquina, o dono da Kombi chegava com as mercadorias bem cedinho, ainda escuro, e era bom estar lá pra descarregar e sair oferecendo por entre os carros até acabar ou até os músculos não darem mais conta, no começo, era época de bergamota, já vendi maçã, manga e até lichia, mas o que sai

bem mesmo é morango, quando é época de morango nem adianta ter outra coisa, com a lábua do restaurante eu passo a palavra no freguês, e com a malandragem que peguei na rua, se abrisse uma loja eu ia longe, com recurso montava umas prateleira e enchia de fruta de tudo que é cor, aí sim daria certo, falei isso certa vez pra Helinha.

A Helinha se virava bem em casa, apesar de ficar uns períodos avoada no celular, e foi então que comecei a desconfiar que algo andava fora de mão, ela gostava de ir pra escola, gostava muito, e agora ali trancada no quarto boa coisa não devia de ser, tinha conseguido entrar no Piratini, que criança não ia gostar de estudar no Piratini, nem dava bola pros dois ônibus pra ir e dois pra voltar, apesar que de vez em quando caminhava até a Perimetral pra pegar o T11, “quando não tá quente”, ela dizia que subia a lomba pra economizar um ônibus, o que era bom, porque depois do problema no joelho minha esposa parou de limpar casa de família e o ganho baixou, dava graças que tinha a aposentadoria da minha mãe que garantia uma boa parte do mês em casa.

Se sobrasse algum, dava até pra pensar numa reforma na casa, mas também reformar o quê, é tudo parede com parede, nem dá pra saber a cor das construções, se sobrasse algum dava pra pensar em subir um piso, fazer um quarto pra Helinha lá em cima, fazer uma sala, puxar um terraço, uma churrasqueira, se sobrasse algum.

Todo caso, vendendo bergamota, manga, pinhão, mesmo vendendo lichia, até vendendo morango aos montes nunca daria pra subir um andar, só se fosse com as caixas de isopor que sobram das frutas, e olha lá, já disse pra Helinha, “tu não vai levar a vida que nós leva”, eu disse pra ela, disse quando compramos o celular pra ela fazer as aulas, “tu não precisa levar essa vida”, eu disse, sem saber quantas caixas de morango ainda teria que vender pra quitar o aparelho.

Só que as coisas com Helinha me deixavam acabrunhado, logo falei pra minha esposa “tem coisa estranha”, falei pra ela quando notei a Helinha cada vez mais tempo dentro do quarto, de manhã era quarto trancado pra estudar, de tarde ia comigo pra esquina, mas de noite era quarto trancado e até depois que minha mãe Hélia ia dormir, dava pra notar a luzinha acesa lá dentro e foi por isso que pedi pra minha esposa ficar de olho “cuida dessa menina”, foi bem assim que eu disse na manhã mais fria do ano, eu nunca tinha visto geada em Porto Alegre, e nessa manhã empilhei saco de bergamota sobre o capim duro de gelo e torci pro sol chegar logo e dar um jeito no queixo que não parava de bater.

Nem parece que tanta coisa aconteceu, que ia chegar esse dia, que ia ver as duas últimas caixas de morango, eu havia prometido para minha filha, “só vou sair depois de dar adeus ao último morango dentro da última caixa”, porque não foi fácil, quem via a gente com dez depois de vender uma peça, com vinte depois de vender duas, achava que lá em casa tinha pizza toda noite, mas desses dez conto que custa uma peça só um vem pra nossa mão, um puto conto de dez, dois puto conto de vinte, é isso que vem

pra nossa mão e pra fazer cinquenta conto no fim do dia dá pra imaginar a porrada de fruta que tem que passar, nada é o que parece, quem fica aí na esquina torrando no verão e gelando no inverno não é quem forra o bolso, quem fica aí é só quem faz a mão, porque não sobrou mais nada na vida pra se agarrar, é por isso que viemos parar aqui, e se pra fazer cinquenta conto tem que vender uma porrada de fruta, pensa quando o troço não sai, quando tá tudo fechado, quando o motorista fecha o vidro porque tem medo que tu passe o vírus, que tu saque um ferro, que tu agarre o colarinho dele e o obrigue a comprar bergamota podre, isso acontece todo dia, teve época que cheguei em casa com sete conto, com oito conto, e aí, que merda eu faço com oito conto por dia, nem a condução pra ir e voltar paga, então muitas vezes voltei a pé, e muita vez fiquei devendo pro dono da mercadoria, porque, além de não vender, o produto estragava no sol, ele nem quer saber, “tu pegou, tu é responsável”, então quem se atrapalha nas contas, quem deixa no sol, quem come alguma fruta tem que assumir depois, e eu encarava, encarava mesmo, porque eu sempre acreditei que a Helinha iria trabalhar na sombra, trabalhar sentada, eu ficaria dez ano fazendo isso, mas veria a Helinha trabalhando sentada na sombra depois de formada.

Nunca foi muito de falar, a Helinha, quieta, só que sempre fazendo alguma coisa, com as mãos ou com a cabeça, um pai sabe, por isso quando estava com as mãos quietas eu sabia que a cabeça tava andando por aí, “tá pensando em quê?”, uma noite tive coragem de perguntar, porque mesmo sendo pai tem que cuidar as perguntas fora de lugar, “nada, pai”, mas quem tá quieto sempre pensa em alguma coisa e meu medo era que ela pensasse em coisa ruim, que ali perto da Acadêmicos tava cheio de história de menina à toa, só que até hoje eu prefiro passar o dia a oito conto do que ver filha minha nessa vida.

Se eu abrisse uma loja ia longe, aí sim daria certo, “calma, pai”, sempre vinha a Helinha com essa de calma, e na tevê, na rua, no escambau a povaiada mostrando a garganta seca de fome, a gente é parte dessa povaiada, que calma que nada, “levanta daí”, quando tem criança ou mulher até parece que o freguês acredita mais na mercadoria, o freguês pensa ser mais esperto que quem vende e aí compra, quando é marmanjo tipo eu, apesar da minha lábia, principalmente quando o freguês não conhece, meio que se esquia, mas sempre que vi a Helinha com três rede de bergamota, com uma caixa de morango, me perguntei, “que tô fazendo, me perguntava, porque ela não ia virar doutora oferecendo fruta pra desconhecido, mas também não ia virar doutora de bucho vazio, eu me perguntei o que tava fazendo sempre que via a Helinha me entregando dez conto, trinta conto, “hoje tá rendendo, pai”, ela ficava animada, eu nem tanto.

Essa coisa de aula na internet nunca me convenceu, “aula é aula”, diziam elas, eu não me convencia, como uma criança vai aprender olhando pro celular, sem professor escrevendo no quadro, sem aluno fazendo pergunta, sem aluno fazendo bagunça, e como a professora vai saber se a menina tá prestando atenção ou tá dormindo a manhã inteira?, por isso eu ia escabreado pra venda, “presta atenção

nessa guria”, era a recomendação pra quem ficava em casa, toda hora no rádio se escutava história de gente perdida por causa do celular.

Mas não dava pra encucar nisso, se eu fosse cuca dura nem de casa saía, ficava é de olho na moleca, e de olho na casa, a vontade era de subir um piso, se sobrasse algum, fazer quarto pra Helinha lá em cima, fazer churrasqueira, a verdade é que não sobrava nem pra tapar goteira, toda vez que chove a mesma ladainha, pano e balde e arrastar de móvel, toda hora que chove, já veio conhecido que é pedreiro, que já fez até casa nas Três Figueiras, e ninguém descobre de onde aparece essa pingação, se eu fosse cuca dura nem mais de casa saía, ficava só de olho nessas questões, o fato é que não sou nem cuca dura e nem mole, porque se fosse mole já tava é de trouxa na rua, livre de amarração.

“Não tem bergamota hoje?”, parece que pedem só porque enxergam que não tem, “só morango, senhor”, e é assim o tempo inteiro, se eu apareço com uma rede de bergamota numa mão e uma caixa de morango na outra, aparece o louco lá do meio “e milho verde, não tem?”, mesmo sabendo que nem é época de milho verde, bem quando não é época de pinhão, de uva, é que pedem “tinha semana passada”, semana passada um culhão, tinha três meses atrás, nem dava trela mais, no começo me raivejava, mas aprendi a controlar os nervos, por isso que penso, eu com uma loja, todo dia na sombra, uma fruteira, tudo organizado nas prateleiras ia dar sucesso.

Eu respirava, o lance é respirar devagar e piscar os olhos depressa, quem consegue fazer isso não se abala, e foi isso que fiz quando Helinha pediu, pela primeira vez, para ficar estudando também de tarde, ao invés de me ajudar na rua, “e não basta de manhã?”, perguntei, já emendando também que ela passava manhã e noite grudada no celular “é bem importante”, disse a Helinha, então deixei ela em casa, já era quase fim da safra das bergamotas, quase época de morango, pinhão nem tinha mais, e Helinha manhã, tarde e noite com a cara enfiada no telefone, era até estranho ver a guria sem o aparelho na mão, parecia faltar um pedaço dela quando o bicho tava na tomada.

E hoje, depois de vender quase todos os morangos, depois de ver duas caixas, duas caixas somente de morangos bem vermelhinhos que dava gosto de olhar, me pergunto se o que eu fiz foi a melhor coisa e se ter trabalhado por tantos dias com a Helinha foi a melhor opção, a verdade é que eu não podia perder o ponto, então disfarcei, disse não sentia nada, mas não deu pra esconder, quando a febre pegou forte não deu pra esconder, era um sonho mais esquisito que o outro, um suador mais molhado que o outro “dorme com a gente, mãe”, e as três dormiram no mesmo quarto, tavam todas certas de que o vírus tava no meu sangue, “se eu não for, tomam a esquina”, falei, eu tinha que ir, e o que consegui foi que me trancassem no quarto, “a gente vai”, e foram as três no primeiro dia, a Helinha e minha esposa no segundo e a Helinha sozinha no terceiro, com celular e tudo, as outras não aguentaram o tirão, e no quarto dia eu já não tinha febre, “que vírus que nada”, eu disse, e fui disposto tirar as dúvidas no postão, essas friagens que a gente pega, essas mudanças de temperatura, lá no posto disseram que bastante água

resolvia, deram uma receita com remédio que nem comprei, com a lábia que tenho, convenço até doença a se mandar pra longe.

A gente se sente mais forte quando sai de uma ruim, anda por aí como se nada pudesse nos atingir, a verdade é que pisei firme esse tempo inteiro, mas quando vinha a questão de Helinha, aquela rotina dela por um mundo que eu não conhecia, aquela certeza dela “vai dar certo, só esperar”, aquela calma dela que ecoava como vadiagem me estragava por dentro, se eu fosse um morango, por fora teria aquela pelezinha vermelha e macia, com as sementes brilhando, mas por dentro estaria me desmanchando, com ar de podridão, com cheiro de podridão, era assim que eu estaria se fosse um morango, todo caso eu estava longe de ser uma fruta bonita, por certo o que sobrava eram só os passos que eu considerava firmes, do que adianta conseguir matrícula no Piratini, do que adianta passar necessidade de frio e de calor e de desaforo vendendo essas bostas pra pagar um celular, “o aparelho tá roubando a Helinha”, falei pra minha esposa, a casa tava sem cor, não tinha nem churrasqueira pra tacar um carvão de vez em quando, tava cheia de goteira, o melhor lugar pra sentar nessa sala era o chão, e nós dando uma bolada todo mês pra Claro, “não tá certo essa situação”, falei pra minha esposa, e logo depois me arrependi porque acho que a Helinha escutou e se mandou pro quarto na mesma hora, “não adianta correr atrás”, disse minha esposa naquele domingo e então saí no dia seguinte sem ver a menina, fui pra rua querendo ver prateleira cheia e colorida e um balcão com uma caixa registradora e uma maquininha de cartão, sempre quis perguntar “débito ou crédito” pros freguês pagar as mercadorias, igualzinho no Assun, mas pra onde eu ia só tinha fila de carro esperando o sinal ficar verde, bando de gente buzinando, querendo voar por cima dos que tão na frente, foi isso que eu tive no dia seguinte, e só fui ver a Helinha três dias depois, foi quando ela se animou a sair do quarto enquanto eu estava em casa.

“Como vai o estudo?”, perguntei, e ela disse que o estudo ia bem e que o resto também ia de bem a melhor, então era isso, pensei, o aparelho tava deixando a guria avoada, que tudo bem o quê, eu me esfolava quinze horas por dia pra garantir o mínimo do mínimo, que tudo bem o quê, ela agora vive dentro do telefone que não enxerga que nem lugar pra sentar direito nessa casa tinha, bem que havia falado pra ficarem de olho na guria “cuida da Helinha”, eu tinha recomendado sei lá quantas vezes, mas quem quer as coisas bem feitas tem que fazer com as próprias mãos, por isso me enraiveci “em que mundo tu vive?”, perguntei pra Helinha, e ela disse que vivia num mundo bem mais real que o meu, então emputecei de vez e apanhei o celular da mão dela e disse que daquele dia em diante, telefone e internet só em horário de aula, a Helinha nem se abalou, a guria era quieta “calma, pai”, me disse “tu vai ter uma surpresa”, disse ela dando uma risadinha, coisa que gostei menos ainda, com todos esses comentários no rádio e na tevê sobre a juventude que se perde no celular, gostei bem pouco da conversa.

Dois dias depois, me chega um carro diferente na esquina, uma mulher no volante e uma guria de

uns quatorze anos no carona “me dá duas caixas, tio”, e sem demora chegam dois piás de skate, “desce aí uma pra cada”, eu nunca tinha visto essas pintas, e assim foi, veio a dona do restaurante da rua da frente e pegou umas dez caixas, ainda deu um sorrisinho a maldita, veio um guri de bicicleta, veio um bacana de Jeep e mandou botar mais quatro no banco de trás, nem engoli a marmitta em paz que tinha pessoal buzinando pra descer caixa, meio da tarde já tinha saído todo estoque e fiquei lá, bolso cheio, esperando o homem da Kombi que passava pra recolher as sobras e arrecadar a fêria na noitinha.

Foi um bom dia, a faceirice era tanta que passei no Zaffari e botei a mão em dois quilos de salsichão, nem acreditaram quando cheguei em casa, festa no meio da semana “e pode liberar o celular que hoje é alegria”, eu disse, ainda assim a Helinha deixou ele lá em cima da geladeira, não sei se por birra ou por vontade de entrar na folga.

Sempre tive planos, sei que foram muitos, mas planos são só coisas que a gente pensa pra não ficar tresvariado, a gente sempre planeia ter algo que não pode, porque esse plano vai ficar na cabeça e não vai nos levar a pensar bobagem, por isso que é importante fazer planos impossíveis, se tu faz um plano fácil e poucos dias depois realiza a mão, aí começa a entrar minhoca no tino.

Pra gente como eu, importante é se virar no rebolado, não dá pra dar apreço à ideia da rua, pra gente como eu que tem cria, importante é fazer com que a cria vingue diferente, senão ela cresce igual ao pai, dou minha vida se precisar, cria minha não vai vender esquema na rua, vai é trabalhar sentada, na sombra, de sapato e tudo, me arrebento pra pagar um celular de primeira, mas cria minha não vai perder uma aula que seja.

E eu com essas ideias todas cruzando o juízo, toda manhã era o pensamento amolando, as vendas iam bem, um dia de alta atrás do outro “o senhor que é pai da Helinha”, perguntou a guria numa caminhonete branca e eu disse que sim, e depois chegou um casal, a mulher disse “manda os nossos parabéns pra sua filha”, e aí eu encuquei de vez, como assim parabéns, não fazia ideia do que tava sucedendo, mas pra não passar vergonha eu disse que transmitia o recado “será entregue, dona”, que essa gente toda falando da Helinha eu já não sabia se ficava puto ou raivoso ou envaidecido, a verdade era que a curiosidade tava grande, esse bando de gente aparecendo do nada, terminando o estoque no meio da tarde, até dona de restaurante pegando morango comigo, eu tava até pedindo mais estoque que de costume, “pode descer a terça parte a mais”, encorajei na primeira vez, e em pouco tempo eu já tava mandando triplicar o estoque e no fim do dia tudo sempre zerado, até que duas gurias chegaram a pé cada uma com sacola na mão, “quantas caixas será que cabe aqui, tio?”, eram meninas ali do bairro, bem vestidas, e enquanto as sacolas iam sendo enchidas começaram a falar da Helinha, então tomei coragem e questionei a atividade, “tu não sabe o que ela fez, tio?”

Hoje, quando vi que só tinham duas caixas e que eram as últimas e vi um sujeito parando o carro “quanto tá o morango?”, respondi que tava barato, eram as últimas, e ele estendeu as notas, “dá as

duas”, foi aí que bateu o frio, em pleno dezembro, no sol que subia do asfalto, eu tremi, pensei nos meses que tinha passado ali, pensei no sofá de casa que tinha mais buraco do que assento, pensei na Helinha que não tinha perdido uma hora de aula e no que ela tinha feito, e no dinheiro que tinha levantado desde então, na lojinha lá na Santana que tava ficando pronta, pensei que desse dia em diante veria essa esquina só de passagem e então eu peguei só metade dos pilas que o sujeito estendeu “mas só uma tá à venda”, respondi.

E caminhei sem pressa pra cima do cimento que salvaguardava o estoque, só havia mais uma caixa, e percebi como aquele cimento era áspero, era ardente e parecia dizer “caí fora daqui” a cada passo que se dava sobre ele, nessa altura nem o cimento hostil e nem eu deveríamos nos preocupar mais com essa parceria, por isso, apanhei a última caixa de morangos e levei pra baixo da figueira que tinha ali nos fundos do terreno e que servia de abrigo para os motoboys engolirem a marmita, eles não se importariam se eu usasse o banco deles, e então rasguei o plástico que vedava a caixa de morangos, rasguei com cuidado para nenhuma fruta cair no chão, não era bom levar à boca o que tinha contato com o chão onde se pisa, com cuidado também apanhei o primeiro morango, era bem aguado, eu nunca havia comido uma fruta dessas antes, nem pra saber o que tava vendendo, e esse tinha um gosto bem diferente que eu imaginava, mas poderia só ter dado azar, então apanhei o segundo, era o mesmo gosto aguado, será que todos morangos tinham esse sabor?, provei o terceiro, o quarto e lembrei de minha promessa, só sairia depois de dar adeus ao último morango dentro da última caixa e nenhum deles era tão bom assim como parecia.

Ao voltar pra casa, eu estava realmente feliz, estranho me sentir assim nesses tempos, “tu sabia?”, havia perguntado pra minha esposa naqueles dias e ela disse que sabia, desde a primeira ideia da Helinha em divulgar o meu trabalho na internet, em colocar fotos do pai, de escrever sobre a luta do pai, das dificuldades, do frio e do calor que eu passava pra pagar o celular pro estudo e no futuro ela poder trabalhar sentada na sombra, minha esposa disse que sabia de tudo, Helinha contava pra ela, mas eu não podia descobrir, minha esposa acompanhou o apoio que só foi crescendo, gente de todo lugar indo comprar morangos na esquina da Plínio com a Carlos Gomes, e agora ela tava ouvindo papos que tinha até canal de tevê querendo entrevistar a Helinha e o pai, a campanha da menina era um sucesso e estava envolvendo boa parte da cidade, por isso queriam entrevistar a guria, mostrar onde o pai trabalhava, disse minha esposa enquanto eu pensava “como assim me entrevistar? nem sei o que falar na tevê”, pensei ainda com as sementes da última caixa de morangos nem tão bons assim encravadas por entre os dentes.



Crédito foto: Divulgação

Gustavo Melo Czekster é advogado, mestre em Letras (Literatura Comparada) pela UFRGS e doutor em Escrita Criativa pela PUC-RS. É escritor, autor de dois livros de contos: *O Homem Despedaçado* (Dublinense, 2013) e *Não Há Amanhã* (Zouk, 2017). Em 2021, lançou o romance *A Nota Amarela* (Zouk).

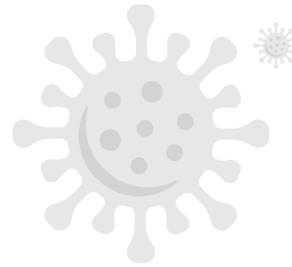
Gustavo Melo Czekster

Gustavo
Melo
Czekster
95





A partida suspensa



Gustavo
Melo
Czekster
96

A partida suspensa

Odiávamos a turma 223. Passavam os anos, mudavam os números de turma, e todo mundo do Colégio Sagrada Aliança ainda sabia: a turma 221 e a turma 223 se odiavam. Não era raiva, inveja ou desprezo, mas muito mais. Não podíamos ficar no mesmo lugar que eles; não tínhamos atividades em conjunto; os nossos colegas não conversavam com “aqueles lá”, como costumávamos nos referir aos alunos da 223. Até as gurias, muito mais inteligentes e diplomáticas, não se davam bem; quando uma aluna da 223 passava na frente da nossa sala era acompanhada por caretas, risadinhas e comentários venenosos. Os caras eram menos educados; colocávamos o nosso ódio para fora com brigas, com juras de inimizade, com emboscadas e, principalmente, com chutes, socos, rasteiras e tudo o mais que uma partida de futebol permite sem se tornar um caso de polícia. Era no futebol que podíamos demonstrar — em público e recebendo aplausos — todo o nosso ódio por “aqueles lá”, que respondiam à altura, e os jogos entre nossas turmas transformavam-se em espetáculos repletos de sangue, de cortes, de machucados e de narizes quebrados. Saíamos feridos, mas nunca derrotados, e assim a luta prosseguia de forma incessante, assistida pelas outras turmas com curiosidade macabra.

No início de 2020, quando deixamos de ser a turma 211 e viramos a 221, assim que entramos na sala de aula e nos sentamos juntos pela primeira vez, sentimos que aquele seria um ano diferente. Estávamos na nossa melhor formação: Mário, o goleador da copa das turmas no ano passado, tinha saído da 212 e estava agora no nosso time; Guilherme, o goleiro titular por muitos anos, voltara de uma viagem que fez com seus pais ao exterior e estava de novo defendendo nossas traves. Não bastando, os outros jogadores pareciam maiores: o Leonardo, nosso zagueiro, não só tinha emagrecido como parecia bem forte, estava malhando escondido com o seu irmão. Sentados no fundo da sala de aula, não precisamos nem chegar ao recreio para fazer um pacto de honra: naquele ano, o título da copa das turmas seria nosso. Depois de anos amargando o segundo lugar, íamos vencer em 2020 e, em seguida, buscar o bicampeonato em 2021, no último ano de colégio. Seria a vingança perfeita, algo que “aqueles lá” nunca esqueceriam.

E tudo parecia seguir esse destino: no primeiro jogo da copa, ganhamos de 6 x 0

A partida suspensa

da turma 83. Cada gol feito, virávamos para a plateia, onde estavam os alunos da 223, e fazíamos de conta que estávamos olhando um relógio. A mensagem era clara: a hora de vocês vai chegar. “Aqueles lá” sofreram uma baixa logo na primeira partida, quando Marquinho caiu de mau jeito depois de cabecear uma bola e fraturou o cotovelo. Eles ganharam a partida inicial com muita dificuldade, aplicando um 2 x 0 medroso na 211, e sofreram muito para vencer a segunda partida e passar para a próxima etapa, com uma vitória que só veio nos pênaltis depois do empate em 0 x 0 com a turma 82. Nós, de outro lado, aplicamos 5 x 0 no pessoal da 222, que nem conseguiu tocar direito na bola. Estávamos voando em campo ou, como meu pai diria, “tinindo nos cascos”.

Não podíamos estar com moral melhor e, quando veio o sorteio da próxima fase, que já era semifinal, não contivemos a alegria ao pegarmos “aqueles lá”. Íamos eliminá-los antes mesmo da final, não teriam nem o consolo de sonhar com o título. Tudo ajudava para termos um ano inesquecível, que iniciaria com a vitória sobre nossos arqui-inimigos na copa das turmas, seguido do título e da escolha automática do time da 221 para representar o Colégio Sagrada Aliança nos jogos interescolares. A glória estava ao nosso alcance.

Estávamos a dois dias da partida decisiva, e o mundo parou.

Pouco antes disso, as notícias de uma doença implacável, que se alastrava pelo ar e que causava muitas mortes, tinham começado a se tornar cada vez mais frequentes, mas não demos bola, pois aquilo estava acontecendo longe. A doença, que começara na Ásia, logo chegou à Europa e espalhava-se por todos os lugares. Era questão de tempo até chegar ao Brasil e, quando atravessou as fronteiras do país, trouxe consigo o medo e o pânico. Tudo parou: lojas, restaurantes, empresas. Na dúvida sobre a mortalidade e a forma de contágio da doença, os colégios também fecharam, entre eles o Sagrada Aliança. E a semifinal entre as turmas 221 e 223 foi suspensa.

No início, achávamos que logo tudo retornaria ao normal. Contudo, as notícias só pioravam, e mais casos de pessoas contaminadas apareciam. Não tardou muito para começarem as contagens de mortos, sempre crescendo, nunca diminuindo. Não surgia nem a esperança de uma cura, então tivemos que nos arranjar com os estudos: vieram as aulas a distância, todos em suas casas, professores tentando ensinar por meio de vídeos, câmeras e conexões de internet. Conversávamos entre nós por Zoom

A partida suspensa

ou pelo WhatsApp, e até tentávamos nos motivar treinando em apartamentos ou pátios, mas não era a mesma coisa. Logo a letargia tomou conta e, ao concluirmos o ano letivo presos dentro de casa, todos passaram de ano e as turmas foram mantidas para o último ano de colégio — que, ao que tudo indicava, seria virtual.

Na metade de 2021, após a vacinação das primeiras pessoas, começaram a falar em retomar a vida, voltar às atividades costumeiras. Mesmo assim, tivemos que esperar até outubro, quando enfim decidiram pelo retorno dos jovens às escolas. Voltamos desajeitados, cansados de ver o mundo pelas telas de celular e de computador. Bastou um dia de convívio — todos usando máscaras — para que o clima da camaradagem de antes voltasse como se nunca tivesse deixado de existir. Junto com a amizade, ressurgiu o nosso ódio pela turma 223, que agora virara 233.

Era tão completa a nossa raiva por eles que nem nos perguntamos o que tinha acontecido com os inimigos durante a pandemia. Juntamos pedaços de histórias do pessoal de outras turmas: ao contrário de nós, estranhamente poupados do coronavírus, a turma 233 sofreu mais. Dois alunos, o Carlos e o José Luís, tinham sido internados e nem voltariam a aparecer naquele ano no colégio. Outros que pegaram o vírus ainda estavam com problemas de saúde, como dificuldades para respirar e cansaço. Isto sem contar os familiares mortos ou internados, os pais e mães que tinham perdido empregos, os alunos que precisaram sair do colégio por não terem mais condições de pagar as mensalidades... Era como se todos os males causados pela pandemia tivessem escolhido atacar a turma 233, poupando nós, a turma 231.

Ouvimos aquelas notícias, mas não rimos, brincamos e muito menos debochamos do pessoal da turma 233. Podíamos ser inimigos, mas não éramos desleais, não a este ponto; uma coisa era chutar uma canela, dar um cotovelo por trás do juiz, puxar um calção em uma cobrança de escanteio. Outra coisa era ridicularizar assuntos que estavam fora do controle de qualquer pessoa. É preciso ter decência, até mesmo na guerra.

Tinha se passado uma semana de aula quando a diretora entrou na sala e anunciou que o campeonato continuaria do ponto onde parou, como se aquele último ano e meio nunca tivesse acontecido. Dava para perceber, na falsa alegria dela, uma vontade de retornarmos logo à normalidade, de varrer para longe a sombra da doença e da morte, de voltarmos a nos divertir com jogos, com brincadeiras, com torcidas. Dessa forma, anunciou que jogaríamos a semifinal contra a 233 dali a dois dias, em

A partida suspensa

uma sexta-feira.

Em outros tempos, receberíamos a notícia com gritos de guerra. Dessa vez, trocamos olhares em silêncio. Não imaginávamos um jogo tão cedo, logo depois do retorno. Para deixar a situação ainda mais estranha, a diretora avisou que o campeonato de 2021 valeria também pelo ano passado. Ou seja, ganharíamos duas taças, dois títulos, e sem muito esforço. Era o nosso sonho virando realidade, mas não estávamos felizes. Queríamos ganhar, sim, mas não daquele jeito, sem graça nenhuma.

Como conquistar o título de campeão da copa do colégio era um sonho de muitos anos, usamos os dois dias para treinar. Voltamos a ir para a quadra, trocar passes, falar de táticas, combinar jogadas ensaiadas. O time não estava excelente como no início do ano passado, mas jogava bem, lembrando as jogadas e recordando os posicionamentos uns dos outros. Mesmo assim, percebíamos algo diferente, uma sensação de que aquilo estava muito errado. Guilherme até perguntou, como quem não quer nada, se o time da 233 tinha jogadores suficientes para uma partida, se eles não iam perder de W.O. Não conversávamos com eles, então preferimos pensar que iam vir com força total para cima de nós, que dariam a alma para nos vencer.

Quando chegou sexta-feira e fomos para o campo de futebol, ficamos surpresos ao notar que todos os alunos do Sagrada Aliança estavam ali para assistir à partida. O pessoal devia estar cansado de olhar a vida acontecer pela tela do computador, então decidiram lembrar como era assistir uma partida de futebol sem nenhuma preocupação na cabeça. As máscaras e o distanciamento que todos tentavam manter eram os únicos componentes que nos separavam do passado.

Entramos em campo e esperamos a turma 233. Nada deles. O horário se aproximava, será que não compareceriam e perderiam por W.O.? Trocávamos olhares enquanto nos aquecíamos, correndo de um lado para o outro, dando piques e chutando bolas.

Faltavam dois minutos para o início oficial quando a turma 233 surgiu em uma ponta da arquibancada. Vinham com passos lentos, sem aquele ímpeto arrogante que costumavam demonstrar quando iam enfrentar outros times. Pareciam constrangidos, como se não quisessem estar ali. Olhamos os jogadores e vimos algumas caras novas: para fechar a quantidade necessária para um time de futebol, considerando os colegas que não estavam mais no colégio, a turma 233 tinha

A partida suspensa

“convocado” os nerds, os que odiavam futebol e até os alunos tão ruins que nunca jogavam no time oficial, só assistiam os jogos. Da formação original do time, devia ter quatro jogadores, os outros estavam improvisados. E os coitados iriam enfrentar a nossa melhor escalação: o cheiro de goleada preencheu o campo de futebol antes mesmo do apito inicial.

Os times se juntaram no gramado; escutamos o hino do Brasil e do colégio, escolhemos o lado do campo e saudamos a torcida, que nos respondeu com uma salva de palmas e urros. Evitávamos olhar para o time da 233, que estava conversando em um círculo ao invés de aquecer, como se tentasse um último esforço para dar àquele grupo desordenado uma estratégia, um ânimo, qualquer coisa.

A partida começou e roubamos a bola em questão de segundos: Isaías, nosso lateral direito, acionou Mário, o goleador implacável, que deu uma meia-lua em um defensor e correu na direção do gol. Ao erguer a cabeça, viu um cara que não conhecia na goleira da turma 233 (depois soubemos que o nome dele era Jairo), um rapaz gordo, de óculos, visivelmente apavorado com a perspectiva de levar uma bolada. A visão foi tão inesperada que Mário chutou de qualquer jeito e a bola saiu muito alta, longe do gol. Mas estava tudo bem, ainda era o início.

A turma 233 deu saída e, quando ia passar pelo meio-campo, roubamos a bola de novo e avançamos na direção do gol, quatro contra dois. Dessa vez quem chutou a bola foi o Fernando, de novo para fora. Batemos palmas para apoiá-lo e recuamos as nossas linhas, calma, ainda tínhamos tempo.

E assim a partida foi passando. Apesar do seu esforço, a turma 233 mal conseguia passar do meio-campo e a bola era roubada, enquanto distribuíamos passes precisos e lançamentos até chegarmos no gol adversário, quando a bola se perdia para fora. Teve um lance em que Jairo chegou a se encolher de medo perto da trave, mas o chute perdeu-se pela linha de tiro de meta. Depois da quarta ou quinta chance desperdiçada de gol, não batíamos mais palmas para apoiar os nossos colegas. Preferíamos ficar de cabeça baixa, como se estivéssemos remoendo tanto azar, mas a verdade era que tínhamos vergonha tanto de nos olharmos quanto de virarmos para a plateia. Não era algo combinado, nem queríamos dar uma lição ou passar alguma mensagem: simplesmente não fazia sentido algum ganhar aquela partida. Uma goleada adiantaria de quê? Na outra semana, já teria sido esquecida. Marcar um gol contra aqueles coitados que defendiam mal e porcamente a turma 233

A partida suspensa

era tão fácil que não dava nenhuma alegria. O pessoal da 233 de hoje não tinha a cabeça erguida e o orgulho do passado, mas será que alguma vez tiveram mesmo? Será que não queríamos pensar neles como inimigos ao invés de vermos que éramos os verdadeiros babacas? Ninguém lembrava de como começou a história do nosso ódio, mas a turma 233, que costumávamos chamar de “aqueles lá”, de repente ganhou rostos, corpos e, por trás dos olhares repletos de medo, até sentimentos. Era bobagem pensar em “aqueles lá”, éramos todos “um só”, e o coronavírus tinha deixado isto evidente.

Na metade do segundo tempo, quando parecia claro que íamos ficar perdendo gols até o final da partida, surgiu o inesperado. Afinal, o futebol é feito de inesperados e, neste dia, ele veio na forma de um rapaz, o Cláudio, que, de forma espantosa, conseguiu driblar o Isaías perto da lateral e avançar para dentro do nosso campo. A primeira linha defensiva era o Ronaldo, que não tinha muita habilidade, mas costumava compensar isto com força bruta e selvageria, e ele avançou na direção do Cláudio como um touro atacando um cristão no Coliseu. Eu, que estava correndo para retornar para a defesa, vi claramente o momento em que Ronaldo, um trator de forte, encarou o jogador adversário e hesitou. Foi um segundo, mas decisivo para o corpo de Cláudio passar como um corisco pelo volante, indo em direção ao gol.

Estava correndo para recompor a defesa, mas sentia meus pés estranhamente pesados; eu corria e, mesmo assim, era como se estivesse caminhando com os pés presos em uma bola de ferro. Tudo o que eu pensava — o que eu não queria pensar — era em um antigo e-mail da direção da escola comentando a tragédia acontecida com Cláudio, que perdera a avó e a mãe na mesma semana, as duas vítimas do coronavírus. Além disso, o cara tinha passado um bom tempo internado na UTI, mas conseguira se recuperar. E ali estava ele, Cláudio, correndo com a bola na direção do nosso gol.

Não sei o que estávamos fazendo ou pensando, mas todo o time parecia andar em câmera lenta. Não queríamos levar o gol, mas também não queríamos evitá-lo. Leonardo, o último zagueiro antes da goleira, correu na direção do adversário, mas, na hora de tentar um encontrão que o derrubasse, acabou errando o tempo da passada e foi ele quem caiu, ao invés de derrubar Cláudio. Agora só restava o goleiro, o Guilherme, o melhor de todos que já vi jogando, defensor de pênaltis e de bolas impossíveis, ágil como uma pantera. Ele avançou dois passos, cobrindo os ângulos, e Cláudio chutou a bola sem muita força, mirando o canto esquerdo. Guilherme pulou e

A partida suspensa

eu, que corria em uma última tentativa de ajudá-lo, poderia jurar que vi o goleiro encolhendo o braço que impediria a jornada da bola, deixando-a caprichosamente invadir as redes.

A torcida explodiu em comemoração. Cláudio correu na direção da arquibancada, as mãos segurando a camisa com raiva, pulando, gritando, festejando. Atorreados, os jogadores da turma 231 contemplaram-se em silêncio. Os demais jogadores da 233 comemoraram o gol de forma discreta, voltando para o seu campo de defesa. Evitávamos encarar a torcida, tratando aquilo como uma surpresa do jogo, com receio de que um olhar ou sorriso ou gesto acabasse denunciando o que aconteceu.

O resto da partida... bem, foi o resto. Quem estava na plateia poderia jurar que a turma 231, depois de levar um inesperado gol de contra-ataque, agora foi com desespero para cima da turma 233, empilhando chances desperdiçadas. Fizemos todos os gestos de desespero e raiva que podíamos, olhamos para o céu, reclamamos do árbitro, esmurramos o chão depois de errarmos outro gol. Quando o apito final soou, saímos cabisbaixos do campo, vendo de longe Cláudio sendo festejado pela plateia, o sorriso de uma orelha até a outra, o próprio retrato da felicidade.

Nunca o nosso vestiário esteve tão silencioso quanto depois daquela partida. Sentados nos bancos de madeira, os jogadores olhavam os próprios pés, com receio de falar qualquer coisa e aparecer a verdade incômoda, aquilo que todos tinham medo de admitir em voz alta, pois seria uma confissão de fraqueza inaceitável, ainda mais por ter acontecido diante de quem costumávamos ver como inimigos mortais. No meio do silêncio, Guilherme ergueu-se, olhou ao redor e disse, quase em um desabafo:

— Como é bom jogar com vocês, caras.

A tensão subitamente esvaziou: olhamos ao redor, trocamos sorrisos, começamos a desamarrar as chuteiras. Era bom estar de volta, jogando futebol com os amigos, sim, mas melhor ainda era estar vivo depois de tantas mortes, de tantas dores. Aquela partida era o fim da jornada do time de futebol da sala 231, mas estávamos aqui, juntos, e pelo menos poderíamos sonhar com outras partidas — quem sabe o pessoal da 233 não toparia uma revanche no final do ano? Seria delicioso ganhar do maior campeão de todos.

A partida suspensa



Crédito foto: Divulgação

Helena Terra é de Vacaria. É jornalista e escritora. Publicou os romances *A Condição Indestrutível de Ter Sido* (Editora Dublinense, 2013) e *Bonequinha de Lixo* (Editora Diadorim, 2021). Organizou, com o escritor Luiz Ruffato, a antologia *Uns e Outros* (TAG Livros, 2017). É coautora na novela *Bem que Eu Gostaria de Saber O Que é O Amor* (Editora Bestiário, 2020, com o ator e escritor Heitor Schmidt). Coordena o grupo de leitura e escrita *A Palavra Tem Nome de Mulher* no Presídio Feminino Madre Pelletier.

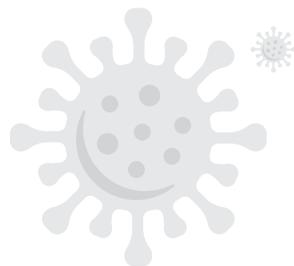
Helena Terra

Helena
Terra
104





As linhas do horizonte



Helena
Terra
105

As linhas do horizonte

Primeiras

Nada acontece no último dia de aula. Todo o pessoal já sabe como se saiu, e os pais, dependendo do resultado dos filhos, já estão tomando providências para o próximo ano. Os meus, não. Não pense que é porque são muito ocupados. A mãe não trabalha, trabalhou pouco tempo em cargos de confiança de um político tipo primo, quase irmão, mas sabe como são esses empregos: além do favorecimento pelo parentesco, é tudo, para não dizer suspeito, muito complexo. E o pai, bem, o pai é dono de uma rede de motéis e administra o amor e o sexo das outras pessoas a distância, ou seja, pelo telefone e pela internet, de segunda-feira a segunda-feira, durante as quatro estações do ano, com um pouco de folga no verão. Com as esposas na praia, os bons maridos usam as próprias camas para se divertir e, aí, diminui o faturamento, assunto que agora não vem ao caso. Vêm esses dois humanos que me fizeram e o tempo deles. Os dois têm um bocado, em tese e na prática, de horas para mim. Não têm é grande boa vontade. Ou estão demasiado cansados, como o pai costuma dizer, de tudo e todos. O pai gosta da palavra *demasiado*. Preferência justificável. Ele é um homem dado a excessos de vários tipos, a mãe que o diga — todos praticados, ele diz, em legítima defesa de sua saúde mental e de seu temperamento criativo. O pai pensa muito no que fazer em causa própria, em como se manter em estado de distração e de felicidade ou de bem-estar. Bem-estar é fundamental, ele vive dizendo. A mãe diz que isso é coisa de homem. “Minha filha, os homens são muito autocentrados”, comenta quando quer falar bonito. Quando não quer, troca o adjetivo por “machistas” e “egoístas”, coisas que ela também é. Faltando dez dias para o encerramento das aulas, justo neste ano em que eu preciso conversar sobre mudar de colégio, os dois arrumaram as malas e disseram: “Lúcia, filhinha querida, nós dois vamos sair de viagem amanhã, estamos precisando muito passear, então vamos dar uma voltinha ao mundo em um cruzeiro cheio de gente, sabe, alegrinha e proativa”. É, foi esse o verbo escolhido por eles: “precisar”. “Sem problemas”, respondi. Se eles precisam, que vão navegar com os outros endinheirados. Os meus pais adoram estar entre os afortunados do planeta. Segundo eles, são os seus semelhantes, o que me parece meio exagerado. Os meus pais têm mesmo recursos, inclusive uma conta bancária fora do país, e, de certa forma, comprovam a máxima de que riqueza atrai riqueza, mas estão longe de fazer parte do grupo dos que são ricos em qualquer continente. Eu tenho para mim que, se a pessoa não continuar fazendo parte da elite quando está em Paris, Nova Iorque, Tóquio e por aí vai, então ela é uma *fake* rica. Aliás, *fake* tudo, *fake people* mesmo é o que

não falta pelos quatro cantos redondos do planeta. Os meus pais sabem, eu presumo, porque nem um nem outro sente vergonha de fingir sofisticação e de não simpatizar com as pessoas mais simples. Assumem esse descaramento na cara de quem for. A pobreza não atrai nada que valha a pena e os outros seres vivos não nos despertam afeição, afirmam. Objetos, sim. "Obrigada, senhor, somos muito privilegiados", a mãe diz, extasiada, quando chega do shopping carregada de compras, e o pai quando abre a capota do seu carro conversível. Agradecimentos que, se eu não fosse movida a ingratidão, eu também deveria fazer. Mas, segundo eles, sou. Perdi a conta da quantidade de vezes que os escutei confabulando sobre a minha falta de reconhecimento da vida maravilhosa que eles me oferecem desde que nasci. Nenhum teve um décimo do que tenho: nem o quarto, os brinquedos, as viagens, o celular, a televisão, as roupas, os tênis. E nem os livros. Não que eles quisessem ter tido livros. Continuam não querendo ter. Para que ler se eles podem ver televisão, passear de lancha, comer em restaurantes, viver de verdade? Para o pai e a mãe, ler é viver de mentira e um desperdício de tempo. Palavras escritas, em seus cérebros, agem como um comprimido para dormir. E eu sou uma aberração por permitir que elas mantenham o meu acordado. Se eu trocasse as leituras de romances e de antologias por manuais de como me tornar uma pessoa famosa ou um gênio das finanças, talvez eles até aceitassem um pouco o meu gosto pela leitura e parassem de me acusar de anormal. Meus pais não se reconhecem em mim, nessa bagagem sem rodinhas nada a ver com o luxo do pacote náutico que eles escolheram. De vez em quando, nem eu mesma me reconheço, porque admito, não nego, que eu gostaria de também me aventurar nas águas turbulentas do Pacífico. Disse o meu professor de geografia que uns oitenta por cento dos maremotos acontecem nele. O Oceano Pacífico é um grande cemitério de embarcações e de almas, uma espécie de aquário do tempo, guardando cardumes de inocentes e de culpados, todos mortos por força da natureza. A natureza não julga ninguém, não faz diferença de classe social, raça, gênero, afetividade e é pura democracia quando se rebela e mata. Eu deveria me rebelar contra os meus pais. Seja lá por que motivo, financeiro é que não é, o meu papaizinho querido e a minha mamãezinha querida me excluíram da viagem. Por razões pessoais, me encaixaram no pacote caseiro da mãe do meu pai. Esquisito eu dizer "por razões pessoais", afinal eu sou da família. E eu gosto da ideia de família e gosto bastante da vó. Ela é boa companhia, é forte, apesar de baixa e magra, e é boa guardiã. Não sei se é verdade o que dizem sobre avós compreenderem melhor os netos que os pais. Sei que a minha me compreende e de um modo que nem a psi da escola é capaz. Quando menstruei e, na hora, fiquei um tanto atrapalhada e até envergonhada, foi para ela que liguei pedindo absorventes.

Segundas

A vó, como eu disse, embora franzina, não é a mulher frágil que aparenta ser. E essa constatação não é uma crítica. Pelo contrário, é o registro de que ela não está presa, falo de sua mente, à quantidade de anos e de quilos de seu corpo e, muito menos, ao que a minha bisavó e toda a sua geração tentaram colocar em sua cabeça. Ela não é, é fato, muito contemporânea para se vestir. Diz que calças jeans são quentes no verão e frias no inverno e outras coisas desse nível de absurdo, ou desnível, mas quando se trata de sexo, de relações humanas, de política e dos temas que o meu professor de história chama de sensíveis, ela, na maior parte das vezes, se mostra menos preconceituosa e alienada que a minha mãe e que as minhas amigas, falo das melhores. Das piores, isso não é coisa que se diga, mas eu tenho piores amigas, não escuto as opiniões nem sob a mira de um revólver. Quer dizer, sob a mira de uma arma, escutaria, que eu não sou besta de levar um tiro na testa. Ultimamente, falando em sentido figurado, tiro na testa da população mundial é o que mais tem acontecido. Eu não queria escrever sobre isso, mas não tenho como escapar. O tal cruzeiro dos meus pais se revelou um enorme tiro de canhão nas testas dos dois. Do nada, da noite para o dia, a tripulação, os passageiros do navio e eles começaram a tossir, a ter dores de cabeça e de garganta e a sentir fraqueza e falta de ar e, daí para frente, mesmo com todo o alto estilo, um a um foi se sentindo mal e afundando em uma espécie de marasmo físico. E sem exceções, com mais ou menos sintomas, todos foram colocados sob quarentena. País nenhum quis receber ninguém. Como em um jogo de pôquer, a ordem, no navio, foi o famoso “daqui ninguém sai”. Nem a mais rica nem a menos rica pessoa a bordo teve autorização para desembarcar, só os que precisaram, com urgência, de atendimento hospitalar. O porquê da quarentena nem a vó, nem minhas melhores amigas, nem os canais de jornalismo, nem os médicos para quem ela, com uma fala catastrófica, telefonou sabem explicar direito. Segundo a vó e sua sapiência derivada do século passado, por questões de sobrevivência da espécie, qualquer pessoa vítima de um contágio deve ser isolada. De novo, está acontecendo um fenômeno, ela adora essa palavra e a usa tanto para qualificar eventos bons quanto maus, que, de tempos em tempos, atingem a humanidade dispostos a exterminá-la, como a Gripe Espanhola tentou no início do século vinte. Uma senhora peste, a vó diz, que se espalhou pelos continentes, matando, no mínimo, cinquenta milhões de pessoas e que é oriunda também, como dizem da de agora, do oriente. Eu acho injusta, arrogante e xenofóbica essa afirmação. Dentro dessa nossa lógica ocidental, padronizada e moldada por séries de TV norte-americanas, tudo que soltar as tiras, deformar, feder, estragar, for de má qualidade e trazer problemas só pode ser *made in China*, não é?

Terceiras

A vó está inconsolável, hospitalizada e sedada. Ou seja, comunicável. E se o nosso vizinho não fosse médico, acho que estaria morta. O pai e ele nunca se deram bem. Até as últimas eleições presidenciais, rosnavam bom dia ou boa noite um para o outro, ambos mal-educados ou imaturos, ou ambos apenas homens, como a minha mãe diria, eu sei. Depois, com a vitória de um dos deputados mais preguiçosos da história deste país, passaram para o confronto, fechando direto a cara e a porta do elevador, o pai com um sorrisinho vitorioso e debochado e o vizinho com um olhar de "não acredito, como você pode ser tão estúpido". Mas enfim, médico é médico e, se respeitar o Juramento de Hipócrates, não pode escolher pacientes e omitir socorro, ainda mais se ele souber que o casal do apartamento ao lado não voltou são e salvo da idílica viagem de férias, deixando a filha única e adolescente ao encargo da avó quase centenária. Pois é, entrei para o grupo dos cem por cento órfãos. E eu não sei dizer como me sinto. Tal qual as personagens superficiais dos filmes que detesto, vou levando a rotina como se nada tivesse acontecido. O pai, disseram as autoridades que comunicaram o óbito, não aguentou a carga de estresse e infartou. E a mãe, disseram também as mesmas autoridades, não suportou a inestimável perda, perdeu o apetite, se resfriou e acabou tendo uma pneumonia. Morreram por causa do vírus, eu pensei e quis saber. Eu não sei se acredito nessa fraqueza mortal aleatória e súbita. O tal vírus *made in China* está fora de controle. Na Itália, ele chegou como se soubesse que todos os caminhos levam à Roma e está acabando com famílias inteiras. Famílias com um número enorme de pessoas, não mínimas como a minha. Eu detesto dar o braço a torcer, a vó me chama de Lúcia estoica, mas agora que estamos só ela e eu, sinto medo, me falta ar quando penso que ela pode não voltar do hospital. Eu entendi que ela teve um colapso quando recebeu a notícia do falecimento dos meus pais, mas não entendi direito por que ela está demorando para ter alta. O vizinho médico me deu explicações quase inaudíveis sobre sua recuperação. Sua voz baixa fica ainda mais baixa atrás da máscara. E acho que tampouco ele me ouviu bem. Não sabe que estou sozinha em casa. Ninguém sabe, nem os porteiros do prédio. Menti a todos que minha madrinha está comigo e que ela não aparece nem para um oi porque fazemos as compras pela internet e porque ela tem uma comorbidade e todos ficaram satisfeitos. Eu não compreendia a gravidade da palavra comorbidade até o surgimento desse vírus. Na verdade, eu não compreendia e não sabia um milhão de coisas, incluindo que a dor pesa e engorda. Eu estou pesada de mágoa e, no entanto, não derramo uma lágrima. Se eu chorar, penso, comprovarei que o que aconteceu com os meus pais é real, de verdade. Se eu não chorar, é porque é tudo mentira, mero produto da minha imaginação, devaneio de um universo paralelo com data marcada para terminar.

Finais

Amarrei os cabelos em um rabo de cavalo, coloquei um boné, a máscara e descí. Não encontrei uma única pessoa da porta do apartamento até a frente do hospital. A caminhada foi breve, coisa de quinze minutos, pelas ruas vazias. Nem humanos, nem cães nas calçadas. Acho que nem pássaros nas árvores. Em um posto de gasolina, vi um frentista. Não disse bom dia a ele. Preferi passar quieta como fiz com o porteiro do meu prédio. Não aguento mais ouvir condolências. Para ele e todos os vizinhos que me perguntaram o que houve, menti que o pai e a mãe morreram em um acidente de carro. Versão mais verossímil que as dadas pela empresa de cruzeiros marítimos e pela embaixada e, também, menos estigmatizante e menos complexa de explicar. Não tenho dúvida de que a causa da morte de ambos foi o vírus que se espalhou pelo planeta e de que tanto um quanto outro deve ter sentido algum alívio por não ter me levado na viagem. Minha ausência, de certa forma, se transformou em um salvamento e em um perdão. Eu os perdoo. Por tudo. Pelo cruzeiro, então, nem preciso dizer. Se eles o tivessem aberto para mim, o teriam aberto também para a vó e, aí, a família inteira teria sido contaminada e extinta da face da Terra. Descontinuada como uma série, o fim do meu clãzinho e de nossa cadeia de antepassados. Em algumas noites, penso nela, tento calcular quantas gerações de homo sapiens existiram antes de nós. Terá existido alguma outra Lúcia? O que ela pensaria se visse o meu abajur aceso, a geladeira, o banheiro com água encanada e quente? Evocaria os parentes que enfrentaram as glaciações de dentro de uma caverna? E ririam eles, doidamente, de nós que morremos na praia? Como conseguimos realizar tantas proezas tecnológicas e científicas e ainda assim seguimos morrendo, às vezes, me pergunto. Esse mundo moderno nos faz parecer imortais. Eu me sinto como se fosse. Os meus braços estão mais fortes desde que fiquei sozinha sem pai, mãe, avó e empregada. Faço quase todo o serviço que a casa demanda. Não desisto de lavar as vidraças. Quero continuar enxergando longe. A vó vai gostar. Como o meu vizinho médico, também reparará o quanto eu estou crescida. Ela ainda não saiu do hospital, e a minha visita, hoje mais cedo, não foi autorizada por razões de saúde pública. Mas eu estou contente. A vó está melhorando e vai ter alta. É uma questão de dias.

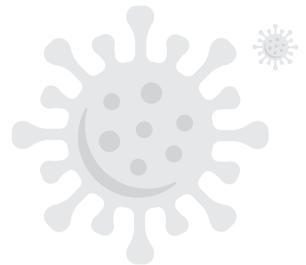


Crédito foto: Andréa Schütz

Henrique Schneider é advogado e escritor. Como advogado, assessora diversas entidades sindicais gaúchas. Na condição de escritor, é autor de vários livros – dentre estes, *O Grito dos Mudos* (vencedor do Prêmio Mauricio Roseblatt de Romance), *Contramão* (finalista do Prêmio Jabuti e vencedor do Prêmio Livro do Ano – Narrativa Longa da AGES) e *Setenta* (vencedor do Prêmio Paraná de Literatura).

Henrique Schneider

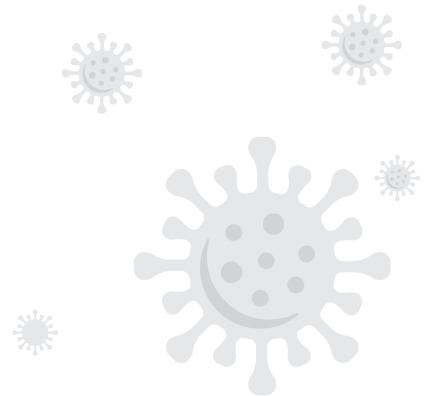
Henrique
Schneider
111





A festa

Henrique
Schneider
112



A festa

Desperta antes de clarear o dia, Aurora, e se abrir as janelas enxergará ainda uns restos de estrelas em seus brilhos distantes de despedida. Aperta os braços, um pouco para mexer-se e exercitar os dedos, outro tanto para certificar-se de que segue viva, e depois abre lentamente os olhos, piscando uma ou duas vezes na escuridão meio quebrada pela luz amarelada do abajur, para diminuir aquela névoa que lhe acompanha os olhares durante todo o tempo, mas parece ser mais forte à hora em que acorda. Tateia em direção à mesinha de canto e lá estão seus óculos, no lugar de sempre. Coloca-os e se alça na cama com vagar e dificuldade, sentindo o peso do corpo e dos anos, e o marcador do relógio da cômoda ganha uma nitidez vermelha que a cada despertar a surpreende: são seis e quinze da manhã. E então lembra, com uma espécie de sorriso desacostumado, que hoje é um dia em que está mais viva que nos outros. Preciso telefonar para o Danilo, pensa, como se desse uma ordem a si mesma.

Levanta-se da cama no tempo que lhe permitem os seus oitenta e dois anos, busca os chinelinhos de pelúcia que lhe aquecem os pés sempre frios, e anda até o banheiro do apartamento com o mesmo sorriso de ainda há pouco: quer enxergar-se assim no espelho, quer enxergar-se para descobrir o quanto ainda sabe sorrir.

O espelho lhe devolve um sorriso satisfatório, nem pensava que depois de tanto tempo ele ainda fosse tão cheio, e a verdade é que hoje à tarde ele estará certamente mais forte e claro, alimentado de certeza e esperança. Depois de saber que aquele riso ainda existe, senta-se pesadamente no vaso sanitário e permanece de olhos fechados enquanto esvazia a bexiga de um líquido ambarino e vagaroso. Ergue-se com auxílio da bengalhinha que fica sempre ali, escorada na parede, para o caso. De volta ao espelho, lava as mãos e escova os dentes com certa tristeza por ter que se desfazer deste sorriso, mas tudo bem. Limpa os olhos, as faces, e depois, enxergando-se um pouco melhor, dá-se conta, satisfeita, que ainda é uma velhinha bem bonita: as rugas e os sulcos do rosto são marcas de uma vida com mais amor que desamor, mais alegria que tristeza, mais tempos bons do que tempos ruins. Não fosse essa merda de pandemia (fazer o quê se é essa a melhor palavra?), estaria ainda agora aproveitando os dias com as companheiras de viuvez, jogando pontinho e dando risadas na casa uma da outra, quem sabe até indo a um ou outro baile perdido em certo domingo à tarde. Mas não: os tempos recentes do mundo — e os tempos recentes de Aurora — estão sendo de solidão e tristeza, de choros e perdas. Não há quem não tenha perdido um amor ou não conheça quem tenha perdido um amor.

Mas hoje.

Parada em frente ao fogão, esquenta a água para um café, observando com o mesmo carinho de sempre a chaleirinha vermelha de cerâmica que a nora lhe trouxera de uma viagem, três ou quatro anos atrás. Faz isso seguidamente, porque são pequenas lembranças que lhe aquecem os dias tão mesmos; e também seguidamente, como hoje, acaba esquecendo de controlar o tantinho de leite posto a ferver. Nunca se incomoda muito com isso, porque é um trabalho a mais em que gastar o tempo. Limpará o leite derramado mais adiante, decide, enquanto mistura a água e o leite na xícara em que já havia colocado duas colherinhas rasas de café em pó. Então, apanha do pacote no armário cinco bolachinhas de água e

sal, descasca uma banana e vai comendo tudo aos bocadinhos, bolacha e banana, bolacha e banana, enquanto bebe o café preto em goles miúdos, só para sentir por mais tempo o amargor de que tanto gosta, estas pequenas delícias. Hoje, pensa ela, a delícia é maior — e sorri novamente, parece que está reaprendendo.

Quando termina o desjejum, são pouco mais de sete e meia da manhã. Pensa em ligar para Danilo, mas sabe que ainda é muito cedo: o neto não acorda antes das nove, e quando isso acontece passa o dia inteiro mal-humorado. E Aurora não quer que o mau humor de ninguém lhe estrague o dia. Depois pensa que está cometendo uma injustiça: o garoto é tão querido, sempre pronto a atender a avó, e nestes últimos tempos de cinza e tristeza, é ele quem, máscara dupla no rosto, vestido como um astronauta e quase encharcado de álcool gel, abastece a despensa frugal e simples de Aurora. Quando ele chega, uma vez a cada semana, é feito fosse uma festa; há sempre um bolo a esperá-lo. A fatia de bolo é o abraço que ainda não tem coragem de dar. Mas hoje não fará nenhum bolo, decide Aurora.

Três leves toques na porta são o sinal: seu Volmir, tão gentil, acaba de deixar em cima do tapetinho de boas-vindas o jornal do dia. Aguarda um minuto, o suficiente para que o zelador se afaste e nem ele e nem ela corram qualquer perigo, e então pega no corredor o seu exemplar. Abaixar-se para apanhar o jornal é sempre uma dificuldade, e a cada vez que faz isso pensa em pendurar na maçaneta uma sacolinha plástica, a fim de que seu Volmir deposite ali o diário, mas esquece essa ideia logo que fecha a porta.

A poltroninha da sala é o local onde sempre lê o jornal. Todos os dias pensa que não deveria mais lê-lo, mas são tantos anos de leitura pelas manhãs, que é quase uma tradição daquelas que não se consegue deixar. As notícias de hoje são pesadas, iguais às de ontem: as tantas mortes que não deveriam ter acontecido, as insanidades más de quem nos governa, os hospitais cheios como não poderiam estar, as bobagens decididas sem fundamento, a propaganda desvairada de remédios inúteis e que só servem para encher o bolso de alguns. Ela, que foi professora de Biologia por quase trinta anos, não consegue e nem quer entender este desprezo insensato pela ciência e pela pesquisa. Isso dá uma raiva, uma raiva quase inútil e que só serve para me consumir, pensa Aurora. Mas hoje não, hoje o dia é de vitória da ciência — e o sorriso volta ao rosto da velhinha, há quanto tempo não sorria tanto?

Quando termina de ler o jornal, coloca o exemplar sobre a mesa para que hoje à noite, como sempre, faça as palavras-cruzadas. São nove e quinze, já pode ligar para Danilo sem o risco do mau humor. Procura no telefone o número do neto, tomando cuidado para não errar, e então telefona.

— Oi, querido! Bom dia! Te acordei?

— Não, vó. Já tô acordado há tempo. — responde o rapaz, mas sua voz é de sono.

— Ah, que bom! — exclama Aurora. — Mas não quero te atrapalhar. Tudo confirmado pra hoje à tarde?

— Claro, dona Aurora. Confirmadíssimo. — o neto ri.

— Não vai esquecer, hein? — ela brinca. Gosta quando o neto a chama assim.

— Por nada nesse mundo.

— Que hora mesmo?

— Duas horas, dona Aurora! Duas horas! — o neto finge uma certa indignação brincalhona. — Duas da tarde passo aí. Não vai se passar, hein?

— Por nada nesse mundo — Aurora devolve o comentário.

Quando desliga o telefone, vai à sacada e, debruçada no balaústre, olha o movimento quase inexistente das ruas, seis andares abaixo. Habitou-se tanto ao colorido do cotidiano, ao burburinho dos dias, mesmo tantos metros acima, que este semivazio, este abandono triste ainda lhe provocam um peso, uma angústia, e não consegue nunca deixar de pensar que ela não merecia isso nos seus anos derradeiros. Mas hoje não há tristeza e nem angústia; descerá à rua e verá de perto as cores que, esmaecidas, há meses só enxerga de longe.

Liga a televisão, apenas para sentar-se um pouco, descansar uns quinze minutos; quer estar flamante hoje à tarde, bonita depois de tanto tempo. O programa matinal é um desfile de obviedades, receitas, horóscopo, entrevistas e pequenas fofocas, mas que serve para que ela se distraia e acabe até cochilando no sofá. Desperta num sobressalto, saliva fina na almofada, o desespero súbito por talvez ter perdido a hora. Olha o relógio, está tudo tranquilo: é manhã, ainda.

Mas já é hora de começar a preparação, porque ela sabe: há todo um pequeno processo e a idade seguidamente faz com que se atrapalhe. E hoje, por nada deste mundo, Aurora quer se atrapalhar.

Vai ao quarto e, ao abrir o armário, pela primeira vez em meses, parece perceber o aroma das trouxinhas de alfazema e cravo que de tempos em tempos coloca entre as roupas. Já definiu que usará a pantalona cor de creme que vestiu na festa dos cinquenta anos do filho. Há algo de simbólico em vestir estas calças, trazer para o dia de hoje aquele momento tão feliz. E, além disso, lembra com uma espécie de bom humor meio envergonhado de si mesma, é uma das calças que ainda melhor lhe serve. A blusa que vestirá não tem maior valor sentimental, mas dentre todas as que estão no armário, é dela que mais gosta, tanto mais porque a havia comprado numa liquidação por um preço que ainda hoje lhe parece inacreditável. Os calçados, na verdade, importam pouco; provavelmente nem descerá do carro. Mas, de qualquer modo, quer um sapato bonito e confortável, e por isso escolhe as sapatilhas que Danilo lhe deu no Natal de dois anos atrás. E, acima de tudo, apenas pelo luxo e pelo gosto, irá vestir aquele xale de seda cor-de-rosa que havia comprado em Paris na última viagem que fizera com Germano. Mas não, pensa ela, não é apenas pelo luxo e pelo bom gosto, também há um significado maior neste xale lindo que agora deposita cuidadosamente em sua cama e que hoje à tarde lhe adornará o pescoço e a figura miúda: é uma forma de Germano também estar presente, ele que tanta falta lhe faz e que seria uma companhia ranzinza e necessária nestes áridos tempos em que não pode conversar com quase ninguém.

A roupa está estendida na cama. Examina as peças para ver se estão mesmo em ordem, que nenhuma traça lhe tenha feito o desaforo nestes meses em que não tirou do armário nenhuma veste de sair, mas tudo bem: os sachês de cravo e alfazema cumpriram galharda e corretamente sua função. Depois, afasta-se um pouco para olhar as peças como se fossem um conjunto (e serão) e para ter a certeza que são estas mesmo que irá vestir, e decide então que sim: já colocou na escolha os símbolos necessários, e o fato é que deseja estar com elas hoje à tarde nem tanto para que a vejam bonita, e mais para sentir-se assim.

Agora é hora de preparar alguma coisinha para comer. Não porque tenha fome, seu estômago de velha parece ter diminuído com a idade, mas saco vazio não para em pé, como costumava dizer Germano em seus infundáveis ditados populares que, no mais das vezes, se assemelhavam à sabedoria. Depois de limpar o leite derramado, pica uma cebola em pedacinhos e refoga-a com manteiga e sal na frigideira até que esteja dourada, aromando a cozinha do apartamento. Depois, junta à panela um tomate picadinho, uns pedaços maiores de pimentão verde e busca na geladeira o potinho em que coloca todas as semanas os cubos de carne que Danilo tão laboriosamente prepara quando vem trazer as compras. Cinco ou seis pedaços irão bastar, pensa, enquanto despeja-os na frigideira e o chiado da panela a avisa que logo, logo estarão prontos. Controlando a carne, esquento no micro-ondas um potinho de arroz.

Nem sempre põe a mesa, a verdade é que está cansada e a solidão doente destes tempos não contribui para esforços maiores. Mas hoje coloca sobre a mesa a toalhinha rendada nas pontas, os pratos e talheres que sempre usou para receber visitas e só não bebe uns golinhos de vinho doce porque não quer saber de nada que lhe ameace a tarde. Aurora saboreia aquela comidinha cotidiana como se fosse uma rareza, mastigando cada pedaço com seu apetite de passarinho. Há um restinho de pudim de laranja na geladeira e aquela é, para Aurora, a melhor sobremesa do mundo.

Após o almoço, deixa a louça sobre a pia e aqueles pratos e talheres são tão pouca coisa que, como de costume, poderia lavá-los em cinco minutos. No meu dia normal faço isso, pensa Aurora, mas hoje não é um dia normal. Quando voltar, lavará aquela loucinha de nada; e se porventura não estiver disposta, que fique para amanhã.

Já são mais de doze horas e dentro de Aurora soa um breve e delicado alarme: velhas se vestem devagar no cotidiano, porque a velocidade dos braços e pernas não é a mesma da vontade e há vezes em que calçará apenas um par de chinelos porque a dor nas costas, mais ou menos eterna, a impede de alcançar os pés. Mas hoje, como já decidi a roupa, precisa ter logo a certeza de que conseguirá vesti-la.

Vai novamente ao banheiro, ainda que sem vontade, apenas porque não quer fazê-lo quando já estiver vestida, porque é muito mais fácil mexer-se com esta camisola que desde a manhã ainda não tirou do que com aquelas roupas que, pacientes e descansadas, a aguardam em cima da cama. Faz xixi, apenas algumas gotas, e reza para que não lhe venha alguma vontade incontrolável quando estiver com Danilo, bexigas velhas às vezes aprontam dessas coisas.

No quarto, em frente ao espelho grande do armário antigo, Aurora começa a vestir-se, sabendo bem o quanto demorará. Na verdade, hoje deve tardar ainda mais: quer saborear aquele tempo, há quantos meses não faz isso? Quer perceber-se, olhar a mudança em si mesma, e é tanta a expectativa que cada roupa vestida será uma espécie de rejuvenescer. Vou sair deste quarto com setenta anos, brinca ela enquanto se veste com lentidão e graça, feito nem sentisse o peso antigo dos braços enquanto os alça sobre os ombros para colocar a blusa, enquanto os estende até abaixo da cintura a fim de vestir as calças, enquanto apalpa a si mesma para saber se está tudo em ordem. E quando veste o xale sobre os ombros, a brincadeira dos setenta anos toma a forma da nostalgia e da saudade: tivesse ela ainda aquela idade, Getúlio estaria vivo. Ele a ajudaria a vestir-se, sabe ela, lágrima ardente parada no olho.

Mas os olhos, pensa ela, enquanto afasta qualquer chance de choro. Está se sentindo bonita, elegante como deve

mesmo estar à ocasião, mas falta certa cor, camada extra de vida do pescoço para cima; hoje é o dia em que vai descobrir se ainda sabe se maquiar.

Volta então ao banheiro, posta-se em frente ao espelho da pia e de dentro do armário busca o estojo de maquiagem que a acompanha há mais de três décadas. Tira os óculos e mais uma vez percebe o quão difícil é fazer aquilo enxergando tão pouco. Por isso, há tempos já decidiu que pecará mais pela prudência do que pelo excesso, e então passa uma leve sombra nas pálpebras, a realçar com brandura os olhos meio amarelados de cuja cor Germano tanto gostava. Depois, também com suavidade, imprime um quase invisível cor-de-rosa às bochechas. Então coloca novamente os óculos, um pouco para admirar o resultado provisório e outro tanto para melhor escolher a cor do batom que usará. Prefere um vermelho vivo, espécie de contraponto à discricção equilibrada dos olhos e das faces, porque afinal de contas é preciso celebrar, ainda que por detrás da máscara. Escorre a mão com cuidado e vagar, pressionando com delicadeza o batom sobre os lábios, e quando termina diz novamente para si mesma que ainda é uma velhinha bem bonita.

Está pronta e ainda faltam vinte e cinco para as duas.

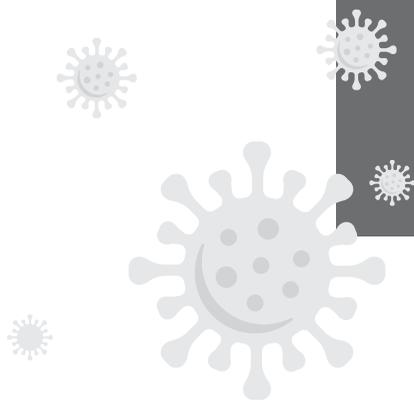
Então, meio de repente, percebe que está cansada. Antes que o neto chegue, senta-se com cuidado no sofá, a fim de que nada na roupa corra o perigo de amassar, e fecha brevemente os olhos, apenas para descansar uns minutos, sem fazer nada. Não dormirá, sabe disso; às duas horas, quando a campainha tocar, estará mais do que pronta. Quer apenas repousar por uns instantes, por conta das oito décadas que sempre lhe pesam os dias e pelo descompasso alegre das batidas de seu coração.

As duas horas encontram Aurora de olhos abertos, e nada de Danilo. Agora, no relógio, cada minuto de espera já é atraso, e então pensa em telefonar para o neto apenas para saber se ele já está no caminho, se está perto, longe ou se algo inesperado aconteceu. Mas quando pega o telefone, a campainha toca. Ela se assusta com aquela imitação de sino, ainda que a esperasse desde a manhã, e, depois de levantar-se do sofá, revisa a si mesma e desamassa um vinco inexistente da blusa, antes de atender.

Abre a porta e Danilo, parado no corredor a pouco mais de um metro e meio de distância, não consegue evitar o bom espanto ao ver a avó pintada e bela, os cabelos inteiramente brancos como se fossem algodão penteado, o batom que se adivinha, a elegância das melhores roupas.

— Nossa, vó! — ele exclama. — Nem parece que só vai tomar a vacina! Parece que vai numa festa!

— Mas é uma festa! — e por trás da máscara da avó, Danilo consegue enxergar o sorriso de uma menina de quinze anos.



Tutikian



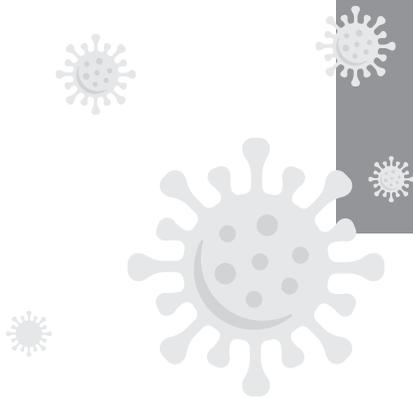
Crédito foto: Divulgação

Jane

Jane Tutikian é membro da ALF e da ARL. Escreveu 23 livros, contos, novelas e infantojuvenis. Teve adaptados para o teatro: *A Rua dos Segretos Amores*, (Jairo Klein) e *Fica Ficando*, (Luciana Éboli e Maninha Pedroso) e contos para vídeo (Elisa Luca). Recebeu importantes prêmios, incluindo o Jabuti. Participou de antologias nacionais e internacionais. Foi patrona de inúmeras feiras no RS e da 57ª Feira do Livro de Porto Alegre.

Jane Tutikian 118

Odeio.Odeio.Adoro!Juntos!



Jane
Tutikian
119

Odeio.Odeio.Adoro!Juntos!

Não! Não! Não! Não! Fico pensando com força, de olhos fechados, não! Essa coisa de o pensamento modificar a ação não existe mesmo! Se existisse, eu salvaria os animais e as pessoas. Quer dizer, nem todas as pessoas, nem todos os bichos. Não! Não! Não! Sim. Ouço meu nome – Maria Cecília! –, vou saindo de baixo da classe bem devagarinho. Minhas pernas tremem, tenho que ir lá para a frente da turma. A vontade é de me esconder, ficar invisível, qualquer coisa assim. Odeio. É por isso que já sento no paredão, na última classe, ao lado da janela. Odeio isso. A professora insiste. Levanto lentamente e lentamente caminho até a frente do quadro. Junto ao ranger do assoalho da sala, meu coração bate nos meus ouvidos. É verdade! Posso ouvi-lo aos saltos. Pelo menos estou viva! Ridículo pensar isso! Tenho vontade de rir, mas não rio. Eu sabia que, em algum momento, teria que me apresentar para a turma. Mas. Acho isso ridículo. E tenho muita vergonha. Dizer alguma coisa sobre mim mesma? Por quê? Para quê? Eu não sei nada para dizer a meu respeito. Eu não quero dizer nada a meu respeito! Continuo em silêncio lá na frente de um bando de estranhos, que nem quer ouvir nada! Ridícula. Ridícula. Ridícula! Quando eu fico nervosa – e eu sempre fico nervosa nessas situações –, gaguejo, falo ligeiro, tenho vontade de fazer xixi e meu rosto parece que vai pegar fogo. Os meus colegas ficam esperando que eu fale. Se alguém rir, eu mato! Quer dizer, não mato de verdade, mas vou ficar com muito ódio. Fico puxando as mangas do casaco do uniforme todo o tempo. É como se estivesse de mãos dadas com alguém. Só que não tem ninguém. Fico de mãos dadas comigo. É por isso que, mesmo com muito calor, ando sempre de mangas compridas. Odeio isso! Me apresentar? Os meus colegas me olham curiosos e eu me sinto um bicho em exposição. Eu sou um bicho em exposição. A professora insiste nestas coisas, eu sei que vou chorar de raiva. Eu choro de raiva. Tinha prometido à minha mãe que seria bem simpática. Eu não sou bem simpática. Não quero ser bem simpática. Ponho um sorriso neutro e nervoso no rosto. Nem sei por que estou pensando num sorriso neutro. Nem sei bem o que isso quer dizer. Me agarro nas mangas do casaco. A professora pergunta se quero começar. Não quero e começo. Digo que meu nome é Maria Cecília, meu apelido é Ciça e que tenho treze anos. Nenhuma novidade. Mas. A professora e os meus colegas ficam quietos, me olhando,

Odeio.
Odeio.
Adoro!
Juntos!

Odeio.
Odeio.
Adoro!
Juntos!

como se eu tivesse que dizer alguma coisa a mais. Professora, me ajuda! Eu não digo isso, claro, mas quero que ela me ajude, a professora... Ela espera que eu continue falando. Peço socorro à Beta, à Ká, à Rô, mas a gente ainda não se conhece tanto e elas não entendem. – Ah! – digo – sou filha única, moro com os meus pais, tenho um cachorro e um gato. A gente recolheu os dois da rua, porque foram abandonados pelos seus donos. O Peter e o Parker. Os meus colegas começam a rir. A professora não entende nada e ri também, porque acha interessante. Fico irritada. Não acho nenhuma graça. Eu que escolhi os nomes. E sei por que escolhi. Congelo um sorriso no rosto. Isto é neutro! Mas. Prometi que ia ser simpática. Odeio ser simpática com gente que não conheço, nem nada. Agora já disse tudo. Não tenho mais o que falar. Posso sentar? Posso sentar? Ô, ô! Ainda não. Eu tento: Acho que é isso. A professora não acha. De novo, o silêncio. De novo, todos esperando que eu diga alguma coisa. Dizer o quê? A professora me salva: por que resolvi mudar de escola? Eu mudei de escola porque... – não consigo inventar nada. Pensa Ciça. Diz qualquer coisa. Pensa. Não consigo inventar uma desculpa qualquer. Porque não gostava? Porque... sou muito ruim na mentira. Fico mais nervosa ainda. Falo ligeiro, gaguejo, fico vermelha. Dizer o quê? Minha mãe quis? Não. Eu quis. Respondo: porque eu quis. – E calo. Os colegas riem. Ôôôôôôôô! Sou muito ruim na mentira e, quando me dou conta, estou falando a verdade. Com os olhos molhados e uma vontade muito grande de sumir, um calor intenso no rosto, de mãos dadas com o casaco do meu uniforme, respondo rápido: é porque eu não tinha amigos. A sala fica em silêncio. Todos parecem interessados. Confesso que um pouco eu gosto que estejam interessados. Quer dizer, eu tinha, mas não queria mais ficar junto com eles, porque não era mais divertido. Quer dizer, eu não queria mesmo mais ficar com eles, e eles não me chamavam quando iam para o recreio. Nem a minha melhor amiga, que deixou de ser minha melhor amiga, óbvio. Então, eu passava os recreios lendo e ouvindo música. Eu não gostava de ler, agora eu leio bastante. Adoro! A minha escritora favorita é a Casey McQuiston, sabem? A do *Vermelho, branco e sangue azul*. Ganhei da minha avó. Só li este livro dela, já pedi de Natal o outro, mas também gosto muito de livros policiais, de detetives. Até já pensei em ser perita criminal. A turma se agita. Quase todos querem ser peritos criminais! Mas. Não quero mais. Não sei bem ainda o que eu vou ser, mas quero ajudar as pessoas, alguma coisa que tenha a ver com direitos

Odeio.
Odeio.
Adoro!
Juntos!

humanos, sei lá. Uma colega diz que, se fosse ela – como assim, se ela fosse eu? Ela nem me conhece nem nada! – se fosse ela, ia junto pro pátio com os amigos da outra escola e fazia com eles tudo o que faziam, talvez se dessem conta, talvez não, mas não ficaria sozinha. É muito fácil dar opinião sobre o que a gente não sabe. Odeio isso. Eu sofria bullying! respondo pra ela. De novo o silêncio. Eles me chamavam de girafa testuda. De novo o meu nariz arde e de novo meus olhos enchem de lágrimas. É insuportável! Não preciso explicar as razões. Óbvio! A turma começa a rir como se eu tivesse dito uma coisa muito engraçada. A professora manda que eles parem, até porque o riso começa a ficar parecido com deboche. Ela chama algumas meninas para ficarem perto de mim. Elas são da minha altura. Afinal, não sou tão diferente assim. Olho para a testa delas. Não são tão diferentes da minha. Gosto disso. Ou nós vamos formar um clube de girafas testudas?, penso, tenho vontade de rir, mas não digo. A professora fala muitas coisas para dizer que nós somos muito bonitas. Menos, eu diria para a professora, menos... Mas. Eu gosto de não ser diferente. E também não me acho tão, tão feia, só às vezes. Eu diria e não digo. Digo apenas obrigada, quase feliz. Agora chega, quero voltar para a minha classe. Chega. Uma menina levanta o braço e pergunta que músicas eu gosto. Essa é fácil! A Taylor Swift. Adoro! Adoro desde que eu era pequena e tinha dez anos! Vários dos meus colegas concordam comigo! Por quê? Um menino diz que ela é linda, eu também acho. Uma menina quer saber por que eu gosto dela. Quando eu era pequena, acho que com nove anos, eu perguntava “por quê?” para todas as novidades do mundo, óbvio que essa frase é da minha mãe, é ela que conta isso de eu perguntar por quê. Agora que eu já cresci, parece que é a pergunta que eu mais respondo! E o mais engraçado é quando respondo porque sim. As pessoas acham que não estou respondendo! E eu só estou dizendo que fiz porque quis fazer. Agora vai: por que eu adoro a Taylor? Porque ela é muito verdadeira e faz as coisas em que acredita do jeito que acredita. Ela não tem nenhum medo de perder o seu público. Se tiver que mudar o estilo, ela muda e o público a acompanha. Já mudou três vezes de estilo e o público nunca a abandonou. Gosto de gente assim, que faz as coisas em que acredita. O que mais eu gosto? Ahhhhhhhhh! Gosto de coisas que todo mundo gosta! Eu acho! Gosto de tocar violão, meu tio está me ensinando. Meu pai disse que, quando puder, vai me dar um violão. Ainda sou ruim, mas, pelo menos, já saí da fase do *Marcha Soldado* e do *Parabéns a Você*. Não toco na frente de

Odeio.
Odeio.
Adoro!
Juntos!

ninguém, nem dos meus pais, porque tenho vergonha. Quando eu era criança, adorava tirar fotos. Agora, odeio. Me escondo sempre que tem celular virado para mim. Odeio! Porque sou muito feia, às vezes. Ah! Já disse isso antes. Meus colegas dizem que não sou. E também digo que sou a pessoa mais odiada do mundo. Eles parecem levar a sério o que eu digo. Fazem que sim com a cabeça, como se me entendessem profundamente, como se eles também tivessem sido odiados! A professora pergunta o que eu espero desta escola. Eu espero ter amigos, ora! A resposta é tão óbvia que mal termino de ouvir o que digo. A Beta, a Ká, a Rô e o Nando fazem uma gritaria lá atrás. Tudo bem, eu corrijo, já tenho quatro amigos: a Beta, a Ká, a Rô e o Nando. O resto da turma reage. Corrijo novamente, com o rosto queimando. Eu sou amiga de todo o nono ano! Todos batem palmas. As mangas do meu casaco estão esticadas. Abro os braços segurando as mangas. Parece que vou voar. Se pudesse, voaria. Vejo minha imagem no vidro quebrado da janela do fundo da sala. A pandemia? Agora todos têm que dizer o que sentiram. Suspiro aliviada. Eu começo? Por quê? Por quê? Por quê? A pandemia mudou tudo na minha vida e mudou a vida de todas as pessoas, eu acho. Meus colegas fazem que sim com a cabeça. Fiquei dois anos dentro de casa. Meus aniversários de doze e de treze anos a gente não festejou. Passei sozinha. Quer dizer: não tão sozinha! Minha mãe fez um bolinho, colocou uma vela velha branca, daquelas que a gente usa quando falta luz, em cima, e a gente comemorou com minha avó, meus dois tios e meu primo. Foi pela internet, pelo telefone do meu pai. Parece que a gente não comemorou, que não teve aniversário. Parece que a gente não existiu de verdade nesses dois anos. Dois anos é muito tempo e o que mais ouvi falar neste tempo foi sobre a morte. Fiquei com muito medo que a minha mãe tivesse covid e morresse. Não posso nem pensar nisso! A Beta, a Ká, a Rô e o Nando, não só eles, óbvio, começaram a dizer que também tinham medo. Uma menina disse que morreram um tio e um primo. Outros também disseram. Odeio a morte. Meu biso e minha bisa já morreram há tempos e eu ainda tenho saudades e nunca mais vou encontrar nenhum dos dois. Isso é o mais triste, pelo menos eu acho, da morte. A morte é um nunca mais que dura para sempre, eu acho. E eu não gosto de ver gente chorando. As pessoas não deviam chorar, não deviam sofrer, sei lá, eu penso assim, mas as pessoas têm tantos problemas! Meu pai tem muitos amigos que perderam o emprego e disse que muita gente perdeu o

Odeio.
Odeio.
Adoro!
Juntos!

emprego e não tem dinheiro nem para comer nem para dar comida para os filhos. Isso eu acho muito triste. E a pandemia também trouxe um vazio dentro da gente. Sei lá, não sei explicar bem, mas ela não juntou as pessoas nisto de solidariedade. Ela afastou as pessoas. O Vini me interrompe e eu fico bem feliz, estava começando a ficar enrolada. O Vini disse que a gente não precisava levantar cedo pra vir para a escola e, em muitos trabalhos, também! A gente podia mexer na internet pelo telefone, assistir – ele dá um sorrisinho irônico, como o Muttley da *Corrida Maluca* – às aulas, jogar futebol no telefone. Pronto, a turma se agita e a barulheira é geral. Todo mundo diz os jogos que gosta! Eu queria um jogo de colocar na tela da TV, minha mãe disse que é muito caro, mas quando puder, vai comprar um. No meio da agitação e da gritaria, o Henri joga a máscara para cima. A professora diz para colocar a máscara no rosto. A turma se acalma. Ah! Eu esqueci de falar sobre as máscaras. Odeio. A gente só vê os olhos das pessoas e tem que imaginar o resto! E eu penso nas crianças pequenas, que nasceram durante a covid. Rosto inteiro, elas só veem dos pais! Isso eu acho triste. O Nando diz que houve toda uma briga por causa da vacina. Que tem gente que nunca vai tomar e não deixa seus filhos tomarem. Cara! – ele diz, e ele diz “cara” todo o tempo – cara, acho errado os pais não tomarem vacina, mas tudo bem, são adultos, é uma escolha deles, seja o motivo que for. Mas, cara!, os filhos deles não podem escolher! E, depois, vão chorar pelos filhos que morreram. Alê diz que fica triste quando vê as pessoas pobres. Nós? pergunta Nando. E todos riem. Não nós. As pessoas bem pobres, que não têm máscara, nem álcool, nem sabonete e também não têm água dentro de casa. Eu vi na televisão uma mulher mais ou menos velha, que nunca usou sabonete na vida dela! Que em vez de comprar sabonete, ela compra um pouco de comida, quando ganha algum dinheiro. Ela é catadora. A turma fica em silêncio. A professora muda de assunto. Do que vocês gostam mais na escola? Ela não diz o meu nome, mas fica olhando para mim. Odeio quando ficam olhando para mim! Eu não sei. Só sei do que não gosto. Religião e Educação Física. Todos se agitam, às vezes riem, concordando, às vezes, sacodem a cabeça com indignação. Eu sei! Mas não gosto! Tenho que escolher um esporte. Já sei que tenho! Acho que vou escolher vôlei. Uma parte da turma vibra, bate palmas. Esportes coletivos parecem mais fáceis. Quando a gente perde, não perde sozinho e, sozinha, seja qual for o jogo, eu perco sempre, digo sorrindo. Olho para o vidro quebrado da janela do meu lugar e me

Odeio.
Odeio.
Adoro!
Juntos!

acho engraçada sorrindo. Do quê? Não sei, mas me surpreende mais não estar de mãos dadas comigo ou com o meu casaco. As mangas estão soltas, conforme me mexo, elas voam sozinhas. Quero muito fazer um intercâmbio, mas tem que ser sem pagar. Quero ir para os Estados Unidos ou ao Canadá. Falo bem inglês. Aprendi um pouco na escola e um pouco nos filmes, não leio as legendas. A Beta, a Ká e a Rô dizem que querem ir comigo. A Joana diz que não tem coragem. O Nando quer assistir à Copa do Mundo na China. A professora acalma a gente, porque cada um quer uma coisa, e pergunta pela profissão. Tem muitos jogadores de futebol na turma, também tem cantoras e também tem cabeleireira e manicure. Professores tem poucos. Eu? Ainda não sei. Minha mãe disse que, até eu chegar na universidade, com certeza vão aparecer profissões novas, que tenho tempo. Mas só sei que a profissão que eu escolher tem que ter a ver com o meu perfil, com o jeito que eu sou. É que eu sou tipo... — queria uma outra palavra e não acho — é que eu sou tipo engajada. Não quero fazer de conta que não vi o que vi, não quero ser indiferente ao que acontece no mundo. Quero cuidar das crianças pobres. Babá? pergunta o Vini e todos riem. A professora pede que fiquem em silêncio. Odeio essas brincadeiras sem graça. E se eu quisesse ser babá? Qual o problema? Mas isso não digo. Não! Não! — respondo irritada. Estou falando de uma outra coisa: mostrar para os pais deles que estudar é a única chance de sair da pobreza, sei lá, de mudar de vida mesmo. Minha mãe me diz isso todos os dias. Quero cuidar das pessoas, as que não têm o que comer. Quero cuidar do meio ambiente, das árvores, dos animais, principalmente as raças em extinção. Quero ajudar a fazer campanha dos LGBTQIA+, lutar pelos negros, pelos indígenas, pelas mulheres. Meu pai e minha mãe também pensam assim, eles dizem que a gente tem que respeitar a diversidade. Acho que a gente tem que lutar pelo mundo — meu nariz arde e eu tenho que disfarçar os olhos que se enchem de lágrimas, sei lá. Fico um pouco em silêncio, só um pouco. O Vini grita que já estou eleita. Que ódio! Não é disso que estou falando. A professora e os colegas mandam que ele pare. É que a Terra precisa de nós tanto quanto precisamos dela. As pessoas..., minha mãe diz que as pessoas nascem para ser felizes, é na vida que alguma coisa acontece, alguma coisa tranca, não sei. Eu também acredito. Se vocês querem saber, eu acho que ainda dá tempo de cuidar de tudo isso. Tipo isto: ajudar as pessoas a respeitarem as pessoas e a fazerem da sua vida uma vida melhor, de respeitar a Terra, de fazer do mundo um

mundo melhor para nós e para todos. Eu acho isso. O Nando levanta a mão, engraçado levantar a mão para mim!!! A gente sempre levanta para a professora. Ele está muito sério. Pergunto se ele quer perguntar alguma coisa e ele diz: — cara, mas como é que a gente faz isso? Devia ficar com ódio do Nando por fazer uma pergunta dessas e não consigo, ele é tão bonito e amigo e divertido. Respondo que não sei — e, de novo, agarro as mangas do meu casaco. Uma parte pequena da turma ri. A outra fica quieta, esperando que eu diga mais alguma coisa e eu digo. A única coisa que eu já sei é que temos que fazer isso juntos, como no vôlei e em qualquer esporte coletivo, temos que fazer isso juntos. Ou fazemos e ganhamos todos. Ou deixamos assim e perdemos todos. Há, agora, uma grande agitação na turma. Os do sim e os do não. A professora me olha, concordando com o que eu disse. Eu posso dizer até que com os olhos de orgulho. Ela não interrompe a movimentação e o barulho da turma. Posso sentar agora? Minha pergunta é mais do que uma pergunta, é um pedido. Posso sentar, agora, no meu lugar?, pergunto baixinho. Pode, ela responde, parece a minha mãe quando fica emocionada. Acho isso engraçado. Emocionada, por quê? Os meus colegas batem palmas, batem as mãos nas classes, gritam “uhuuu!”, “aee!”. Volto, lentamente, para o meu lugar. As mangas do meu casaco, que tem que durar pelo menos pelos próximos três anos, batem nos meus joelhos. Sento devagar. Agora não são só minhas mãos e minhas pernas que tremem. Odeio isto. Eu sou a própria tremura. Tremura?, é assim que se diz? Não, penso! Não importa! Meu sorriso, agora, não é o colado, não como simpática nervosa. Ainda que tudo em mim seja puro tremor, fico até meio ternurenta, como diz a minha avó. Olho o relógio. Já vai dar o sinal. Quero chegar em casa e contar para a minha mãe que encontrei um lugar — rio sozinha, meio idiota e tudo —, um lugar que pode ser o meu, onde não sou mais a estranha da biblioteca. Sou simplesmente Maria, como todas as outras que estão na sala. Ideias começam a tomar o murmúrio que agita o ar. Há colegas muito empolgados. Nós todos temos — juntos — muito o que fazer e temos que começar agora. Adoro isso.

Odeio.
Odeio.
Adoro!
Juntos!



Crédito foto: Thales Renato

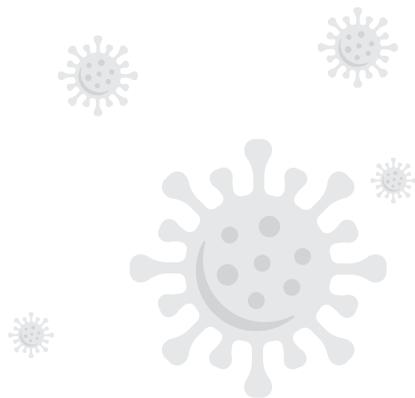
Jari da Rocha nasceu em São Leopoldo em 1963 e começou a escrever no Jornal NH em 1985. Morou na Berlim dividida pelo muro. É professor, graduado em Letras (Unisinus) e mestre em Letras (PUCRS). Autor do livro *Textículos – Narrativas curtas*, escreve em revistas, blogs e foi articulista de política de *O Tijoloço*. Idealizador do Prêmio Literário Sergio Farina e do Sarau do Rio, atua nas áreas da cultura, meio ambiente e saúde.

Jari
da
Rocha
127

Jari da Rocha

Adagio ma non tanto

Jari
da
Rocha
128



Adagio ma non tanto

Antes de abrir os olhos, sentiu o focinho gelado da Teresa, que insistia em subir na cama. Mentalmente tentou dizer: sai, Teresa. Mas a voz não saiu, a garganta estava arranhada. Precisava dum café quente e forte para o dia fazer sentido.

As cinco horas da manhã o impediam de abrir a borracharia e, nesse tempo gigante, tempo que normalmente só servia para atormentá-lo, precisava arranjar algo pra não pensar. O inchaço do pé só começaria a dar sinal perto do meio-dia. Acostumara-se a dormir com uma perna em cima dum amontoado de cobertas.

José já tinha passado dos cinquenta anos, com um cansaço de oitenta. A vida não lhe tinha sido, de um todo, grata. Não reclamava, tinha perdido a vontade de fazer qualquer coisa que o obrigasse a sair do mundo que lhe sobrara.

A filha andava enfiada nos livros e as visitas usuais foram rareando. Desgraça de livros, pensava.

Depois que perdeu a mulher, sem perceber, reconstruiu uma imagem perfeita do passado. Esquecera as desavenças, os embates, o tapa.

A notícia do câncer de mama chegou junto com o desespero, não tinha mais o que fazer, disse o médico. Morreu em três meses.

Ele sentia raiva de médicos, raiva de jalecos brancos e de corredores

com paredes verde-claras. O mais insuportável, no entanto, era o cheiro de assepsia que invadia as narinas e se entranhava n'alma como um aviso permanente de morte.

O ruído de um carro se aproximando foi pré-anunciado pelos latidos da Teresa.

Levantou, a contragosto, do mocho carcomido pelos cupins resistentes – tinha perdido todas as batalhas para o cupinzedo desgraçado: a porta do armário da cozinha, a mesa de cabeceira que fora de sua mãe, uma mesa e a janela que dava para o pátio dos fundos.

A oficina ficava abaixo do nível da rua, os carros tinham que descer uma rampa para entrar. Normalmente atendia ali mesmo, naquele declive, por isso as dores nas costas. Enfiava o jacaré debaixo do carro, afrouxava as porcas da roda e, em seguida, com o pé direito, ia bombeando até o pneu perder o contato com o chão.

A porta principal era dividida em duas folhas de madeira falquejada. Na única peça existente cabia só um carro, que tinha que dividir espaço com a prensa, a bancada abarrotada, o compressor barulhento e a banheira de louça branco encardido, que servia como tanque para identificar os furos das câmaras.

Quem entrava na oficina, ao fundo avistava a porta que levava diretamente à cozinha da casa, onde havia outras quatro portas. A do quarto da filha, que estava cheio de caixas, a do casal, a porta do banheiro e a última, que dava acesso ao pátio dos fundos.

O alarme da Teresa tinha sido em vão. Noutros tempos, ela não se enganaria. Quando latia, era certo que havia freguês chegando pra consertar pneu. Tinha sido o namorado da vizinha. Normalmente chegava buzinando e só parou quando José, com o martelo de borracha na mão, o mandou buzinar na frente da casa de sua mãe. E assim se fez o silêncio.

Na dúvida entre esquentar mais uma xícara de café ou abrir o janelão do lado, que iluminava a oficina por inteiro, optou pela janela. Ainda com a xícara vazia em punho, destravou a trâmela com a outra mão e, dando um tapa com o dorso, abriu-a. O dia estava nascendo.

Neste momento, algo entrou voando e sem dar tempo foi zunir em seu ouvido esquerdo. Instintivamente, deu um tapa com a mão que segurava a xícara, que se quebrou. A dor foi aumentando, mas não por causa da xícara, havia outra coisa.

Então viu a abelha agonizando no chão de contrapiso. Aproximou-se do espelinho pendurado na parede e pôde ver o ferrão cravado. Enfiou o dedo na aurícula e arrancou-o fora.

Fazia tempo que não levava uma ferroada de abelha. Não lembrava de a dor ser assim tão aguda. Justamente ele, acostumado a acertar os dedos, a mão, a canela e os dedos dos pés com marretadas e marteladas.

Enfiou a cabeça debaixo da torneira e sentiu um pequeno alívio. Mas havia algo errado. A cabeça começou a latejar.

No caminho ao postinho, pensou várias vezes em desistir e voltar pra casa. Mas a dor o ajudou a seguir. Além disso, poderia aproveitar para ver o inchaço do pé.

– Uma picada de abelha – disse, mostrando a orelha à moça do balcão.

Sem levantar a cabeça, a moça, com tatuagem colorida no antebraço direito, cabelo desgrenhado e cara de quem não dormia bem nos últimos tempos, continuou mexendo na impressora.

– Não é aqui.

– Como não é aqui? Vocês têm que me dar alguma coisa. Viu o tamanho da minha orelha?

Mas a atendente não tinha visto nem o tamanho, nem a orelha e nem a cara de cólera de José. E quando ele tentou engrossar, ela olhou-o nos olhos, desafiadora, e disse:

– Não é aqui, senhor!

Quase deu um murro no balcão, mas sabia que podia se complicar. Encarou-a, como quem diz “tu me paga” e saiu, furioso. Quase na saída ainda gritou:

– Cambada!

José sentiu a raiva do mundo em seu peito. Por que aquela moça o

tratara assim? O que ele tinha feito pra ela? Logo ele, que não fazia mal pra ninguém. Ele, que trabalhava honestamente. Até os presidiários eram melhor tratados. Só porque ele era um bruto? Ele sabia que era um bruto, mas a filha não era. Ela vivia enfiada nos livros e sabia coisas que ele nunca entendeu. Da mesma forma que não entendia por que não podia ser atendido, por que a atendente tinha que ser tão má com ele. O que ele tinha feito pra ela, afinal?

A senhora da vacina não era que nem ela. Ela disse: meu bem, relaxa o braço. Ele nem sentiu a agulha. Se tivesse comprimidos, não precisaria tomar a vacina. Aquela senhora era uma pessoa boa, tinha mãos de fada e não o desprezou.

Num determinado momento, ele pensou em voltar pra tirar a limpo a história com aquela moça pretensiosa, arrogante. Mas não podia fazer besteira. Já tinha se complicado com a justiça, o tapa, a Maria da Penha. Não queria nada disso de novo em sua vida. Aquilo foi um erro, ele sabia. Seria por isso que as visitas da filha foram rareando?

Também não conseguiria enfrentar a moça, não saberia o que dizer, só resmungar. Não tinha argumentos, era um bruto. Mas, pelo menos, ele tinha a Teresa. Teresa era que nem gente, mais gente do que aquela moça com tatuagem colorida no braço.

Na farmácia, o balconista perguntou se ele preferia injeção ou comprimidos.

– Quanto é os comprimido?

José tinha um metro e oitenta e pesava mais de 120 quilos. Era um brutamonte, acostumado a esmagar o dedo na base da marretada, mas tinha suas restrições. Agulha, só em último caso.

Pegou o dinheiro no bolso direito, pagou e foi embora.

Foram três dias de inchaço, dor, febre e a lembrança do descaso.

Kelly tinha 24 anos, alguns sonhos do mundo e um curso trancado na universidade.

A vida não acenava com possibilidades de dias melhores.

O cansaço dos seguidos plantões não parecia compensar o dinheiro extra, que se esvaía em lanches fora de hora e outras extravagâncias, como o pote de açaí repleto de guloseimas, para amenizar a dureza dos tempos. Era um tempo que parecia não ter fim.

Mas conseguira comprar o carro, a custo e em parceria com o irmão mais novo, que trabalhava de casa. Por isso podia ir de carro todos os dias ao postinho.

Fazia um ano que tinha voltado pra casa. Voltou, depois de ter vivido intensamente com o namorado. Voltou porque um dia ele chegou em casa e disse que não dava mais. Voltou porque não tinha para onde ir.

Naquela noite, o calor não dava trégua. O ar que vinha da rua trazia uma sensação de mal-estar, como se o mundo estivesse fervendo.

José tomava um latão enquanto ainda mantinha alguma esperança de receber a visita da filha. Ela dava umas passadas rápidas, falando e se justificando por não poder ficar muito tempo. Os livros, pensava. Mas, pelo menos, ela estava feliz, isso estava claro.

Ele nunca gostou do calor, fica irritado, perde facilmente a paciência. Sempre preferiu o inverno: o fogão a lenha aceso, um naco de carne de boi pantaneiro na panela de ferro e um copo de vinho de garrafão, que comprava perto de Caxias, quando visitava os primos.

Para ele, esse era o mundo perfeito e a companhia da Teresa o fazia esquecer das agruras que a vida lhe ofereceu de bandeja.

A Teresa nunca saía pra rua. José não deixava. Na última vez, quando ele esqueceu o portão do lado aberto, ela resolveu ir latir para um motoboy e, apesar de ser velhinha, ele resolveu passar por cima com o pneu dianteiro.

Foi depois da cirurgia para fixação óssea que ela começou a morder, principalmente quando alguém passava a mão perto do quarto traseiro. Era como uma espécie de memória da dor.

Às vezes, quando José ia dar banho, ela ensaiava uma mordida, só

encostando os dentes em sua mão. Depois, parecia arrepender-se, como se ficasse com vergonha.

Teresa era dócil, raramente latia, ficava o tempo todo deitada perto do mocho carcomido de cupins. No inverno, se enrolava num pedaço de moletom que José havia ajeitado dentro de uma caixa de papelão. Tinha o porte pequeno, pernas curtas e seu pelo incluía uma capa preta que cobria o lombo. Nas outras partes, tinha pelos de um marrom amarelado e algumas poucas manchas brancas nas patinhas. A Teresa é uma dama, dizia José.

Estirado na poltrona coberta por uma lona de caminhão, e com os pés em cima do mocho cupinzento, José coça a orelha, ainda consequência da ferroada, e olha pela janela que dá para o pátio. O mato alto do pátio dava a falsa ilusão de viver numa floresta.

Nasceu ali, naquela mesma casa, na mesma rua que agora era uma avenida que não deu certo. As duas pistas iluminadas, projetadas para ser um local de comércio e de vida noturna, se limitavam a espaços vazios, terrenos baldios, algumas casas, poucos comércios e um posto de gasolina lá no fim, onde terminava, dando acesso à estrada que atravessa o país.

O bairro mais antigo da cidade se tornou apenas uma passagem obrigatória de quem vem ou vai para o centro da cidade. Na outra ponta da avenida está a ponte de ferro, que passa por cima do rio.

Nada ali dá certo e, à disposição do submundo, o corredor de passagem envelhece, se deteriora.

À noite, mulheres sofridas aguardam por homens que passam com carros lustrosos. Alguns param, mas sempre pode ser arriscado. Por isso, a borracharia não fica mais aberta até a meia-noite.

Uma vez, tentaram assaltar. José nem se mexeu. Vasculharam a única gaveta, mexeram na bagunça sobre a bancada e até tentaram arrancar o antigo compressor que ficava preso ao piso de concreto com parafusos que, de tão enferrujados, sequer se mexiam. Não tinha o que roubar, mas o dinheiro que entrava no dia a dia estava mais à mostra do que se podia imaginar.

Sobre a bancada e também debaixo dela, em meio a estopas engraxadas, restos de câmaras e remendos, latas de óleo e pregos e parafusos, tinha algumas latas enferrujadas sem tampa e sujas de óleo queimado. Dentro delas, envolto em sacos plásticos, José guardava o dinheiro. Os caras até pegaram algumas latas, mas não tiveram coragem de enfiar a mão dentro.

Com o passar do tempo, as coisas foram ficando bem piores.

Às 22 horas, José trancava a porta, passava a corrente e enfiava um cadeado pelo lado de dentro. Nunca arrombaram.

A filha não veio e José dormiu escorado na poltrona.

No meio da noite, Teresa começou a latir, insistentemente. Gente no portão.

José levanta, ainda trôpego, pega a marreta de borracha, se aproxima da porta e espia pelas frestas. Um carro, parece freguês.

Uma mulher pedia ajuda. O pneu.

Ele demora alguns minutos ainda até abrir a porta. Precisava ir ao banheiro.

Ao abrir a porta, antes que ele dissesse uma só palavra, a moça começa a falar sem parar.

Mesmo de máscara, José sabia quem era. Os olhos de desprezo agora eram de súplica, de medo, insegurança.

Ambos sabiam que, quando ela parasse de explicar o que havia acontecido, um silêncio gigantesco de constrangimento e tensão tomaria conta do ambiente.

Já passava das três horas da manhã.

José virou de costas e caminhou em direção à bancada. Volta com a chave de roda em uma das mãos e com a outra puxa o jacaré.

Enfia o jacaré debaixo do carro e começa a afrouxar as porcas da roda.

Em seguida, com o pé direito, vai bombeando até que o pneu perca o contato com o chão.

— O senhor tem Pix?

José coça a cabeçorra, olha-a de cima a baixo e tasca:

– Nem sei o que é isso.

– É que eu não tenho dinheiro vivo. Eu posso passar aqui amanhã pra lhe dar o dinheiro. Trabalho aqui pertinho, no postinho.

Sem dizer palavra, ele acena positivamente com a cabeça. Se vira e vai fechando a porta.

Antes de entrar no carro, constrangida, Kelly virou-se ainda para tentar agradecer.

Mas a porta já estava se fechando.

José volta ao seu mundo, em silêncio e com a sensação de dever cumprido.

Teresa dorme, enrolada no moletom na caixa de papelão. José se aproxima, passa a mão na cabeça dela, Ela se remexe, suspira forte e volta a dormir.

Não vai demorar muito para o dia amanhecer. José coloca a moka no fogão, quer um café.

Sentando na poltrona, enquanto toma o café, olha para as paredes e pensa que está na hora de uma pintura, arrumar um pouco as coisas.

A luz entra por entre as frestas do janelão. Ele ouve uma batida na porta, uma batida com a ponta da chave. Conhece aquela batida. Sente uma alegria. Levanta e vai até a porta.

– Filha!

– Oi, pai. Tava com saudade. Trouxe pão quentinho.

José abraça forte a filha e, depois de muito tempo, tem, de novo, uma sensação boa de que as coisas vão melhorar.



Crédito foto: Joana França

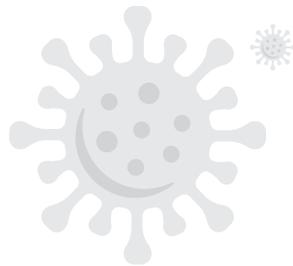
Jéferson Assumção é de Santa Maria-RS. Tem mais de 20 livros publicados. Professor de Escrita Criativa. Foi secretário adjunto de Cultura do RS (2011-2014), secretário municipal de Cultura de Canoas-RS (2009-2010), Coordenador-geral e Diretor de Livro, Leitura, Literatura e Bibliotecas do Ministério da Cultura (2005-2008 e 2015). Pós-doutorado em Literatura pela UNB. Doutor em Filosofia, com diploma de Estudos Avançados em Filosofia pela Universidade de León (Espanha). Licenciado em Filosofia pela Universidade La Salle.

Jéferson
Assumção
137

Jéferson Assumção



Alguma metafísica



Jéferson
Assunção
138

Alguma metafísica

Como tinha combinado com o Sr. Gilson, parei ao lado de um poste na esquina do Calçadão com a 15 de Janeiro, em Canoas, a esperar a chegada dele. Dez minutos depois do horário acertado, olhei para cima e percebi que eu tinha me escorado no poste do relógio, grande caixa preta empalada na ponta do Calçadão. Curioso com a existência de um equipamento desses em plena época dos celulares e do digital, afastei-me dois ou três passos para ver as horas em seu painel. Óbvio que, como se poderia esperar, o relógio estava estragado. Seus ilusórios dígitos de plástico estampavam apenas os números correspondentes aos 37 graus daquela tarde.

Voltando para o local em que estava, a tentar me acostumar com o calor, fiquei pensando em por quê a prefeitura não tirava aquele trambolho da rua. Logo em seguida, percebi que três pessoas se abanavam embaixo da sombra do painel e que ela formava uma espécie de parada entre os dois lados do Calçadão e suas marquises. Eu, com um surrado terno azul marinho, segurava uma pastinha de couro cheia de balas e resolvi também sair do sol e ir para lá. Era um alento, embora um tanto provisório. Quinze minutos depois e eu, parado onde estava, já me via com a testa atacada pelo sol saariano de dezembro, pois a pequena ilha de sombra se movia, mesmo que de forma imperceptível, um pouco para o lado.

Eu tenho uma superstição. A cada vez que me vejo numa situação ruim, meto uma “Bala Santana — adoçando a vida” na boca à espera de que ela, a situação, se desvaneça junto com o fim da bala. Assim, como um selvagem voltado para a cara de Cronos, aquela espécie de oráculo que informa a hora certa e ainda por cima faz propaganda de cafezinho, enfiei a mão na pasta e, de dentro de sua barriga, para além dos dentes do zíper, tirei são e salvo um saco de balinhas. Descasquei mais uma, puxei a máscara para cima e meti-a na boca. A pedra de doce rolou de um lado para outro, enchendo meu espírito de sincera gratidão.

Nossas balas são de fato deliciosas, e preciso dizer que caí na desgraça em que caem alguns traficantes de drogas: viciiei-me no próprio produto que vendo. Mas eu não tenho coragem, ainda bem, para mais que isso: viciar-me em balas. E de hortelã.

No verão, o sol de Canoas é uma usina nuclear e, naquele dia, uma fornalha cósmica direcionada para mim. Comecei a suar, ainda um pouco mais desconfortável por causa do velho paletó comprado num brechó da Fioravante Milanez pra recomeçar a vida depois do ápice da pandemia de covid-19. Mas nada de o Sr. Gilson chegar.

O tempo não passava. Ou passava e eu não via, já que o relógio continuava a mostrar apenas os graus, não as horas, e eu entrara numa espécie de anestesia de calor e tédio. Pisquei, parado, só os olhos se movendo em busca do Sr. Gilson. A multidão veloz desviava como formigas mascaradas e anônimas a evitar um obstáculo. Alguém trombou em meu ombro, mas não me virei, embebido na sensação de o tempo passar fisicamente por mim, úmido, e eu ali rolando a bala para um lado da boca, longe do dente molar cariado, no canto póstero-inferior

direito. Mas a bala ia acabando e o Sr. Gilson não chegava.

E não é que eu, ainda na frente do relógio-poste, comecei a me acostumar com o calorzinho? Não sei por que raios, mas passei a tentar ver a que ponto podia aguentar — que cabeça? — aquele solão. E tinha tempo, ainda por cima, maldito tempo que me deixam para fazer bobagens. E um saco de balas na pasta.

Eu, que poderia ser um advogado ou um filósofo de mão cheia, ora, embora soubesse que não dava mais tempo, que ia ficar pra trás por causa do peso da mala das Balas Santana, que só podia me contentar mesmo era com aquilo, com uma filosofiazinha de vendedor de balas pra adoçar a vida, uma superstiçãozinha de calçada pra mentir a mim que esta merda de realidade é um pouco mais surpreendente, esta realidade que no fundo é um buraco, de onde os artistas, eu achava, e os filósofos conseguem sair só porque podem ver as coisas um tanto mais engraçadas que a gente. Filósofo perdido no tempo, quase um Tales de Mileto dizendo que tudo é água, olhava direto pro relógio parado.

Você poderia se surpreender com meus conhecimentos. É que, como vendedor, aprendi a inventar coisas para passar as horas e dar algum sabor ao dia, parado e insosso em sua maioria, como a de um pescador atrás de seus pescados, só que quase nunca numa refrescante beira d'água...

Para amainar a impaciência, gostava, por exemplo, de chegar em casa e dizer pra Zuca, quando ela me perguntava “o que tu fez hoje?”: não que vendi tanto ou quanto, que olhei um novo carro velho, mas sim que desta vez bati o recorde de 45 minutos sem me mexer, de uma janela em cima do morro Santa Tereza em Porto Alegre, olhando fixo para um mesmo ponto, uma ilha lá embaixo, no Guaíba, enquanto dona Jurema não se decidia pela compra. Outras, que saí mais cedo de casa, peguei o Trensurb, atravessei o centro de Novo Hamburgo, de uma ponta a outra, de bar em bar, boteco a boteco, carregado de balas. Tudo a pé.

— Tu é louco, Heleno? — ela arregalava os olhos, no fundo, por me conhecer, esperando aqueles pequenos sustos, como quem pega uma pimenta braba, daquelas que eu, de vez em quando, pico e mexo no arroz com feijão dentro do prato, pra dar mais emoção pra gente, pra ver até quando escapamos, eu e ela, do ardor na língua e nas orelhas. E, quando a ardência vem, meus olhos se enchem de lágrimas e a boca pega fogo de uma maneira tão boa que no outro dia eu quero de novo. A Zuca também. Já faz tempo isso. Não deixo a vida passar sem graça, mesmo que ela não a tenha.

Um dia, por exemplo, parei o sobe-e-desce das vendas e deitei na beira do porto da capital, até que lá pelas tantas um segurança veio me tirar de meu pequeno antídoto para o torpor cotidiano. Outro, às três da tarde, subi por querer no edifício Coliseu, lá em cima, último andar, não para fazer mais nada do que olhar, ao lado do elevador, Porto Alegre se esparramando lá embaixo... Detalhe: fui pelas escadas, cheguei morto. Outro detalhe: gosto de alturas, pois elas me tiram do nível em que eu e as coisas estamos.

Desci pelas escadas, de novo, claro, coisa que sempre faço, ir de escada, não por medo, mas porque

tenho a certeza de que é com esses pequenos gestos de subversão do cotidiano que a minha vida ganha algum novo ângulo, um ânimo distinto e dali é que extraio uma coisa que ouvi falar uma vez, num livro: enxergo, pelos cantos do meu dia a dia, alguma metafísica.

Desde criança que me interesso por certo gênero de ficção que é essa superficial cosmologia de primeiro grau e de livros que divulgam descobertas científicas simplificada. Não pude estudar muito, mas aprendi o suficiente, pelo menos para um bom diálogo antes de vender um ou dois sacos de cinco quilos de bala na Vila Cerne ou na Pedreira. E aprendi coisas interessantes nesses livros, metafísica pura. Por exemplo: em sua viagem, o Sol recolhe poeira cósmica, que depois chove sobre os planetas de seu sistema. Toneladas de poeira caem todos os anos, de tal maneira que a Terra e seus vizinhos nunca perdem peso, mesmo com todo seu exercício de rodar e rodar atrás do Sol, que roda pelo universo ninguém sabe por quê. Isso encanta todo mundo e muitas vezes comove compradores e compradoras.

Confesso: por dever do ofício, ostentava, muitas vezes, bonitas palavras semelhantemente a roupas novas ou bem engomadas, capazes de fazer de mim um singular vendedor. Meio dentista, meio advogado, meio filósofo, meio engenheiro, de tudo um pouco, sei que desempenhei um papel no mínimo interessante para uma parte da população simples de Porto Alegre e Canoas. À falta dos de verdade, que nunca iam lá, imagino que eu fazia algo a que esses profissionais raramente se dispunham, a não ser por dinheiro: acessava-lhes, quando possível:

— Alguma metafísica, dona Neiva. Mais dois pacotinhos?

E o fato é que o mundo está cheio dela. Alguma há em todo o canto, eu realmente penso, nesse meu louco embate com a pasmaceira, como naquele dia de sol senegalês-canoense no Calçadão.

Alguma metafísica há, dentro da torneira, fazendo a água sair mais rápido.

Em cima do piso da cozinha, puxando os pratos e os copos para baixo.

No tubo de imagem da tevê, enfiando na sala a cara dos atores da novela.

Pendurada no teto, no interior da lâmpada, tornando possível essa espécie de solzinho que ilumina a noite.

Escondida no motor da Kombi do cigarro, empurrando-a por si própria ladeira acima.

Trancada no celular, fazendo sua caixinha preta trazer o som da voz da tia doente de lá do outro lado da cidade.

Espalhada nas toneladas de ar que existem em cima de todos nós sem nos esmagar com seu peso absurdo.

Brotando como líquidos neurotransmissores entre os neurônios que gravam nossa personalidade numa rede de microscópicos fiozinhos de carne especialmente criada pela natureza para nos dar a impressão de

sermos uma coisa pensante, um eu ou qualquer coisa que o valha.

Enfim, metafísica há em toda a parte, para quem souber vê-la. E, modéstia à parte, eu sei vê-la. Especialmente quando espero.

Meu público, se é para falar bem a verdade, não se incomodava de estar sendo enganado. E, no fundo, todos nós sabemos, e até mesmo eles, que não são ludibriados por mim mais do que seriam por verdadeiros cientistas e filósofos. E olha que eu não cobro nada!

Está bem: admito que se trata, também, de um artifício para que comprem meu produto. Mas, vamos falar sério! Tem gente ganhando muito mais do que eu dizendo bobagens bem piores. E ainda têm canudo de doutor em faculdades da Europa. Eu? Segundo ano do segundo grau no André Puente.

“A seis mil metros para o fundo do mar, seu Robério, nas chamadas fossas abissais, o sol não entra. Lá, a única vegetação é o limo, e os peixes são minúsculos. A pressão da água reduziu seus corpos a filetes. E, como não há sol, eles não têm olhos. Para não ver como é triste o mundo em que vivem? A escuridão, o nada?”

São perguntas que eu faço enquanto anoto um pedido ou dois.

Muitas delas são lembranças do meu tempo de adolescente, experiência que levei para minha profissão.

“Que coisa, hem, seu Lara? O Sol é uma bola de açúcar do tamanho de um bonde, cujos raios disparam açúcar às plantas, às pessoas e às coisas aqui embaixo. Olha só. Já vou fechar aqui.”

“...Ou em cima, dona Margarete. Afinal, como saber onde estamos? Não dizem os astrônomos que, se estivéssemos no Sol, a Terra é que estaria em cima, e ele é que giraria ao redor do nosso planeta, e não o contrário, como parece ser daqui? Tudo é relativo. Tudo depende de pontos referenciais e outras coisas. Semana que vem tá aqui.”

E a vida seguia bem melhor, mês acima, ladeira abaixo, um calor dos diabos no verão, um frio de rachar as orelhas no inverno.

“Em Vladivostok, na Sibéria, já fez sessenta graus abaixo de zero...”

“Dizer que o senhor só está ouvindo rádio agora, seu Zé, porque, quando a Terra gira, sabe?, a Terra gira ao redor de si mesma, ela forma um campo eletromagnético que não deixa as ondas saírem pelo espaço sem fim. É como um escudo. O som bate lá e volta. Aí podemos ouvir. Se não fosse isso, não poderíamos nem escutar o Grenal no rádio, sabia? Não, seu Zé, não é só apertar o botão.”

O sol queimava meu cérebro e eu lembrava dessas coisas, esperando ali no Calçadão. Mas que droga! Por que eu não fui até o hotel na BR, então? O Sr. Gilson não ia me escapar. Vai ver que a essa hora já foi embora. Sei lá... Que amorismo o meu! Parecia ter esquecido de como trabalhar, depois de dois anos de praticamente zero vendas. Eu, que em tantos anos de profissão bem sei que um vendedor nunca pode contar com a sorte, jamais pode deixar nem mesmo uma frestinha para que o acaso meta a cara. A verdadeira metafísica é essa, a que se

mete, assim, no mundo físico. Por menor que seja o espaço, se puder entrar, o estrago também é quase sempre bem gordo.

Podia ir para a sombra da marquise? Podia.

Podia dar uma olhada no celular pra ver se tinha alguma mensagem do Sr. Gilson? Podia.

Mas eu estava afoito, eu estava ansioso demais com a retomada das vendas na rua depois de quase dois anos de vender por telefone de dentro do apartamento, nosso apartamento que ia murchando, parecia, bagunçado, sujo e miserável, à medida que o dinheiro da venda de “Balas Santana — adoçando a vida”, meu nobre emprego, diminuía com a pausa pandêmica global.

Etambém tinha outra coisa. Por mais que eu fosse ficando no sol, era como se uma espécie de dormência tomasse conta de mim, uma dormência até que boa, que parecia me tirar do mundo à minha volta, me instalando num lugar aconchegante, úmido, de água por todos os lados, água que já brotava de debaixo dos braços, fazendo pequenas serpentes pelas minhas canelas até dentro dos sapatos, esquentando a parte interna das coxas, água, água, água, vertendo de minha pele, como se meu corpo, com seus 75% de água, estivesse furado.

Certamente ninguém na multidão de passantes perdia seu tempo ali, como eu, em minha pequena sauna ao ar livre, em frente do relógio estragado. Mas eu, sei lá o que me dá de vez em quando!? Eu já nem esperava mais o Sr. Gilson, essa é a verdade, eu já tinha sido puxado pelo meu esporte de encantamento sobre tudo, a pimentinha colocada no feijão do dia. Eu estava era mais uma vez em busca de alguma metafísica, encantado talvez com a vida, mesmo que quase na miséria, e francamente apaixonado pelo fato de estar novamente na rua.

Agora, ou eu tinha esquecido ou nunca tinha passado um calor daquele jeito, mergulhado, como um escafandrista naquele ambiente líquido que se formava ao redor de mim. Um calor de louco, que ia aumentando e aumentando, um calor de derreter o cérebro, de apagar tudo lá dentro.

Eu ali, nada das horas no poste e nada dele, meu cliente, com quem eu tinha marcado para a venda quase certa de talvez até duzentas caixas de “Balas Santana — adoçando a vida”, que ele iria revender em botequinhos da Serra.

Mas por que tinha marcado de encontrar o homem ali? Não teria sido melhor no Conjunto Comercial Canoas, onde, pelo menos, tinha ar-condicionado? Claro que sim. Ocorre que, como já disse, fui envolvido pela emoção da volta, pela pressa de conseguir uma boa venda... E ele é um comerciante meio gringo da Serra, que fala um português italianado, que pouco conhece Canoas etc.

Dois dias antes, não sei como, Sr. Gilson esteve na sede da Balas Santana, na Rio Branco, mas não quis fechar negócio na hora. Perguntei onde estava hospedado. Disse-me que perto da 15 de Janeiro. Juntei uma com a outra e falei depressa demais... Ainda insisti em vender ali, mas ele não se resolveu.

Um dia depois, ele ligou e marcamos de novo.

E então lá fui eu para o Calçadão, sofrendo mais uma das consequências da falta de paciência, do nervosismo em resolver as coisas todas agora.

A água parecia ir sendo puxada pela minha cabeça, através do couro cabeludo. Tremi os dedos dentro do bolso. Agarrei devagar o celular dentro da poça de suor da minha calça, pra verificar se o homem tinha mandado alguma mensagem. Claro que não!

Olhei pros lados a ver se o reconhecia, algo ainda mais difícil no meio de tanta gente com máscara do Inter, do Grêmio, da Mulher-Maravilha, do Brasil. Tentava focar nos olhos, ver se achava o Sr. Gilson no meio deles, as linhas pesadas da parte visível do seu rosto, os olhos estalados de peixe, o tom pálido da pele, a calvície acentuada no meio da cabeça, a estatura mediana, a falta de curiosidade no olhar, a vontade de ganhar algum dinheiro e a compleição física de um... vendedor de balas, quase igual à minha. A atacado, é preciso dizer.

A bala já tinha derretido completamente em minha boca e eu, com frio de calor, seguia a derreter ali embaixo do Sol.

Enfiei a mão na pasta novamente, tirei outra, descasquei-a e meti na boca, olhos fechados para receber o novo entusiasmo doce. Como um ruminante de pesadas pálpebras já ardidas pelo suor, eu pensava. Ou achava que pensava.

Puxa, mas que horas eram, afinal? O que são as horas? Tudo já tinha fechado e as horas estavam paradas? Alguém poderia me dizer? Mas, nada, nada de o cara aparecer, nem do sol voltar, tudo escuro, mas eu sei que, lá em cima, mesmo que eu já não o visse, o relógio ainda mostrava apenas a temperatura estupendamente alta, 38, depois 39, 43, 55, 67 e, então, puxa vida!, 88. Um calor dos diabos, àquela hora da tarde, mas que hora? Como saber, se os malditos dígitos estavam emperrados no 88:88?

Enfiei de novo a mão na pasta. Só mais uma bala, só mais uma bala, até derreter, aí desisto. Não tinha mais!

Pois, dali, virei meus olhos fechados para cima, voltados diretamente para o Sol, a acompanhar pelo calor sua lenta trajetória lá no céu, ele que dá voltas e voltas pelo universo escuro, lanterna astronômica, cujos raios já entravam na minha roupa, desciam pelo pescoço, molhando o peito, pouco a pouco, entrando pelas calças, por baixo, pelas meias e dentro dos dedos no sapato bico fino, o sol enchendo-me de suor, fazendo de mim uma espécie de torta humana em pleno Calçadão, à medida que meu corpo cozinhava, se enchia de calor e açúcar, pelas costas, a bunda, fazendo pingar as cuecas já encharcadas, o sol lambendo meu pescoço, empapando a máscara melada, cozinhando meus cabelos, retorcendo fio por fio — que eu podia sentir quase que um a um —, chegando, pela raiz, aos miolos, queimando minhas orelhas, os dedos na alça de couro da minha maleta, torrando meus olhos, voltados quase que diretamente para o sol sob o qual eu estava e produzindo o suor que entrava no globo ocular, caindo da testa, suor, suor, suor, ensopando minhas meias e retorcendo os pelos das

minhas pernas, um calor dos diabos, um calor senegalês, como se diz, um sol do tamanho de um bonde que chegava a gelar o meu corpo — sabe como é?, — a gelar a pele, parecia, de tanto calor.

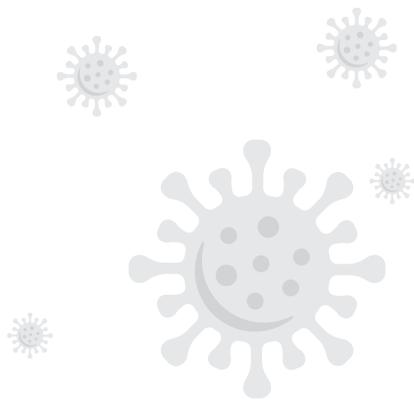
Soltei um pouco o nó da gravata, pura água derramando no meio dos meus dedos.

A outra mão molhava a alça da pasta pesada, a outra passava na cabeça para tirar o suor, a outra coçava um ponto da perna e a outra levava um cigarro molhado à boca, a outra mão segurando o casaco que pingava como se fosse uma toalha encharcada, uma toalha de bater nas costas de alguém, no Sr. Gilson, bater nas costas do Sr. Gilson, molhada, encharcada daquele sol todo ali na minha frente e nada do tal do Gilson chegar, eu ali esperando o Sr. Gilson, de pernas cruzadas no chão, de pé que eu estava, deitado, ali na calçada, querendo retomar as vendas, retomar a vida, dentro da maca, deitado assoviando o hino do Inter, na sacada, pulando no Guaíba de escafandro e tudo.

Foi aí que eu, no meio daquele torpor sem igual, senti o cutucar de dois dedos no meu ombro. Abri os olhos devagar. Primeiro um, depois o outro, esperando, coração socando meu peito, enxergar a cara do Sr. Gilson na minha frente, seus olhos gordos, a testa enrugada, a retomada, dali para a frente, de minha vida. Tremi os ombros, voltei-me, e vi um homem de capacete branco e de macacão azul, sem máscara, equilibrando uma escada no ombro. Meio aéreo, perguntei a ele o que estava fazendo. Respondeu que, finalmente, após mais de dois anos parado, o velho relógio do Calçadão seria retirado.

— Só não fizemos isso antes por causa da pandemia. É o último. Já tiramos uns vinte em toda cidade.

Depois, sorrindo, me disse que também era o primeiro dia de retomada de seu trabalho e instalou a escada, enquanto um caminhão azul da prefeitura se aproximava. Logo outro sujeito apareceu com mais uma escada. O primeiro arredou-me com o braço, subiu com seu colega e puseram-se a mexer no maquinário, lá em cima do poste, a desparafusá-lo com agilidade. Eu via os sorrisos deles e o que imaginei ser um prazer renovado pelo que faziam. Hábeis, iam baixando, sob o sol quente, uma a uma, aquelas enormes e inúteis peças de ferro, vidro e plástico sujos.

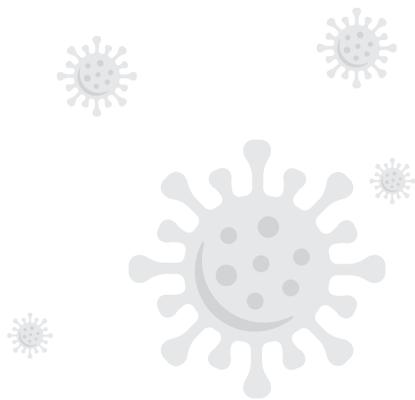


Crédito foto: Davi Boaventura

Julia Dantas é doutora em Escrita Criativa. Seu romance *Ruína y Leveza* foi finalista do Prêmio São Paulo de Literatura. Ela coorganizou a antologia *Fake Fiction: Contos sobre um Brasil onde tudo pode ser verdade* e publicou, em 2022, seu segundo romance, *Ela se Chama Rodolfo*, pela editora DBA. É cofundadora da Baubo, que auxilia escritoras e escritores a levarem adiante projetos literários.

Julia
Dantas
146

Julia Dantas



A pitangueira e os vulcões

Julia
Dantas
147

A pitangueira e os vulcões

A gente não falava mais sobre a minha tia. Na verdade, a gente nunca falou sobre a minha tia, porque antes ela simplesmente estava lá, na casa dos fundos, vivendo com a gente, e não tinha porque falar *sobre* ela quando podíamos falar *com* ela. Só que depois ela não estava mais na casa dos fundos e nem em lugar nenhum ou, talvez, no máximo, ela estivesse na pitangueira do pátio, porque foi ali que jogamos as cinzas dela.

Naquele dia das cinzas a minha mãe chorou. Eu tive vontade de chorar, mas, sei lá, era a primeira vez que eu via a minha mãe chorar, e pareceu que as minhas lágrimas tinham empedrado e não saíram. Fiquei com muita pena da minha mãe e quis dar um abraço nela, mas eu nunca na vida tinha consolado a minha mãe e fiquei sem graça na hora, com medo de que não funcionasse. Então ficamos nós duas ali no pátio dos fundos, do lado da pitangueira. A minha mãe chorava de pé enquanto eu descobria como era o som do choro da minha mãe, e esse som não era bem baixinho como o meu choro de madrugada quando eu não queria que ela ouvisse, mas também não era estridente como o do nenê da nossa vizinha. O choro da minha mãe tinha um ritmo compassado e era esquisito porque não tinha soluços, apenas um leve chiado sem falhas como quando a gente vai esvaziar um colchão de ar, como se a minha mãe estivesse desinflando.

Depois de um tempo ali do lado da pitangueira, ela parou de chorar, nós voltamos para dentro de casa, e nunca mais falamos na minha tia.

Na escola, tinha mais gente que tinha perdido tio, avó ou vizinho. Só uma guria da oitava série tinha perdido a mãe, e ninguém sabia mais como falar com ela porque, apesar de todo mundo saber de pelo menos um primo da cunhada do primo de segundo grau que tinha morrido de covid, ninguém ali tinha perdido um dos pais.

Quando eu digo "na escola", é claro que eu quero dizer "nas turmas da escola", porque nessa época a escola tinha virado uma videochamada no computador e um monte de grupo no WhatsApp.

A Leila, minha melhor amiga, não estava em nenhum desses grupos, porque ela tinha largado a escola e a gente também não falava sobre isso.

A gente não falava sobre a Leila ter saído da escola, mas eu contava para ela das coisas

que aconteciam no colégio agora que tínhamos voltado às aulas presenciais. Ela já tinha perdido um ano e logo ia estar dois atrás de mim, mas continuava estudando por conta própria, pedindo emprestados os meus cadernos e perguntando o nome das coisas que a gente via.

A Leila não tinha perdido ninguém pra covid no sentido do eufemismo *perder alguém*, mas o pai dela tinha ido embora de casa nos primeiros meses da pandemia e não mandava notícias desde então, o que era quase a mesma coisa. Sei lá, era até mais *perder alguém*, porque ele ainda estava por aí, ela só não sabia onde.

Eu ficava um pouco em choque de ver como a Leila ia levando a vida dela sem nem reclamar de tudo que estava acontecendo. Com ela eu podia conversar, e com ela eu podia chorar pela minha tia, e às vezes, parecia que eu era a única de nós que tinha passado por uma coisa horrível, porque a Leila não reclamava do pai ter sumido e nem reclamava da mãe não deixar ela voltar pras aulas.

— É que eu penso nos vulcões — ela me disse um dia, quando perguntei como ela fazia pra continuar tão calma. — Eu penso nas cidades que foram destruídas por vulcões, e depois as pessoas vão lá e constroem tudo de novo e voltam a viver.

Os ratos sempre nos atormentavam no verão. Todo ano, assim que chegava o calor, eles subiam dos esgotos e vinham parar no nosso pátio. Ano passado a minha mãe tentou dar comida para um gato da rua para ver se ele espantava os ratos, mas o que aconteceu é que o gato passou a gostar da gente e daí, em vez de ter um espantalho de ratos, a gente entrava em casa e se deparava com ratos mortos em cima da cama porque o gato tinha nos trazido de presente, e a situação foi ficando cada vez pior porque o gato foi virando cada vez melhor caçador e trazendo cada vez mais ratos assassinados, e o sangue deles manchava os nossos lençóis e minha mãe não sabia mais como se livrar do gato e chegou o dia em que o gato apareceu carregando um inacreditável gambá e a gente não tinha mais como lidar com aquilo. Enfim, essa é a história de como a gente adotou o gato Félix e ele teve que passar o resto do verão trancado em casa e todos nós quase morremos de calor com os vidros fechados porque a gente não tinha dinheiro pra colocar tela nas janelas.

Talvez eu não tenha contado direito sobre o dia em que eu perguntei pra Leila como ela fazia pra continuar tão calma. No começo foi só isso mesmo: eu tinha de novo chorado lembrando da tia Neuri, e depois de horas falando de como eu sentia falta dela, perguntei se a

Leila não sentia falta do pai.

– Ah – ela olhou pra parede onde tinha pendurado umas fotos da família – eu sinto, mas daí penso que não faz sentido ficar pensando nisso.

– Tu acha que também não faz sentido eu ficar pensando na tia Neuri?

Ela me olhou meio de lado, sacudiu um pouquinho os ombros.

– Daí isso é contigo.

E foi então que eu perguntei como ela fazia para continuar tão calma, e acho que perguntei isso porque naquele momento estava surgindo uma sensação muito grande e muito feia dentro de mim, como se, sei lá, como se ela tivesse ofendido a minha tia dizendo uma coisa daquelas.

– Que vulcões? – eu perguntei depois da explicação dela.

– Vulcões ou terremotos ou coisas assim. Tem uma cidade chamada Latacunga que já foi destruída várias vezes, mas as pessoas criam a cidade inteira de novo. E ela tá lá até hoje. Pelas fotos parece até bem bonita.

– Mas o que isso tem a ver, Leila?

– Que eles não ficaram se lamentando e nem desistiram. É isso. Eu acho que seguir em frente e reconstruir a vida é um jeito de respeitar quem a gente perdeu.

Eu não sabia mais se sentia aquilo como uma ofensa à minha tia, ou uma ofensa a mim, ou como uma acusação de que eu estava fazendo tudo errado e precisava logo parar de me lamentar e deixar a tia Neuri pra trás, construir alguma coisa nova em cima da tia Neuri. A minha vontade na hora foi de chorar de raiva ou talvez de pedir um abraço, mas antes que eu tivesse chance de entender o que eu queria, a minha voz saiu mais rápida e mais alta do que eu gostaria e, sentindo a minha cara quente e vendo as minhas pernas pularem da cadeira derrubando alguma coisa no caminho, eu só me ouvi gritar:

– Pois eu acho é que eles deviam mudar a merda da cidade de lugar – e saí batendo a porta com toda a força, como numa cena de filme ruim.

Eu brigava com a minha mãe por causa dos ratos e pedia pra gente se mudar pra um apartamento. “Mãe, vamos morar num andar bem alto, onde os ratos nunca vão chegar”, eu pedia. Ela dava risada. “Deus que me livre morar no ar, a gente tem que ter um pedaço de terra, minha filha, um lugar pra botar os pés”, era o tipo de resposta que ela costumava me dar.

Enfim, essa é a história de como no fundo, no fundo, eu entendo as pessoas dos vulcões,

porque eu sei que a gente nunca vai poder morar em outro lugar onde não esteja a pitangueira da tia Neuri.

Eu faço um esforço enorme pra não lembrar, mas eu lembro. Quando o verão desse ano chegou, os ratos começaram a aparecer e a gente de novo trancou o Félix dentro de casa. No pátio era o de sempre. Toda semana a gente via pelo menos um rato, e quem enxergasse o rato tinha a obrigação moral de sair correndo com a vassoura e matá-lo a pauladas. Eu odiava matar os ratos, então quando eu via algum atravessar o pátio pelos cantos, eu conferia se minha mãe e minha tia não estavam por perto e, se elas não estivessem, eu fingia que não tinha visto o rato e seguia a minha vida sem fazer nada.

Eu faço um esforço enorme pra não lembrar, mas eu lembro. Uma vez a tia Neuri deixou a porta da nossa casa aberta, e o gato Félix saiu atrás dos ratos. Ele passou dias desaparecido e, durante esses dias, quando eu achava que ela nunca ia voltar, eu fiquei furiosa com a tia Neuri. Ela pedia desculpas, que tinha sido um segundinho só. A verdade é que provavelmente o Félix ia voltar – como de fato voltou, e eu sabia disso – e não fazia sentido se preocupar com um gato que tinha morado na rua até pouco tempo antes, mas eu andava triste e irritada na época (muito menos triste do que eu ficaria depois, mas isso eu não tinha como saber) e, no meio de uma briga, eu disse pra minha tia: tu nem mora com a gente, devia nunca mais entrar na nossa casa.

A Leila mandou mensagem pedindo desculpas. Eu pedi desculpas também. Até acho que eu deveria ter pedido desculpas primeiro, mas a Leila também é tranquila quanto a isso. Ela contou que o pai dela telefonou e falou com a mãe. Parece que pediu desculpas, disse que estava com vergonha por ter perdido o emprego, mas que não vai voltar pra casa. A Leila contou tudo isso num áudio. E depois mandou outra mensagem.

“Eu tenho dias ruins também, sabe. Só tento não dar muita atenção pra eles.”

Eu respondi: “por isso tu pensa em vulcões, pra te distrair?”

“Por isso eu penso em vulcões.”

Passou um tempo, e eu consegui escrever pra ela o que estava tentando elaborar. “Tu pode me falar quando tiver dias ruins. Se tu quiser. Eu prometo que não vou te incomodar com perguntas nem nada. Não vou fazer tu dar atenção pra eles. Mas, sei lá, posso ajudar a te distrair?”

Ela visualizou. Começou a digitar alguma coisa. Parou. Digitou de novo.

“Vou pensar”, foi a resposta.

Mandei a figurinha do filhote de cabrito vestindo pijama.

Minha mãe veio até o meu quarto para conversar. Sentou na cama do meu lado e começou a falar das contas, do aumento dos preços de tudo, de como estava gastando cada vez mais no mercado e que o ônibus ia subir de novo. Eu achei que ela ia me pedir pra não esquecer as luzes ligadas ou algo assim, mas ela disse que a gente ia ter que alugar a casa dos fundos.

Como assim, alugar a casa da tia Neuri?

Era o único jeito de continuar morando ali. Quando a tia Neuri estava conosco, ela dividia todas as despesas. Era tudo dividido ao meio, mesmo que na nossa casa houvesse duas pessoas, ela nunca aceitou que a minha mãe pagasse a mais. Agora estava ficando pesado pra ela bancar tudo sozinha.

Eu não conseguia conceber a ideia de outra pessoa morando na casa dos fundos. Disse que eu podia começar a trabalhar, que nós duas conseguiríamos nos manter. Minha mãe sacudia a cabeça: “não, não”, ela repetia, “teu trabalho é estudar”. Eu continuava protestando. Como vamos ter um estranho no nosso pátio? E se a pessoa cortar a árvore, se a pessoa não pagar o aluguel, e a gente ficar sem dinheiro, a gente não pagar o IPTU, a gente ter dívidas, os credores das dívidas pedirem nossa casa, a gente perder a casa, derrubarem a casa inteira, a pitangueira da tia, colocarem um edifício no lugar, não sobrar nada aqui, não sobrar nada do que a gente foi aqui?

Minha mãe me abraçou, depois deitou a minha cabeça no colo dela, como se eu fosse uma criança, e disse que a tia Neuri não estava na árvore, e eu comecei a chorar como se fosse uma criança, e ela disse que a Neuri estaria sempre com a gente, aonde a gente fosse, e eu senti muita raiva, como se fosse uma criança.

A minha raiva vinha de ouvir essas frases vazias que as pessoas repetem depois da morte de alguém e que são só meias-verdades. A outra metade da verdade é que a tia Neuri não ia aonde a gente fosse porque ela não ia mais a lugar nenhum e algo tinha se perdido para sempre. A matéria da tia Neuri está perdida para sempre, o cheiro da tia Neuri, a textura lisinha da palma da mão da tia Neuri, o som que saía da garganta da tia Neuri quando ela decidia fumar só um cigarrinho no final do domingo.

Quando eu parei de chorar, a minha mãe se levantou e disse que ia fazer uma comida boa pra nossa janta, porque a gente estava merecendo uma coisa boa. Eu caminhei até a pitangueira

e me ajoelhei do lado dela. A minha tia gostava de usar as folhas para fazer chá. Encostei a bochecha contra a casca rugosa do tronco. Era só uma árvore, igual a tantas outras. A tia não estava ali. A matéria de quem morre vai embora para sempre. Já tinha ido.

Da cozinha, a minha mãe gritou para eu entrar. Queria ajuda para enrolar as almôndegas.

A tia Neuri entrou lá em casa várias vezes depois da nossa briga. Essa não é uma história melodramática em que eu digo pra ela nunca mais entrar na minha casa e ela não entra. Não, ela continuou entrando lá todos os dias, e a gente nunca falou daquela briga, nem ela guardou rancor, nem eu puxei mais o assunto, mesmo quando o Félix apareceu de novo. Foi só uma dessas coisas de família, um acontecimento sem importância. Eu faço um esforço enorme pra não lembrar, mas lembro é que naquela época eu queria mesmo que a tia Neuri fosse embora do terreno, porque eu queria ficar sozinha em casa de tarde ouvindo música e ela sempre aparecia em algum momento e baixava o volume. Só isso, mas já bastava pra eu querer que ela fosse embora. É isso que eu queria esquecer. É disso que eu me arrependo. Me arrependo daquele desejo. Queria que eu tivesse desejado mais tardes com a tia Neuri. Queria ter desejado desejos melhores.

“Hoje tá sendo um dia ruim.”

A mensagem da Leila chega no meio da aula de Química. Já estamos quase no fim do ano, o pai dela não voltou mais e tem uma moça doceira morando na casa da tia Neuri. A moça é simpática e faz geleia de pitanga. As coisas foram se reconstruindo, bem como a Leila diz que tem que ser. Mas hoje ela está tendo um dia ruim e eu entendo como é isso, porque também continuo tendo os meus.

Pego o celular e saio da sala. A professora não diz nada. Desde a volta ao presencial, todos os professores andam mais tolerantes com alunos que de repente saem correndo, ou de repente choram baixinho, ou de repente saem correndo para chorar baixinho e escondidos. Caminho até a quadra de futebol. Na lateral dela, fica a única planta do colégio, uma paineira.

Nova mensagem da Leila.

“Bem ruim, na real.”

Encosto a testa no tronco da paineira. Um grupinho de alunos que está na aula de Educação Física me olha meio estranho, mas todo mundo está mais acostumado com coisas

estranhas. Chega mais uma mensagem.

“Nem os vulcões tão ajudando”.

Fecho os olhos pra me concentrar, a testa já doendo contra a casca da árvore. Respondo.

“Sabia que as árvores conversam?”

Leila está digitando. Pausa. Digitando.

“Contigo?”

“Não, hahah! Entre elas. Eu pesquisei sobre pitangueiras depois que a minha mãe falou de alugar a casa da minha tia. No começo, eu queria saber como tirar uma muda, mas aí fui clicando em link atrás de link e descobri que as plantas todas conversam.”

Ela não responde. Eu continuo.

“Na real, conversar é um jeito humano de dizer. Elas trocam informações através do solo. Umas podem avisar as outras que tá faltando um nutriente, ou que uma ameaça tá se aproximando.”

“Que doidera”, ela responde.

“É uma rede de comunicação tipo a internet, só que feita de fungos.”

Leila está digitando.

“Caramba. Como é que tu não me disse isso antes?”

“Eu tava guardando pra quando tu precisasse de uma distração.”

Ela manda um coraçãozinho.

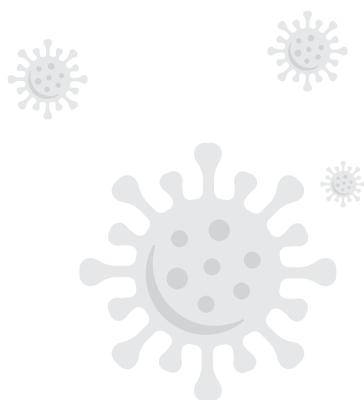
Depois: “obrigada”.

“Quando acabar a aula eu passo aí e te conto mais.”

Agora ela manda uma carinha feliz e a figurinha das crianças dançando com um cachorro.

Eu imito o sorriso da carinha feliz. É quase nada, mas também é tudo. Quer dizer que a gente ganhou mais um dia, garantiu mais um dia, vai esperar pelo próximo dia, quer dizer que ainda sabemos sobreviver. Dou um beijo na paineira, peço que ela avise a pitangueira da tia Neuri que hoje vou chegar mais tarde em casa.

Laís Chaffe



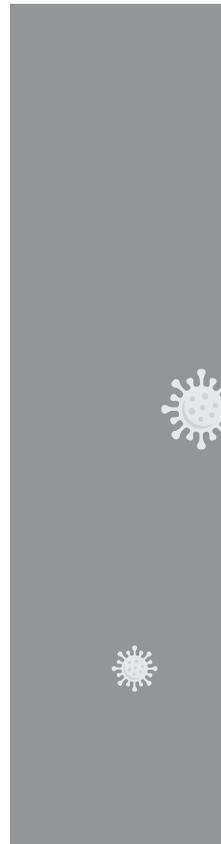
Crédito foto: Luis Ventura

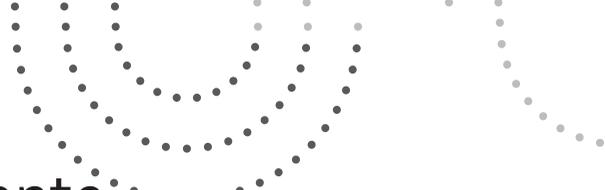
Laís Chaffe publicou os livros *Com Dedos e Lábios Roxos*, *Segue Anexa Minha Sombra* — Livro do Ano de Poesia da Associação Gaúcha de Escritores e da Academia Literária do Rio Grande do Sul —, *Carne e Trigo*, *Medusa*, *Minicontos* e *Muito Menos, Não é Difícil Compreender os ETs*. Idealizou o projeto Cidade Poema e a editora Casa Verde; foi diretora do Instituto Estadual do Livro (2012-2014). É diretora e roteirista do documentário *Mesmo que Tudo Dê Errado, Já Deu Tudo Certo* sobre Maria Valéria Rezende.

Laís
Chaffe
155

Tudo vai ser diferente

Laís
Chaffe
156





Tudo vai ser diferente

– *Vai passar.* É só o que ouço desde março de 2020. Dois anos, e nunca passa. *Ah, mas tá bem melhor, Larissa, deixa de ser deprê.* Isso também me dizem seguido. Bem melhor? Melhora, sim, mas depois piora, melhora um pouquinho de novo, vem uma nova cepa e piora tudo outra vez.

– Sei como é. Já me senti assim.

– Não aguento mais nem essas palavrinhas: cepa, variante, vírus, pandemia, covid, corona. Agora alguns mudaram um pouco o discurso e dizem: *tá passando.* E ficam dando indiretas de que tô hipocondríaca, preciso me tratar, fazer uma terapia. Já fiz, mas presencial, quando menor. Vou ter de me analisar, se resolver mesmo ser psicanalista. Mas terapia on-line? Passo. Só aceitei falar contigo porque a Ana, uma das poucas pessoas que não me enche, disse que somos *almas gêmeas*, mesmo com a diferença de idade. Bem assim: *almas gêmeas*, ela disse. Como alguém muito mais velha, mais de quinze anos de diferença, vai ser parecida comigo, perguntei. Ai, desculpa, não quis te chamar de velha, mas é diferente, né?

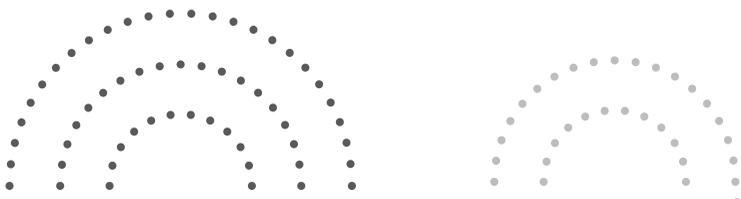
– Siiiiiiim, nem esquentá.

– Daí ela contou que temos o mesmo nome e, se eu fizer mesmo vestibular pra Psicologia, seremos colegas. E jurou: não vai ser um atendimento on-line, mas uma conversa sobre a profissão, pra ajudar a tirar as minhas dúvidas. É uma pessoa muito otimista, disse a Ana. Olha, se isso é verdade, acho bem difícil sermos mesmo *almas gêmeas*. Vai rindo, vai. Enfim. De qualquer jeito, obrigada por chamar. E desculpa de novo. Trinta e poucos anos de idade não é velha, não.

– Não tem do que se desculpar, te entendi.

– E desculpa falar demais, coisas do isolamento. E desculpa por pedir desculpas toda hora. Como dizem alguns: desculpa qualquer coisa. Olha só: tá parecendo uma terapia mesmo, só eu falo. E sem te ver, ainda. Se a conexão melhorar, liga a câmera. Tô curiosa pra ver a cara da minha *alma gêmea*.

– Ligo, pode deixar. A internet aqui em geral é perfeita, não sei o que houve hoje.





– Aqui onde?

– E pode ficar descansada que eu também falo bastante, nossa conversa não vai ser uma sessão de psicoterapia. A Ana sugeriu que eu ajudasse a esclarecer algumas dúvidas tuas sobre a profissão. Não vou mentir: ela pediu também para eu te tranquilizar quanto à pandemia, o futuro, te contagiar com meu otimismo, hehe.

– Sei. Só não me vem com *vai passar*.

– Fica tranquila, juro que não vou dizer isso.

– Em vez de *vai passar*, vai dizer *tá passando*?

– Gosto do teu senso de humor. Também não digo, prometo. Vou dizer outra coisa.

– O quê?

– Já passou.

– ...

– Sim, xará, já passou.



– Como assim? Ainda ontem divulgaram a descoberta de mais uma variante. Querem voltar às aulas, mas sem as mínimas condições: sem espaço nas escolas para distanciamento, sem fornecerem máscaras para professores e alunos, em ambientes pouco ventilados, um horror. Duas professoras nossas, umas queridas, morreram de covid. A mãe de um colega também. O pai dele ficou com sequelas. Sei de gente vacinada que está pegando o vírus. Como é que alguém da área da saúde pode dizer uma bobagem dessas? Olha, isso nem é otimismo, é irresponsabilidade. Desculpa, Larissa Dois. De novo.

– Se eu estivesse aí, diria o mesmo. Mas aqui passou. E logo chega a vez de vocês.

– Aqui onde? Dinamarca? Finlândia? Pensei que a minha *alma gêmea* morasse no Brasil. Não pretendo ir pro exterior. E, aqui, ainda não nos livramos do covid. Aliás, pelo que leio, o mundo ainda não está fora de perigo.

– Fora de perigo nunca estive, mas pode ter certeza de que aqui passou.

– Aqui onde, não vai responder?

– Depois. Antes, me conta quais são tuas dúvidas sobre a profissão.

– Vai fazer mistério, né? Ok. Olha, não são dúvidas sobre a profissão, mas não sei se eu





tenho jeito pra coisa, como dizem. Eu adoro Psicologia, mas não sei nem ajudar a mim mesma. Como alguém tão deprê vai ajudar outras pessoas? Essa pandemia, por exemplo: todo mundo começando a sair, frequentando festas e bares e restaurantes, e eu sempre parecendo uma nuvem cinza em cima das cabeças das pessoas, como naqueles desenhos. Só falando coisas ruins. Como o corvo, do poema, aquele.

– Poe... ema...

– Vocês da Psi gostam de jogar com as palavras, né?

– Olha, Larissa, acho que sou uma boa psicanalista. E tempos atrás fui muito parecida contigo. Aliás, quem não tem seus momentos de nuvem cinza? E tem mais: se aqui tudo passou foi porque havia várias Larissas a cuidarem de si e das demais pessoas. Eu mesma fiquei em isolamento até o vírus ser controlado. E costumava alertar, ser chata, até, quando ignoravam a ciência. Isso nada tem a ver com hipocondria nem com medo exagerado, é inteligência, empatia. Preocupação com o outro. Fundamental, aliás, na nossa profissão. Digo *nossa* porque tenho certeza de que vai ser a tua escolha.

– Huuumm. Sei não.

– Sabe, sim. No fundo, no fundo, sabe.

– Às vezes, eu acho que tô ficando cada vez mais antissocial. Tipo aquelas pessoas que vão pra uma caverna nas montanhas pra fugir do mundo. Fico me imaginando daqui a quinze anos. Digamos que a pandemia passe, talvez passe até mesmo antes disso. Mas fico me vendo o resto da vida com medo, trancada ou só saindo de máscara, sem falar com ninguém, sem abraçar ninguém. A Doida do Covid. Covidoida.

– Fica descansada, isso não vai acontecer.

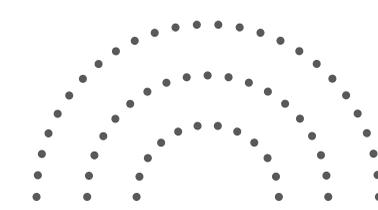
– Fico, não. Tem uma coisa que não contei.

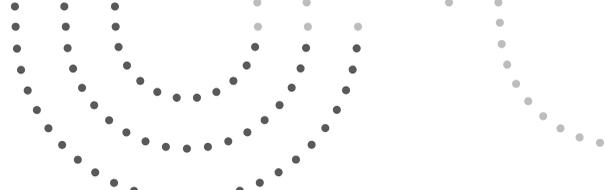
– Quer contar?

– Tenho até vergonha: eu reclamo, reclamo da pandemia, mas, no fundo, no fundo, tem uma coisa... Não é que eu goste, mas...

– Mas?

– É mais cômodo estudar em casa. Ter uma boa desculpa pra não ir às festas. Evitar





certas pessoas irritantes. E o pior: ainda ontem, senti um alívio em não poder aceitar o convite pra sair com um cara que eu tô a fim.

– Qual o nome dele?

– Ricardo. Ricardo Lopes Dornelles. Não é uma loucura? Sem o vírus, eu teria de *escolher* sair ou não.

– O vírus escolheu por ti.

– É. Muito louca, né?

– Muito humana, Larissa.

– Às vezes, não sei se tenho mais medo de a pandemia nunca acabar ou de voltar a ter uma vida normal. Se é que um dia tive. Não conta pra ninguém, por favor. Sei que essa conversa não é terapia, então não tem o segredo profissional, mas não conta. Nem pra Ana, por favor.

– Pode deixar. Só não pensa que essas dúvidas são exclusividade tua. Nem que vão te assombrar pra sempre. Muitos se sentem da mesma forma por aí, muita gente por aqui também enfrentou as mesmas angústias. Hoje, respiramos aliviados – em todos os sentidos, sem quaisquer máscaras – e festejamos esses tempos pós-pandemia. Com todos os desafios e incertezas. Saímos, nos abraçamos, brindamos à vida.



– Mais uma vez, desculpa, mas é difícil acreditar. Por melhor que seja a situação aí, seja lá onde for, nenhum lugar do mundo está seguro enquanto o vírus estiver matando em alguma outra parte. Podem até ter índices menores, mas ter certeza de que venceram o covid? O que fizeram aí? Fecharam as fronteiras pra sempre? Aí é onde? China?

– Nã...

– Aqui em casa somos todos bem informados. Talvez até por isso a gente se cuide tanto. E nunca ouvi falar de algum lugar onde se possa garantir que passou.

– Pois aqui já passou.

– Como?

– Vou te contar: no início, foi como aí. Muita gente negou a existência do vírus, milhões de pessoas morreram, outras ficaram com sequelas, perderam familiares e amigos queridos. Algumas sofreram mais do que outras: quem não podia ficar em casa, quem precisava de





transporte público, quem não podia se dar ao luxo (isso é uma ironia, Larissa) de não aglomerar.

– Exatamente como aqui.

– Sim. E, como aí, houve ciclos, retomadas, muita pressão econômica para expor os mais frágeis. Demoraram muito para compreender que até os mais poderosos acabariam perdendo em um mundo doente. Que era preciso ter vacinas para todos, priorizar a vida sempre. Nem todo mundo chegou a essa conclusão por princípios éticos, por bondade: alguns somente aceitaram diminuir seus lucros porque se deram conta de que perderiam muito mais se a pandemia não fosse enfrentada como os cientistas sempre recomendaram. E passou. Finalmente, passou. A gente sabe, novos vírus podem surgir, talvez até novas cepas do covid, mas hoje não nos limitamos a saber o que precisa ser feito: fazemos.

– Aprenderam, finalmente.

– Parece que sim, Larissa. Aí com vocês é só uma questão de tempo. Aliás, sempre é uma questão de tempo. Aqui e aí.



– Acho que saquei, Larissa Dois. Tu é escritora de ficção, isso? Aí não é Noruega, nem China, nem Finlândia, nem Dinamarca. Aí é um livro?

– Nã nã não. Aqui é real.

– Que barulho foi esse?

– Meu marido saindo para levar as crianças ao parque de diversões. Fazem uma farra danada. Adoram ir aos domingos, quando tem muuuuuito movimento.

– Engraçado: eu já ia perguntar sobre a tua família, se era casada, se tinha filhos e tal.

– Casei e tive filhos tarde, em comparação com amigas e amigos. Eu também tinha certo medo de aceitar os convites dos Ricardos da vida. Acho que tu me entende.

– Vai me contar onde vocês moram?

– Mais do que isso. A conexão melhorou. Entrando em vídeo agora!

– Uau... Parece que estou vendo a minha mãe. Não! Uma mistura da minha mãe com o meu pai... Além de termos o mesmo nome, somos parecidas. Não fosse a diferença de idade – não que seja muita, viu?! –, diria que somos iguais!

– Vou te mostrar uma foto minha e do meu marido de uns quinze anos atrás, quando





começamos a namorar. Olha só, xará.

– Mas... essa foto... somos...

– É...

– ...eu e o Ricardo... como... onde é aí?

– Larissa, a pergunta é: quando?



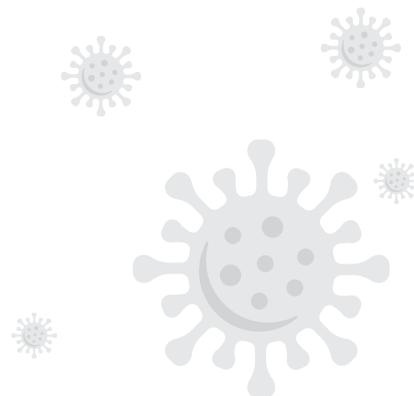
Luís Dill



Crédito foto: Siziane Koch

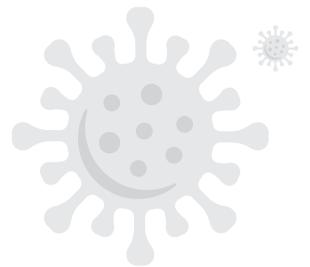
Luís Dill nasceu em Porto Alegre em abril de 1965. É formado em Jornalismo e tem Pós-graduação Lato Sensu em Literatura Brasileira. Tem mais de sessenta livros publicados, além de participações em diversas coletâneas. Recebeu prêmios como o Açorianos e o Biblioteca Nacional. Em sua atividade de escritor, participa de feiras do livro e de variados tipos de encontros com leitores em escolas e universidades. O autor tem o site www.luisdill.com.br.

Luís
Dill
163



Biografia de um pai distante escrita a 80 km/h

**Luís
Dill
164**



Biografia de um pai distante escrita a 80 km/h

1

Entraram no carro e partiram.

A mãe ao volante, o menino atrás. Tinham viagem longa, mais de 400 km. Caso encontrassem a estrada em boas condições e não pegassem trânsito muito pesado, fariam o percurso em cerca de cinco horas. Ela era uma motorista cautelosa, sempre se mantinha dentro do limite de velocidade. Além disso, saíra da cidadezinha para onde se dirigiam há 12 anos e nunca voltara. Assim, curvas e relevos da rodovia eram inéditos outra vez.

O sábado era azul. Poucas nuvens enfeitavam a tarde de luminosidade macia. Em pouco tempo, a paisagem cinzenta de prédios, casas, galpões e ruídos foi substituída pelo verde silencioso de árvores e campos.

A mãe estava preocupada com o menino e o menino estava preocupado com o pai. Na noite anterior, ela recebera o telefonema: o pai tinha contraído covid-19 e já estava há alguns dias na UTI. A irmã dele dera a notícia. As duas tiveram breve contato em outros tempos. Ela era séria e confiável, portanto, o quadro era mesmo grave.

Pela manhã, ela contou ao filho.

— Ele vai morrer, é isso?

— Teu pai está recebendo o melhor atendimento possível, meu filho — ela disse e comentou que a grande maioria dos infectados vencia a doença.

O menino tinha 12 anos, assistia às notícias sobre a pandemia. Na semana passada, o vizinho da casa da esquina morreu vítima do vírus. Também ouvia relatos dos colegas, sempre algum parente ou conhecido com falta de ar, entubado.

— Quero ver ele — o menino disse.

Seu desejo foi expresso de forma natural e madura. Mesmo o conhecendo bem, ela às vezes se surpreendia com os comentários e perguntas do filho. Soavam desproporcionais para sua idade.

Diante da segurança do pedido, nada restou à mãe. A ideia de ganhar tempo, negociar, esperar por novidades, nem passou pela sua cabeça. Ela não se perdoaria caso o pai do menino viesse a falecer. Teria negado aos dois a oportunidade da última visita.

Prudente, preparou a valise com mudas extras de roupas, se o pior acontecesse. Nesse caso, ficariam na cidade e acompanhariam o enterro.

2

— Quero saber tudo sobre ele — o menino disse.

O carro passava por um redutor de velocidade. 50 km/h. A mãe olhou o filho pelo retrovisor. Ele a encarava com fisionomia severa, de adulto, com a qual costumava colocá-la em apuros. É justo, ela pensou.

O pai era o terceiro filho de uma família de agricultores. A exemplo das irmãs mais velhas, começou a trabalhar ainda na infância. A lavoura e os bichos da fazenda exigiam muito de todos.

Na escola rural, demonstrou habilidade com as letras e com os números. Foi mandado ao município vizinho, onde teria melhores oportunidades de avançar nos estudos. Morou com os tios e seguiu se destacando no domínio das matérias.

— Foi lá que nos conhecemos — disse a mãe.

— Na escola? Então vocês eram bem jovens.

Sim, adolescentes. Na época, os dias possuíam leveza e todos os sonhos eram alcançáveis. Ele ainda não sabia ao certo qual rumo tomaria no futuro. Pensava em voltar à sua cidade natal e impulsionar a fazenda dos pais. Ela estava determinada a buscar oportunidades na capital.

Ao finalizarem o ensino médio, veio a briga: ele queria ficar ela partir. Acharam por bem terminar o namoro e seguirem seus destinos. Ele retornou à fazenda dos pais.

— Fui morar com minha prima, a tua madrinha, e fazer faculdade — a mãe disse. — Mal cheguei e descobri algo maravilhoso. Estava grávida de ti.

Nunca havia contado a história com detalhes. Até então, quando o assunto surgia, ela procurava dar naturalidade ao fato de estarem separados. E acrescentava: como tantos pais.

— Tive medo de contar a ele sobre a gravidez — ela disse. Respirou fundo. — Foi bobagem minha.

Ao saber, ele apanhou o primeiro ônibus. Conversavam sobre como poderiam lidar com a novidade, e aí veio a notícia trágica: a mãe dele tinha adoecido de forma repentina. Pouco depois, seu pai sofreu um acidente com o trator e ficou impossibilitado de trabalhar.

— Puxa — o menino disse e se acomodou no assento traseiro.

Ele passou a alternar o trabalho duro no campo com visitas à antiga namorada grávida. O trabalho na fazenda se acumulava, assim como os cuidados com os pais adoentados. Foi preciso contratar enfermeira e capataz. Como pagar as dívidas com o banco e as outras contas? Ele e as irmãs se dedicaram ainda mais ao trabalho.

Quem assistiu o parto foi a prima. Ele ficou sabendo do nascimento do filho através do vizinho, o único das redondezas com telefone em casa.

3

Deixaram a rodovia federal duplicada e acessaram uma estrada simples, com asfalto irregular. A motorista redobrou os cuidados, embora houvesse pouco movimento.

— Meu pai veio me visitar quando eu nasci?

— Veio, sim, meu filho. Claro.

— E vocês pensaram em casar?

Ela contraiu os lábios. Já havia comentado a respeito em outro momento. Escolheu as palavras.

— Tínhamos vidas muito diferentes — ela disse. — Teu pai estava muito ocupado com a fazenda e com os pais dele, os dois acamados, imagina. E eu comecei a trabalhar e fazer faculdade.

O menino observou as plantações de soja à sua direita. Elas passavam a 80 km/h como rabiscos esverdeados.

— Mas ele gostava de mim?

A pergunta a surpreendeu. Ela se virou por um breve instante, precisava olhá-lo nos olhos. “Claro que o pai gostava”, ela disse, “o fato de tu não ter sido planejado nunca invalidou nosso amor por ti”.

— Tá — o menino disse. Ele gostava quando a mãe falava aquelas coisas. Sentia-se seguro, aquecido.

No começo, o pai vinha toda semana, trazia fraldas, produtos da fazenda e brinquedos. Também deixava dinheiro. Com o tempo, passou a vir de 15 em 15 dias, sempre carregado de presentes e ajuda. Na maioria das vezes passava o dia com o filho e voltava ao anoitecer.

No aniversário de um ano, veio com tempo, hospedou-se em hotel próximo e ajudou a organizar a festinha. No evento, foi tirada a fotografia preferida do menino com o pai. Ele estava nos braços dele. Vestia roupinha branca, os olhos muito abertos investigavam o homem. Sua mãozinha segurava o bigode escuro.

A saúde dos pais e as dívidas tiravam o sossego do homem. Os remédios subiam de preço toda semana e os cuidadores nem sempre estavam disponíveis. Além disso, o banco emitia avisos cada vez mais ameaçadores. As dívidas cresciam rápido, em velocidade superior à capacidade de pagamento.

Em pouco tempo, ele começou a visitar o filho uma vez por mês.

4

No restaurante ao lado do posto de gasolina.

— E depois, mãe?

— Depois os pais do teu pai faleceram — ela disse.

Estavam na mesa junto à janela. Dali podiam ver o carro estacionado sob o caramanchão e o movimento na estrada. Pediram à la minuta e duas águas minerais.

— Cansados e sem opções, ele e as irmãs venderam a fazenda e os animais e conseguiram saldar as dívidas. Com o pouco que sobrou, ele abriu sua loja de material de construção.

— Mas e ele não quis...?

— Vir morar na capital? — ela completou a pergunta do filho. — Bom, ele ficou noivo e apostou no novo negócio.

No começo foi bem difícil, ele enfrentou muitas dificuldades. Dívidas com o banco e com os fornecedores. Com a chegada de uma fábrica de fertilizantes no município, pessoas começaram a chegar à cidade e a construir suas casas.

As visitas ao filho ficaram menos frequentes. A distância era encurtada com telefonemas semanais.

— Lembra de falar com ele? Eu tinha que segurar o telefone pra ti. Lembra?

O menino sacudiu a cabeça. Lembrava. As conversas eram curtas e constrangidas, assim como suas visitas. Elas se tornaram rápidas e raras quando a esposa teve gêmeos e ele abriu a primeira filial de sua loja na cidade vizinha. Por fim, ele passou a vir à capital apenas no aniversário do menino. E sempre tirava a mesma foto: ele com o filho nos braços. À medida que o menino crescia, ficava mais complicado, mas, mesmo assim, ele nunca perdeu nenhum aniversário.

— O pai vai morrer?

Ela agarrou com força a garrafa suada à sua frente. Precisava se ancorar em algo. Disse não saber, ele estava bem assistido, precisavam esperar, vai dar tudo certo, meu filho.

— Quem vai pra UTI morre — ele disse. — Eu sei.

Nisso chegou o garçom bem-humorado falando maravilhas sobre o bife.

5

O carro parou junto ao hospital. A mãe o ajudou com a N95, em seguida, ela colocou sua máscara e desceram.

A temperatura seguia agradável. Já o bordado de nuvens se tornava pronunciado, passava a dominar o tecido azul do céu. Fios brancos e cinzentos moviam-se apressados, indicavam mudança.

— Tudo bem? — perguntou ao menino enquanto cruzavam a rua deserta.

Ele fez sinal positivo com o polegar. Na verdade, estava ansioso. Notou como seu coração fazia acrobacias dentro do peito. Eram manobras mais intensas do que as verificadas durante as correrias dos jogos de futebol.

Ela segurou o braço do filho ao entrarem no prédio. Foram direto ao guichê onde a senhora de sorriso amigável atendia ao telefone e parecia saber das coisas. Ele olhou pela janela e viu dois meninos com camisetas listradas iguais. Eles se afastavam pela calçada.

— Mãe?

Ela não o ouviu, pedia informações. Seriam os gêmeos? Seus irmãos?

— Vamos — ela disse e o levou até a sala de espera, ao lado. — Já vem alguém falar conosco.

A voz da mulher falhou. Nem reparou como apertava a mão do filho. Na porta vai e vem branca de duas folhas a placa de *Acesso restrito* tinha aspecto grave, de antecipar tragédias. Sentaram. Ele ia comentar sobre os meninos quando a porta foi aberta e a mulher de vestido florido apareceu.

A mãe deu um pulo e se jogou nos braços dela. Ficaram abraçadas e murmuraram palavras impossíveis de serem decifradas. As piruetas do seu coração tornaram-se vigorosas a ponto de fazer seu rosto perder a cor.

A mulher largou a mãe e se ajoelhou diante do menino. Abraçou-o com braços fofos e fortes. Ela cheirava a café preto e chorava de molhar seus ombros.

— Essa é tua tia, meu filho — a mãe disse. — Irmã do teu pai, minha amiga de adolescência.

Ele seguia confuso, sufocado. A mãe sorriu:

— Teu pai reagiu muito bem ao tratamento, já está no quarto.

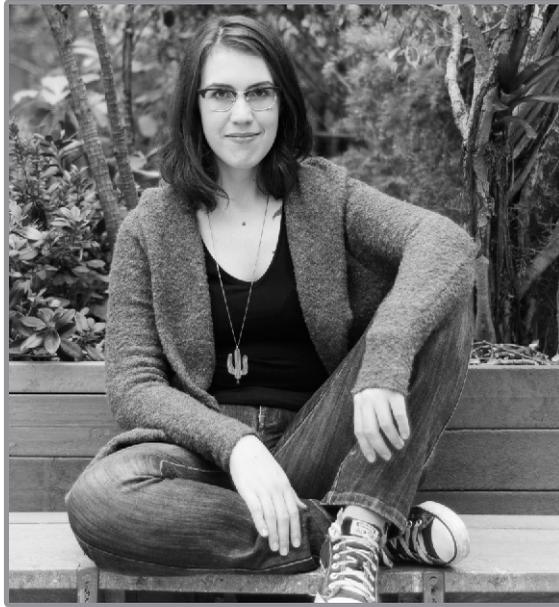
— E ele quer muito te ver — a tia disse.

Atônito, o menino olhava as mulheres. Sorriam e derramavam lágrimas de alívio. A mãe repetiu a boa notícia e o alvoroço todo fez seu estômago borbulhar. Aí veio a ânsia.

— Então vamos — ele disse.

E as duas mulheres o seguiram.

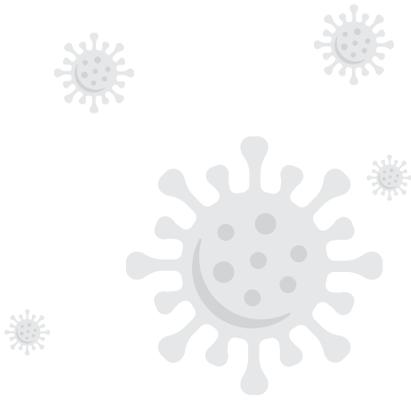
Luisa Geisler



Crédito foto: Desirée Ferreira

Luisa Geisler é escritora, tradutora literária e mestre em Processo Criativo pela National University of Ireland. Escreveu, entre outros, *Luzes de Emergência se Acenderão Automaticamente* (Alfaguara, 2014) e *Enfim, Capivaras* (Seguinte, 2019). Foi duas vezes vencedora do Prêmio SESC de Literatura, além do APCA e do Açorianos. Tem textos e livros traduzidos para mais de quinze países. Nasceu em Canoas (RS) e hoje mora em Albuquerque (EUA).

Luisa
Geisler
169



Caio

**Luisa
Geisler
170**

Caio

Chovia na rua de chão batido do lado de fora. Eu e o Caio estávamos socados no meu quarto, cada um assistindo TikToks no próprio celular. De vez em quando, um virava a tela pro outro e a gente ria de um vídeo, ou de um influencer, ou de alguma dancinha.

Chovia na rua. Não é bem rua. O asfalto não chegou ainda no Juá. O Juá, um distrito pertencente a São Francisco de Paula, fica a cinquenta quilômetros de Caxias do Sul, onde tem o McDonald's mais próximo. A população de São Francisco de Paula é de vinte mil pessoas. A do Juá deve ser quinze. Alguém me disse uma vez que a alface do McDonald's é feita em São Francisco de Paula, então tecnicamente tem McDonald's na minha cidade.

Chovia na rua — essa rua parada, que já é parada normalmente. Meu pai tinha insistido em ficar na serraria, e minha mãe foi pra casa da dona Neide logo depois do almoço. Depois de me buscar na escola, meu irmão foi ver um negócio de boi, ou de um festival com boi.

Chovia na rua asfaltada da escola na hora que meu irmão me buscou. O Caio pediu carona pra não precisar voltar a pé. Meu irmão estava sem tempo por causa dos bois, mas trouxe o Caio pra almoçar aqui em casa.¹ Fazia um tempo que eu e o Caio só nos víamos na escola,² mas minha mãe nem piscou³ quando nos viu chegar.

Chovia na rua. As gotas de chuva batiam nas ripas de madeira da casa que meu bisavô construiu com as próprias mãos e minha bisavó pintou já grávida do meu vô.

¹ A mãe do Caio e a minha mãe se criaram juntas. Elas foram à mesma escola que eu e o Caio vamos. Não tem nada que eu conte pra minha mãe que ela não conte pra mãe do Caio — não é por mal, mas é porque tudo que minha mãe sabe, a mãe dele sabe. Eu diria que são melhores amigas, mas às vezes minha mãe fala mal da mãe do Caio porque ela fuma, porque o pai dele é caminhoneiro e porque ela não devolve Tupperware. Talvez sejam amigas faz tempo demais pra serem melhores amigas.

² Caio faz todos os trabalhos em dupla comigo e nosso grupo de amigos passa todos os recreios juntos. Sempre foi assim. Mesmo com as aulas on-line (graças ao satélite comprado em grupo pelas pessoas do distrito), mesmo com o Caio com um laptop de 2010, eu com um computador de mesa amarelado. Depois o retorno com máscaras, o retorno sem máscaras. E agora.

³ — E as namoradinhas? — é o que a minha mãe perguntou pro Caio quando serviu uma salada de alface, tomate e vinagre. Eu fiquei vermelho enquanto o Caio começava a falar do namorado da irmã dele, o Leonardo, que no final de semana passado matou uma ovelha pra um churrasco.

irmão resolvendo fiação no sótão e caçando ratos, ela ainda ficava em pé. Minha mãe insistiria que “foi teu biso que construiu essa casa com as próprias mãos”. Ninguém tinha coragem de corrigir.

Chovia na rua. Ele me mostrou um vídeo, era um garoto de mais ou menos a nossa idade, uns quinze anos, de cabelo verde,⁴ que fazia uma coreografia de k-pop. Pelo menos, eu acho que era k-pop. O negócio coreano todo me escapava um pouco.

— Quer tentar essa? — ele me perguntou quando recolheu o iPhone 7.⁵ Eu sabia que ele queria tentar.⁶ Eu sabia que ele já tinha tentado, aliás.⁷

— Outra hora, quem sabe — eu disse. — Minha mãe deve chegar daqui a pouco, e se ela nos pega fazendo coreografia⁸...

— E a gente nem lavou a louça que ela mandou.

— Ela mandou, mas não quer que lave.⁹

Chovia na rua, e eu estava sentado perto da janela. Era como se as gotas grossas caíssem em mim — e o próprio som das gotas pesava dessa forma. O Caio estava sentado na minha cama, jogou o corpo pra trás. Ele abriu os braços, olhando pro teto.

— Você já pensou no negócio do projeto cultural? Da aula de Português?

⁴ Quando o Caio quis pintar o cabelo de roxo, minha mãe soube pela mãe dele, e foi quando ele começou a vir menos aqui. Não sei se foi porque a mãe dele achou que eu era a má influência — ou se a minha achou que era ele.

⁵ Compramos usado da prima do Caio, ela passou na Federal de Pelotas em 2021 e ganhou um novo de presente.

⁶ Na época, o Caio instalou o TikTok no tablet da família. A irmã viu o histórico e teve um surto. A mãe, mais ainda. Por medo da resposta, tentaram esconder do vô que mora com eles.

⁷ Porque a questão na cabeça da minha mãe era uma só: será que ele é? E não “ele” o Caio: o “ele” eu. Ela veio me perguntar. Quando a prima do Caio saiu do armário em Pelotas, ela fez uma tatuagem de um punho fechado do movimento LGBTQIA+. Por algum motivo, minha mãe me mandou ficar só de cueca pra conferir se eu não tinha feito uma tatuagem. Imagine um tatuador no Juá.

⁸ A mãe dele ligou pra minha querendo saber se ela sabia o que era o tal teco-teco. Inclusive, estava furiosa porque o Caio agora estava metido com coisa coreana, com coisa de dancinha e coreografia. Queria saber se a minha mãe sabia de alguma coisa. Minha mãe não sabia de nada. A mãe dele queria saber se eu também vinha ouvindo umas músicas esquisitas. Disse que, pra piorar, ele queria aprender inglês e coreano e ficava falando em intercâmbio e bolsas de estudos. Isso foi bem no começo da pandemia e todo mundo estava com tudo à flor da pele. A mãe dele tinha lido no WhatsApp que tinham sido os chineses que espalharam o covid pelo mundo, por causa da Nova Ordem Mundial. Minha mãe não sabia de nada. A mãe do Caio perguntou se minha mãe sabia a diferença entre coreano e chinês, porque, pra ela, todo mundo de olho puxado tem a mesma cara. E ela não ia confiar nem em um, nem em outro. Minha mãe não disse que aquilo poderia ser ofensivo, porque ela tinha se perdido na conversa desde que falaram de pintar o cabelo.

⁹ O sonho da minha mãe era que eu fosse que nem meu irmão, que vê coisa de boi do festival, que aparece com namorada em casa (que ela reprova uma por uma), que faz Agronomia na UCS e não briga com o pai pra usar máscara. Eu briguei uma vez, numa sala de espera de clínica, e até isso entrou na cota do *será que ele é*. Qualquer coisa abaixo de vegetarianismo vai pra essa cota da minha mãe. Lavar louça poderia entrar na cota. Lavar louça *com o Caio*, então.

— Acho que vou pegar o Camões mesmo. Tem um monte de poema na internet, um monte de análise pronta.

— É ruim fazer trabalho com coisa mais nova. Ninguém analisou, ninguém resumiu, resenhou, nada. A pessoa acaba obrigada a *ler e interpretar* sozinha — ele abriu um sorriso. Desde o fim da pandemia, o rosto dele andava diferente. Foi estranho não ver a metade da cabeça por tanto tempo, quando as aulas voltaram de máscara. Mesmo quando a gente tirava a máscara pra comer, o Caio sempre levou máscara muito a sério. Mesmo com vacina e mesmo quando máscaras se tornaram opcionais. Eu achei que tinha um pouco a ver com vergonha, mas não sei. E talvez seja porque a gente está mudando¹⁰ tanto tão rápido.

Chovia na rua. Eu me dei conta de que não tinha respondido coisa nenhuma à piada e soltei uma gargalhada tosca. Ele não pareceu notar.

— Baixei um *dorama* novo — ele falou. — *Kill me, heal me* é o nome.

— Não achou em *streaming*?

— Achei melhor baixar. As contas de *streaming* da casa são compartilhadas, aí já sabe.

— Já sei¹¹.

— Se ela vir uma pasta de filmes baixados, pelo menos vai pensar que é pornografia — ele sorriu¹². — Ou eu posso dizer que achava que era.

— De quando é a série?

— O *dorama* — ele corrigiu — é de 2015. Por quê?

— Eu ainda tenho dificuldade de ver coisas pré-pandemia.

— Como assim?

— Sei lá, sinto que nenhum final pode ser feliz. Eu olho pra um casal que ficou junto no final da série e quero avisar: milhões de pessoas vão morrer por uma doença que pode ser prevenida.

— Milhões de pessoas vão lavar pacote de batata palha porque acharão que poderiam pegar essa doença.

¹⁰ Ele tinha um comecinho de barba no rosto, ainda aquela penugem meio adolescente. Tinha menos espinhas do que eu. Os lábios dele eram injustamente bem desenhados, quase como um ator de cinema desses. Mais injusto era um sorriso que ele dava sem se dar conta, quando contava uma piada e se dava conta no meio de que tinha graça. Um sorriso olhando pra baixo, distraído, quase que os dentes em rebelião em nome do humor. Uma fresta de sorriso que logo se fechava.

¹¹ A irmã, quando irritada, ia atrás do histórico de YouTube e TikTok. Quando ele dominava a televisão, quando ele não lavava a louça. Não que eu e ele falássemos disso. Eu sabia porque a casa de ripas de madeira não isola sons muito bem.

¹² Aquele sorriso e nenhum outro.

— Vai ter que ter aula on-line da noite pro dia. Depois, o olho vai arder de tanto olhar pra uma tela.

— Tanta gente vai morrer — ele suspirou, como se encerrando a piada. — E nenhuma família vai sair igual.

— Quando descobrirem vacina, em vez de tomar, as pessoas vão brigar mais.

— Lembra do dia em que a Pfizer anunciou o coquetel de tratamento? O coquetel antiviral, e aí teve aquele encontro bonito na ONU...

— ...os países se comprometendo, todos comprariam, todos lutariam contra a doença... com a certeza de que uma doença só pode ser erradicada se todos os hemisférios tiverem igual acesso a tratamento.

— Eu queria ser diplomata. Claro que minha mãe acha que Relações Internacionais não serve de nada. Ela disse que eu deveria fazer Contabilidade, eu te falei essa? — Ele tinha falado,¹³ mas eu resolvi mudar de assunto.

— A gente vê o casal lá, felizes pra sempre — tento animar —, e fica com vontade de parar tudo, invadir o cenário e avisar: a gente vai ter que usar máscara¹⁴ e se dar conta do próprio bafo.

— Isso foi só contigo. Eu, hein. Eu não tenho bafo.

— Ah, pronto.

Chovia na rua quando eu me afastei da janela e sentei na cama do lado dele. Ele ainda estava deitado.

— Nem vem com esse bafo pra cá — ele disse.

— Vou provar que não tenho.

— Eu literalmente te vi almoçando vinagre e não escovando os dentes.

— Ah, claro, porque eu tenho um admirador que fica me observando andar pela casa, anotando se escovei dente ou não.

— *Anotando*, não — ele riu. Eu segui sentado, ele deitado, os olhos para o teto. — Mas falando sério.

¹³A mãe dele disse que diplomata não podia ouvir música de menina e querer cabelo colorido. Disse que o diplomata tinha que ser filho de político importante e não estudar. Um diplomata nada mais é que um político. Por serem políticos, todos os diplomatas só querem dinheiro. Essa conversa de paz, de mundo perfeito, de acessibilidade entre as nações, de um projeto coletivo, isso era tudo lorota pras pessoas pararem de incomodar em ano eleitoral. Nunca que os Estados Unidos iam deixar que chegasse um remédio no Brasil antes que todo cidadão deles tivesse acesso a cinco vezes mais a dose. É só esperar e ver, ela disse. O Caio me mandou áudio de catorze minutos aquele dia.

¹⁴Quando eu peguei covid, quando a casa toda pegou covid, eles vieram visitar. O vô e a mãe dele sem máscara, eu com 37 de febre. Caio me trouxe uns livros que nunca li. Eu tinha avisado que não ia ler. Ele disse que quem sabe na hora que eu estivesse alucinando com febre.

— O quê?

— Você não consegue mais ver um final feliz¹⁵? Pra covid, pra coisa toda?

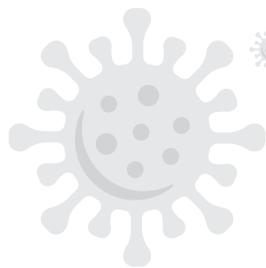
— Agora que o número de mortos estabilizou?

— É.

— Ah, se eu penso um pouco... — Eu deixei o corpo cair na cama¹⁶. — Consigo ver muitos finais felizes, sim.

¹⁵ Não que minha mãe tenha me perguntado. Só a coisa da tatuagem, só de falar do Caio. Minha mãe sempre falou de um terceiro. E não que eu goste de dancinhas do TikTok, mas gosto do jeito que o corpo dele se mexe.

¹⁶ Caio. Eu ao lado dele, o rosto de frente pro dele, que se volta pro meu. Ele tem olhos castanhos, e aquele sorriso contra vontade.



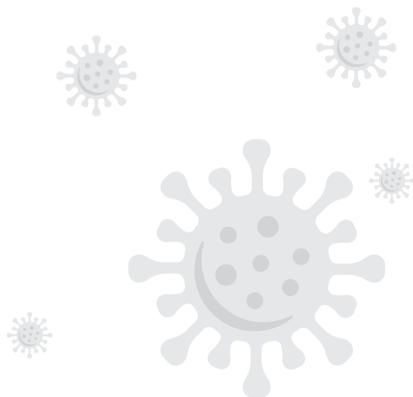
Crédito foto: Divulgação

**Luiz
Paulo
Faccioli
176**

Luiz Paulo Faccioli



Luiz Paulo Faccioli é músico, compositor, juiz Allbreed e instrutor pela The International Cat Association — TICA. Autor de *Elepê* (contos, WS Editor, 2000), *Estudo das Teclas Pretas* (novela, Record, 2004), *Cida, a Gata Maravilha* (infantojuvenil, Galera Record, 2008), *Trocando em Miúdos* (contos, Record, 2008) e *Primeira Pessoa* (contos, Metamorfose, 2019). Participou também de várias antologias de contos e de crônicas. Há 20 anos faz resenhas literárias para o jornal *Rascunho*.



Uma nova ordem mundial

Luiz
Paulo
Faccioli
177

Uma nova ordem mundial

Tudo o que você queria na vida era uma internet de alta velocidade e um computador que não travasse. E isso você tinha, claro. Ganhou de presente pra que se aquietasse em casa e não se aventurasse nos perigos da rua. Assim seus pais justificaram o alto custo do investimento, mais pra eles mesmos do que para você, que não precisava de nenhum outro incentivo pra sossegar em casa: computador e internet sempre foram pra você o melhor dos programas. Tinha também um celular maneiro cuja tela já estava meio trincada, mas você nunca ligou. Você pouco usa o celular quando está em casa, no seu quarto, mergulhado em seu mundo de algoritmos e fantasias cibernéticas. E nos jogos, claro, que você adora jogos eletrônicos. Alguém já disse que você é um nerd, mas você não gosta desse rótulo. Aliás, você é avesso a rótulos de qualquer espécie.

Você era um sujeito sortudo. Aquela máquina cara que lhe compraram, o bom serviço de banda larga de que a família dispunha, o fato de ninguém o aporrinhar se ficasse horas e horas trancado no quarto... Você, um cara magricela que nunca se interessou por nenhum esporte ou atividade física, e que portanto não desenvolveu um único músculo em seu corpo franzino; de um olhar astuto que quase ninguém conhece, pois sempre anda de olhos baixos ou desviados de seu interlocutor; de um senso de humor aguçado que não costuma exercitar, simplesmente porque tem uma vida social quase nula. Você era feliz, apesar das sardas e espinhas e do aparelho ortodôntico — porque a desgraça nunca vem sozinha: enferrujado, purulento e com a boca metalizada. Mas, ainda assim, você conseguia ser feliz na proteção de seu quarto e diante de uma tela de computador.

O problema era quando você deixava o quarto e saía pra rua. E isso acontecia com bastante frequência, digamos: todos os dias, cinco vezes por semana, como acontece com todos os alunos do colégio onde você estuda e do qual vai sair no ano que vem, se tudo der certo. Nas horas em que você passava fora, a felicidade ficava em casa esperando junto com o computador e a internet, como aquela roupa velha e confortável que só se usa na intimidade e que você deixa pendurada no cabide atrás da porta do quarto. Porque você é um cara organizado em tudo o que é importante — pra você, claro: os arquivos no computador, as pastas de arquivos no computador, os diretórios com as pastas de arquivos no computador. Mas também o quarto e seus pertences, a mochila, as roupas, o material escolar.

Não, isso não é verdade.

O material escolar não é assim tão bem organizado. Ou, pelo menos, não como os demais itens de seu modesto patrimônio pessoal (tirando o computador, claro, que é seu bem mais valioso). Isso por um singelo motivo: você odeia o colégio e tudo o que se relaciona a ele. Não que propriamente odeie estudar, você tem facilidade de aprender, gosta de algumas matérias e sempre se sai bem em todas as provas. O que você odeia é a convivência diária com os colegas, aquela gente esquisita, tão diferente de você, e que muitas vezes se julga no direito de debochar de sua esquisitice.

Veja você!

Para eles, você é o esquisito. O esquisitão. O alvo de todas as brincadeiras sem graça que uma mente sem

graça nenhuma possa inventar. Assim era sua vida no colégio que você odiava.

Até o dia em que você recebe a grande notícia.

Uma baita notícia!

A melhor de todas!

Pra você, claro.

As aulas tinham sido suspensas por tempo indeterminado!

Você ouviu a boa nova da boca de sua mãe e mal acreditou no que ela dizia. Fecharam o colégio e você passaria a ter aulas em casa, via internet. Tudo por causa de um vírus que andava solto e descontrolado pelo mundo, provocando dor e morte como nunca antes se havia visto. Você estava por dentro de tudo o que acontecia, porque não é um alienado. Não, você pode ser acusado de qualquer coisa, menos de ser alienado. Mesmo assim, se antes você já era um cara de sorte, agora sentia como se tivesse ganhado um prêmio. Não ter de enfrentar o colégio e aquela sua turma idiota era bom demais para ser verdade.

E o pior é que era verdade!

O colégio precisava se adaptar ao novo esquema e deu uma semana de folga a todos os alunos, que você gastou reorganizando as coisas em seu já organizado espaço. Você, que nunca havia aberto a intimidade do quarto a ninguém, agora não estava disposto a entregar assim, de bandeja, nenhum detalhe que pudesse servir à troca daqueles imbecis quando estivessem todos reunidos numa aula on-line. Você já antevia que qualquer proteção seria relativa enquanto houvesse um computador, uma internet e uma turma conectada. Era só uma questão de tempo até descobrirem um jeito de infernizá-lo — isso você no íntimo já sabia, claro —, então tinha de ficar muito esperto. E ia organizando as prateleiras do armário atrás da escrivaninha para esconder de olhos indiscretos tudo o que pudesse virar alvo de piada: a coleção dos Vingadores da Marvel, o Hulk gigante, o robô de LEGO, itens de quando você ainda era criança, imaginando talvez um outro futuro, e dos quais hoje ainda não tem coragem de se desfazer.

Enquanto arrumava o quarto, atentando para esses detalhes que nunca antes estiveram entre suas preocupações, você chegou a pensar que a ideia de ter aulas em casa talvez não fosse tão boa quanto havia imaginado. Pelo menos, não era tão melhor do que enfrentar o colégio todos os dias, cinco vezes por semana, pois, quando você entrava em casa e em seus domínios, os problemas todos ficavam do lado de fora e nada mais o incomodava ali dentro.

Mas logo surgiu o segundo problema: não só você, também seu irmão mais novo estava obrigado à mesma provação — para ele, diferentemente do que isso significava para você, estar impedido de pôr o pé na rua era o pior dos castigos. E não só seu irmão, o pai e a mãe também começaram a trabalhar em casa, a família unida e reunida para cumprir rigorosamente com sua parte na questão sanitária, e que o monstro da pandemia passasse logo e os deixasse em paz para todo sempre.

As tardes, que costumavam ser tranquilas e silenciosas em sua casa, conheceram a agitação e o barulho que produzem quatro pessoas confinadas, cada qual com sua necessidade, tentando se adaptar a uma rotina inteiramente

nova para todos. Você se perguntava se aquela muvuca toda continuaria quando as aulas começassem, para você e seu irmão, um pirralho que não conseguia sossegar a bunda numa cadeira por mais de um minuto. Grande parte do agito na casa se devia ao moleque, mas não havia como amarrá-lo e amordaçá-lo para que o resto da família tivesse um pouco de sossego, embora todos ali contribuíssem de alguma maneira para o furdunço, inclusive você.

Ah, você sabe que de santo você não tem nada, nem a cara.

Eis que surge um terceiro problema a bagunçar sua felicidade. Foi passando e repassando mentalmente os rostos de todos os colegas que encontraria on-line, avaliando antes da guerra o inimigo a ser enfrentado, que você se deu conta de que alguma coisa faltava.

Alguma coisa, não. Alguém.

Ela.

Você não quer pensar, muito menos falar a respeito.

Mas.

Há uma menina nesta história. Tinha de haver. Sempre há. Mesmo para os enferrujados, purulentos, de boca metalizada. Menina ou menino, que você pode ter outros defeitos, mas não é um cara preconceituoso. No seu caso, por acaso, uma menina.

Linda!

Tão linda que você não conseguia tirar os olhos dela quando ela estava por perto. E isso acontecia todos os dias, cinco vezes por semana. No colégio, claro.

Você gosta de tudo nela: o jeito que ela sorri, que olha, que mexe a cabeça; o jeito que se senta no banco na hora do recreio, que caminha, que carrega a mochila; o jeito que conversa com as colegas, que passa a mão nos cabelos. E que novamente sorri.

Mas não pra você, claro, que ela ainda não percebeu que você existe.

E como perceberia?

As aulas haviam começado fazia pouco, ela era nova no colégio, vocês não são da mesma turma e não têm um único amigo em comum — a bem da verdade, você não tem amigos que possa compartilhar com alguém. Você tem um amigo, o JB, mas o JB não conta. O JB não é compartilhável. Ele é como você, outro nerd que não se relaciona com ninguém mais além de você, e sempre em função dos mesmos assuntos cibernéticos.

Você sequer sabe o nome dela, simplesmente porque não teve tempo nem a quem perguntar. Nem ao JB, que seu único amigo é mais por fora que você nessa matéria. Ao invés de se aproximar dela, puxar assunto, comentar qualquer bobagem só pra se fazer notar e começar o papo de algum ponto, você preferia se esconder e fugir de qualquer possibilidade de contato. Porque você não sabe como se joga esse jogo.

Assim era sua não relação de poucos dias com a pessoa por quem você estava apaixonado.

Você estava apaixonado.

Apaixonado como nunca estivera antes na vida.

Na verdade, pela primeira vez em sua curta trajetória humana.

E tudo aconteceu tão rápido.

E agora havia uma pandemia. E agora você estava preso em casa. E agora você não podia mais ir ao colégio e enfrentar tudo o que você odeia só para ficar observando à distância, por alguns minutos, todos os dias, a pessoa por quem você estava apaixonado.

Terrivelmente apaixonado.

Como nunca estivera antes na vida.

O quarto, o computador, a internet, de repente tudo ficou velho e sem graça. Você sentiu um inédito desejo de sair porta a fora e ter uma vida normal, embora não soubesse muito bem como seria essa normalidade. O certo é que não queria mais ficar trancado em casa por horas e horas na frente de um computador, aquilo tudo era como um brinquedo do qual você já havia se cansado.

Você estranhou seus próprios pensamentos. Não era possível que uma simples lembrança tivesse o poder de mudar tanto a sua perspectiva. Você estava confuso. Não raciocinava mais direito. Talvez tivesse sido infectado pelo vírus maldito e a doença começasse a se desenvolver em seu corpo. Você buscou informações na internet, mas não encontrou nada que ligasse aqueles sintomas à doença que vinha atormentando o país e o mundo.

Ainda assim, você estava diferente. Você se sentia diferente. A pandemia andava mexendo com sua cabeça, isso era fato. E você pode ser chamado de qualquer coisa, menos de irracional. Você é um sujeito extremamente racional. Aliás, um nerd não pode ser considerado um nerd se não for extremamente racional.

E antissocial.

Então você teve o estalo: antissocial, social. Rede social.

Você não frequentava rede social alguma. Pra você, aquilo significava uma perda de tempo. Uma bobagem. Além do mais, se sua vida social era nula, com quem você se conectaria?

Só que agora havia um motivo: ela.

De quem você sequer sabia o nome.

Mas tinha de descobrir. Tinha de se ligar. Tinha de se comunicar com ela a qualquer custo. Ainda que fosse através de uma rede social. Ainda que não tivesse a menor ideia de como faria isso.

Você criou então um perfil em três redes sociais diferentes e começou a busca. Primeiro, foi atrás de seus colegas de turma e os adicionou em seus três perfis. Não foi atendido em todas as solicitações de amizade; aliás, foram poucos os que o atenderam, e os que o aceitaram eram motivados mais pela curiosidade e menos por querer realmente tê-lo como amigo. As colegas eram as mais reticentes. Não imaginou que seria tão difícil. Depois, foi aos perfis dos amigos recém-adicionados à procura daquele que realmente lhe interessava. Mas os caminhos pareciam estar todos bloqueados para você. Parecia que ela usava as redes sociais para se esconder.

Ou talvez ela não usasse rede social nenhuma. Como você. Como o JB.

Chegou o momento em sua vida em que a primeira experiência amorosa estava a ponto de fracassar. Pra você, claro, que ela nem sabia de sua existência.

As aulas on-line enfim começaram. O quarto estava em ordem, você não havia deixado nada à vista de olhos bisbilhoteiros que pudesse de alguma forma constrangê-lo. Mas a turma também estava mudada e sem espaço para fazer gracejos. Pareciam mais sérios e adultos do que realmente eram, tratando de observar as regras todas de participação em videoconferências.

E você, que se julgava um cara sortudo, era agora prisioneiro do que sempre quis na vida e experimentava a mesma frustração de seus colegas. Por quanto tempo duraria aquilo? Semanas? Meses? Havia quem afirmasse que levaria anos para que o vírus fosse embora ou estivesse controlado.

Os dias corriam pesados enquanto você encarava as aulas e seguia em sua busca inútil. Porque, lá no fundo, você já sabia que não a encontraria em nenhuma rede social. Ela era tão indiferente a elas quanto você antes de ter uma razão especial para frequentá-las. Ela nem isso parecia ter, ou não tivera a mesma ideia, o que lhe dava um certo conforto. Ela não se interessara por ninguém nos poucos dias em que entrou para o colégio e ele funcionou, havia uma eternidade. Ou se interessara por alguém igual a ela, que desprezava as redes sociais para viver num mundo todo próprio e alienado da vida contemporânea.

Ou talvez o interesse dela por alguém estivesse em outro lugar. Longe dali.

Mais de uma vez você esteve a ponto de violar as regras de confinamento impostas em sua casa para tentar se reunir com seus colegas, ainda que ninguém o tivesse convidado para nada, mas desistia ao ponderar que não valeria a pena o risco da desobediência porque ela seguramente não estaria flinando na rua nem metida numa festa clandestina. O jeito era esperar.

E você esperou.

E ela não saía de sua cabeça, naqueles longos meses em que você viveu confinado em casa e o mundo inteiro agonizava lá fora.

Até o dia em que o pesadelo acaba e as aulas retornam no colégio que você odeia. Ou talvez já não odeie mais. Todos em grande expectativa pelo recomeço depois de tanto tempo afastados, e você nem consegue dormir nos dias que antecedem o retorno.

Você chega cedo nesse dia, mais cedo que seu habitual.

E espera.

E espera.

Nem sinal dela.

O que terá acontecido?

Mudou de colégio, talvez. Desistiu do curso? Pegou o vírus?

As várias possibilidades cruzam sua cabeça quando você ouve o sinal e tem de entrar para a primeira aula do

dia. Você entra com a cabeça lá fora. E não percebe que JB entra logo atrás de você. Quando vocês finalmente se encontram depois de tanto tempo longe um do outro, os dois se comovem e um abraço desajeitado é inevitável. Você reconhece em JB o único amigo que você tem na vida e isso o deixa feliz pela primeira vez depois de muito tempo.

Você quer que esse momento se perpetue, quer contar a ele sua desventura amorosa, a emoção do reencontro lhe encoraja a avançar por esse caminho. Mas JB está diferente. Na saída para o recreio, ele dá um jeito de despistar você e some de seus olhos. Para onde terá ido?

Você para no meio do pátio. Você olha ao redor tentando encontrar seu amigo, o único amigo que você tem na vida.

Mas é ela quem você encontra.

Ela!

Linda!

Como um sol brilhando num pátio de recreio sem cor.

Esperando por seus olhos, sentada no banco de sempre, exatamente como quando você a viu pela última vez.

É quando o inesperado mais uma vez acontece.

Você assiste incrédulo a seu único amigo se aproximar dela, num jeito meio sem jeito em que você reconhece a si próprio indo ao encontro de quem você ama. Você vê JB lutar contra a timidez ao levantar os olhos, vê que ela se surpreende, vê que tudo se arma para um desfecho que nenhum algoritmo poderia ter previsto.

Você sente que algo está para acontecer.

Algo que você não quer que aconteça.

E toma a decisão.

Todos os olhos no pátio são atraídos para você, que se lança numa corrida desengonçada e se joga contra JB, os dois caem no chão, um sobre o outro, a menina assistindo à patetice sem entender o que se passa.

Desce um silêncio constrangedor enquanto você tenta se levantar. Depois, aquela voz debochada saída você não sabe de onde:

— As duas bonecas já estão se agarrando aí no chão?

Por fim, a gargalhada geral.

Você se põe de pé, dá a mão a seu único amigo, que não a recusa, e retarda o quanto pode o momento de encarar a menina que você ama, pois está diante de duas verdades que — você ainda não sabe — vão marcar sua vida pós-pandemia.

A primeira: JB está no jogo pra ganhar. E tenta se salvar do vexame a que foi submetido com uma ironia até então desconhecida ao se dirigir antes de você à menina:

— Desculpe meu amigo. Ele ficou muito feliz de me ver hoje.

A segunda verdade: você não vai perder esse jogo.

Ah, não vai mesmo.

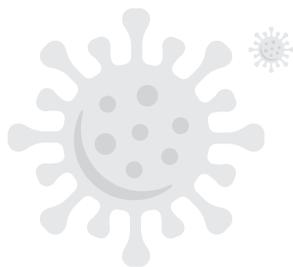
Marlon Pires Ramos



Crédito foto: Divulgação

Marlon Pires Ramos é escritor, poeta, autor do livro de poesias *Marlirico*, faz parte da produção da Festipoa Literária – Festival Literário de Porto Alegre — e da Balada Literária — Festival Literário em São Paulo.

Marlon
Pires
Ramos
184



Acalanto



Marlon
Pires
Ramos
185

Acalanto

“Marlete, eu te amo!”

Foi a coisa mais verdadeira e bonita que consegui dizer naquele momento. Saiu meio baixo, abafado, por causa da máscara. Mas você via esse amor pelos meus olhos. Sempre viu, na real. Todo mundo fica meio igual, por causa das máscaras; mesmo assim, você via, nos meus olhos, meu amor e minha poesia por você. Me conhece tão bem! Garanto que já sabia que eu iria te dar um presente. Um só, não, né. Alguns presentes. Aquele livro *Água de barrela*, da Eliana Alves Cruz, que você queria tanto ler, e aquela trufa de chocolate meio amargo que eu te dei no segundo encontro. Nosso primeiro beijo foi nesse dia. Lembranças cheias de poesia e denço.

Dou risada quando lembro do início da pandemia: você me falando que estava na UTI. Quase morri, meu deus. A mulher que eu amo na UTI, o que eu faço? O QUE EU FAÇO? Só consegui voltar a respirar quando você falou “calma, eu tô trabalhando lá”. Até eu entender que você estava auxiliando os pacientes de covid-19 na UTI do hospital Mãe de Deus demorou, viu? Pânico real. E você rindo da minha cara. Ou melhor: rindo *imaginando* a minha cara. Você é uma das mais incríveis terapeutas ocupacionais do país! Só o pouco que consigo acompanhar do teu trabalho e estudos no cuidado dos pacientes me emociona muito. Você sabe disso.

Nessa pandemia, passamos por momentos tão complicados, tão difíceis. Muito luto, muita lágrima, muito desespero. Contudo, nosso melhor aflorou.

Cuidado, carinho, afeto, acalanto.

Minha mãe faleceu dias antes da pandemia e no velório você estava lá. Dona Maria gostava muito de você. Nem precisava falar. Se eu estivesse feliz por algum motivo, minha mãe sabia: era bem provável que fosse por sua causa. No dia mais duro pra mim, você estava lá, no cemitério, comigo. Era o amor na forma mais pura. Quando a sua vó faleceu, me senti culpado por não estar por perto. Mas também entendia que era um processo teu, uma dor tua; que quando você se sentisse confortável, viria até mim. No seu tempo.

Respeitei isso. Você entendeu. E o amor se fortaleceu ainda mais.

A poesia é a vitória do afeto.

Uma das coisas que me salvaram nesta quarentena foi ler. Li muito. Foi a minha terapia possível. Os livros me abraçaram. Assim como abraçaram você nessa tua caminhada tão bonita. Você já é referência na tua área. Mestre. Agora, quase no doutorado, já. Eu tô aqui, fazendo meu corre, trabalhando numa livraria. Coisa que queria muito. Bem minha cara. Tô na UFRGS, mas fazendo o que posso. Uma cadeira e deu. É o que minha saúde mental me permite neste momento. Você, mais do que ninguém, sabe o quanto a saúde mental é importante. Ainda mais neste momento quase pós-pandemia. E estou lendo. Trabalhar numa livraria tem suas vantagens. Escrevi um verso no intervalo do trabalho, lendo um livro de poesias. Te mandei, mas não sei se você leu:

"A gente parece um filme que eu vi...

Aquele filme lindo que passava naquele cinema que eu deixei de ir
Mas marcou meu caminho
Passo na frente toda vez que posso

Rever o mesmo filme ou ver o trailer só das partes boas?
Falo 'eu te amo' toda vez que passo ali
Quase gritando
Você responde 'eu te amo' baixinho
Quase em silêncio

Tô doido pra escrever um novo roteiro contigo
Você adora cinema que eu sei
Vamo?"

Você não tem ideia da importância que tiveram as nossas conversas



durante a pandemia. Muito importantes pra mim. Acho que pra você também. A gente tem essa coisa de ficar bem se o outro estiver bem. Ficar feliz se o outro estiver feliz. E nesse caos todo, a gente tentou ser o melhor possível um pro outro. Você chorou na Páscoa, quando te mandei aquele livro da Audre Lorde. E eu me emocionei muito quando você disse “trouxe figos pra tua avó”. E as cartas? Escrevi com todo o amor do mundo. Acalanto em cada palavra. Teve uma que escrevi depois de ouvir *Um amor puro*, do Djavan; teve outra que veio depois daquela do Milton Nascimento. Até fiz a paródia *Um girassol no seu black tão bonito*. Daí já lembro da primeira poesia que mandei pra você: “Menina, mulher / Da pele preta / Tão linda de amarelo / Girassol”. Você me mandou a foto. Meu verso na tua parede. Começava ali nossa história. Começou antes, na real. Sabemos.

E lá se vão cinco anos, mais ou menos.

É... Primeiro amor, primeiro namoro.

Um dos dias mais bonitos da minha vida foi quando você foi lá conhecer a vó. Dona Terezinha ficou tão feliz que até hoje lembro do sorriso dela naquele dia. E ela pegando meu álbum de fotos pra te mostrar eu no meu primeiro aninho. E vocês duas conversando como duas amigas de longa data. É por isso que ela te ama tanto. Nem ligou pro calor daquele domingo. Nem pra maionese que demorou pra ficar no ponto. Era a vó toda carinho pra você, e você toda acalanto com ela, linda naquele vestido amarelo que eu amo. E eu ali, todo bobo, pensando: “sou o homem mais feliz do mundo”. Amor é isso.

Esses dias, vi que você passou no doutorado. Fiquei tão feliz! Chorei aqui, escondido, pra ninguém ver. Me emocionei muito! Lindo demais! Conheço um pouco da tua trajetória. A menina estudante lá da universidade de Santa Maria, a mestra aqui na UFRGS, e agora a futura doutora lá em São Paulo. Fico sorrindo aqui, um sorriso de doer a boca, acompanhando da maneira que posso os teus passos. Como se estivesse na arquibancada, aplaudindo você. E sei que você faz o mesmo por mim. Dá pra sentir. É da gente, isso. É um pensar no outro, que o outro sente. Acontece de uma forma bonita. Desde que a gente se conheceu naquele bloco de carnaval de rua. E

acontece hoje, mesmo depois de a gente ter terminado.

Tenho pensado muito no futuro.

Logo, logo você vai estar viajando pra São Paulo em definitivo. Dá uma dorzinha aqui dentro. Um medo. Não é bem medo. Ah, não sei, na real. Eu tô muito feliz que você vai fazer o doutorado lá em São Paulo. Você quis e conseguiu. Foda demais. Mas vai estar longe. Bem longe. Desde que a gente terminou, a gente vem trabalhando isso, de certa forma. Entretanto, é difícil pensar que você não vai mais estar morando perto, não vai mais trazer figos pra vó, ou que eu não vou poder mais te visitar depois do trabalho com o coração em descompasso e pensando no seu sorriso.

Dona Terezinha sempre disse que depois de uma tempestade surge um dia bonito de sol. A possibilidade de um futuro sem máscaras me brilha os olhos. Você me brilha os olhos também. Talvez eu não seja a melhor pessoa para gritar, mas tenho certeza que meu abraço e meu afeto são combustível de possível. Talvez isso não seja o bastante, eu sei.

Temos o amor como meta.

É sobre afeto. É sobre carinho. É sobre acalanto.

Futuro, pra mim, é isso.



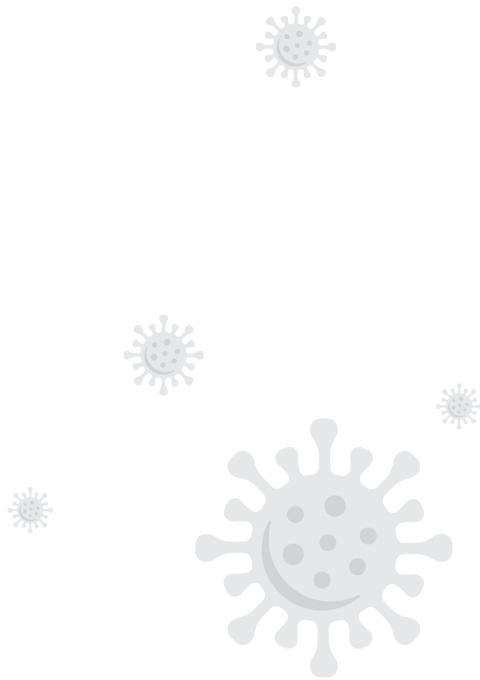
Marô Barbieri



Crédito foto: Divulgação

Maria Eunice Garrido Barbieri, conhecida como Marô Barbieri, é escritora, professora e contadora de histórias, natural da cidade de Bento Gonçalves-RS. Tem Licenciatura Plena em Letras (Língua e Literatura Portuguesa e Língua e Literatura Francesa) pela PUCRS. Como professora, atuou ensinando língua e literatura de português e francês. Autora de 30 livros, Marô destaca-se pelas obras voltadas ao público infantil, mas, a partir de 2013, começa a produzir livros para público infantojuvenil e para adultos.

Marô
Barbieri
190



A canção

Marô
Barbieri
191

A canção

Entrou em casa, largou a bolsa, o casaco, sentou-se e tirou os sapatos. Mariana estava exausta.

Horas e horas no hospital e sempre o mesmo estresse: gente e mais gente entrando, uns já com sintomas fortes, outros com olhos arregalados de susto e medo. Era assim todos os dias. A pandemia tinha chegado de repente e tomado conta de tudo. E de todos.

Quando iniciou o curso de Enfermagem, acreditava profundamente em sua futura profissão. Parecia-lhe fundamental auxiliar as pessoas, salvando-as das doenças e das aflições de saúde. Ela seria incansável, suas mãos seriam alívio certo, tudo funcionaria com perfeição, tão certa estava de sua missão. E assim foi.

Essa aptidão tinha começado bem cedo, quando curava doenças imaginárias em suas bonecas, oferecia chás especialmente preparados para o seu cachorro e até quando recuperou um passarinho de perna quebrada. Sentia-se bem ajudando a quem precisasse.

Sua mãe, comovida com o bom coração da filha, comentava com as vizinhas.

— Minha filha vai ser alguém muito especial na vida. Tenho certeza de que vai ser diferente dessas gurias que só pensam em se enfeitar e se divertir. É uma menina séria. Compenetrada.

De fato, muito séria e compenetrada. Para Mariana, a vida era mesmo um compromisso.

E cresceu cercada de admiração. Da mãe, da família, dos vizinhos e dos professores.

O pai, homem alto e corpulento, de fala mansa, era o herói da filha. Era a mão que ela buscava quando precisava de ajuda. Sedutor inveterado, lançava olhares cobiçosos ao mulhério do bairro. Mas, em casa, era todo carinho e cuidado com a filha. Quando ele se foi, enfeitado por uma mulher da vizinhança, a menina chorou muito. Ela e a mãe.

Quem lhe ajudou nesta hora tão difícil foi seu irmão. Esteve ao seu lado, conversando, animando, mostrando que a vida continuava. Apesar de tudo.

Mariana nunca perdeu a esperança de que ele voltasse. Mas os anos foram passando e nada dele aparecer. Até que, um dia, ela parou de acreditar que ele voltaria. E aceitou a solidão de filha.

O irmão, não. Mesmo ajudando a irmã, ficou revoltado com o abandono e declarou:

— Não tenho mais pai! Não quero saber dele.

Além do quê, pressionado pela necessidade de ajudar a família, o rapaz acabou se contentando com um emprego sem futuro no supermercado da cidade.

Mariana e a mãe, no entanto, pouco se davam. Eram muito diferentes.

Dona Camila era simples e prática. Não tinha sonhos, vivia o dia a dia. E só. Não entendia a cabeça sonhadora da filha.

Mas tinha uma coisa que quase ninguém sabia: Mariana cantava. Tinha uma voz doce e melodiosa e gostava muito das cantigas folclóricas, simples e dolentes. A que mais lhe dizia ao coração era *Teresinha de Jesus*.

Com frequência andava pela casa, limpando o chão, cozinhando, arrumando as flores nos vasos, organizando seus livros e cantando.

“Teresinha de Jesus
Deu a queda e foi ao chão
Acudiram três cavalheiros
Cada um chapéu na mão

O primeiro, foi seu pai
O segundo, seu irmão
O terceiro foi aquele
A quem Teresa deu a mão”

Essa canção, em tom menor, a confortava e fazia imaginar o dia em que apareceria aquele a quem daria a mão. Com o pai, já não mais contava. Com o irmão, podia contar, mas ela esperava mesmo é pelo que ainda viria. O terceiro. Coisas de moça solitária e romântica. Mesmo nos dias de hoje.

Mariana não era bonita. Era, isso sim, bem desajeitada. Alta como o pai, corpulenta e nem um pouco graciosa. Cabelo castanho encaracolado, meio rebelde, olhos castanhos bem comuns. O que sobressaía, talvez, era a beleza das mãos de dedos longos e macios. Mãos que ajudavam a curar.

Tudo o que conseguia era com esforço e estudo. Sua vida social, limitada. Nunca foi popular nem teve grandes amizades. Mesmo nas redes sociais.

Quando chegou à universidade, sentiu que a vida se abria um pouco mais. E foi lá que conheceu Fernando.

Alto, moreno, óculos de aros escuros, magro e musculoso, fazia sucesso com as colegas do curso. Enganava bem com seu ar de intelectual blasé.

Quando ele ofereceu seu lugar para Mariana, que estava em pé, numa das aulas mais concorridas do curso, a moça ficou encantada. Então ele havia notado que ela existia?

O encanto continuou quando ele sugeriu que fossem tomar um cafezinho no intervalo das aulas.

Mariana nem acreditava: o Fernando? O cara mais cobiçado da turma? Seria o *terceiro* da canção?

As colegas mal disfarçavam a inveja. Mariana não ligava. Tudo o que queria era sentir-se assim, alvo de alguma atenção. Ela, que sempre mais dava do que recebia.

Ficou mais alegre, chegou mesmo a florescer. Providenciou um novo corte de cabelo, passou a fazer as unhas, renovou o guarda-roupa básico que sempre usava. Uma blusa vermelha, com flores coloridas, deu o tom de

sua mudança.

Depois de alguns cafés, Fernando a convidou para verem um filme da Netflix na sua casa, um pequeno apartamento no subúrbio, convite que Mariana recebeu com olhos arregalados de surpresa e prazer.

— Claro! No sábado, se tu puderes, Fernando!

Combinado.

Mal chegaram ao apartamento, Fernando avançou sobre ela. Parecia ter múltiplas mãos, enlaçando seus ombros, apertando-a contra ele, excitado e desejoso.

Surpresa, a moça procurou se desvencilhar.

— O que é isso, Fernando? Para! Não foi para isso que vim.

— Poxa, gurria! O que tu tá pensando? Tu nasceu ontem? Por que eu te convidaria para vir aqui em casa?

Mariana nem respondeu. Correu para a porta e saiu pelo corredor. Já na rua, ligou para o seu irmão.

— Marcelo! Vem aqui, mano! Vem me buscar!

E ficou andando de um lado para outro, olhando a porta do edifício, receando que Fernando descesse. Mas ele nem se deu ao trabalho.

Vinte minutos depois, o irmão chegou em seu velho carrinho, nada perguntou e a levou para casa.

Mariana passou uma semana cabisbaixa e triste, a solidão crescendo novamente dentro dela.

Mas o dia a dia do grande hospital onde trabalhava acabou por absorvê-la por inteiro. Muito cuidadosa com tudo o que fazia, atendia aos doentes com carinho e competência. Pelo menos ali, todos a amavam.

Quando ele chegou, Mariana estava de plantão. Recepcionou o doente, acomodou-o na ala destinada à pandemia e orientou a moça que o acompanhava sobre o que fazer para conseguir a internação.

Enquanto o acomodava, prestou atenção às olheiras fundas e escuras do rapaz, seu caminhar curvado e a tosse persistente que o acompanhava a cada passo. Mal dizia alguma coisa, era interrompido pelo sacudir daquela tosse.

Foi internado na ala de tratamento intensivo. E as primeiras noites foram muito difíceis. A tosse piorou ainda mais e ele teve de ser entubado. Ficou quase uma semana naquela situação e, quando o médico autorizou a sua remoção para um quarto, estava fraco e sem ânimo.

Mariana, atenciosa, cuidava dele com dedicação. Era como se fosse uma sombra benéfica que velava por ele dia e noite.

A moça que o acompanhava era sua irmã e o visitava com a frequência possível, autorizada pelo hospital. Ficava de longe, olhando com carinho para o homem quase destruído pela doença. Com Mariana, quase não falava. Só o necessário para encaminhar algum procedimento indicado pelos médicos.

Pelo prontuário, a enfermeira ficou sabendo que ele se chamava César, tinha quase quarenta anos e era professor de uma escola municipal.

Com o passar do tempo, César começou a lenta recuperação. E todo o dia lá estava Mariana, pronta para

ajudá-lo a sentar-se na cama, a fazer pequenos exercícios para recuperação do fôlego, levantar-se e dar alguns passos pelo quarto. Quando o fisioterapeuta foi atendê-lo, a moça trabalhou junto com ele.

Todos os dias, ao chegar ao hospital, mesmo atendendo a um número bem grande de pacientes, a primeira providência de Mariana era saber o que tinha acontecido com César na sua ausência.

Quando ele começou a interagir melhor, passaram a conversar. Ele, animado em retomar sua vida, contava a ela as histórias da escola onde trabalhava. Mariana ouvia com interesse e comentava com ele algumas coisas do dia a dia do hospital.

Assim foram ficando cada vez mais próximos.

A recuperação foi realmente longa. Muitas sequelas permaneciam e exigiam tratamentos.

Todos os dias, Mariana e César já esperavam a hora em que podiam conversar. A moça fazia seu trabalho como sempre, mas ansiosa que chegasse a hora de estar com ele. Ele ficava imaginando e escolhendo o que conversariam.

Dessa forma, foram aprofundando o nível da conversa. Logo, passaram a falar de suas vivências, de suas expectativas, de suas crenças. E, numa dessas conversas, Mariana cantou para ele. A música foi a que sempre escolhia: *Teresinha de Jesus*.

Mas quando Mariana contou a Janice que estava se apaixonando pelo César, a amiga alertou:

— Mariana, não te apegas demais! Ele é um paciente e os pacientes se encantam com as enfermeiras por conta da situação em que estão. Aqui dentro as coisas são de um jeito. Fora daqui, a realidade destrói essas fantasias que as pessoas constroem quando estão frágeis pela doença.

A moça não queria acreditar, mas sentia que Janice tinha razão.

Passou-se algum tempo e César foi melhorando. Já andava pelo corredor com facilidade, havia recuperado o fôlego, não mais tossia, seus sinais vitais estavam melhorando.

E chegou o dia em que o médico de plantão cogitou dar alta ao rapaz. E deu. Foi num dia em que Mariana estava de folga.

Quando ela chegou, no dia seguinte, verificou que ele não constava na sua lista de visitas e soube que já tinha partido.

Apesar de conversarem bastante, nem César nem ela tinham falado de coisas práticas como endereço, telefone, formas de contato. Endereço e telefone ela ainda poderia conseguir no hospital. Mas por que ligar? O que dizer? O que lhe restava era esperar. Janice podia ter razão.

Mas, quem sabe, o destino dava um jeito.

Passou-se uma semana. E nada.

Uma outra semana veio. Mariana chegou a soluçar em seu quarto, com saudade. Na sua cabeça ressoava a canção da *Teresinha de Jesus*. A mão de César estendida para ela. Era isso o que mais desejava. Como na canção.

Até que, num final de semana, recebeu uma ligação do hospital:

— Mariana! Venha urgentemente ao hospital. O paciente César está aqui e perguntou por ti.

Mariana correu até lá. “Meu Deus!”, pensava. “Ele piorou e, quando casos sérios como o dele apresentam novas dificuldades, o prognóstico não é nada bom.”

Chegou esbaforida. Janice a esperava.

— Onde ele está? O que ele tem?

Janice sorria.

Mariana se irritou.

— Que insensibilidade, Janice!

Apressadamente, entrou na sala indicada pela colega. No meio das pessoas, que também sorriam, lá estava César, com aparência saudável, o rosto corado, um pouco envergonhado com a situação. Todos olhavam para o casal, esperando para ver o que ia acontecer.

Então, o rapaz sorriu, inclinou a cabeça e estendeu a sua mão para Mariana.

Ela olhou para ele, sorriu também, e a melodia de sua canção preferida ressoou em sua cabeça:

“E o terceiro foi aquele a quem Mariana deu a mão”!

E, de mãos dadas, saíram do hospital enquanto Janice e as pessoas da sala continuavam a sorrir.

Pois é. Às vezes, o destino dá mesmo um jeito.

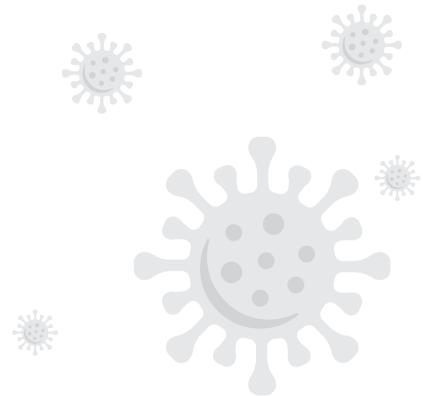


Crédito foto: Divulgação

Milene Barazzetti

Milene Barazzetti é especialista em Literatura Infantil e Juvenil (UCS), natural de Porto Alegre-RS, professora, escritora, contadora de histórias e palestrante. Tem sete livros publicados para infância e juventude, destacando *O Consertador de Coisas*, finalista do Prêmio AGEs em 2014 e *Contos Soturnos*, vencedor do Prêmio AGEs 2020. Blog da autora: <http://encantosliterarios-milene.blogspot.com.br/>.

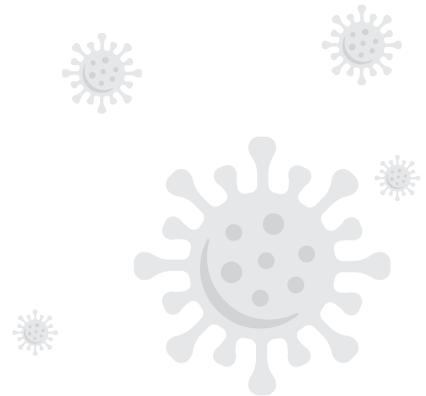
Milene
Barazzetti
197





Brunella

Milene
Barazzetti
198



Brunella

Brunella abriu a porta para retomar sua vida como ela era antes. Na verdade, isso era o que ela pensava. Estava estudando em casa há mais de um ano e não via a hora de voltar a conversar com seus amigos de verdade, longe das telas do celular. Mas tinha também que rever tudo o que escreveu em post-its que se acumulavam no espelho do seu toucador. Todas as coisas que queria fazer quando a pandemia terminasse estavam escritas em pequenos papéis coloridos colados organizadamente, como uma boa virginiana que era, no lugar onde ela sempre se olhava logo que acordava. Apesar da ansiedade em rever o que havia escrito, tinha medo de não conseguir realizar tudo que se propôs e medo também de conseguir realizar tudo – assim, não teria mais nada para fazer.

Além dos estudos on-line e das chamadas de vídeo com os amigos, os livros foram os grandes companheiros da Brunella. De fato, ela nunca foi uma grande leitora, mas o isolamento e algo muito estranho que aconteceu durante esse tempo a fizeram olhar com outros olhos as pilhas de livros espalhadas pela casa. E foram eles que deram a ideia de escrever tudo que não poderia deixar de fazer daqui pra frente.

No início, quando as aulas a distância eram mais tranquilas, passou o tempo todo acompanhando tudo no celular e assistindo a todas as séries investigativas dos canais de *streaming*. Em outros momentos, ficava jogando com os amigos através do computador. Até que ocorreu algo curioso. Objetos que ela gostava muito tomaram chá de sumiço em seu quarto. Primeiro foi um passador de cabelo estrelado, depois a sua caneta preferida, mais adiante um conjunto de post-its ilustrados com gatos engraçados, um clipe com uma flor em biscuit rosa que ela amava, seu par de brincos com mini borboletas e, por último, o seu diário de coisas que desejava fazer antes de chegar o fim do mundo. Sim, era esse o título do seu diário. Mas tinha um detalhe: não havia nada escrito nele. A mãe lhe deu de presente assim que a pandemia começou e disse que seria um estímulo para quando tudo passasse. Mas ela não conseguia pensar em nada para escrever e só se deu conta dele novamente quando viu que não estava mais na sua cabeceira.

Perguntou para os pais se eles tinham visto suas coisas. A mãe, com a resposta na ponta da língua, já foi dizendo:

– Bom, você gosta de tudo certinho e organizado, mas esquece muitas vezes de guardar algumas de suas coisas. Quantas vezes tropecei nelas por aí...

O pai concordou com a mãe e complementou:

– Pode ser um duende que passou no teu quarto e se teletransportou com as tuas coisas para outro lugar. Hehehe!

Bernardo, o irmão mais novo, se intrometeu na conversa e foi dizendo:

– Já sei! Passou um ET no teu quarto, viu que tu era uma fedorenta feiosa e resolveu pegar tuas coisas e levar para um planeta distante sem uma Brunella chata.

Foi então que a mocinha ficou furiosa e já queria dar uns tapas no irmão, que vivia implicando com as coisas que ela fazia ou dizia. Ela amava o irmão e o protegia sempre, mas, muitas vezes, pensava no porquê de irmãos mais novos serem tão azucrinantes. Respirou fundo e voltou para o quarto. Precisava encontrar suas coisas e resolver, de uma vez por todas, aquele imbróglio.

Além das coisas que desapareciam, começaram a aparecer, de repente, livros em vários lugares próximos de onde ela estava. O primeiro deles foi *Ideias para adiar o fim do mundo*, do Ailton Krenak. Ela achou o título curioso. A cidade estava em *lockdown*, tinha assistido a todos os filmes e séries sobre epidemias e agora aparecia aquele livro com um título tão peculiar. Leu com curiosidade em saber quais seriam, afinal, as tais ideias e ficou confusa porque ele não tinha respostas prontas. Claro, um livro sem respostas – mas com muitas perguntas. E elas ficaram buzinando na sua cabeça depois de terminar rapidamente aquela leitura.

Naquele dia, após ler o primeiro livro durante o isolamento, a jovem deitou na cama e pensou principalmente sobre sua relação com a natureza. Lembrou que fazia poucas coisas ao ar livre mesmo sem a pandemia, que nunca tinha plantado uma árvore, cuidado de um jardim. Foi nesse momento que olhou para o lado e viu a palmeirinha que havia ganhado do Léo. Na verdade, era o único contato com a natureza que ela tinha há muito tempo. Deu um salto da cama ao ter uma ideia. Pegou os bloquinhos de post-its e escreveu em cada uma das folhinhas:

1. Plantar uma árvore ou uma flor e cuidar dela.
2. Conversar com os amigos sobre sustentabilidade, a importância de preservar a natureza e reciclagem.
3. Fazer uma campanha na escola e no bairro para incentivar a separação do lixo.
4. Pedir ajuda dos vizinhos e criar uma horta comunitária.

Colou os papéis no espelho e ficou pensando naquilo. Seriam suas ideias do que fazer quando a pandemia acabasse. Achou genial! Fez uma chamada de vídeo para Léo e

contou o que tinha lido e sobre o começo de uma lista muito importante, tudo por causa da palmeirinha que ele tinha dado para ela. O jovem achou engraçado e disse que todo mundo já estava fazendo isso.

– Uma lista do que fazer quando a pandemia terminar, Brunella!? Que clichê!

Ela ficou meio desanimada com o que o amigo falou, ainda mais esse amigo, mas pensou, depois, que ele não sabia como tudo tinha começado. Resolveu desligar e contar em outro momento.

No dia seguinte, acordou com o despertador alto e viu que agora tinha um outro livro em cima de seu travesseiro. E, que engraçado, o livro tinha cheirinho de flor. “Que estranho, outro livro?”, pensou ela. Não teve tempo de ler, foi direto para a aula no seu computador. Era dia de debate na disciplina de História e ela havia preparado uma fala sobre a Segunda Guerra Mundial. Precisava de uma nota boa para ficar mais tranquila durante a prova que ocorreria nas semanas seguintes.

Na hora do almoço, perguntou se era algum deles, pai, mãe ou irmão, que estavam colocando livros no seu quarto para ela ler. Os três a olharam com uma expressão de dúvida e o irmão largou uma gargalhada. A mocinha ficou brava e se fechou no quarto. Começou a ler *A fada que tinha ideias*, da Fernanda Lopes de Almeida, agora com mais tempo.

– Por que esse livro infantil veio parar aqui no meu quarto? Será que eu já não li quando estava no 5º ano? – falou em voz alta, conversando consigo mesma. – Outro livro sobre ideias, aff! – resmungou.

Acontece que, à medida que seus olhos corriam pelas letras e ilustrações do livro, ela começava a se identificar com a personagem que queria ser diferente de todas as outras fadas. Lembrou que na escola acabava tendo o estilo de suas colegas de classe, com medo de ser deixada de lado, mas que sempre quis ser mais ela mesma e fazer coisas incomuns. Nem conseguiu terminar sua leitura, pegou os post-its e escreveu:

1. Ter meu próprio estilo.
2. Defender minhas ideias e pensamentos com bons argumentos.
3. Ter mais amigos além do Léo e da Sabrina.
4. Experimentar novos sabores.

Fechou o livro e pensou que talvez aquela história não fosse tão infantil como ela pensava. Mas ainda tinha algo para descobrir. Afinal, como os livros foram parar no quarto dela se ninguém da sua família tinha se acusado e até pareciam muito surpresos com a pergunta? Uma coisa ela sabia, aqueles livros estavam nas estantes de casa, pois eram

identificados com o nome da mãe. Claro, só podia ser a mãe... Mas, se fosse, ela diria, pois era muito ruim em guardar segredos. E assim, perdida em seus pensamentos, colocou os fones de ouvido e deitou no chão do seu quarto. Escutou Pitty começar a cantar: “Pane no sistema / Alguém me desconfigurou / Aonde estão meus olhos de robô? / Nada é orgânico / É tudo programado”. Ficou ali pensando em tudo que queria fazer e, quem sabe, quando a pandemia terminasse, também tomasse coragem de falar para o Léo o que ela sentia por ele. Tinha receio porque eram melhores amigos e não queria perder isso. Acabou tirando um cochilo, mesmo com os fones ainda nos ouvidos.

Despertou com uma música do Guns N'Roses que seu pai a havia ensinado a gostar e estava na sua *playlist*. Levantou e acabou derrubando um livro que estava sobre seu peito. Pegou e leu: *Orgulho e Preconceito*, de Jane Austen. “Puxa vida, só pode ser coisa da minha mãe isso”, pensou. Já tinha escutado sobre a autora, lembrou que viu um filme sobre algum dos livros dela e que achou chato pra caramba na época. Mesmo assim, começou a ler e ficou apaixonada por Elizabeth. Não foi dormir até terminar a história. Como o amor era complicado, difícil, parecia um jogo. E como a personagem era determinada, corajosa, principalmente. Logo pegou sua caneta e escreveu:

1. Falar para o Léo que gosto dele, mais do que como amigo.
2. Ser feminista e corajosa até debaixo da água.
3. Entrar para o time de futebol da escola.
4. Saltar e tomar banho de rio.
5. Andar em uma asa-delta.

Parou para admirar o que tinha escrito até então. Concentrada, ouviu um barulhinho e depois um barulhão. Através do espelho, conseguiu perceber que tinha um livro flutuando bem próximo ao chão do seu quarto. Esfregou os olhos com força. O livro continuava ali e estava mudando de lugar, andando sozinho. Como seria possível? Pensou na conversa da professora regente com todos, na semana anterior, perguntando como estavam se sentindo durante a pandemia, que alguns poderiam desenvolver medos, angústias, alucinações até. Com certeza ela estava ficando maluquinha. Virou para olhar melhor o que estava acontecendo e o livro continuava suspenso. Se ajoelhou no chão, curvou o corpo e percebeu um serzinho minúsculo que carregava o livro com bastante dificuldade.

– O que é você? – gritou.

A criaturinha arregalou os minúsculos olhos assustados e deixou o livro cair ao lado. Ficou olhando para a jovem, que mais parecia um gigante, e começou a tremer.

Brunella percebeu a apreensão do serzinho e disse:

– Não tenha medo! Não vou te machucar. Só não estou entendendo se você é real mesmo ou se é algo da minha imaginação. Estou tão assustada quanto você!

Nesse momento, a pequenina correu para debaixo da cama.

Brunella levantou a colcha e viu que ela tinha construído um lar ali embaixo. Lá estavam suas coisas sumidas e muitos livros!

– Você está morando embaixo da minha cama!? E quanto tempo faz isso? – perguntou a mocinha sorrindo.

Com uma voz fininha, mas afinada, o pequeno ser que ali habitava respondeu:

– Sim. Desculpa. Eu não queria que você me visse, mas agora que já viu, paciência... Meu nome é Estel, sou uma *pixie*. Você não deve saber o que é, pois já é muito grandalhona, mas quando era pequenina você já viu alguns dos meus parentes.

A jovem estava encantada com Estel. Ficou apenas ouvindo tudo que ela queria lhe falar.

– Sabe, menina, eu achei muitos livros na sua casa e peguei emprestados para ler. Lá onde eu vivo, lemos apenas o que as pessoas esquecem nos arredores, mas escutamos muitas histórias. Muita gente gosta de fazer piqueniques no nosso parque. Você tem livros muito interessantes aqui na sua casa, e como não te via lendo muito, achei melhor dar um empurrãozinho.

Brunella, então, descobriu que Estel era uma espécie de fada misturada com duende. Ela morava nas árvores de um parque próximo à escola. A fadinha, como ela começou a chamá-la, contou sobre sua família e como tinha ido parar ali no quarto. No parque onde ela vivia, tinha uma floricultura muito frequentada e cheia de plantas belíssimas. Certo dia, Estel havia perdido a noção do tempo. Deitou entre as folhas de uma palmeirinha, adormeceu e, quando se deu conta, estava ali naquele quarto. Até pensou em voltar pulando na mochila da mocinha quando ela saísse, mas a pandemia começou, todo mundo ficou trancado em casa e a criaturinha também ficou com muito medo.

O mistério estava solucionado. Foi Estel que pegou suas coisas e lhe indicou alguns livros. Em parte do tempo pandêmico, elas foram melhores amigas. A fadinha ouvia Brunella em todos os momentos que ela precisava. Uma lia em voz alta para a outra e, durante as aulas, ambas aprendiam coisas novas. E, ali no quarto, ela ficou escondidinha todos esses meses.

Lendo *Alice no País das Maravilhas*, de Lewis Carroll, as duas descobriram que a única forma de chegar ao impossível é acreditando que é possível, e que nunca poderiam deixar seus medos sufocarem seus sonhos. E a lista de coisas continuou sendo escrita:

1. Escrever um livro de contos.
2. Acreditar mais em mim.
3. Usar mais roupas coloridas.
4. Ter um animal de estimação.
5. Vencer meus medos.
6. Criar um clube de leitura.
7. Voltar a dançar balé.

Que difícil a tarefa de abrir a porta e sair para voltar à sua vida anterior. “Qual seria a reação das pessoas?”, pensava Brunella.

Do outro lado da porta, havia a liberdade de poder sair novamente. Estel entrou na sua mochila e as duas foram juntas até a escola. Quando passaram pelo parque, a criaturinha saltou e abanou para a jovem, que já estava triste por não ter mais a companhia da amiga o tempo todo.

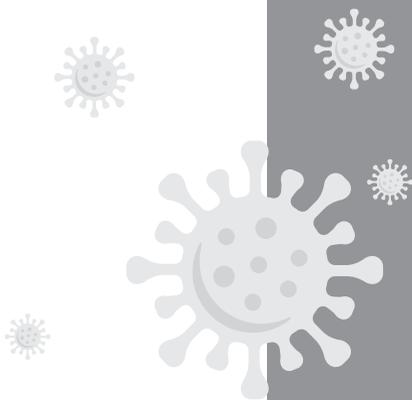
Estel, com o caderno das coisas que iria fazer antes do fim do mundo pendurado por um cordão, gritou:

– Espero te ver novamente! Não esqueça de fazer as coisas da sua lista. Eu farei tudo que escrevi aqui no teu caderno. Tenha esperança e confiança, que é o significado do meu nome!

Brunella jogou um beijo para a amiga e seguiu para escola. Ainda custava acreditar que havia conhecido uma *pixie* de verdade. Será?

Ao chegar, Léo e Sabrina estavam esperando por ela no portão. Que alegria tremenda poder abraçar os amigos novamente. Tinha decidido que, na hora da saída, convidaria Léo para tomar um milk-shake e jogar conversa fora. Talvez seria o momento de contar tudo que aconteceu com ela durante o isolamento e o que sentia de verdade por ele.

Esperança e confiança! Era disso que precisava. Porque, daqui pra frente, algumas coisas seriam diferentes.



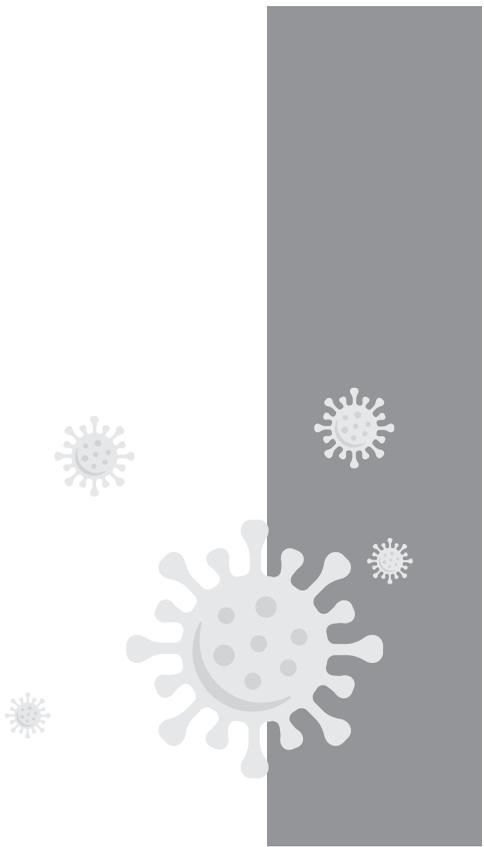
Rafa Rafuagi



Crédito foto: Tiago Trindade

Rafa Rafuagi tem vinte anos de atuação artística e social em âmbito internacional, tendo mais de mil shows em trezentas cidades, com 26 prêmios já recebidos. É escritor, membro do HeForShe da ONU Mulheres, consultor do BID, fundador da Casa da Cultura Hip Hop de Esteio, Universidade Popular dos Movimentos Sociais Vozes da Periferia e do Museu da Cultura Hip Hop RS.

Rafa
Rafuagi
205



Muitas histórias

Rafa
Rafuagi
206

Muitas histórias

Vou te contar uma história.

Não. Vou te contar muitas histórias.

A história dele e também de muitos e muitas como ele.

Escuta só.

Ele nasceu num país que fez seus habitantes acreditarem que o que eram se limitava ao que a escola “ensinou”. Escola sem representatividade de professores e professoras pretas, indígenas, trans, escola com narrativas colonizadoras, patriarcais e capitalistas, onde a arte imita a vida e a vida imita a arte para o mal, tal como na pandemia do coronavírus, por conta de situações extremas e criminosas, negligenciando a saúde, a ciência e todos os seus cidadãos.

Viu? Como eu falei, é a história de muitos e muitas.

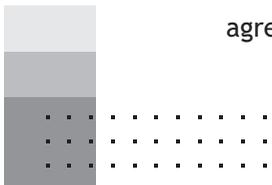
Neste país, os governantes quiseram fazer todos acreditarem que, a cada final de ano, repetir a frase “daqui pra frente” seria o elemento fundamental da motivação para superar todos os problemas das periferias e favelas. Mas o povo não acreditava nisso, por conta das promessas baratas que nunca davam em nada.

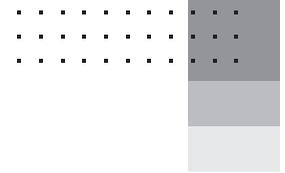
É ou não é uma história de tantos e tantas? Histórias que poderiam ser invisíveis.

Mas ele.

Ele, o sonhador que quando pivete queria ser jogador de futebol, cresceu e conheceu a Cultura Hip Hop, aquela mesma que salvou a vida de milhares de outros jovens e famílias por todo o mundo em suas múltiplas facetas, através do Rap, Graffiti, Dj, Breaking e o Conhecimento, que de modo transdisciplinar, permeia todos os elementos que a formam. Este jovem cresceu conectado ao ativismo de inúmeros referenciais periféricos, jovens, pretos e pretas de todo continente e do mundo.

Já amadurecendo, deu-se conta e disse que “a vida é um apelo à nossa responsabilidade para cada um ou uma em seu campo aquilombar-se à realidade para ela não ser apenas o que é, mas poder ser também aquilo que queremos e merecemos em vida”, na intenção de promover a consciência da importância da arte e da história como elementos de justiça numa sociedade injusta, para que haja realmente a construção de equidade em diversidade nesta mesma sociedade. Seu desejo era que cada periférico e periférica alcançasse a capacidade de transformar todas as pequenas vitórias em sementes para vitórias mais amplas, mais agregadoras.





Mas isso, é claro, não é algo que aconteça e nem se faça sozinho.

O tempo passou e o jovem sonhador se deu conta que não se devia perder mais tempo perguntando como seria daqui pra frente, mas sim, que todos deveriam apresentar pequenas soluções que iriam compor a costura do grande abismo social do país, respostas que poderiam ser para o agora e para o futuro, de modo a organizar e preparar seus semelhantes para a vivência desejada e o um novo mundo possível. Ele foi além, propondo maior equilíbrio na combinação de arte, consciência política e práticas concretas de transformação social, com capacidade de procurar o caminho de enriquecimento mútuo entre a expressão artística, a promoção cultural dos jovens, a inclusão social e a consciência política, crítica e emancipadora. O tempo fortaleceu as palavras e atitudes deste jovem e sua comunidade, e resultados começaram a ser visíveis e sensoriais, transformando, por exemplo, a música, a arte e a escrita em poderosos manifestos contra a repressão e a violência.

Mas não termina aqui a história. Olha só.

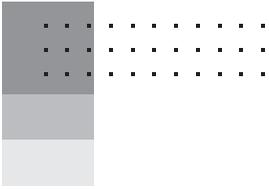
Houve o momento em que ele e mais alguns como ele se deram conta de que o “daqui pra frente” das organizações mundiais (como a ONU em suas inúmeras agências), com planejamento e proposição de ações em planos de décadas (no mínimo) é bem pra frente mesmo, comparado às suas lutas diárias pela sobrevivência. E aí compreenderam que também deviam e podiam se organizar de tal modo, sem perder conexão com o hoje, o agora, o real e o que é importante.

Mas sabe? Isso não bastava.

Então ele e os seus se aprofundaram nas ideias do sociólogo português Boaventura de Sousa Santos, passando a entender um pouco mais o sofrimento, a exclusão e o silenciamento de povos e culturas que, ao longo da História, foram dominados pelo capitalismo e pelo colonialismo. Colonialismo que imprimiu uma dinâmica histórica de dominação política e cultural, submetendo à sua visão etnocêntrica o conhecimento do mundo, o sentido da vida e das práticas sociais.

Sabe o Jean Cocteau? O autor daquela frase: “Ele não sabia que era impossível, foi lá e fez?”. Pois é: eles não sabiam que era impossível, foram lá e fizeram.

Foi assim que construíram um Plano de Década das Periferias e Favelas Sul-Americanas, sempre aberto a que gerações e territórios também contribuíssem com o pensamento e vontade



coletiva, atuando de modo articulado e em rede, gerando processos de cidadania plena e interlocução direta e prática, aplicando-os de modo horizontal e com construção de base.

E mesmo encontrando dificuldades, ele e os seus semelhantes, já com musculatura, disseram em alto e bom som que o mundo é movido por pessoas como eles, mas que quase nunca recebem os créditos por isso. Mas quando a ideia que tiveram é repetida por homem ou mulher majoritariamente brancos, cisgêneros, classe média ou alta, este recebe o mérito de ter salvado o mundo. Era o caso dos desconectados da realidade, que "validaram" muito tempo depois o que ele e os seus há tempos já falavam, como o entendimento de que não há mais espaço para o consumo pelo consumo, que gerar mais cidadania que consumo é o caminho, que morar cada vez mais perto do local que se trabalha é qualidade de vida, além de que o futuro do mundo é coletivo e colaborativo.

Uma vez iniciado, eles sabiam que um plano de décadas para as periferias e favelas sul-americanas visa futuros que extrapolam as medidas urgentes, rompendo com uma construção unilateral de realidade a pela inclusão de novos olhares, dando visibilidade às representações de grupos considerados "invisíveis" pelas vozes hegemônicas. O mundo não pode ser apenas as dicotomias que condenam à morte a maioria, é a construção da realidade por olhares múltiplos. O futuro era transformar o próprio modo de criar a realidade, com ideias coletivas, tais como as comunidades que se tornam centros de produção de alimentos e criam uma rede de produção e consumo na cidade, comunidades que viram espaço "modelo" de novas práticas e novas economias e a predominância de um modelo econômico que valoriza as iniciativas com foco no pequeno e no local, promovendo crescimento por meio da conexão e da transparência – que tal se pudéssemos encontrar todas as nossas necessidades na produção feita no nosso bairro, facilitando nossa vida, criando conexão e promovendo o bem viver de todos?

E como protagonista da sua própria corrida – sempre junto com seus iguais –, o jovem sonhador sempre buscou entender as diferenças entre prevenção e repressão, comparativos estes que subsidiaram seu pensamento teórico-prático, levando-o a propor novas formas de atuação para governos, órgãos, instituições e, principalmente, projetos de impacto social de terceiros ou próprios, para que cada vez mais tivessem condições de equidade e justiça social.

Tudo na urgência, porque "é tudo pra ontem".

Passou a acreditar na eficácia e no acerto do investimento na prevenção a partir de bons

exemplos funcionais, com projetos emancipatórios de desenvolvimento pleno para as juventudes e as comunidades faveladas, como por exemplo a *Comuna 13* e a *Villa Hermosa (Comuna 8)*, na Colômbia – cidade que, por conta de um incansável trabalho coletivo, saiu da condição de um dos lugares mais violentos do mundo para ser um exemplo de transformação social.

Pois é.

Era uma vez um jovem sonhador que quando pivete queria ser jogador de futebol. Mas esse jovem sonhador cresceu, se conheceu e se viu como consequência da luta ancestral, como ponte ou maratonista da corrida de bastão da vida, fazendo seguir o fluxo, expressando em palavras potentes o desejo que o habitava por mudança positiva e urgente no seu problemático país. Objetivou e alcançou, incluindo processos teóricos e práticos no centro das discussões, dando respostas pro hoje e pro agora, mas com o olhar no futuro e cheio de afeto. Foi assim, com ampla unidade – ele e seus semelhantes –, que se tornou possível alcançarem os objetivos comuns e em vida verem a evolução da sociedade para o bem e o justo, a partir da concretização de ideias colaborativas que, verdadeiramente, merecem toda atenção, respeito, carinho, fomento e replicação.

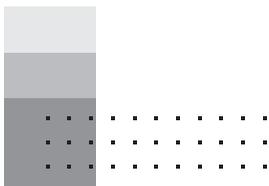
O nome desse jovem?

Pouco importa.

Eu disse que ia te contar muitas histórias.

A história dele e também de muitos e muitas como ele.

E uma história que segue acontecendo.

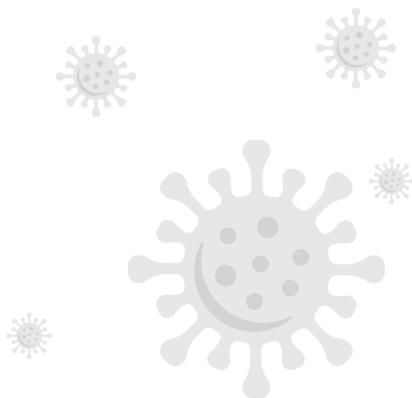


Renata Wolff

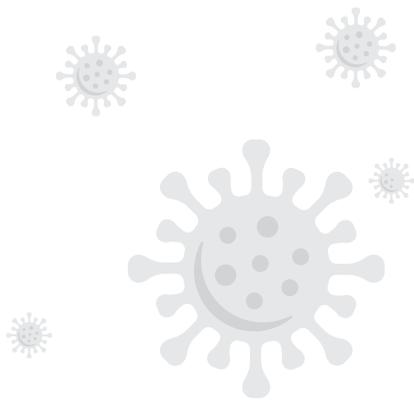
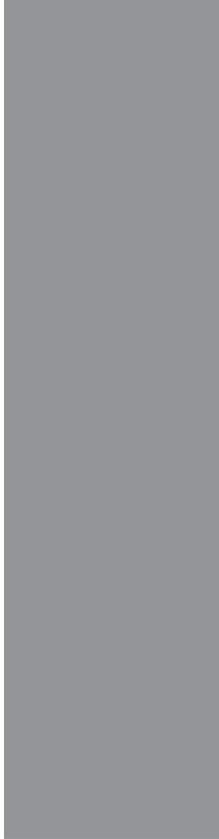


Crédito foto: Tania Morais

Renata Wolff é escritora. Graduada em Direito pela UFRGS e mestre em Escrita Criativa pela PUCRS, atualmente cursa o doutorado em Escrita Criativa na PUCRS. Tem contos premiados e selecionados em diversos concursos nacionais e internacionais. É autora do livro de contos *Fim de Festa* (Não Editora, 2018), finalista do Prêmio Jabuti, e do livro de poemas *Manhattan Lado B* (Metamorfose, 2021).



Renata
Wolff
211



Renata
Wolff
212

A enchente

A enchente

Então, pai, fazia tanto tempo.

Eu não tinha como ver o senhor antes, sabe. Era impossível visitar. Mas, a partir de agora, estamos juntos de novo. Eu estava com muita saudade. Aliás, todos estão, o pessoal sente muito a sua falta, viu? Seus netos, o Zé Carlos e a Lourdes, e também a Sandra Mara, esposa do Zé, todos ainda falam no senhor. Já os bisnetos, Caio, Tavinho e Fábio, não têm a sua lembrança, só o Caio o senhor chegou a conhecer, recém-trazido do hospital no colo da Sandra Mara, o Zé Carlos todo bobo... Mas sabem as histórias do bisavô Neco, contadas por mim, claro. Quantas vezes não escutei os três correndo para dentro de casa, logo que caía um temporal de verão, já molhados da chuva, a mãe deles, a Sandra Mara, furiosa atrás com as toalhas: “Vovô Mariano, conta de novo da enchente!”. E era hora da história da enchente de 1941, das ruas do centro de Porto Alegre viradas em rio com barcos e tudo. E eles ali, escutando, cada um com uma toalha na cabeça, vidrados, o Fábio, o menorzinho, de óculos grossos, quase não enxerga sem eles. As suas histórias, pai. Palavra por palavra como o senhor me contava. Que coisa, pai, quando a gente se dá conta, a gente virou o velhinho das histórias antigas. Parece que a gente vai dormir chegado da arruaça com a turma uma noite e acorda no outro dia de bengala e reumatismo.

Calma, minha senhora, não vi que a filha havia andado! Desculpe, me distraí falando com meu pai ali do lado de dentro. Pronto. Ô fila comprida. Onde eu estava? Sim, a enchente. Olha, pai, ainda bem que tem as fotos da enchente na internet, senão os meninos eram capazes de não acreditar. O senhor lembra da internet, não é mesmo? A rede de computadores? Pois o senhor não sabe como anda. Está que é um mundo inteirinho dentro do mundo. Tudo ali, toda a informação, os lugares, tudo misturado, à mão e para agora. Tudo o que o senhor imaginar. Um endereço, procura e puf, está ali o mapa, dá para enxergar a rua direitinho e a moça vai nos dizendo como chegar. Comida, plim, clica um botão e já vem vindo. As pessoas que a gente conhece, todas na rede, é só trocar recado na mesma hora. E tudo cabe na tela. No celular. No bolso! E estão lá as fotos da enchente na internet. Mostrei tudinho aos meninos. Como lhe falei, se tem na internet, é assim que eles acreditam. Nem sempre isso dá certo, mas, bem, sabe como é, o mundo anda do jeito como anda... O senhor me dizia essa frase, eu disse ao Zé Carlos e à Lourdes, e eles aos meninos. Esses tempos até escutei o Caio consolando o Tavinho desse jeito mesmo: “o mundo anda como anda, mano”. Eu e a Lourdes sorrimos um para o outro e garanto que ela se lembrou do senhor, do vô Neco, pai. Bem. Aí é que eu chego na parte de como é que eu vim parar aqui. Na fila. Um momento por favor, minha senhora, não adianta ter pressa, estão chamando por ordem e vai chegar a nossa vez.

Aconteceu que a calamidade veio se abater sobre nós, meu pai. Desta vez não foi enchente. O senhor sabe a gripe espanhola? Aquela, lá atrás, que varreu o mundo e levou seus avós, que o senhor não conheceu? Pois surgiu um bicho do tipo, mas pior ainda, se o senhor acredita. No começo, eram umas notícias bem longe, um vírus novo, uma doença avançando aqui e ali... Virou o ano novo, passou o verão,

brincamos o Carnaval — a Sandra Mara costurou para os meninos umas fantasias de tartaruga ninja que só o senhor vendo —, voltaram as aulas e, juro, pai, de uma hora para outra o que era medo e talvez e será virou realidade e é aqui e é pra já. Eu me lembro bem, porque ia ter churrasco naquele dia à noite, e a Lourdes e a Sandra Mara já estavam se alfinetando por conta da salada de maionese. Sim, pai, aquela velha disputa de quem cozinhava melhor, e nesse caso a questão era a maçã no meio da batata: a Lourdes a favor da maçã, do jeito que mamãe, ou a vó Neca, como ela chama, sempre fazia, e a Sandra Mara não podendo nem ouvir falar em maçã misturada na maionese. A Sandra Mara anunciou que a salada do churrasco era ela quem prepararia. A Lourdes não falou nada mas olhou meio de canto. Daí a Sandra Mara fez aquela travessa grande, bonitona, cobriu com plástico e deixou na geladeira. E o que a Lourdes aprontou? Trouxe uma travessa maior ainda de maionese da vó Neca, cheinha de maçã, toda sorridente, sem avisar. Largou na mesa no início da tarde, bem satisfeita, limpou as mãos e disse, encarando a Sandra Mara, que à noite ia estar melhor ainda, que o gostinho da maçã ia pegar mais. A Sandra Mara parecia que ia explodir, e o Zé Carlos fez cara de paisagem. Ficou aquela tensão, que eu tentei suavizar da maneira como aprendi com o senhor quando mamãe ralhava muito: com um sambinha de canto. Peguei a caixa de fósforo e comecei devagarinho: “samba, agoniza mas não morre”... E assim ao menos tinha ali um pouco de música no meio do tiroteio mudo. Cada uma foi para um lado e ficou por isso mesmo. E o churrasco não aconteceu, porque foi cair a tarde que caiu junto um amontado de notícia e de lei urgente e fechou tudo. As ruas vazias. Ficou cada um na sua casa, parou aula, parou serviço, parou tudo. Nem pensar em se reunir, nem pensar em trazer muita gente para dentro de casa, cancelamos com os de fora e acabou ficando tudo só para nós, inclusive o montão que sobrou das duas saladas de batata, duelando por espaço na geladeira. Fui comendo aos poucos um tantinho de uma e um tantinho de outra, de olho nas reações da Lourdes e da Sandra Mara, que eu não queria encrenca para o meu lado. Se me olhassem feio, eu já passava a mão na caixa de fósforos de novo e mandava ver um pagodinho.

E assim jamais saiu a churrascada, e assim o mundo virou do avesso, pai. Era um silêncio. Na rua, na comunidade... Era um tal silêncio e um tal peso do receio de não saber o que ia acontecer, de como a coisa ia ficar, que apavorava. Está bem, minha senhora, ali já vem alguém passando para ver a documentação. Pronto. A triagem está adiantando as coisas, só precisa um pouco de paciência. Mas que gente desta fila. O pior já passou, não entendo o que adianta ficar nessa ansiedade. Mas vamos lá, pai. O que houve depois foi como eu lhe dizia, a calamidade. Mas uma calamidade tão estranha, compreende? Tão sem cara e sem forma. Não era como a enchente, que vem, cobre o que vai cobrir, arrasta o que vai arrastar, faz e acontece, e lá pelas tantas se esvai. Porque na enchente ao menos dá para ter uma ideia do que vai ser, quanto tempo há de levar. Já do vírus a gente não conhecia nada. Nem como, nem quando. Era confinamento sem enxergar o final, era hospital enchendo, sem falar em cemitério. Era só desesperança.

Que tempo escuro, meu pai. Tivemos de viver com tanta perda, com tanto não saber. E mesmo os fios da vida aos quais a gente se agarrava iam soltando.

O restaurante onde o Zé Carlos era garçom fechou as portas. As faxinas da Sandra Mara sumiram e só uma patroa manteve os pagamentos. A Lourdes é que conseguiu continuar trabalhando de manicure, porque ofereceu para ir em domicílio, mas também não era muito serviço. Entrava um auxílio, que, juntando com pouco daqui e pouco dali, era como se comia, mas foi um tranco, pai, foi um malabarismo para ter o que pôr na mesa, foi cada um se virando como podia, a Sandra Mara costurando umas máscaras para vender... Mas tinha noites que não havia mais para onde virar. Ficamos isolados dos de fora mas perto demais uns dos outros, o senhor me entende? E nem sempre era soma de forças, às vezes era soma de angústias mesmo, e dava problema. A Lourdes discutiu feio com o Zé Carlos por conta de uma diferença de opinião sobre tudo o que estava sucedendo — sabe do que ela o chamou, pai? De “abobado da enchente”, entre outras coisas. O senhor dizia muito isso, os abobados da enchente — e a Sandra Mara tomou as dores do marido, e a Lourdes ficou um bom tempo sem aparecer, sem falar com ninguém daqui. Eu fiquei triste, e naquela noite cortaram a luz e além disso jantamos pão torrado. Era a Sandra Mara chorando, fechada em um canto para os meninos não ouvirem, mas tenho a impressão de que ouviam assim mesmo, por sobre o Zé Carlos tentando distrair com alguma coisa e por sobre a minha caixa de fósforos sambista. Os meninos até então assistiam às aulas pela internet, pelo vídeo no celular mesmo — não falei, pai, como está tudo assim agora? —, mas com a luz cortada como se ia fazer? E no dia seguinte não se achavam os meninos, não se sabia onde tinham ido parar, a Sandra Mara já estava em alas e, quando finalmente eles apareceram, traziam umas moedas e o cartaz que tinham improvisado no papelão. Tinham ido pedir esmola no sinal. Para pagar a luz. Precisava ver a carinha contente do Fábio, mostrando as moedas nas mãozinhas, e aqueles olhos alegres por trás dos óculos todos grudados com fita durex, porque tinham caído e rachado, mas não havia dinheiro para fazer outros. Até o Zé Carlos, que estava pronto para ameaçar uma surra, chorou.

Até que a fila vai andando rápido agora... Em seguida estou aí do lado de dentro, pai. Foi nesse dia aí das esmolos no sinal que a Lourdes voltou. Mas não avisou que voltaria. Ela só entrou em casa, sem dizer nada, e colocou em cima da mesa um rancho e uma comida pronta. Ficou um silêncio de novo. O Zé Carlos e a Sandra Mara ainda meio orgulhosos por conta da briga e a Lourdes também. Eu logo entendi que ela tinha ficado sabendo do corte da luz, decerto até por enxergar a casa toda escura na noite anterior — afinal, mora tão perto. O senhor deve lembrar que eu não me meto nas disputas, desde que o Zé e a Lourdes são pequenos deixo que se resolvam, mas naquele dia eu falei. Mandei fazerem as pazes de uma vez. Eles não se abraçaram, mas deu para ver que começaram a guardar as compras juntos, e a Lourdes passou aquele dia conosco de novo. O Zé deu um jeito na luz. Foi aí que começou tudo, pai, tudo aonde eu

estou querendo chegar para lhe contar. Estávamos todos, no final da tarde, comendo a torta que a Lourdes havia trazido. A receita da mamãe, sabe, meu pai? A torta de bolacha que o senhor adorava e sempre pedia. O Zé Carlos adora, os meninos adoram, todo mundo adora. Eram todos mastigando e elogiando e, nisso, a Lourdes comentou que havia preparado algumas tortas para vender às clientes e queria começar a fazer para fora, mas, e parou assim antes de completar, achava que a Sandra Mara é que deveria fazer, pois era melhor doceira. Era de não acreditar no que se escutava. A Sandra Mara não reagiu um tempo, depois olhou bem para a Lourdes, olhou para o Zé, levantou, pegou um caderno e caneta e só pediu a receita. Foi uma beleza de ver, pai, um risquinho de alguma coisa nascendo, assim, no meio daquilo tudo.

E nasceu. Com muita luta, com muita dificuldade, mas nasceu. A Sandra Mara foi para a cozinha, o Zé arranjou uma moto com um amigo para entregar as tortas, e aos poucos as encomendas apareceram. Primeiro era só a torta de bolacha, depois a Lourdes e a Sandra foram inventando e testando uns outros sabores, e a variedade aumentou. A casa virou fábrica de torta. E a Lourdes precisou usar a casa dela também. Aliás, veio ajuda por vários lados, pai, isso emocionava. Se faltava um mantimento, se faltava espaço de forno, os vizinhos ajudavam; em troca era manicure, era entrega, era cuidar dos filhos uns dos outros. Um dia a casa estava que era uma creche, e ainda com merenda, que nem todas as crianças andavam tendo muito o que comer. (As madames patroas da Sandra Mara não quiseram manter o dinheiro da faxina, mas lá na comunidade, pai, ninguém ficou passando necessidade sem pelo menos ter uma mão estendida para si. O mundo anda como anda, meu velho pai.) Naquele dia choveu forte e lá fui eu contar as suas histórias da enchente de novo para a meninada. Olha, é quase a minha vez na fila. Mas ainda dá alguma prosa antes de eu entrar aí.

Por falar nas crianças, elas foram o pulo do gato nisso tudo. O Caio, o maiorzinho, com os outros dois em volta, criou umas coisas na internet e fez uma propaganda para as tortas que era a coisa mais linda. Cada foto. E dava certo, as pessoas comentavam e vinham perguntar e encomendar. Nunca vi, pai, como esses projetos de gente mexem com essa linguagem que eu não tenho jeito de entender. Outro dia, era o Tavinho tentando me mostrar e... não consigo fazer certo. Suspirei. Virei abobado da enchente. Recordei a mamãe quando me dizia: “uma hora a gente percebe que nosso tempo passou”. Aliás, tudo passa, não poderia ser diferente conosco. A enchente passou. E não é que o vírus e a calamidade, se não foram exatamente passando, foram dando lugar para a vacina, para algum retorno? Os meninos voltaram a ir à escola. Mas o Caio segue no comando da propaganda das Tortas Neco e Neca na internet, pai. Ah, eu não havia falado nessa parte, não é? Foi o nome que deram para o negócio. Tortas Neco e Neca. O seu apelido e o da mamãe; o maior fã da torta de bolacha e a autora da receita. E o Caio ainda encontrou uma foto antiga dos bisavós e usou a sua carinha e a dela para colocar na marca. Esses meninos, pai. Dão gosto.

O Caio diz que quer trabalhar com internet, projetar, desenhar para a internet, nem sei como se chama. O Tavinho quer ser chef de cozinha. E o Fábio só sorri com aqueles óculos grossos (agora deu para mandar fazer novos) e diz que quer ser o que quiser. E vai. Eles viram a calamidade, aprenderam o que havia para aprender, e vão adiante.

Não sei como vai ser o mundo, pai. É tudo tão diferente. Outro planeta. Outra dimensão. E não temos ainda todas as lições, sabe? Ainda tem alagamento da enchente para drenar. Ainda vai se tornar um mundo que a gente nem consegue imaginar direito. Tudo fluido. Tudo rápido. Nada fixo. Tem tanta coisa para se pensar, para absorver. Mas eu acho que há esperança. Acho que já é possível ver aquela primeira luz do sol despontando entre o cinza. Mesmo quando tudo ficou muito difícil de novo, quando as coisas estavam tão caras que o negócio das tortas ficou ameaçado, a Sandra Mara e a Lourdes seguraram a onda. Uma noite, vi as duas sentadas, descansando, quietas, depois de um dia inteiro de fornadas, um dia inteiro de matemática para ver se as contas fechavam e se o negócio ia seguir aberto. Estavam de costas para mim. A Sandra Mara passou o braço pela testa, limpando o suor, e depois estendeu devagar a mão à Lourdes. A Lourdes pegou a mão dela e apertou. Ficaram de mãos unidas, olhando para fora, tomando um pouco de ar fresco. Eu enxerguei isso do sofá. Ficava deitado no sofá a maior parte do tempo. Andava fraco, deixava a maior parte da janta e do almoço para os outros. E nessa noite, eu dei a primeira tossida.

E foi assim que eu vim parar aqui na fila, pai. Depois de vacina e tudo, fui pegar uma mutação do vírus bem no finalzinho da coisa toda. Fiquei pelo caminho. Mas olha: esse tempo todo que eu estive na fila ainda pude espiar para baixo e eles por lá estão todos bem, estão firmes. Não se contaminaram. Estou feliz de como os deixei. O mundo já não era meu, o tempo já não era meu. O futuro é deles, é para eles sonharem, é para eles viverem, e sei que vão lutar. Há de ser bonito. Maluco, todo em zigue-zague, mas bonito. Como era aquele samba, pai? “O que será o amanhã, responda quem puder... O que irá me acontecer? O meu destino será como Deus quiser”. Quem sabe? Talvez o Zé Carlos e os meninos guardem e repassem as histórias do vô e bisavô Neco, contadas pelo vovô Mariano, assim como a Lourdes preservou a receita da torta de bolacha da vó e bisavó Neca.

Para que empurrar, minha senhora? Temos a eternidade pela frente. Pobre encontra fila longa até no paraíso. Pronto, já estou no guichê, quase entrando. Assim que cruzar o portão vou aí lhe abraçar, pai. A mamãe está mais longe, eu sei, mas vamos tentar encontrá-la, contar da Neco e Neca – que, a propósito, está completando um ano de atividade. Com comemoração e tudo: vão fazer um churrasco e, não sei não, pai, alguém já falou em salada de maionese e agora há pouco eu espiei de novo e vi a Lourdes e a Sandra Mara olhando meio atravessado uma para a outra. Se eu ainda estivesse lá, ia saindo de fininho. E pegaria minha caixa de fósforos, pois, afinal de contas, para abobado da enchente eu não sirvo, não senhor.

Rodrigo Rosp



Crédito foto: Divulgação

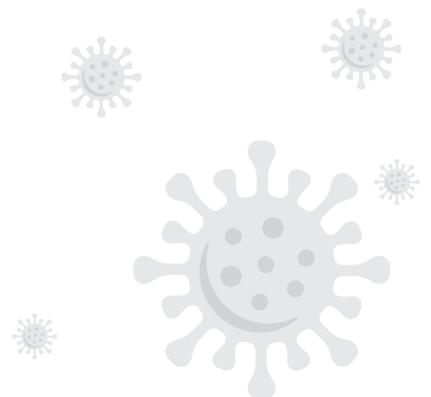
Rodrigo Rosp nasceu em 1975 e vive em Porto Alegre. Especialista em Estudos Linguísticos do Texto pela UFRGS e mestre e doutor em Escrita Criativa pela PUC/RS, é autor de *Fora do Lugar* (2009), *Fingidores* (2013, semifinalista do Prêmio Portugal Telecom) e *Inverossímil* (2015); além disso, organizou três antologias e teve contos publicados no Brasil e na Alemanha. Foi um dos fundadores da Não Editora e da Dublinense.

Rodrigo
Rosp
218



Dani diz

Rodrigo
Rosp
219



Dani diz

Uma história de esperança tem que ser uma história de amor,

me diz Dani por debaixo da máscara, quando perguntei, em meio a tantos livros na nossa volta, quantas são histórias positivas, que façam as pessoas se sentirem bem?, pois uma improvável equação envolvendo um vírus e mentes retrógradadas tornou a vida muito mais difícil, especialmente para pessoas como nós.

Senti tanta falta do cheiro das coisas,

me diz Dani, e fica na frente de uma banca, pega um livro e leva ao rosto, como se inspirasse uma flor, e afinal um livro pode ter perfume e cor, mas sobretudo é algo que pulsa. Paro ao seu lado, pego o livro das suas mãos e inspiro o mais forte que posso. Talvez seja a hora de contar histórias de esperança.

Sabia que as amizades de tempos de guerra duram mais?,

me diz Dani na banca seguinte, onde há livros sobre guerras, e eu sei que deve ter inventado isso, cada amizade tem seu ritmo, embora faça sentido que um vínculo criado em um momento de dificuldade tenha tendência a ser forte, e olho por cima do seu ombro enquanto folheia uma história violenta que com certeza não irá comprar.

Vivemos no limite por tempo demais, e aí revelamos o nosso pior,

me diz Dani enquanto caminha em direção à banca seguinte, e eu não sei se isso é o pior que tem para me mostrar, mas gosto muito. Se tivéssemos nos conhecido em outro momento, teria sido diferente? Que versão de Dani eu teria se lhe conhecesse em “tempos normais”, se é que isso já existiu? O que será que eu revelo diferente para quem me conheceu assim, de máscara? Dani aprendeu a ler a minha expressão mais pelos olhos do que pela boca, sempre oculta.

Que nem aquilo de que os cegos desenvolvem melhor os outros sentidos por não poderem ver,

me diz Dani, e eu imagino que meus olhos estejam desenvolvendo a capacidade de revelar sentimentos e expressões que antes eram do rosto todo, mas agora que a boca e o nariz estão submersos na máscara, os olhos ficam com toda a responsabilidade de expressão. Será que conseguem? O que será que meus olhos dizem para Dani?

Enquanto as mãos não podiam se tocar, os olhos se tocavam como se fossem mãos,

me diz Dani bem perto, com um olhar que me fez sentir como se fossem mãos pela minha pele, e me mostra um livro de capa roxa, e sei que é um livro sobre as pessoas serem o que são, parece tão óbvio.

Será que esse tempo de cárcere aumentou nossa necessidade de fingir?,

me diz Dani, e eu nego com a cabeça, acho que foi preciso se agarrar à verdade, à sensibilidade, e já não sei mais por onde divago quando toca meu ombro e mostra que estamos na última banca, podemos seguir, mas ficamos em dúvida.

Será que ainda sabemos caminhar pela praça?,

me diz Dani com voz doce, com saudade da singeleza das coisas que não percebíamos; depois de tanto tempo com dor, dá até mais gosto ser piegas, falar das pequenas coisas, o cheiro de mato, de terra molhada, a trovoada vista sem o intermédio de um vidro — o mundo real, sem o obstáculo da janela ou da tela.

Tenho tanta saudade do mar, nunca achei que fosse falar algo tão simplório,

me diz Dani, que gosta de estudar temas complexos, mas agora tem saudade de algo banal enquanto caminha por uma praça comigo, e isso é tão simples e tão pleno, não existe ânsia de ser épico, apenas real. Será que meus pés ainda sabem tocar o chão?

Nós sobrevivemos mais um dia, é um bom motivo para celebrar,

me diz Dani e afinal celebrar ganha novo significado, mas não é que tudo ganhou novo significado? Aponta para um banco e podemos sentar com alguma tranquilidade em meio a todos os sons que compõem o silêncio de uma praça no meio da cidade.

Foram dois anos de máscara, mas talvez tenha sido a vida toda,

me diz Dani enquanto sentamos, se ajeita ao meu lado, e sei que mentiras podem ter pernas compridas e correr maratonas por tempo demais, só que agora viver é urgente.

Será que já podemos nos despir?,

me pergunta Dani apontando para o tecido no rosto, e eu só penso que tirar roupas íntimas jamais foi tão impactante quanto a expectativa de despir sua máscara, e dirige a mão à orelha esquerda primeiro, puxa o elástico e solta como quem conduz uma orquestra, e então cai o pano.

Leia meus lábios: agora é tua vez de tirar tudo,

Dani sussurra, e eu mexo meu braço como se fosse marionete, o movimento vindo de fios invisíveis, e começo pelo lado direito, puxo o elástico, deixo cair a máscara, e minha boca fica tão livre que não precisa dizer nada.

Para sempre vai começar esta noite,

me diz Dani e eu noto quando larga um verso de música querendo soar como quem faz uma frase de efeito assim do nada, de passagem, e está de olhos bem abertos a um palmo do meu rosto, que sente o vento, a vida vindo de todas as direções.

Não há tristeza que possa suportar tanta alegria,

me diz Dani, com tanta confiança que vou embarcar em qualquer coisa que me proponha, sei de onde vem a frase, a ideia, e agora a combinação de mão e rosto, a ponta dos seus dedos que percorre meus lábios, quase sem tocar, como que flutuando, como se ainda fosse proibido.

No fim o mundo não acabou, e o que não nos mata nos deixa mais fortes, não é?,

me pergunta Dani com certeza de que sim, que há uma energia sob nossos pés como se o próprio chão fosse se erguer e nos carregar. E há toneladas de força na sutileza de uma boca que se entreabre, a língua umedece os lábios, e meus olhos vidram nesse movimento.

Quem sou eu para desconfiar do futuro?,

me diz Dani e aquela mão, antes funcionalmente higienizada, volta a ganhar cor e vida tocando firme no meu rosto, e finjo que vou morder seus dedos e um rebuliço me toma conta, enfim a boca bem perto da minha, vindo na velocidade da luz apagada, o cheiro de um suspiro, um susto, os lábios aqui, na direção daquilo tão esperado, um beijo – o futuro.



Crédito foto: Divulgação

Simone Saueressig é gaúcha. Entre seus livros, destaca *A Estrela de Iemanjá* (2009), *A Máquina Fantabulástica* (1997). Também é autora da saga *Os Sóis da América* (2013-2014). Foi patrona das Feiras do Livro de Campo Bom, Novo Hamburgo e Presidente Lucena. Recebeu o prêmio Livro do Ano – Narrativa Longa, da AGES, em 2011, por *Aurum Domini – O ouro das Missões*, e o Troféu Odisseia – 2018, pelo conjunto da obra.

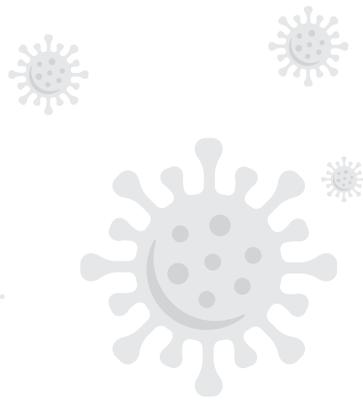
Simone
Saueressig
223

Simone Saueressig

A estreia

Simone
Saueressig

224



A estreia

— Tô nervosa.

— Qual é a novidade, Dani? Você sempre fica nervosa nas apresentações. Mesmo nas online, quando a gente não vê o público. Imagina hoje!

A menina vestida com uma malha amarelo-dourado deu um pulo e olhou para o lado. A saia de tecido muito leve quase flutuou ao seu redor. Podia jurar que estava sozinha ali.

Mas não: ao lado, meio nas sombras e junto do tecido grosso e cor de vinho da cortina do palco, havia um homem parado. Alto, todo de negro. No pescoço, usava uma echarpe negra que realçava seu rosto claro e redondo. A boca apertada em um bico. Os cabelos já eram ralos, mas, ainda assim, negros. E também os olhos, que brilhavam em sua direção. Ela sentiu o coração disparar.

— Alex?! É você mesmo?

O sujeito fez um muxoxo. Queria dizer muitas coisas: “era o que me faltava por ouvir” ou “pare de dar desculpas e comece a fazer força no *en dehors*”. Ou, simplesmente, “quem mais poderia ser?”

— É claro que sou eu. Não fique espiando pela fresta da cortina, senão as pessoas vão ver você — ele disse com um gesto de pouco-caso.

As pessoas. O problema de Dani era justamente isso: as pessoas do outro lado do tecido, sentadas na plateia. Reais. Depois de todo aquele tempo dançando em frente a um pedaço de plástico com câmera e wi-fi, ela ia ficar frente a frente com o público. Pessoas de verdade, e não anônimos clicando em coraçõezinhos e joinhas, gente que ela nem sabia se estava prestando atenção nela. As pessoas na plateia tinham vindo para ver o espetáculo, para olhar para ela e seus colegas. Só para isso, e nesse caso o “só” virava uma coisa gigantesca. Era uma sensação estranha, pensar que as pessoas do outro lado da cortina, acomodadas nas poltronas cor de vinho, ouvindo o texto de boas-vindas da diretora, estavam ali para, apenas, olhar o que iam fazer. Será que elas iriam gostar? Será que elas iriam se aborrecer? Será que elas iriam se arrepender de ter saído de casa só para isso, ou será que iriam aplaudir, pedir para ver de novo, pedir para ver mais? Só de pensar nisso, seu coração vinha para a garganta e as mãos suavam frio.

E agora, como se não bastasse tudo isso, Alexander estava ali.

Como isso podia estar acontecendo?

— Você veio mesmo — ela sussurrou, ajeitando a máscara no rosto e piscando rápido para que as lágrimas que borravam a sua visão não escorressem e estragassem a maquiagem. Ela ainda usava máscara. Mesmo que dissessem que a pandemia tinha acabado, que a maioria estava vacinada,

que o teatro estivesse liberado para ter todos os lugares ocupados, mesmo assim, ela continuava usando a máscara. Era uma peça de roupa indispensável, quase.

— De certo que vim! Eu disse que nada me impediria de ver você estreando *Sol Liberto*.

Ela riu um pouco do ridículo da situação e largou a cortina. “Nada”, para Alexander, era “*nada*” mesmo, pensou.

— Como é que você veio? — ela cochichou para não chamar a atenção dos dois sujeitos que estavam na coxia, acertando os detalhes da torre de luz. Alexander estava observando os holofotes lá no alto, com uma expressão um pouco preocupada.

— Vindo. Você passou a luz, *no*? Já marcou o ponto central do palco? — ele comentou levantando a mão para uma das luzes. — Aquele holofote está fora de alinhamento.

Dani sentiu o riso subir pelo peito e ganhar seus lábios.

— Marcamos a luz duas vezes. Eu fiquei meio perdida no começo, mas a diretora disse que está tudo certinho. Que vai dar tudo certo.

— Hum... *La* Laura disse, é? — o homem a espiou, fingindo duvidar. Ele tinha um jeito único de dizer o nome da diretora da escola, puxando o “a” e o “u”. Ficava um som de “laauura”. Sorriu: — Então, não precisa ficar nervosa.

A garota estremeceu. O coração batia com força contra as costelas, mas tinha se acalmado um pouco. Tinha chegado cedo ao teatro, junto com a diretora da escola de dança e a equipe que instalara o linóleo. Não precisava fazer isso – os ensaios só começaram às dez da manhã – mas ela não estava mais aguentando a ansiedade. Agora, com ele ali pertinho, sentia-se um tantinho mais calma. Um pouco mais segura.

Dani tinha começado a fazer aulas de balé dois meses antes de tudo fechar, em março. Era um sonho que tinha desde muito pequena, mas a mãe só concordara com as aulas quando Alexander aparecera para dar um curso de férias no Estúdio Nove. A amizade entre Dani, sua mãe e o velho bailarino, que agora era professor, tinha sido imediata. E naquela noite em que o Fantástico trouxe a notícia de que a OMS estava decretando pandemia, eles estavam juntos, em uma pizzaria, terminando de jantar. Ele tinha passado o tempo todo pegando no pé de Dani dizendo que ela estava comendo muita pizza de chocolate quando a grande tela localizada no fundo do restaurante começou a derramar imagens de Veneza vazia, de Roma deserta. Tudo parecia sombrio. Alexander ficou emocionado ao ver as imagens das ruas sem turistas e sem alegria. Caio, o companheiro dele, soluçou baixinho, depois pediu desculpas. Os dois bailarinos tinham se conhecido durante uma temporada de *O Quebra-Nozes*, há trinta anos, em um teatro da capital italiana. Ver o vazio instalado onde sempre houvera tanta vida, tanta animação, deixou os dois muito abalados e o jantar terminou com uma sensação de fim de

mundo. Depois, a mãe de Dani deu uma carona para ambos até o edifício onde moravam e, ao voltar para casa, as duas ficaram muito quietas no carro, sem coragem de ligar o rádio, enquanto do lado de fora escoavam as ruas banhadas pela luz amarelada dos postes. Vazias. Era domingo à noite e era habitual que não houvesse ninguém nas ruas, mas, naquela noite, mesmo isso foi diferente. No caminho, passaram por uma farmácia grande, localizada em uma esquina, profusamente iluminada. Era a única coisa aberta em todo o centro da cidade. O restante estava às escuras. O governo do estado estava decretando um fechamento quase total: na manhã seguinte, só continuariam atendendo os supermercados, postos de gasolina e centros de saúde. Os demais estabelecimentos deveriam permanecer fechados. As pessoas estavam sendo instigadas a ficar em casa. Quando passaram na sinaleira da catedral São Luiz, os sinos, repentinamente, começaram a soar. A mãe de Dani pulou e brecou no meio do cruzamento. O carro ficou ali, debaixo do sinal vermelho, verde, e vermelho de novo, até que os sinos se aquietaram e o eco deles se perdeu pelos edifícios, pelas esquinas, pelos trilhos do trem, se diluindo nas sombras da cidade.

— Vamos, mãe, vamos sair daqui antes que alguém bata na gente — Dani pediu, baixinho. A mulher concordou e colocou o carro para andar devagar. Até chegarem em casa, a algumas quadras, só viram um cachorro de rua atravessando a avenida e um segurança que se confundia com as sombras da entrada fechada do shopping.

Os dias seguintes foram de pura incerteza. Era para ser apenas duas semanas, mas elas viraram quatro e cinco e, depois, dois meses. Qualquer um que olhasse com um pouco de atenção e sangue-frio veria que a crise não ia se resolver enquanto não houvesse um remédio eficaz ou uma vacina. As pessoas tinham medo até de levar o lixo na esquina.

— Isso já passou dos limites. As contas vão começar a chegar e a escola não pode fechar.

A frase, que ficou famosa entre as alunas do Estúdio Nove, tinha vindo da diretora, durante uma reunião que ela fez com pais e interessados. Os professores aprovaram, com ressalvas. Muitas alunas torceram o nariz. Nem todos os pais e mães concordaram: a maioria estava determinada a esperar e levar as meninas para as aulas quando tudo tivesse passado e a vida voltasse ao normal.

— A gente vai se ver em menos tempo do que a senhora está pensando, dona Laura! Mês que vem já abre tudo, e daí a gente volta — disse Rafael, o pai de duas das melhores alunas da escola.

Mas o mês veio e passou e a escola não pôde abrir, por conta dos decretos de segurança. Escola de dança não era prioridade. Dançar não é importante, não é uma atividade física igual às demais, na ótica de muita gente. “Aulinha”, costuma dizer o vizinho de Dani. “A Dani faz 'aulinha' de balé”. Ela odiava aquilo com todas as suas forças.

Acontece que quando tudo fechou, quando as pessoas não puderam mais se ver, quando

o mundo se encolheu em seus medos, e só os que precisavam trabalhar fora ousavam sair, as “aulinhas de balé” se tornaram todo o mundo de Dani. O Estúdio Nove passou a oferecer aulas on-line. Dani implorou à mãe para continuar. Como era a única coisa que parecia trazer alguma alegria à filha, a mulher concordou.

Organizaram um espaço ao lado do armário da sala — que ela usava como apoio, como “barra”. O tapete foi dispensado, as poltronas foram aglomeradas para dar espaço. A mesa de centro e a velha mesinha do telefone fixo, que a mãe de Dani insistia em manter, foram deslocadas para um canto. O espaço era pequeno — minúsculo, perto da sala de aula. Mal dava para fazer os exercícios de centro, as sequências sem apoio. Mas era o que ela precisava. Era o mundo. O mundo era um espaço de dois por dois, que fazia fronteira com uma parede, um armário e um sofá. O mundo tinha um chão de piso frio, que felizmente não derrapava. Um dia, a mãe trouxe o espelho grande, que ficava pendurado atrás da porta do quarto, e o instalaram na parede vazia, para que Dani pudesse se ver — e o seu mundo ficou um pouco maior. Arranjaram uma gambiarra capenga para sustentar a câmera do celular, por onde Alexander podia acompanhar os movimentos da aluna, e por onde ela podia visualizar as correções e os exercícios que ele passava. E de uma aula por semana o horário dela cresceu, passou para três aulas, depois quatro, depois todos os dias. Quando o sinal da rede falhava — o que era frequente — a garota puxava da memória alguma aula anterior. De segunda a sábado, por uma hora e meia, Dani esquecia as proibições, esquecia os medos, esquecia os mortos que partiam todos os dias, às centenas e depois aos milhares. Quando a avó morreu por conta da covid, secou as lágrimas diante do professor. Quando o avô morreu, uma semana depois, desabou em pranto durante um *adágio*. Quando Alexander sugeriu que ela parasse por alguns dias, para se recuperar, ela se levantou, se aprumou, e realizou o exercício com exatidão. Dançar derrubava os limites do mundo. Todos os limites. Quando ela dançava, seu mundo não tinha alguns metros quadrados. Quando ela dançava, seu mundo era infinito.

— Você já se aqueceu?

Ela piscou, olhando ao redor. Com a luz de serviço da coxia, o palco era uma sombra só. O palco... Meu Deus, o palco era enorme!

— Já, sim.

Alexander olhou para a aluna.

— Aqueceu os pés ou a língua, de papo com *la Susana* e *la Bete*? — ele provocou. — Olha a sua distensão, hein? Músculo distendido uma vez sempre é candidato a se distender de novo.

Ela riu.

Dani, Susana e Bete, sim, elas três viviam de papo. Tinham se conhecido pouco antes de Dani estreiar na mostra on-line da escola, um solo muito bem recebido, com muitas visualizações e

likes. Depois, a garota fora convidada pela diretora para participar de um concurso, e foi ali que Dani se lesionou: em vez de se aquecer, como o recomendado pelo professor, ficou de papo com as colegas e, quando chegou a sua vez, o corpo estava frio, tenso, trêmulo, quase como agora. Durante um *sissonne*, aterrissou mal do salto e distendeu o músculo interno da coxa. Resultado: duas semanas de molho. Alexander ralhava com ela, toda vez que a identificava na videochamada.

— Saia daí! Se você não sair, eu não vou dar aula!

Ao final, como eram apenas as três meninas, os encontros virtuais se tornavam um grande bate-papo. O professor aproveitava para tentar colocar algo de útil na cabeça delas:

— Na dança, a linha é fundamental. É como um idioma: vocês estarão usando o corpo para falar com o público. Se os seus gestos “falarem” mal, ou “falarem” errado, o público não vai entender — ele dizia. — Então estudem. Definam a linha do movimento. Trabalhem agora, para poder aproveitar o palco mais tarde.

Um dia, ouviram Caio reclamar:

— Que história é essa de “linha”, *cariño*? – os dois homens falavam com sotaque. Alexander era argentino, Caio era uruguaio. — O que as meninas precisam ter é alma. Quando a gente dança, precisa colocar a alma no movimento. Sem alma, o que elas fazem não é dança, é só ginástica. Pode ser bonito, mas não emociona. A dança é arte, precisa emocionar. A arte é tudo aquilo que fala sem palavras e nos toca o coração.

O sujeito se intrometeu na câmara e encarou as três alunas.

— Dançar é muito mais do que subir *una* perna. Essa é a parte fácil. Qualquer um aprende a fazer *demi-plié*, a saltar *grand-battemend-jette*, se fizer algum esforço. *Una pirouette* nem é tão difícil, é só um *retirè* que gira. *Pero*, dar três passos para dentro do palco e fazer o público chorar, levantar a mão e fazer o público rir, olhar nos olhos da plateia e fazer as pessoas se lembrarem de algo que seja importante para elas, e fazer tudo isso enquanto se desenha no espaço, com o corpo, um gesto com a linha que a técnica nos dá: isso é dançar. É muito mais desafiante. Vocês gostam de desafios?

Na aula seguinte, e pelos anos que vieram, só Dani voltou.

E, agora, ela estava ali. Sozinha no palco onde, dali a pouco, dançaria pela primeira vez. O palco enorme e escuro.

— Deixe eu olhar para você — disse o professor encarando-a. — Pare de se preocupar. Não é a primeira vez que você dança. Três festivais, as mostras da escola...

— Mas era on-line. Eu nunca estive em um palco antes! — sussurrou ela. — É tanto espaço...

— Você fará o espaço. Você, a luz e a música.

— Dani! Vá para o seu lugar. Vamos começar daqui a pouco! — alguém disse.

A garota olhou para a coxa e viu a diretora lá, parada, sorrindo. A luz de serviço apagou-se e acenderam a luz no centro do palco. Dani engoliu em seco e deu um passo naquela direção. Alexander a acompanhou devagarinho, mergulhado nas sombras. Quando ela entrou no cone de luz dourada, ele se confundiu quase que por completo com a escuridão. Só seu rosto claro se deixava ver dentro da luz, ela só via isso. Luz.

— Tire a máscara — lembrou o professor. — Agora, você pode deixá-la de lado.

Dani levantou a mão e tirou o adereço.

— Cruzes, me sinto pelada! — ela riu. Ele riu junto.

— Imagino que sim. Mas depois você se acostuma.

— Você vai ficar, não é?

— Eu já disse, não perderia isso por nada desse mundo. Nem do outro, você sabe.

— Aplauda, no final, por favor.

— É claro que sim. Estarei ao lado do Caio, lá na plateia. Talvez ele não me veja, mas você vai me ver. Quando a gente está no palco dá para ver a plateia. Toda ela. É muito bom. Eu estarei lá. Também estarei aqui. Você sabe. Sempre e sempre.

— Tá. Eu vou conferir, hein? Já vi onde ele está sentado.

Alexander riu. Nisso, a diretora se aproximou para pegar a máscara das mãos da garota.

— Falando sozinha, Dani? — perguntou com carinho. Beijou a bochecha da garota e sussurrou: — Boa sorte. Fica tranquila, vai dar tudo certo. Alexander ia adorar ver isso. Ia mesmo. Vou abrir as cortinas.

Dani assentiu, sem uma palavra. A mulher se afastou. Segundos depois, a cortina se abriu e o palco, que era enorme, vazio e sombrio, agora estava cheio de um cone de luz onde uma menina resplandecia como o sol. A bailarina espiou para o lado de Caio: ele estava sentado ao lado de sua mãe, segurando a mão dela. Ainda usava luto. A covid tinha levado Alexander no mês anterior.

Então a música encheu o nada que era o palco e o mundo se refez, inteiro, nos passos da dança.

Para Alexander Sidoroff e José Brum, que não estavam aqui nesse momento trágico, mas que sempre estarão na minha alma e na minha lembrança, e para todos os mais de meio milhão de ausências desse momento cinzento. Nós dançaremos por vocês, para não esquecer, e para seguir em frente.

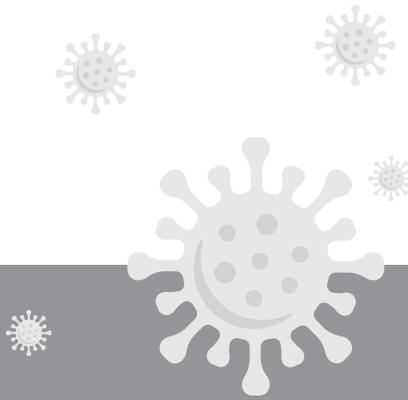
Taiasmin Ohnmacht



Crédito foto: Divulgação

Taiasmin Ohnmacht é psicanalista e escritora. Mestre em Psicanálise (UFRGS), atua na área clínica. Faz parte da coordenação do selo editorial Diálogos da Diáspora. Foi relacionada no catálogo Intelectuais Negras Visíveis (Malê, 2017), lançado na FLIP. Acadêmica da Academia de Letras do Brasil-Seccional RS. Em 2019, lançou a novela *Visite o Decorado* (Figura de Linguagem), e em 2021 publicou o romance *Vozes de Retratos Íntimos* (Taverna).

Taiasmin
Ohnmacht
231



Marés

Taiasmin
Ohnmacht
232

Marés

2026

Solange dirigia seu carro, na estrada BR-101, a caminho de Florianópolis. Este seria seu primeiro verão em praias catarinenses. Lembrou-se emocionada de sua infância e juventude na periferia de Porto Alegre, das brincadeiras com os amigos, da diversão nas ruas, de seu tio que lhe trazia balas quando chegava do trabalho à noite, de sua mãe que, mesmo cansada da rotina, tinha um sorriso terno e braços acolhedores para receber os filhos.

Agora Solange estava a caminho da casa de veraneio que alugara por uma temporada inteira, sem maiores preocupações financeiras. A menina que um dia foi pobre saboreava uma vida melhor e independente.

Ela viajava sozinha, pois sua irmã Suelen fora chamada para assumir uma vaga em uma residência médica semanas antes. Solange sentia muito orgulho em ver a irmã realizando o sonho de ser médica. Pouco tempo depois do início da grande pandemia, Suelen começou a acompanhar todas as notícias sobre o vírus, doenças infectocontagiosas e vacinas, mas não foi só por isso que se interessou pela área médica, foi por causa de Cláudio, foi também em nome do tio que Suelen fez essa opção.

A boca de Solange se contraiu e ela segurou a direção com mais força. Houve anos difíceis, muito difíceis e confusos, anos em que tudo deixou de fazer sentido. Os anos da grande pandemia.

2020

Nunca suportei o colégio. Chego a fazer cálculos para encontrar a quantidade exata de faltas que não sejam consideradas abandono, o que me levaria a repetir, mesmo com boas notas. A única vantagem em ir para o colégio é me encontrar com o Juliano e com a Vânia, nada mais. Somos considerados um trio inseparável, até os professores comentam. Nossa amizade começou no sexto ano. Desde então, nossos colegas nos provocam e nos chamam de trio sombra, e não é só isso, eles nos atormentam de várias formas. Minha irmã Suelen é mais velha, já passou por algo parecido e foi do grêmio estudantil. Ela me explicou que não merecemos nada disso, que é violento, que é racismo, e o quanto é importante conhecer a história da África e do Brasil para não abaixar a cabeça para esse povo. Eu gostaria que todos os meus colegas tivessem esse conhecimento, os meus colegas negros e os brancos também. Às vezes, tudo é tão duro que mesmo estando com meus melhores amigos é difícil estudar.

E agora estou em casa, sem aulas, sentindo falta do colégio e da vida normal, parece que o destino está zoando comigo. Não sou só eu que estou em casa, todos estamos, até o meu tio Cláudio, que mora no mesmo pátio que a gente. Não entendo muito o que está acontecendo, sei que a cidade está estranha, vazia; a nossa vizinhança até tem algum movimento, mas todos estão assustados e confusos, assim como eu. Minha mãe fala que não pode ficar parada por muito

tempo, que tem filhos para sustentar; meu tio está preocupado com o emprego — se a oficina onde trabalha não reabrir, ele e seus colegas serão demitidos.

Os meus irmãos menores não parecem se importar muito, Jorge e Luiz continuam saindo para jogar bola com os amigos na rua, acho que estão até felizes pelas aulas terem sido suspensas. Era assim que eu imaginava que ficaria: enfim, não precisar enfrentar os olhares e deboche de meus colegas, nem a sensação de ser descoordenada nas aulas de educação física. Mas acontece que, dias atrás, eu estava sentada fazendo um lanche na cozinha e minha mãe me abraçou e disse no meu ouvido: “ô, minha nequinha, logo agora que tu tá começando o ensino médio... Não te preocupa, não, que logo tudo volta ao normal”. Aquilo cortou o meu coração. Ela sonha com a minha formatura e nada é mais importante para ela do que o estudo dos filhos. Não posso parar de estudar, não posso dar esse desgosto para minha mãe, não posso nem falar que o colégio tem sido um local de sofrimento para mim. Melhor deixar ela acreditar que amo estudar, e eu que segure sozinha as minhas dores.

Sei que Vânia e Juliano estão trancados em casa, temos conversado apenas por WhatsApp, não quero sair, e se eu pegar essa gripe e contaminar a minha família? Eu me sentiria muito culpada se isso acontecesse. O pior é que, poucos dias antes dessa história de quarentena, a Vânia me contou que o Juliano confessou estar a fim de mim. Eu gosto dele desde o sétimo ano, mas ele sempre me tirou para amiga, por isso nem acreditei quando a Vânia comentou. Agora como faço? Pelo *zap* ele não fala nada de diferente, converso com ele como sempre e nenhuma palavra sugere mais do que amizade.

Estou em casa, sem amigos, sem namorado e sem aula. Os professores têm nossos contatos, enviam material para estudos pelo celular ou buscamos no colégio apostilas para estudar em casa. Resumindo: estou protegida de olhares que me julgam e de professores que me intimidam, os dias são monótonos e compridos, mesmo com o celular, e ainda por cima não entendo uma linha dos exercícios de gramática e de matemática. Será que a vida nunca pode ser boa?

A minha mãe imagina que vou terminar o ensino médio e entrar pra UFRGS, como já aconteceu com uma gurizada aqui da vizinhança, mas do jeito que vai eu não vou conseguir passar em nenhuma prova, nem mesmo do ensino médio.

2026

A meio caminho de viagem, Solange para em um restaurante. É de beira de estrada, mas honesto. Ela faz uma refeição rápida: um refrigerante e uma torrada. Com satisfação, observa que o local é limpo, apesar da fachada malcuidada. Quase não entrou quando viu pedaços de um cartaz colado na parede, avisando sobre a obrigatoriedade do uso de máscaras. Há quantos anos aquele papel resistia ao tempo? Tinha partes faltando em uma evidente tentativa de arrancá-lo; ainda assim, o desenho de uma máscara e pedaços de uma frase *us* igatório permitiam a óbvia identificação.

Sentimentos confusos tomaram Solange: alívio, angústia, tristeza. E o medo, tanto tempo depois, de passar

por um novo evento sanitário de escala mundial. As perdas foram muitas. Todos perderam algo com a pandemia. Ou alguém.

2020

Aqui em casa estão todos indignados com os noticiários na TV. Minha mãe comenta com meu tio e com as vizinhas que nesses programas só falam de desgraça, e que essa contagem de mortos não resolve nada e ainda a deixa deprimida. Na verdade, acho que a minha mãe está muito assustada, por nossa saúde e pela falta de dinheiro. Ela tem dito que não tem mais como ficar em casa, o tio Cláudio também não. As patroas de minha mãe têm ligado, insistindo para que ela volte a fazer limpeza, dizem que estão precisando muito.

Semana passada soubemos que o vizinho da rua de cima morreu. Foi o primeiro de nossa comunidade, o bairro inteiro ficou comentando. Alguns diziam que ele já tinha problemas, outros argumentaram que foi por causa da idade avançada, mas a única certeza é de que ele começou a sentir falta de ar, levaram para o hospital e pouco tempo depois ele morreu. Saber disso me deixa ainda mais preocupada com minha mãe. Por que essas mulheres, donas de casa, não limpam suas próprias casas? Por que tem que ser minha mãe? Por que minha mãe tem que sair, pegar ônibus nessa pandemia se está perigoso para todo mundo?

Por outro lado, estamos ficando sem comida. Tem vizinhos que já estão pegando cesta básica porque está faltando tudo dentro de casa, vai ser o nosso caso se as coisas continuarem como estão. Pois é, acho que minha mãe precisa voltar para o trabalho.

Vejo na TV que tem profissionais que trabalham on-line, usam a internet. Acho que é o caso do pai do Juliano, não sei qual a profissão dele, mas sei que a família toda praticamente se mudou para a praia. Eles têm casa lá. Será que algum dia vou rever o Juliano? Deve ser muito legal ter uma profissão em que seja possível trabalhar de qualquer lugar. Para a minha mãe não dá, nem o meu tio consegue. Pelo que vi, são trabalhos em que a pessoa tem mais estudo. Esses estão mais protegidos.

Acho melhor focar nas minhas apostilas.

2026

No dia seguinte, depois de sua chegada na casa de veraneio, Solange levantou-se bem cedo e foi até a praia. Ela amava o mar e queria viver a sensação de estar em uma praia vazia. Ainda com o sol ameno do amanhecer, Solange deitou-se na areia e ficou ouvindo o barulho das ondas, sentiu-se levada para outro mundo. Pensou no prazer de estar ali e que poderia morar no litoral, se não fosse a falta que sentiria de seus alunos e do colégio onde dava aulas. Ela era o tipo de professora que amava a profissão e amava ver a curiosidade no rosto dos estudantes quando levava para a sala de aula algum experimento de química. Quem sabe um dia ainda poderia planejar ter sua própria casa na praia.

Solange não passaria o verão sozinha, em três dias a mãe dela chegaria para descansarem juntas. Marta, mãe de Solange, não pôde viajar com a filha porque ainda trabalhava fazendo faxina e algumas patroas disseram que precisariam dela por uns dias a mais.

Deitada na areia, escutando o mar e as gaivotas, Solange pensava na felicidade que sentia em poder proporcionar para as pessoas que amava momentos especiais. E ninguém merecia mais isso do que sua mãe.

2021

Nunca pensei que passaríamos por isso. A quantidade absurda de mortes, estamos todos muito assustados. No fim do ano passado, parecia que tudo estava melhorando, comecei até a me encontrar com a Vânia. Conversávamos sobre nossos medos e esperanças e sobre o Juliano, óbvio. Não tivemos mais notícias de sua família e, com o tempo, descobrimos que a mudança deles não era temporária, mas definitiva. Parece que os pais de Juliano resolveram morar na praia. Mudança de trabalho ou algo assim.

Agora, vendo tanta desgraça por causa dessa doença – falta de oxigênio e hospitais lotados –, voltei a me fechar em casa. Retomamos nossos cuidados, converso com Vânia só por mensagens. Minha mãe tem sido cuidadosa como dá, não parou de trabalhar completamente, mas diminuiu a quantidade de clientes. Nem meus irmãos menores têm jogado bola na rua, eles só podem brincar no pátio. A vizinhança está confusa, tem gente que parece não estar nem aí, outros se preocupam e só saem de casa quando realmente precisam.

Definitivamente, estou com saudade do colégio. Pensamos que neste ano seria diferente, mas as aulas ainda não vão voltar. Falam que tivemos uma primeira onda de contaminação e que agora estamos na segunda, muito mais grave. Sinto falta de meus amigos e até mesmo dos professores. Não aguento mais ficar em casa. Agora não precisamos mais pegar o material de estudo no colégio porque tem um site em que baixamos textos e exercícios de cada matéria. Tudo continua muito ruim e difícil, mas os professores respondem nossas dúvidas através de mensagens do zap e uma coisa incrível aconteceu: estou entendendo química! A professora é um amor e muito paciente comigo. Mesmo a distância, ela consegue me ajudar. Às vezes ela me diz: “uma pena essa pandemia, senão eu iria fazer esse experimento em aula com vocês”. Ela não tem ideia do quanto me sinto frustrada quando escuto isso. Acho que iria adorar ter aulas com ela.

Apesar de estar contente com os meus estudos, também estou angustiada, porque hoje faz cinco dias que o tio Cláudio ficou doente. Ele precisou da ajuda de minha mãe para ir até o posto de saúde, estava com tanta falta de ar que mal conseguia andar. Um vizinho ajudou dando carona, todos estavam de máscara, mesmo assim tenho medo de que mais alguém tenha se contaminado. O meu tio continuou trabalhando até começar com uma tosse estranha, depois disso não veio mais aqui em casa. O resultado do exame infelizmente confirmou covid. Agora minha mãe está muito preocupada, ela tenta disfarçar para não nos assustar, mas eu sou grande o suficiente para saber que meu tio está intubado no hospital, na UTI. O caso é grave. A minha irmã está preocupada também, mas o jeito dela é diferente. Ela

não para de pesquisar na internet sobre a doença e instrui minha mãe sobre o que perguntar aos médicos. Infelizmente, nenhum doente de covid recebe visitas.

Muitos conhecidos aqui da comunidade morreram, e todos os dias rezo para que não aconteça o mesmo com o meu tio.

2026

Solange pensava no tio. Ele ainda sofria com sequelas da covid, precisou se aposentar, mas pelo menos estava vivo. Passou a morar com a irmã e os sobrinhos, pois precisava da ajuda de Marta. A bela natureza ao redor fez Solange pensar que era feliz e sabia. Apesar das dificuldades por que passaram, ela e seus irmãos eram bastante unidos e os dois mais novos se ofereceram para substituir a mãe nos cuidados com o tio, o que permitiria uma folga para Marta.

Um dia a pandemia perdeu a força, as vacinas foram fundamentais para que isso acontecesse e para que a terrível doença não assustasse mais. As aulas retornaram presenciais no último ano do ensino médio, a turma encolheu, vários colegas abandonaram os estudos ou mudaram de escola. Depois que se encantou com química, Solange estudou muito para entrar na universidade, até cursinho popular preparatório fez. Não passou no vestibular na primeira vez que fez a prova, foi preciso mais um ano de estudos para passar na segunda tentativa. Então ela chegou onde queria, na universidade pública, no curso de Química. Vânia, sua melhor amiga, a acompanhou em todo esse caminho e também entrou na universidade, mas para o curso de Administração de Empresas.

A faculdade não foi fácil para Solange, ela sabia das dificuldades que teria em função dos anos de aulas a distância, mas encontrou na universidade projetos voltados para o auxílio de alunos que tiveram sua educação afetada pelos anos pandêmicos. Na verdade, Solange tinha consciência dos muitos recursos que tinham contribuído para ela estar onde estava — escola pública, cursinho popular, ações afirmativas. Agora era sua vez de contribuir com a nova geração, e fazia isso com alegria lecionando para seus alunos.

Sentada na areia e olhando para o mar, Solange repassava os anos mais difíceis de sua vida, olhando as ondas indo e vindo e pensando nas marés. Tinha o pensamento longe quando escutou seu nome:

— Oi! Tu não é a Solange?

Ela olhou e não acreditou.

— Juliano!

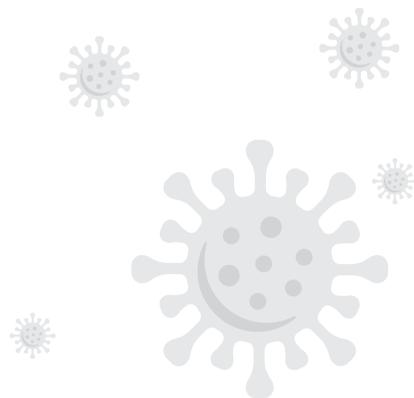
Tem marés boas e marés ruins, as ondas substituem umas às outras e a vida se renova.



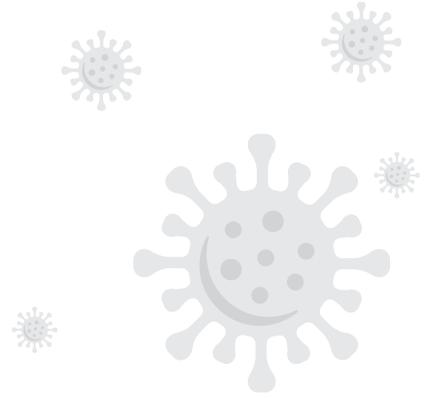
Crédito foto: Daiane Ávila

Valesca de Assis estreou em 1990, com *A Valsa da Medusa*. Depois, *A Colheita dos Dias*, *O Livro das Generosidades*, *Harmonia das Esferas*, *Todos os Meses*, *Diciodiário*, *Um dia de Gato*, *Vão Pensar que Estamos Fugindo*, *A Ponta do Silêncio*, *Bichos e Coleções*, *Caderno de Histórias*. Prêmios: APCA 2000; Prêmio Especial UBE 2000; Prêmio AGES 2003 — Crônica; Troféu Palavra Viva 2010, SINTRAJUFE-RS; Prêmio AGES 2011 — Literatura Infantil; Prêmio AGES 2017 — Narrativa longa; finalista do Prêmio Açorianos 2022 — Conto.

Valesca de Assis

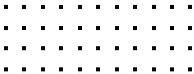


Valesca
de
Assis
238



Muito antes e talvez depois

Valesca
de
Assis
239

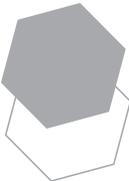


Muito antes e talvez depois

"Não há esperança sem medo,
nem medo sem esperança."

Spinoza, Ética

A esperança não morre, é o que todo o mundo fala. Mas a mãe disse que já perdeu as esperanças com a tal pandemia do coronavírus. Ficamos meses sem ir à escola no ano passado, só aulas on-line, e o sinal de internet era bem ruim no nosso bairro.



A esperança não morre, em mim, porque sou jovem. E minha avó, bem velhinha, que espera viver depois da pandemia e morrer dormindo, ainda quer tomar bastante sorvete no Mercado Público. Em meu pai, porém, a esperança quebrou-se para sempre no dia em que perdeu um dos empregos, no jornal da cidade. Continuava na Rádio Alegria, mas ganhava metade do salário. Mas, não duvide, foi minha mãe mesmo quem perdeu mais esperanças, quase todas, quando os preços de tudo começaram a subir, subir e subir.

Foi um tempo de solidão bem maior do que o esperado: a gente sem poder estar com os amigos, sem poder falar, gritar, abraçar e até brigar. Um tempo sem cor, sem cheiro, meio sem vida, o do nosso primeiro ano no ensino médio.

Bem, voltamos às aulas e o professor de Filosofia nos deu uma tarefa que parecia sem grandes emoções. Tínhamos de pesquisar sobre figuras da mitologia grega e podíamos escolher uma da lista que ele deu.

Zeus — deus dos deuses – os demais deuses eram irmãos ou filhos de Zeus com diversas mães.

Hera — deusa da maternidade

Poseidon — deus dos mares

Atena — deusa da sabedoria

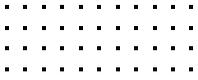
Ares — deus da guerra

Apolo — deus do sol, das artes, das profecias e da justiça

Ártemis — deusa da caça e da vida selvagem

Hefesto — deus do fogo e dos metais

Afrodite — deusa do amor e da beleza



Hermes — deus do comércio, da riqueza e das viagens

Dionísio — deus do vinho e das festas

Ficamos discutindo um pouco e perguntei ao professor se não existia uma deusa da esperança, pois era o sentimento mais falado na minha casa e, sei, em todas as outras, por causa desta peste que caiu de repente sobre o mundo. Ele demorou-se um pouco, pensando, e logo seus olhos brilharam:

— Ah, sim, claro, sim, sim! Mas não vou dizer o nome agora. Antes, vou falar sobre o termo **pandemia**, que vem do grego e, como palavra, foi criada por Platão.

— Platão? O dos diálogos?

— Muito bem — respondeu, enquanto escrevia, no quadro, em letras bem grandes:

PAN - DEMIA

PAN = todos/as DEMIA = pessoas

— Significa, desde sua criação, "algum fato ou situação que atinge a todas as pessoas no mundo".

O professor voltou-se para a classe num pé só, deu um soco no ar e estendeu a mão pedindo silêncio:

— Bem, agora falarei do ser que representa a esperança. Não era uma deusa, mas foi criada por deuses. Foi a primeira mulher. Nome: Pandora.

— Pan, igual a todas ou todos. E *dora*, o que significa?

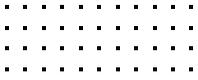
— Calma, meus queridos, calma! Agora formem grupos, escolham o objeto de seu trabalho e mãos à obra, as apresentações começam em 15 dias!

Lúcia, Geraldina e eu, Zênia, formamos um grupo eterno. Escolhemos Pandora, o professor achou uma boa sugestão. E foi mesmo. Não vou estragar a surpresa de vocês, mas podem crer que a nossa foi imensa!

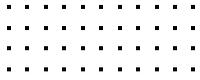
Bolamos uma espécie de aula televisiva, com imagens dos deuses, e nós três éramos as apresentadoras. Cada uma lia um tópico. Meio ridículo, mas foi a ideia que tivemos.

Vamos lá:





1. Há milhares e milhares de anos, só existiam homens no mundo. Parece que viviam bem, não brigavam, não envelheciam... (du-vi-do!).
2. Só os deuses do Olimpo conheciam o fogo.
3. Na Terra, viviam dois irmãos: Prometeu e Epimeteu. Como os outros homens, pareciam viver em paz, sem sofrimento e sem trabalhar. Prometeu — cujo nome significava "previdente" ou "o que pensa antes" — pensou no quanto seria útil ter algo para iluminar as noites, aquecer do frio e cozinhar alimentos. Descobriu e roubou o fogo!
4. Zeus era o maior deus grego. Os deuses viviam no Olimpo e tinham todo o tipo de sentimentos: amor, ciúme, raiva e outros piores.
5. Zeus, logo que ficou sabendo do roubo, resolveu vingar-se. Convocou uma assembleia e determinou ao deus mais hábil que transformasse água e lama numa forma humana parecida com as mais belas divindades do Olimpo. Depois, cada um dos deuses impôs à criatura um dos seus atributos, de preferência o pior: sedução; esperteza; capacidade de mentir, trair e enganar; habilidade fazer tricô, crochê e intrigas; de preparar refeições e venenos; de cuidar de pequenos animais para depois matá-los. Deram-lhe o nome de Pandora, ou seja, "todos os dons" (PAN = todos, DORA = dons.).
6. Zeus gritava: o nosso presente trará enormes males aos homens, e o maior dos amores. Todos sofrerão o Inferno, mas buscarão de novo esse Inferno, porque amarão as mulheres, portadoras de todas as desgraças. Vamos ter diversão até o final dos tempos!
7. Zeus ofereceu o presente a Epimeteu, aquele que “pensava atrasado”.
8. Apesar de saber que seu irmão ofendera os deuses, Epi aceitou o mimo e, ao ver Pandora, se apaixonou e a tomou como esposa. Passou a chamá-la de Pan, que queria dizer "tudo".
9. Pan era tudo e mais um pouco. Fizeram-na muito curiosa, e já com segundas intenções. No caminho do Olimpo para a Terra, trazia, em mãos, uma caixa maravilhosa onde estava um presente de Zeus para os homens. Não aguentou: abriu um pouquinho a tampa e, por aquela mínima fresta, escaparam, um a um, os males: a doença, o envelhecimento, as pragas, as mentiras, a traição, as secas, as enchentes, o ciúme entre irmãos, as intrigas, a guerra e a morte cruel. Os homens não conheciam nada daquilo. Assim que percebeu as desgraças que



- voavam em direção à Terra, fechou a caixa. E, esperta e fingida, fez de conta que nada aconteceu. Juraria por Zeus nunca ter aberto a caixa!
10. Prometeu, o que antevê as coisas, sentiu algo estranho no ar e foi atrás do irmão irresponsável.
 11. O que é mesmo *um irresponsável*? Nenhum homem sabia, até então.
 12. Epi e Pan estavam de mãos dadas, passeando pelo bosque, detendo-se, aqui e ali, para cheirar uma flor ou observar um pássaro colorido. Enfim, apaixonados.
 13. O que é isso, agora? Quem é esta criatura que te leva pela mão?
 14. Esta é Pan, digo, Pandora, uma mulher. Minha esposa.
 15. O que é mulher? O que significa esposa? E esta caixa bonita? Nunca esteve aqui...
 16. Prometeu pegou a caixa e abriu-a, antes que alguém pudesse falar. Está vazia!
 17. Segredo: um deus misericordioso, provavelmente o ferreiro, prendera no fundo da caixa um dom capaz de fazer suportar todas as desgraças agora soltas pelo mundo.
 18. Um segundo antes de jogar a caixa no penhasco, Prometeu ouviu um sopro pequenino, um voo, uma borboleta colorida.
 19. Quem és, linda? Tens um nome para que eu possa chamar-te?
 20. Sou a Esperança...

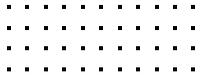
— Buuuuuuuuuuuuuuu, hahahahahaha — a turma explodiu!

— ...sou a última que — e não se ouviu o resto, tamanha a gritaria, os aplausos e as batidas de pés.

Um segundo depois, tocou o sinal para o recreio e não se falou noutra coisa: a origem da mulher, uma versão pior que a outra. Por isso, todo mundo só vê defeitos em nós, existindo eles ou não. Os meninos riam pelos cantos do pátio, em grupinhos, decerto concordando com Zeus, que somos fofoqueiras, mentirosas, fingidas, e todo o mal vem de nós.

Em casa, falamos para nossas mães e a maioria não conhecia esta história; só sabiam sobre a criação de Eva, que já era bem ruim; criada de uma costela de Adão para fazer companhia a ele. Acompanhar e servir.

Ainda não sabíamos a opinião do professor sobre o trabalho, mas isso já não parecia tão



importante.

À tarde, tivemos treino de vôlei na escola e o assunto continuava o mesmo. Depois da aula, no pátio, a diretora nos chamou e muitas meninas fizeram uma rodinha à nossa volta, com medo de que fossemos levar advertência. Mas não: a diretora até elogiou. Já sabia do assunto e pediu uma cópia do trabalho para ler, talvez ele fosse publicado nas redes sociais da escola.

Claro que nem tudo daria certo. Um grupo de pais foi queixar-se à Direção de que, ao invés de estudarem coisas sérias, as garotas estavam nessa onda feminista. “Nem mulheres essas meninas são!”, diziam.

A direção se retraiu e ficou do lado da maioria dos pais.

A maioria das mães ficou em casa.

A maioria dos garotos riu e fez troça de nós.

A maioria de nós ficou indignada.

Marcamos de chegar cedo no dia seguinte e realizar um protesto.

Cada menina foi para casa com uma missão.

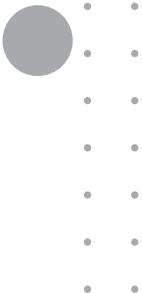
Chegamos cedíssimo.

Sentamos no chão, na rua em frente à escola, atrapalhando o trânsito.

Estamos em assembleia geral e permanente.

Isso não vai acabar tão logo.

Mas já escrevemos a palavra **esperança** no asfalto.



CONHEÇA O PROJETO
ACESSANDO O SITE.

ACESSE E OUÇA
O AUDIOLIVRO:



www.daquiprafrente.art.br





DAQUI PRA FRENTE

Um olhar de esperança para o futuro

30 contos inéditos sobre a pandemia
com escritoras e escritores gaúchos

PATRO
CÍNIO



CO
PATRO
CÍNIO

4cofercan
Soluções em Aço

REA
LIZA
ÇÃO



FINAN
CIAMENTO

PRO
cultura

GOV
RS

NOVAS FAÇANHAS
NA CULTURA